

**IEDA MARIA ALVES
ELIS DE ALMEIDA CARDOSO
BEATRIZ CURTI-CONTESSOTO
ANA MARIA RIBEIRO DE JESUS
(ORGANIZADORAS)**

**OS ESTUDOS LEXICAIS
EM DIFERENTES PERSPECTIVAS
VOLUME IX**



FFLCH-USP

Ieda Maria Alves
Elis de Almeida Cardoso
Beatriz Curti-Contessoto
Ana Maria Ribeiro de Jesus
(Organizadoras)

OS ESTUDOS LEXICAIS EM DIFERENTES PERSPECTIVAS

VOLUME IX



São Paulo, 2026

DOI: 10.11606/9788575065693

Copyright © 2026 FFLCH/USP

Organizadoras

Ieda Maria Alves
Elis de Almeida Cardoso
Beatriz Curti-Contessoto
Ana Maria Ribeiro de Jesus

Universidade de São Paulo

Aluísio Augusto Cotrim Segurado

Reitor

Liedi Légi Bariani Bernucci

Vice-reitora

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Adrián Pablo Fanjul

Diretor

Silvana de Souza Nascimento

Vice-diretora

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Ricardo da Cunha Lima

Chefe

Paola Poma

Vice-chefe

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

Waldemar Ferreira Netto

Coordenador

Marcus Vinícius Moreira Martins

Vice-coordenador

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (Universidade Federal de Minas Gerais)
André Crim Valente (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Beatriz Daruj Gil (Universidade de São Paulo)
Cláudio Cezar Henriques (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Manuel Célio Conceição (Universidade do Algarve)
Márcia de Souza Luz Freitas (Universidade Federal de Itajubá)
Mariângela de Araújo (Universidade de São Paulo)
Rosa Maria Frejaville (Université Jean Monnet Saint-Etienne)

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Charles Pereira Campos – CRB-8/8057

E82 Os estudos lexicais em diferentes perspectivas [recurso eletrônico]: volume IX
/ Organizado por Ieda Maria Alves ... [et.al.]. -- São Paulo: FFLCH/USP,
2026.
6.990 Kb; PDF.

Vários autores

ISBN 978-85-7506-569-3

DOI: 10.11606/9788575065693

1. Lexicologia (estudos). 2. Neologismos lexicais. 3. Lexicografia. 4.
Léxico. 5. Morfologia (linguística). 6. Terminologia - Cultura. I. Alves, Ieda
Maria. II. Cardoso, Elis de Almeida. III. Curti-Contessoto, Beatriz. IV. Jesus,
Ana Maria Ribeiro de.

CDD 413.028

Revisão Técnica

Ieda Maria Alves

Elis de Almeida Cardoso

Beatriz Curti-Contessoto

Ana Maria Ribeiro de Jesus

Projeto Gráfico de Capa

Elis de Almeida Cardoso

Projeto Gráfico de Diagramação

Elis de Almeida Cardoso



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada.

Os artigos publicados nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores.

HOMENAGEM A

Maria Teresa Lino

Jean-François Sablayrolles

SUMÁRIO

DIFERENTES PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS LEXICAIS	7
<i>Ieda Maria Alves</i>	
<i>Elis de Almeida Cardoso</i>	
<i>Beatriz Curti-Contessoto</i>	
<i>Ana Maria Ribeiro de Jesus</i>	
O ESTUDO DO LÉXICO COMO FIO CONDUTOR: DE “PROCESSO IMAGINATIVO” A “MEDIACÃO TERMINOLÓGICA”. HOMENAGEM A TERESA LINO	12
<i>Maria Helena de Araújo Carreira</i>	
TERMINOLOGIE DE LA NÉOLOGIE: HOMMAGE A JEAN-FRANÇOIS SABLAYROLLES	18
<i>John Humbley</i>	
APPROCHE ONOMASIOLOGIQUE DES CONCEPTS ARBRE ET FRUIT. THÉORIE, DIACHRONIE ET ENSEIGNEMENT	35
<i>Anna Anastassiadis-Syméonidis</i>	
A PROPOSTA DO ENSINO DA NEOLOGIA EM ANGOLA	46
<i>José Kambuta</i>	
VARIAÇÃO DO GÊNERO GRAMATICAL DOS ESTRANGEIRISMOS USADOS NA PANDEMIA	59
<i>Iva Svobodová</i>	
INFLUÊNCIA DO LEXEMA ‘CORONAVÍRUS’ NO LÉXICO PORTUGUÊS NOS TEMPOS DE PANDEMIA	72
<i>Edyta Jabłonka</i>	
TERMINOLOGIA E CULTURA – UMA ABORDAGEM DIRECIONADA POR CORPORA	84
<i>Stella E. O. Tagnin</i>	
<i>Sandra Navarro Fuchs</i>	
<i>Malila Prado</i>	
A TERMINOLOGIA COMO ALICERCE NA INTERAÇÃO ENTRE O TESAURO E A ONTOLOGIA PARA A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	103
<i>Ana Carolina Rodrigues do Prado</i>	
A PRÁTICA TERMINOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE VOCABULÁRIOS CONTROLADOS	116
<i>Vânia Mara Alves Lima</i>	
RESENHA CRÍTICA DE LETRAS DE MÚSICA: A ANÁLISE DO LÉXICO COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	125
<i>Rubens Pereira da Silva Alves</i>	
NEOLOGIA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: O QUE DIZEM OS MEMES	140
<i>Ana Maria Ribeiro de Jesus</i>	
AS ESCOLHAS E AS CRIAÇÕES LEXICAIS EM PROPAGANDAS DA HORTIFRUTI: UMA ABORDAGEM LÉXICO-ESTILÍSTICA	157
<i>Alessandra Ferreira Ignez</i>	
<i>Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa Ferreira</i>	

BRINCANDO COM AS PALAVRAS: A EXPRESSIVIDADE DO TROCADILHO NO DISCURSO LITERÁRIO <i>Pedro Melo</i> <i>Elis de Almeida Cardoso</i>	173
DRUMMOND E AS FLORES DA RESISTÊNCIA: ESTUDO DOS CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS NA CRIAÇÃO POÉTICA EM SALA DE AULA <i>Katia Melo</i>	187
O LÉXICO TOPONÍMICO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE SALVADOR <i>Letícia Santos Rodrigues</i>	198
BREVE ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DA CONCORRÊNCIA DAS PALAVRAS <i>ALEIJADO</i> E <i>DEFICIENTE FÍSICO</i> <i>Luanna de Sousa do Nascimento Oliveira</i>	210
ORGANIZADORAS, AUTORAS E AUTORES	225

DIFERENTES PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS LEXICAIS

Ieda Maria ALVES
 Elis de Almeida CARDOSO
 Beatriz CURTI-CONTESSOTO
 Ana Maria Ribeiro de JESUS

Os textos que compõem este volume representam diferentes aspectos dos estudos lexicais, aqui reunidos como forma de homenagem a dois pesquisadores que dedicaram suas respectivas trajetórias acadêmicas ao estudo do léxico em suas distintas perspectivas, Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, de nacionalidade portuguesa, e Jean-François Sablayrolles, de nacionalidade francesa. Sob diferentes enfoques - apresentados neste volume especialmente por Maria Helena de Araújo Carreira, sobre Teresa Lino, e por John Humbley, sobre Jean-François Sablayrolles -, ambos dedicaram, dentre outras abordagens do léxico, grande parte de suas respectivas pesquisas aos estudos neológicos, seguindo o caminho aberto pelo eminente lexicólogo e lexicógrafo francês Bernard Quemada, que mostrou a importância e a necessidade de estudos sistemáticos sobre a neologia das línguas vivas. Como enfatizou esse mestre, a história de todas as línguas é a de sua neologia, pois *Une langue qui ne connaîtrait aucune forme de néologie serait déjà une langue morte, et l'on ne saurait contester que l'histoire de toutes nos langues n'est, en somme, que l'histoire de leur néologie* (B. Quemada).¹

Os estudos apresentados pelos vários autores e autoras de diferentes instituições brasileiras e estrangeiras, que prestam homenagem a Teresa Lino e a Jean-François Sablayrolles, representam algumas das várias perspectivas de análise proporcionadas pelos estudos de caráter lexical, que, além da vertente neológica, incluem abordagens sobre ensino, literatura, letras de música, publicidade, onomástica, toponímia, empregos de memes, dentre outras.

Em seu capítulo intitulado *O estudo do léxico como fio condutor: de “processo imaginativo” a “mediação terminológica”*, Maria Helena de Araújo Carreira presta homenagem a Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino mostrando a importância de seu legado aos estudos lexicais, de 1972 a 2019. A autora mostra de que forma os domínios de investigação e de atuação acadêmica da homenageada perpassam pelas redes de associações conceituais e co-semias, contextualizando-as e expandindo-as. Mostra que, na perspectiva de Teresa Lino, o léxico em sua ligação íntima com culturas e pessoas passa por transformações e apropriações criativas.

John Humbley, em *Terminologie de la néologie: hommage a Jean-François Sablayrolles*, afirma que a Terminologia da Neologia só pode ser estabelecida por meio da análise dos conceitos que fundamentam sua estrutura. Seu trabalho busca identificar alguns princípios terminológicos úteis para a criação lexicográfica. Em particular, examina diversos casos de proposições denominativas para a metalinguagem da terminologia, chamando a atenção para a necessidade de uma abordagem lexicográfica que considere perspectivas diferentes, porém complementares, como a microestrutura da entrada *hapax*. A abordagem terminológica baseada em conceitos e a abordagem

¹ Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia já seria uma língua morta, e não se pode negar que a história de todas as nossas línguas é, em suma, a história de suas respectivas neologias. In: Quemada, B. À propos du néologisme: essai de délimitation des objectifs et des moyens d'action. *La Banque des Mots*, 2, 137-150, 1971.

lexicográfica orientada para a pedagogia se complementam com seu projeto de dicionário de neologismos.

Em *Approche onomasiologique des concepts arbre et fruit. Théorie, diachronie et enseignement*, Anna Anastassiadis-Syméonidis analisa, em grego moderno, a relação entre os nomes das árvores frutíferas e o nome das frutas provenientes dessas árvores. Por meio da verificação do quadro da abordagem onomasiológica de orientação cognitiva, é capaz de afirmar se a fruta é ou não é comestível. A autora mostra que os nomes de árvores frutíferas são construídos na maior parte das vezes com o sufixo -iá '-ier' aplicado ao nome de base designado à fruta correspondente, se ela for comestível: ex. múl(o) ‘pomme’ → mil-iá ‘pommier’. Já em relação às frutas não comestíveis, o nome designado para a árvore é construído de outra maneira: ex. kīparīsi ‘cipres’ → kīparisómilo ‘pomme de cypres’. A pesquisa propõe a “Regra de Construção de nomes sufixados em -iá como aqueles que designam árvores de frutas comestíveis” sendo o mecanismo prototípico para a construção dos nomes dessas árvores.

A proposta do ensino da neologia em Angola é o capítulo de autoria de José Kambuta. Pelo fato de em Angola haver um complexo de línguas e de culturas e ser o português uma língua de contato, o texto aponta para a importância do ensino do léxico e da neologia do português para a contribuição do processo de ensino-aprendizagem. O objetivo desse estudo é não só refletir sobre a neologia, mas, particularmente, sobre a sua didatização em contextos escolares. O ensino da neologia é, para o autor, componente complementar ao ensino da gramática e deve ser regido pelos pressupostos de base subjacentes ao ensino da gramática e do léxico.

Unidades lexicais criadas durante a pandemia de COVID 19 são objeto de estudo de Iva Svobodová, que assina o capítulo *Variação do gênero gramatical dos estrangeirismos usados na pandemia*. Seu texto tem por objetivo apresentar uma análise quantitativa da variação do gênero gramatical dos estrangeirismos de origem inglesa. Em um *corpus* composto de neologismos lexicais importados para a língua portuguesa durante a pandemia de COVID-19 é aplicado um método quantitativo visando calcular o grau de variação do gênero gramatical e comparar, através da medida proposta, a instabilidade morfológica das expressões em diferentes línguas e variedades. A metodologia proposta analisou o grau de instabilidade em língua portuguesa e observou o mesmo fenômeno no castelhano. Além da instabilidade morfológica, foi observada, ainda, a relação entre a taxa de desconhecimento dos termos analisados e a variação de sua categoria gramatical.

Edyta Jabłonka também estuda neologismos que surgiram durante a pandemia. Em *Influência do lexema “coronavírus” no léxico português nos tempos de pandemia*, foram analisados neologismos com o componente “corona”, verificando-se sua produtividade. O estudo foi realizado com base na pesquisa em dicionários e em fontes eletrônicas em português (variante europeia e brasileira) e identificou algumas alterações muito dinâmicas no sistema lexical do português que ocorreram devido à pandemia. O capítulo mostra que, com o coronavírus, surgiram novos termos médicos e econômicos, usados na comunicação oficial, unidades lexicais coloquiais, usadas pelos falantes na nova realidade, e também lexias ocasionais e expressivas.

Terminologia e cultura – uma abordagem direcionada por corpora é o título do capítulo de autoria de Stella E. O. Tagnin, Sandra Navarro Fuchs e Malila Prado. As autoras defendem que a terminologia é ferramenta fundamental de suporte à tradução técnica. Para elas, essas duas áreas almejam a comunicação eficiente no campo do conhecimento especializado, aproximando realidades sociolinguísticas e culturais distintas. Nesse processo, é vital considerar o impacto da cultura nas diferentes formas de representação do conhecimento que se pretende capturar nas obras terminológicas.

Valendo-se dos princípios da Linguística de *Corpus*, o estudo aborda o impacto da cultura na terminologia, com base em exemplos extraídos das áreas de culinária, turismo, hotelaria e artesanato. A metodologia direcionada por *corpus* para a seleção dos termos-chave da área de especialidade e seus equivalentes funcionais que virão a compor obras terminológicas bilíngues contribui para um fazer terminológico e tradutológico capaz de dar conta da complexidade dos fenômenos culturais inerentes às áreas estudadas.

O capítulo *A Terminologia como alicerce na interação entre o tesouro e a ontologia para a organização do conhecimento*, assinado por Ana Carolina Rodrigues do Prado aponta a importância da Terminologia de domínio na interação do tesouro e da ontologia como Sistemas de Organização do Conhecimento que atuam na organização e qualificação do conhecimento. O artigo enfatiza a importância da Terminologia para a elaboração de tesouros e mostra que a interação entre tesouros e ontologia qualifica a organização do conhecimento por meio da representação dos significados imersos em diferentes áreas.

A prática terminológica na construção de vocabulários controlados é o capítulo de autoria de Vânia Mara Alves Lima. O trabalho, também com enfoque na Terminologia, define a prática terminológica como o uso da terminologia do domínio como etapa metodológica fundamental no processo de construção de vocabulários controlados, permitindo o trabalho com a categorização conceitual e com a estruturação hierárquica dos termos. A partir dos referenciais teóricos da Terminologia, a autora fundamenta sua análise nas normas terminológicas ISO 1087 (2000) e ISO 704 (2000), assim como na Teoria do Conceito de Ingtraut Dahlberg (1978) em que a representação do sistema de conceitos possibilita a representação de domínios de conhecimento. Como exemplos da aplicação desta prática terminológica, apresenta o desenvolvimento, construção e implantação do Vocabulário Controlado de Artes do Museu de Arte de São Paulo – MASP (2015), do Vocabulário controlado do ambiente colaborativo web ARQUIGRAFIA (2017) e do Vocabulário Colaborativo de Artes e Arquitetura (ainda em construção).

O capítulo de Rubens Pereira da Silva Alves, intitulado *Resenha crítica de letras de música: a análise do léxico como estratégia argumentativa no ensino de língua portuguesa* propõe apresentar uma sequência de atividades didáticas em torno do gênero resenha crítica de letras de música, valendo-se da análise lexical da canção como estratégia argumentativa para avaliar determinada composição musical. Sua pesquisa foi feita em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública em São Paulo (SP). Os estudantes que participaram da pesquisa dialogaram sobre letras selecionadas, trazendo ideias, percepções e valores sobre a canção em destaque a fim de elaborarem uma resenha crítica. A análise lexical das letras auxiliou o aluno em sua argumentação, fazendo com que houvesse exploração dos efeitos de sentido das escolhas lexicais presentes em cada canção analisada.

Os memes são objeto de análise de Ana Maria Ribeiro de Jesus. Em *Neologia em português brasileiro: o que dizem os memes*, a autora mostra que a comunicação digital da segunda década do século XXI tem nos memes uma de suas maiores formas de representação. Essas criações multissemióticas, que surgem em formato de textos, imagens ou vídeos, externam, cada vez mais, uma forma de expressão a que as massas recorrem para gerar misturas inusitadas de cultura popular, ideologias e tendências políticas e econômicas globais. Por causa dessas particularidades, os memes acabam por ser uma fonte notável de manifestação da neologia por mecanismos inerentes à própria língua (por meio de uma nova forma ou de uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical), mas também por unidades lexicais provenientes de outros sistemas linguísticos (por meio de estrangeirismos).

A criatividade no emprego de neologismos no discurso publicitário é tema do capítulo *As escolhas e as criações lexicais em propagandas da hortifruti: uma abordagem léxico-estilística*, de autoria de Alessandra Ferreira Ignez e Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa Ferreira. As palavras de uma dada língua são empregadas nos diversos contextos comunicativos com propósitos específicos e se, em algumas situações, desempenham uma função referencial, em outras, seu papel é estilístico. Quando se pensa em propagandas, logo se relacionam as escolhas e as criações lexicais ao convencimento e à criatividade discursiva. Normalmente, o público é surpreendido pelos jogos de palavras inesperados e pelos efeitos de sentido obtidos por meio da conotação e da criação lexical. O léxico está, nesse contexto, a serviço de um discurso que, não raro, preza a ludicidade, a criatividade e o humor como formas de levar à ação. Nesse trabalho, são apresentadas amostras de propagandas realizadas pela MP Publicidade para a Hortifruti – uma rede de hortifrutigranjeiro – que exemplifica como a língua pode ser empregada com finalidades estilísticas e expressivas. Em todas as campanhas, há a presença de vários cruzamentos e trocas vocabulares, bem como de palavras com valor conotativo como objetivo de causar estranhamento, surpresa e riso. A análise dos casos pauta-se em uma perspectiva léxico-estilística, valendo-se dos estudos lexicais, estilísticos e enunciativos.

Na esteira da criatividade lexical, Pedro Melo e Elis de Almeida Cardoso, em *Brincando com as palavras: a expressividade do trocadilho no discurso literário*, examinam o trocadilho como recurso estilístico que produz efeitos de sentido humorístico na linguagem poética. Embora presente em piadas e em outros gêneros humorísticos não literários (orais e escritos), o trocadilho em poemas de humor é bastante produtivo e se reveste de expressividade ao combinar no mesmo contexto de produção traços da língua comum e da linguagem literária. Os autores utilizam como *corpus* um conjunto de doze trovas humorísticas publicadas no período entre 1972 e 2007, oriundas de certames literários específicos realizados no país. Pode-se perceber que o trocadilho sobressai como um recurso produtivo de efeitos de sentido humorístico, os quais são analisados em dois blocos – nas oito primeiras trovas, o trocadilho é produzido pelo emprego da paronomásia (semelhança fonológica entre duas unidades lexicais distintas) e, nas quatro últimas, pela ambiguidade (real ou sugerida) de uma determinada unidade. Tal uso lúdico das potencialidades do sistema linguístico pode, em certa medida, valorizar um enunciado nem sempre marcado pela criatividade temática.

O capítulo intitulado *Drummond e as flores da resistência: estudo dos campos léxico-semânticos na criação poética em sala de aula*, de Katia Melo, apresenta uma proposta de intervenção pedagógica que foi realizada com duas turmas de oitavo ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual de São Paulo. Por meio de rodas de leitura e discussões, os alunos analisaram poemas selecionados da obra *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, e participaram de uma produção poética coletiva em sala de aula. As produções estudantis foram realizadas a partir do levantamento dos campos léxico-semânticos presentes nos poemas drummondianos. As escolhas lexicais utilizadas na composição dos poemas revelaram experiências, opiniões, padrões - sociais, familiares e culturais - dos alunos. A autora conclui em sua pesquisa que as escolhas lexicais dos estudantes não são arbitrárias, mas profundamente ideológicas, e, por meio delas vê-se como essa geração pensa a sociedade atual.

Os estudos onomásticos revelam não somente informações linguísticas, mas também aspectos da memória e da cultura de uma região. O capítulo intitulado *O léxico toponímico nos espaços públicos da cidade de Salvador*, de Letícia Santos Rodrigues, investigou motivos relacionados à escolha dos nomes de determinados espaços públicos da cidade de Salvador/BA, caracterizando-se, assim, como um estudo toponímico. Salvador guarda em seus topônimos muitos fatos não só de sua história, mas também da

história do Brasil. Temas do cotidiano de seus habitantes, da escravização, de personagens históricos são alguns exemplos encontrados. A autora ressalta que realizar pesquisas etimológicas associadas à Onomástica é um desafio em razão da ausência ou do desconhecimento de informações, além da abundância de hipóteses fantasiosas. Dentre os resultados obtidos, confirma que o quadro toponímico da cidade sofre influência de elementos socioculturais e geográficos.

A fim de promover a conscientização sobre os direitos das pessoas com deficiência e fomentar ações para sua plena inclusão na sociedade, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o ano de 1981 como o Ano Internacional das Pessoas Deficientes e, desde então iniciou-se uma mudança de postura da sociedade sobre inclusão em nível global. Com base nesse fato e baseada em considerações sobre o papel social da linguagem e sobre a deficiência física, o trabalho *Breve análise sócio-histórica da concorrência das palavras aleijado e deficiente físico*, de Luanna de Sousa do Nascimento Oliveira, propõe um breve estudo da concorrência das formas *aleijado* e *deficiente físico* utilizadas para designar o mesmo referente. A autora extraiu uma amostra da base eletrônica do *Jornal do Brasil*, com o objetivo de analisar o número de ocorrências desses itens lexicais e seus campos semânticos durante o período de 1950 a 2009. As análises mostraram que *aleijado* assume conotação negativa ao longo dos anos e *deficiente físico* passa a prevalecer. A conclusão do texto é a de que essa sobreposição, possivelmente, foi influenciada por fatores externos, uma vez que houve um esforço global para promover os direitos das pessoas com deficiência com o fortalecimento de políticas públicas voltadas a sua inclusão e bem-estar.

A todos os leitores e leitoras, desejamos boa leitura!

O ESTUDO DO LÉXICO COMO FIO CONDUTOR: DE “PROCESSO IMAGINATIVO” A “MEDIÇÃO TERMINOLÓGICA”. HOMENAGEM A TERESA LINO

Maria Helena de Araújo CARREIRA

Na homenagem aqui prestada à amiga Teresa Lino, colega de curso na Faculdade de Letras de Lisboa (incluindo a preparação da tese de Licenciatura sob a direção de Maria Emília Ricardo Marques), depois em Paris, preparando na Sorbonne as nossas teses de Doutorado, sob a orientação de Bernard Quemada e de Robert Galisson, e, ao longo dos nossos percursos académicos, Teresa Lino em Lisboa, eu em Paris, percorrendo caminhos distintos que sempre seguíamos com mútua amizade, escolhi dois pontos de ancoragem para o título deste meu contributo: o seu primeiro estudo (de 1972) e o seu artigo póstumo (de 2020, conferência de 2019). O estudo do léxico com o objetivo de delineamento de um “processo imaginativo” - lembre-se o título da dissertação de Licenciatura *Delinear linguístico de um certo tipo de “processo” imaginativo - Nível etário 10-13 anos*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, defendida em janeiro de 1973 - remete-nos para o entrosamento entre léxico, processos mentais, contexto extralinguístico. A preocupação com esse entrosamento, encontramos-la, ainda que com objetivos e domínios de aplicação distintos, no artigo póstumo de 2020 (transcrição de uma conferência de 2019), publicado pela Universidade do Algarve, intitulado “Mediação terminológica no seio da REALITER”.

Um marco intermédio, a Tese de Doutorado, defendida em Paris, Université Sorbonne Nouvelle - Paris3, em 1987, sob a direção de Robert Galisson (inicialmente de Bernard Quemada) e intitulada *Unités lexicales et situations d'énonciation. Réseaux d'associations sur un domaine d'expérience: la mer*. A tese de Doutorado patenteia, claramente, o fio condutor, centrado no léxico, de toda a sua investigação e atuação académica. A preocupação de aplicação dos resultados da investigação é uma constante, contemplando uma diversidade crescente de domínios de experiência.

A constituição de *corpora* de grandes dimensões, o levantamento de unidades lexicais em contexto (distribuição ocorrencial), o tratamento estatístico, são características que se anunciam desde a dissertação de Licenciatura (1972) em que os núcleos temáticos agrupam unidades lexicais. Desses núcleos temáticos, indiciando processos imaginativos na pré-adolescência, destaca-se, estatisticamente, o mundo marinho. Trata-se, pois, de um campo lexical - o mar -, “relativo ao tipo de imaginação marcante na pré-adolescência” (Lino, 1972, p. 143), com redes lexicais associativas (movimento, viagem, aventura, etc.). E é precisamente esse domínio de experiência - o mar -, com as suas redes lexicais, que será escolhido para a tese de Doutorado. Retomo aqui a citação de Stephen Ullmann (1967) que Teresa Lino escolheu para rematar a sua dissertação de Licenciatura (1972, p. 144):

La sémantique et la lexicologie structurales, bien qu'elles soient encore dans leur enfance, sont appelées (elles aussi) à faire une contribution précieuse à l'enseignement qu'elles rendront à la fois plus rationnel et plus vivant, car, parmi tous les compartiments de la langue, c'est le système lexical qui se rattache le plus directement au monde non linguistique où baigne la langue (1).

E assim termina a dissertação de Licenciatura de Teresa Lino.

A preocupação constante do estudo do léxico como ligação privilegiada ao mundo não linguístico, a constituição de grandes dimensões de *corpora*, bem como o seu tratamento estatístico e, mais tarde, informático, a percepção da constante necessidade de novas designações para novas explorações de domínios de experiência, levaram Teresa Lino à criação, na Universidade Nova de Lisboa, de um Observatório do português contemporâneo, sempre em colaboração com o Observatoire du français contemporain dirigido por Bernard Quemada, bem como ao estudo aturado, daí decorrente, de neologismos.

A coerência da ação investigativa e de docência de Teresa Lino merece ser sublinhada. O estudo de termos específicos, designando um determinado recorte do mundo - técnica, saber, experiência, etc. – liga-se naturalmente aos estudos do Observatório do Português Contemporâneo e dos Neologismos, sempre em ligação com o francês.

Rapidamente se delineia a terminologia como preocupação dominante na atividade investigativa e docente de Teresa Lino.

Afigura-se-me importante sublinhar a atenção dada a estudos lexicais comparativos entre o português e o francês, presentes não só na sua tese de Doutoramento, mas também, como já referi, na própria constituição do Observatório do Português Contemporâneo, no estudo de neologismos e de terminologias que, por sua vez, impulsionam criações neológicas. Essa preocupação comparativa prolonga-se no desenvolvimento de bases de dados, com aplicações tradutológicas, e mesmo de dicionários bilingues, que extravasam as línguas românicas e se estendem à China e à África (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau). Lembre-se o Dicionário Conciso Chinês-Português de Y. Wang, orientanda de Teresa Lino, que obteve dois importantes prémios na China. Em relação a línguas africanas, refira-se, a título de exemplo, a direção de teses de Doutoramento em Lexicografia bilingue (Angola), Português - Kimbundu e Português Kikongo, e em Lexicologia, Português - Umbundu, do ponto de vista da neologia lexical no Português de Angola, na zona linguística do Umbundu.

Léxico, cultura, preocupações presentes ao longo de todo o percurso de Teresa Lino, encontram no termo, forjado por Robert Galisson, LEXICULTURE, a designação que convém perfeitamente à abordagem adotada por Teresa Lino, seja ela na ótica da lexicografia ou da linguística aplicada ao ensino.

O estudo do léxico é, pois, na perspectiva de Teresa Lino, ao longo de todo o seu intenso labor académico, inseparável da cultura, no seu sentido lato. Léxico e cultura formam um conceito que o neologismo Lexicultura designa.

A inseparabilidade do léxico e do mundo extralinguístico orienta os estudos lexicais de Teresa Lino, qualquer que seja a sua vertente: lexicológica, lexicográfica, terminológica, unilíngue, bilingue, plurilíngue.

Um outro aspeto, que merece ser sublinhado, é a atenção dada à inserção da unidade lexical no co-texto, no discurso em que está inserida.

A vertente discursiva e enunciativa está patente desde a dissertação de Licenciatura (de 1972), com o estudo das combinatórias sintagmáticas. É, contudo, a tese de Doutoramento (de 1987), intitulada, como já referi, *Unités lexicales et situations d'énonciation. Réseaux d'associations sur un domaine d'expérience: la mer*, que apresenta um aprofundamento da relação léxico – discurso – situações de comunicação. Na introdução (p. 18-23), a autora apresenta sinteticamente os objetivos da sua tese, de que destaca: - como a conceptualização de “mar” se atualiza num domínio de experiência; - em duas línguas diferentes (português – francês); - no interior duma mesma língua, em grupos tendo ou não uma experiência quotidiana com a realidade “mar”, da mesma faixa etária (pré-adolescência), num vasto corpus (cinco fragmentos) recolhido e analisado

comparativamente.

A análise dos cinco fragmentos do corpus permite delimitar redes de associações que se tecem no domínio de experiência escolhido. Temos assim, “núcleos de vocabulário” do mar, associado ao maravilhoso infantil, associado ao maravilhoso sociocultural e, por fim, associado a outros subdomínios. Quanto ao conceito de “situação de enunciação”, permite articular o estudo do léxico com outras problemáticas, tais como a frequência de corpus e de discurso, a articulação e a análise de discurso e semema - ocorrência, de discurso, léxico e imaginário sociocultural, de discurso, léxico e maravilhoso infantil, de discurso e criatividade dum sujeito enunciador.

A noção de frequência permite “uma caracterização de tipo paradigmático” e “é simultaneamente um meio de seleção lexical e um fator que contribui para a individualização de cada fragmento” (p. 21, minha tradução).

Foram assim delimitados e quantificados, nos cinco fragmentos do corpus confrontados, classes gramaticais, vocabulários e núcleos de vocabulário.

Relativamente à abordagem do “semema -ocorrência” - cito e traduzo – “a descrição é feita ao nível do enunciador através de uma “rede de co-semia” que permita uma análise em patamares sucessivos: 1. módulos casuais; 2. relações entre semas genéricos específicos, virtuais ou conotativos; 3. etiquetas semânticas, semas e noemas; 4. combinatórias entre sememas; 5. semas e anomalias semânticas” (p. 22).

Temos, pois, “uma rede de co-semia”, extensão da análise sémica e do conceito de sema. Tal rede pressupõe um plano conceptual e um plano de língua natural. (p. 22). Assim, “a rede de co-semia” permite articular léxico e situação de enunciação, léxico, real e maravilhoso infantil, léxico, real e imaginário sociocultural (p. 23).

Na conclusão da sua tese (p. 760-762), Teresa Lino destaca que o conceito de “situação de enunciação” e a análise da sua expressão linguística, permitiu-lhe o estudo de “rede de co-semia” (análise de módulos casuais), que conduziu, por sua vez, ao estudo de “redes de associações sobre o domínio de experiência escolhido: o mar”.

Cito, traduzindo, o final da tese de Doutoramento de Teresa Lino: “os resultados obtidos da análise efetuada, mostram que essas redes de associações são um reflexo: - das representações psicológicas numa faixa etária: a pré-adolescência; - e/ou das representações socioculturais características numa cultura” (p. 761).

E agora cito sem traduzir: “Nous avons voulu montrer par cette recherche quelques particularités relatives à la conceptualisation de “mer” et à leur expression linguistique dans les deux langues (Portugais et Français) et à l'intérieur de chacune des langues” (p. 762).

Sublinhe-se a preocupação teórica e metodológica que impulsiona a investigação aprofundada, de modo a articular o estudo do léxico e situações de enunciação, através da constituição e análise de grandes *corpora*, numa perspectiva comparativa português / francês. Com base em noções semânticas fundamentais para a análise sémica, Teresa Lino desenvolve uma metodologia de análise da co-semia em vastas redes lexicais de associação. A clareza da exposição, a capacidade de organização de grandes conjuntos lexicais, extraídos de conjuntos textuais reunidos segundo critérios bem explicitados, são características que encontramos nos trabalhos desenvolvidos individualmente ou no seio de numerosas equipas que Teresa Lino animou e dirigiu, ou com as quais colaborou.

Observatório do Português Contemporâneo, Estudo de Neologismos, Bancos de dados neológicos e terminológicos unilíngues e plurilíngues, Lexicologia, Lexicografia, são domínios que Teresa Lino articulou, encontrando co-semias constitutivas.

Natural se torna a preocupação com a transmissão do fluxo de informações e de termos por domínios de experiência, de técnicas etc. O conceito de “mediação”, designado por um termo recente, está na verdade subjacente a toda a prática investigativa

e docente de Teresa Lino. Vejamos o que podemos ler no seu artigo póstumo de 2020, “Mediação terminológica no seio da REALITER”, publicado pela Universidade do Algarve, transcrição da sua última conferência de 2019, que figura em Manuel Célio Conceição e Maria Teresa Zanola (Org., 2020), *Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades*. Teresa Lino escreve:

A fase de neologia do termo mediação é caracterizada por um fenómeno de multiplicidade de significações que exprimem a inovação, quer se trate de língua corrente ou de língua de especialidade (Humbley, 2016:137) (2). Assim, a tarefa de formular uma única definição que dê conta de todas as características deste conceito revela-se complexa e até mesmo inexequível, devido ao facto de a mediação estar não só presente em diferentes ramos de conhecimento, mas também em constante evolução. (Lino, 2020, p. 19).

Após ter passado em revista as principais definições do termo “mediação”, dadas por diferentes linguistas (De Gioia e Marcon, 2014 (3), Cuq, 2006 (4), Rousseau, 2007 (5)) e pelo próprio Conselho da Europa (2016) (6), Teresa Lino sublinha:

Analisando as definições do termo mediação, compreende -se que o mesmo assume uma posição central, pois implica situações e processos de contacto linguístico e cultural, o que facilita o fluxo de informações, a integração social e as relações interpessoais, nas quais podem participar investigadores, especialistas ou migrantes (Contente e Lino, 2016, p.2) (7). O conceito de mediação está, portanto, em constante evolução e vai-se atualizando na língua corrente e nos diferentes níveis de língua de especialidade, em grande parte pela interdisciplinaridade e pela dinâmica da produção científica internacional (2020, p. 21).

Evolução, língua corrente, língua de especialidade, interdisciplinaridade: eis o que podemos considerar palavras-chave não só para a delimitação do conceito de “mediação”, mas também para a ótica segundo a qual Teresa Lino encarava a complexidade dos estudos lexicais.

Concluo citando os dois últimos parágrafos do artigo de Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino. Desculpar-me-ão a extensão da citação das últimas linhas publicadas, pois afigura-se-me como apontando, com lucidez e complexidade, para futuras vias de investigação, que não deixaria, estou certa, de explorar:

Neste sentido, é o terminólogo que tem, frequentemente, a função de mediador terminológico nas instituições de normalização terminológica nacionais e / ou internacionais [ISO] e nas redes internacionais de terminologia como a REALITER. A mediação estabelece-se, pois, de acordo com o que referem Contente e Lino (2016:5) no artigo “Médiation linguistique et interculturelle dans la communication médicale” entre “[...] le terminologue et le spécialiste du domaine; les spécialistes d'une communauté scientifique nationale et la communauté internationale; les locuteurs et les spécialistes d'un domaine scientifique (2020, p. 22).

E a sua derradeira conclusão:

Conclui-se assim que, para desempenhar o seu papel da melhor forma, o mediador deve ser capaz de dominar os princípios teóricos da

mediação bem como as interações linguísticas que a caracterizam, a fim de clarificar a informação que está implícita numa mensagem aos falantes de línguas distintas ou aos especialistas de diferentes domínios de conhecimento. No caso da REALITER, compete aos terminólogos a árdua tarefa de harmonização e fixação terminológica das línguas românicas, respeitando os usos em corpora e as variantes das diferentes normas das línguas, como o são o exemplo do Português de Portugal e do Português do Brasil. (2020, p.22).

A capacidade de imaginar, de criar, de se adaptar, de interagir, de conhecer a variedade das designações e do mundo a que reenviam, sempre com um profundo respeito pelos outros e pelas suas culturas, sempre com uma empatia de grande humanidade, está presente em todo o percurso de Teresa Lino, amiga aqui homenageada.

REFERÊNCIAS

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca. *Delinear linguístico de um certo tipo de “processo” imaginativo – Nível etário 10-13 anos*. Tese para a Licenciatura em Filologia Românica - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1972.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca. *Unités lexicales et situations d'énonciation. Réseaux d'associations sur un domaine d'expérience: la mer*. Thèse de doctorat - Université Sorbonne Nouvelle, Paris, 1987.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca. Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades. In CONCEIÇÃO, Manuel Célio e ZANOLA, Maria Teresa. *Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades*. Faro: Universidade do Algarve, 2020, p. 16-23.

NOTAS

(1) Stephan ULLMANN. Intervention au Rapport de E. Coseriu, Structure lexicale et enseignement du vocabulaire, p. 81-84; in: *Les théories linguistiques et leurs applications*, Association Internationale des Editeurs de Linguistique Appliquée (AIDELA), 1967; Conseil de la Coopération Culturelle du Conseil de l'Europe. Collection “Les langues vivantes en Europe”.

(2) John HUMBLEY. La néologie de la médiation. In: DE GIOIA, Michele; GOURVES-HAYMARD, Alison; SABLÉ, Cathy (eds.). *Acteurs et formes de médiation pour le dialogue interculturel: GLAT Padova 2016 Actes du Colloque International*, Padova: Università degli Studi di Padova (17-19 mai), p. 135-144.

(3) Michele DE GIOIA; Mario MARCON. *Mots de médiation. Un lexique bilingue français-italien / Parole di mediazione. Un lessico bilingue francese-italiano*. Padova: Padova University Press, 2014.

(4) Jean-Pierre CUQ. *Dictionnaire de didactique du français – langue étrangère et seconde*. Paris: ASDIFLE, CLE International, 2006.

- (5) Jean-Louis ROUSSEAU. La médiation linguistique : vers l'adaptation des principes méthodologiques et des pratiques terminologiques. Colloque REALITER, Bertinoro, 2007.
- (6) CONSEIL DE L'EUROPE. Médiation linguistique et culturelle. 2016. <https://rm.coe.int/09000001680591b92>, 21/06/2020.
- (7) Madalena CONTENTE; Teresa LINO. Médiation linguistique et culturelle dans la communication médicale. In DE GIOIA, Michele; GOURVÈS-HAYWARD Alison; SABLÉ, Cathy (eds.). *Acteurs et formes de médiation pour le dialogue interculturel*: GLAT Padova 2016. Actes du Colloque International. Padova, Università degli Studi di Padova (17-19mai), p. 161-168.

**TERMINOLOGIE DE LA NÉOLOGIE: HOMMAGE
A JEAN-FRANÇOIS SABLAYROLLES**

John HUMBLEY

INTRODUCTION

Un des derniers articles sur lequel travaillait Jean-François Sablayrolles (Sablayrolles ; Humbley, 2021) porte sur la terminologie de la néologie. Il est paru après sa disparition, dans *Neologica* 15, numéro animé par Vincent Balnat et Christophe Gérard (2021), qui visait à rendre compte de l'état de la recherche européenne en néologie, étape significative dans sa disciplinarisation progressive. On peut se féliciter de la diversité des dix articles retenus pour cette publication, d'autant plus que la plupart d'entre eux font ressortir le caractère intrinsèquement pluridimensionnel du phénomène. Les typologies présentées dans ce numéro (notamment celles de Cabré (2021), de Cabré et al (2021), de Foubert (2021), Poix (2021) et de Sablayrolles et Humbley (2021)) sont conçues à partir de présupposés différents, posant ainsi un défi à la compréhension. Pour la présente réflexion sur la définition des concepts de base de la néologie le choix s'est porté sur un nombre très restreint de termes importants mais dont l'interprétation ne fait pas nécessairement l'unanimité parmi les chercheurs. C'est pour cette raison que j'ai saisi l'occasion offerte par l'amicale invitation de Ieda Maria Alves pour approfondir la problématique développée dans cet article cosigné avec J.-F. Sablayrolles en me focalisant sur deux concepts qui peuvent être considérés comme des préalables aux études sur la question, à savoir la néologie conçue dans sa dimension terminologique, d'un côté, et la pertinence en néologie d'un concept qui a son origine dans la philologie classique. Cette occasion est d'autant plus précieuse qu'elle invite à poursuivre l'échange avec les autres auteurs de ce numéro de *Neologica*.

1. EXPLIQUER LES DIVERGENCES TERMINOLOGIQUES

La difficulté de se mettre d'accord sur les termes utilisés dans les recherches sur la néologie a plusieurs explications. On peut mettre en cause la dispersion dans différents pays des travaux portant sur ce domaine. A notre connaissance il n'existe qu'une seule revue internationale consacrée à la néologie (*Neologica*) et la plupart des études consacrées au sujet paraissent dans les supports les plus divers. Non seulement les traditions divergeaient selon les cultures de recherche des différents pays, mais certaines n'accordaient jusqu'à présent aucune place à ce que nous appelons la néologie. Bien sûr, ce n'est pas le cas du français. Si les lexicologues des différentes langues romanes ont une longue histoire en matière d'études de néologie et une solide expérience de collaboration dans le cadre des réseaux tels que Realiter et des colloques réguliers comme CINEO (1), ils partagent de nombreuses traditions de recherche qui facilitent la communication tout en assurant un certain consensus terminologique. Dans les pays de langue anglaise la tradition linguistique n'accorde qu'une place mineure au lexique et à la néologie, branches de cette discipline qui, jusqu'à une date récente, étaient traitées en parents pauvres. Certes, des études comparables ont été menées sous l'angle de la productivité morphologique ou de l'évolution sémantique lexicale, approches qui se recoupent en grande partie avec la néologie mais qui, pour autant, ne l'abordent pas du même point de vue. Plutôt que de la focalisation sur ce qui est nouveau (le point de départ

pour la néologie), c'est la dimension de la construction morphologique et sémantique de nouvelles unités qui est reflétée par le terme *formation*, ou *word formation*, qui correspond sans doute à l'allemand *Wortbildung*. C'est le cas en particulier du point de vue de plusieurs linguistes anglicistes de l'Université de Munich (Schmid, 2008), Kerremans, 2015) et bien d'autres) qui, depuis plusieurs décennies maintenant, mènent des recherches à partir de travaux portant sur ce que l'on peut qualifier de néologie de l'anglais.

On peut également expliquer les divergences terminologiques par des différences de finalité. Dans quel but étudie-t-on la néologie ? Si l'objectif principal est l'aménagement linguistique, les méthodes et les termes qui les expriment seront bien différents de ceux qu'on utilise pour étudier l'histoire de la science ou la constitution du lexique d'une langue donnée. De même, la néologie peut être envisagée dans le cadre de la mise à jour des dictionnaires ou, au contraire, comme indice de productivité morphologique. Les buts sont donc également multiples et les moyens de les atteindre de plus en plus diversifiés. Les outils qui permettent aujourd'hui une analyse de la néologie à une échelle encore insoupçonnée il y a peu de temps, notamment grâce aux corpus de textes contemporains et historiques, modifient le regard qu'on porte sur ces phénomènes, qui entraînent des réajustements terminologiques reflétant les nouvelles conceptualisations.

Mais les communautés linguistiques et leurs traditions parfois divergentes n'expliquent pas toute la variation du métalangage de la néologie. Il est en effet possible d'appréhender la même réalité linguistique de points de vue différents, comme Maria Teresa Cabré Castellvi (2021) le fait dans *Neologica* 15, en proposant une vision génétique qui vise l'acte créatif plutôt qu'une approche taxonomique sur la base d'observations empiriques. De même, il existe d'autres traditions encore, comme celle de l'étude des emprunts, qui caractérisent les langues germaniques : il s'agit là d'une partie de la néologie, que Sablayrolles appelle la matrice externe, qui est moins prise en compte par les linguistes de langues romanes. La situation évolue toutefois : Cabré (2021) postule une typologie élaborée de l'emprunt, tandis que les nombreux travaux réalisés dans le cadre du projet Empnéo (2) ont permis d'explorer les différents traitements que l'influence qu'une langue exerce sur une autre, contribuant ainsi à la structuration de cette grande catégorie.

Nous nous proposons dans cet article de prolonger la réflexion sur la terminologie (ou le vocabulaire) de la néologie en approfondissant deux notions préalables : celle de la néologie terminologique d'une part et celle de la première apparition d'un néologisme : l'hapax. L'insistance sur l'importance de la néologie terminologique se justifie par le désir de remettre en perspective cette source souvent négligée par les linguistes car de nature en grande partie extralinguistique. Et pourtant, nous savons depuis Marcel Cohen qu'une part importante de la néologie de la langue générale vient précisément des "marges" et des langues de spécialité. Mais pour pouvoir définir la néologie de la terminologie, il convient de tenir compte de ses deux dimensions, annoncées ci-dessus. Or, comme nous le verrons, le métalangage français est lacunaire dans ce contexte.

De même, si l'on accepte la valeur explicative de la métaphore du cycle de la vie des mots (Renouf, 2013), il est important de bien documenter et de bien interpréter les toutes premières apparitions. Or, on constate que différents auteurs s'attachent à des critères différents pour caractériser ces formes initiales. Nous nous interrogerons sur ces critères et la manière dont ils sont reflétés dans le métalangage.

Nous terminerons cette réflexion sur une proposition de présentation de la terminologie de la néologie sous une forme pratique, susceptible de figurer dans un dictionnaire explicatif de la néologie.

2. LA TERMINOLOGIE DE LA NEOLOGIE : QUELQUES CONCEPTS ET TERMES PROBLÉMATIQUES

Lorsque nous réfléchissions au titre de l'article mentionné en introduction, nous avons hésité entre *terminologie* et *vocabulaire*. Si nous avons finalement opté pour *Terminologie de la néologie : quelques concepts et termes problématiques*, ce n'était pas sans arrière-pensée. Fallait-il invoquer expressément la terminologie ou plus modestement parler d'un simple vocabulaire de la néologie (3) ? Si l'on pense à d'autres dictionnaires relevant de la linguistique appliquée comme par exemple ceux de la traductologie, on est tenté de retenir l'expression plus ambitieuse, comme l'avait fait en son temps l'équipe de Jean Delisle pour *Terminologie de la traduction*, commanditée en 1999 par la Fédération internationale de la traduction (Delisle et al, 1999). Pour les concepteurs de ce dictionnaire de référence, l'appellation *terminologie* était justifiée par la prise en compte d'une structuration conceptuelle du processus de la traduction, qui permet de situer les termes les uns par rapport aux autres. Il nous a semblé approprié de s'inspirer de cette démarche pour situer les termes de la néologie par rapport aux différentes étapes du déroulement du processus néologique, bien que les relations soient sans doute moins précisément déterminées que dans le cas de la traduction.

Parmi nos prédécesseurs, certains ont préféré s'en tenir à *vocabulaire*, tout en soulignant l'ambition de constituer un ensemble structuré et donc systématique : c'est le cas des collègues de l'Office (québécois) de la langue française, sous l'impulsion de Rachel Boutin-Quesnel, qui ont publié en 1985 *Le vocabulaire systématique de la terminologie*. Ce petit guide est inspiré de sources diverses, dont certaines relèvent de la norme ISO 1087. En résumant les entrées de ce livre on peut dire que le vocabulaire recueille les mots d'un domaine donné (ou d'un auteur, ce qui ne nous préoccupe pas ici), sans prétention de structuration particulière : il met l'accent sur les dénominations plutôt que sur les concepts. La terminologie en revanche, sous sa forme la plus ambitieuse, vise à structurer les concepts sous la forme d'un réseau notionnel et met l'accent sur les concepts plutôt que sur les mots.

Mais la terminologie a d'autres fonctions, qui l'ont caractérisée pendant tout le XX^e siècle et qui ont conservé toute leur pertinence dans le domaine industriel, en particulier celles de la normalisation. A l'instar de l'ISO (Organisation internationale de la normalisation) ou de la CEI (Commission électrotechnique internationale), les représentants de secteurs d'activité se mettent d'accord sur des dénominations et surtout sur les définitions des termes. Leur but n'est pas d'imposer un usage unique des termes (malgré l'optimisme de Wüster (1979) à cet égard), mais de reconnaître une référence qui puisse être invoquée si des différences d'opinion devaient se manifester. C'est surtout cette fonction de la terminologie, celle d'une référence commune, qui peut être invoquée dans l'exercice de réflexion sur le métalangage de la néologie que nous avons menée. Il ne s'agit donc pas de proposer une dénomination par concept, qui serait déterminée par une seule proposition, mais plutôt de présenter un cadre général d'usage des spécialistes, organisé de telle façon que les convergences et les divergences soient clairement perceptibles. Cette démarche n'a rien de nouveau, c'est celle qui était préconisée pour la terminologie des sciences humaines, à la demande de l'UNESCO et a été mise en œuvre sous une forme expérimentale par Fred Riggs (1979).

2.1. LA DIMENSION NEOLOGIQUE DE LA NEONYMIE

Avant de nous focaliser sur la néologie en tant que telle, nous faisons un excursus vers deux forces d'attraction : la terminologie non pas de la néologie en général mais de celle qui relève des langues de spécialité, qui est donc proprement terminologique.

Les premières réflexions sur les spécificités de la néologie terminologique sont bien documentées depuis l'analyse de Guy Rondeau (1984), qui accompagnait les chantiers de francisation menés au Québec dans les années 1970 et 1980. C'est Rondeau qui a repris et redéfini l'expression *néonyme*, lancée à l'origine par le journaliste Jacques Cellard, pour "en faire une dénomination représentant la notion de *néologisme lexical dans les langues de spécialité* (langages spécialisés)" (Rondeau, 1984, p.124). Ainsi redéfini, le trait distinctif est le contexte de la langue de spécialité, conceptualisation remise en cause de nos jours à la faveur des *discours spécialisés*. C'est le même critère invoqué par rapport au terme, censé être de nature différente du mot, distinction qui ne fait plus l'unanimité entre linguistes : " Si l'on considère le néologisme terminologique dans sa spécificité, il se distingue du néologisme lexical de la langue commune aussi nettement que le terme se distingue du mot " (Rondeau, 1984, p.122).

D'autres dénominations, souvent bien motivées, ont été proposées : *néoterminisme* (Rey, 1979, p.69), *terminogénique* (Portelance, 1987, p.357), peut-être inspirée de *lexicogénétique* de Jean Tournier (1985) ou encore *neolexicalisation* (Temmerman, 1997), autant de tentatives qui sont restées sans lendemain, mais qui pourraient être reprises pour mettre l'accent sur tel ou tel aspect de la néologie ou de la terminologie.

Le choix du métalangage pour exprimer sa conception de la néologie terminologique n'est pas neutre. Les partisans d'une terminologie conceptuelle à orientation onomasiologique seront tentés par la formulation synthétique de Rondeau, *néonyme*, tandis que ceux qui évitent de prendre parti préféreront *néologisme terminologique* ou tout simplement *nouveau terme*. Dans le contexte de l'aménagement terminologique, Rondeau faisait la distinction entre *néonymie d'origine* et *néonymie d'appoint*. Dans le premier cas il s'agit d'une dénomination attribuée directement à une nouvelle création, à un nouveau concept mis au point dans un domaine spécialisé ; dans le second cas, d'un concept déjà nommé dans une autre langue. Dans le cadre du "rattrapage" ou de la modernisation linguistique qui caractérisait la politique volontariste pratiquée au Québec, c'est la mise au point d'une méthode de néonymie d'appoint qui était privilégiée. Du point de vue de la démarche terminologique on peut choisir une orientation soit onomasiologique soit sémasiologique ; la première serait celle de la néologie d'origine, car on aurait le cas d'un concept qu'il convient de nommer, tandis que la seconde caractériserait la situation où le concept a déjà un nom, mais dans une autre langue, l'enjeu étant précisément de trouver une dénomination motivée en français qui reflète le nouveau concept en question. Toutefois, lorsqu'on relève les néologismes dans un corpus, cette distinction change de statut. Il existe pourtant une longue tradition, surtout dans des pays non francophones, souvent de la part de doctorants en romanistique, d'évaluer les politiques linguistiques française et québécoises en particulier, grâce à ces relevés. Certaines thèses récentes, comme celles de Kim (2017) ou de Planchon (2018), permettent d'identifier de nouveaux marqueurs d'implantation, ouvrant la voie à une étude des motivations.

Un dernier mot sur la dénomination *néonymie*. En recherchant un titre pour une monographie sur la néologie en terminologie (Humbley, 2018), l'auteur de ces lignes avait fait part à Jean-Claude Corbeil, autrefois directeur de l'Office (québécois) de la langue française et théoricien de l'aménagement linguistique, de ses interrogations quant

à l'opportunité de faire figurer le mot *néonymie*. Il l'a déconseillé sans hésitation, le trouvant jargonant. Le livre s'intitule donc *La néologie en terminologie*, mais dans le texte, le mot incriminé figure plus de 150 fois. Ce n'était vraiment pas facile de s'en départir ! On peut en conclure que le terme n'est pas sans utilité lorsqu'il est problématisé.

Il existe enfin une autre tradition, moins représentée dans le domaine francophone, lancée par Sager (1989), qui distingue *formation terminologique primaire*, correspondant à *néonymie d'origine* et *formation terminologique secondaire*, équivalent de *néonymie d'appoint*. Ces dénominations ont la particularité de s'inscrire clairement dans le paradigme de *Wortbildung/word formation* signalé *supra*.

2.2. LA DIMENSION TERMINOLOGIQUE DE LA NEONYMIE

Mais quelle est la spécificité terminologique de la néonymie ? Il n'est pas inutile de réfléchir non seulement sur les critères qui fondent la nouveauté, comme nous venons de le faire, mais aussi sur ceux qui déterminent le statut de terme. *Quatorzaine*, *septaine*, par exemple, quarantaine de quatorze ou de sept jours, créés lors de la pandémie du Covid-19 et cités par Jacquet-Pfau (2020, p.206), figurent parmi les très nombreux néologismes de cette urgence sanitaire (Casevitz, 2022, p. 60). Son statut de néologisme est donc relativement aisé à établir. Mais s'agit-il en plus d'un néonyme, c'est-à-dire d

'un néologisme terminologique ? Pour répondre à la question il convient de déterminer si *septaine* est un terme. Parmi les critères qui correspondent à cette catégorisation, notons :

- l'expression d'un concept faisant partie d'un réseau notionnel ;
- le renvoi à un concept élaboré scientifiquement ;
- l'appartenance à un domaine spécialisé etc.

On peut ajouter le point de vue du sémanticien Robert Martin (2021, p.45), pour qui le terme scientifique et technique est un "artéfact conceptuel".

Mais comment appelle-t-on ce statut de terme ? En anglais *termhood* (concurrencé par *termness*) est employé au moins depuis le milieu des années 1990 (Kageura; Umino, 1996, p. 260-261). Il s'agit donc de trouver un équivalent en français, exercice pratique de formation terminologique secondaire ou de néonymie d'appoint, comme nous l'avons esquissé plus haut. Or en français au moins deux termes se présentent : *termicité* et *termitude*, aucune n'étant vraiment répandue, *termicité* ayant toutefois plutôt la faveur des spécialistes de l'extraction automatique de termes (qui ne sont pas nécessairement néologiques).

On peut par ailleurs imaginer que l'acquisition ou la perte de termicité représente en même temps une manifestation néologique. En effet, les linguistes parlent de *terminologisation* (Gentilhomme-Koutyrine, 1994) et de *déterminologisation* (Bowker; Pearson, 2002; Renouf, 2017), la déterminologisation étant sans doute plus souvent étudiée que la terminologisation, tant la langue générale est prise comme étalon dans les considérations linguistiques. C'est Ingrid Meyer et ses collègues (par exemple, Meyer et Mackintosh (2000)) qui ont démontré la pertinence de la déterminologisation en tant que source de créativité lexicale. Si elles parlent de *déterminologisation* en français (ainsi qu'en anglais, avec une légère modification orthographique), elles introduisent également le terme *étirement terminologique*, qui a l'avantage de souligner l'élargissement du périmètre sémantique qui, généralement, accompagne le processus de déterminologisation.

La terminologie joue depuis longtemps un rôle important et bien défini en normalisation et en traduction technique et sa méthodologie est surtout dirigée vers ces applications. D'autres applications sont envisagées depuis l'époque de Wüster, mais c'est seulement depuis quelques années qu'est reconnu le rôle qu'elle peut jouer en entreprise, surtout à la suite de la publication du livre de Kara Warburton (2021), qui part de la constatation que des besoins avérés en terminologie ne sont pas pris en compte, en partie en raison d'une inadéquation non seulement méthodologique mais aussi théorique. Faire un bilan de ces besoins remet en cause un certain nombre d'idées reçues sur la terminologie, dont la définition du terme. Elle préconise le concept plus vaste de *micro-contenu* ("univocal, discreet and reusable content that conveys one primary idea or concept" (Warburton, 2021, p.106)) défini à son tour grâce à la distinction déjà opérée dans l'article déjà cité de Kageura et d'Umino (1996, p.260) de *unithood*, qui fait pendant à *termhood* (voir à ce sujet l'analyse lumineuse de Mestivier (2022) (4). *Unithood* est définie comme "degree of strength and stability of syntagmatic combinations and collocations" (*op. cit.*).

Ce nouvel aspect de la théorie de la terminologie pourrait être rendu en français par *unicité*, renforçant ainsi la motivation déjà discutée de *termicité*. Il est vrai que *unicité* pourrait renvoyer à *unique* plutôt qu'à *unité*, mais *unicité*, en plus, fait écho à la fameuse reformulation de la définition de *terme* que nous devons à Rita Temmerman (2000) "unit of understanding", dont la transposition en français, *unité de compréhension*, reste ambiguë, puisque *compréhension* correspond à *understanding* mais aussi à *intension*.

La réflexion sur la terminologie qui caractérise les concepts de base de la néonymie (qui justifie ainsi sa dénomination) part de l'analyse de ces critères : celui de la nouveauté sera évoqué dans la troisième partie ; celui de la termicité mérite une dénomination qui commence à faire l'unanimité en anglais (*termhood*), bien que la notion soit déjà concurrencée sans être remplacée par *unicité*. On a donc la dyade *nouveauté* + *termicité/unicité*.

3. L'HAPAX ET LES PREMIERES PHASES DE LA NEOLOGIE

La réflexion conduite avec Jean-François Sablayrolles a commencé par les conditions d'apparition des néologismes suivies des phases ultérieures du processus néologique, en passant par les différentes matrices pour conclure sur les liens avec les langues étrangères. C'est ainsi que nous avons commencé à revisiter la néologie et la néonymie. Parmi les phases du processus de néologisation, nous nous intéressons ici aux toute premières manifestations, à savoir l'hapax, le quasi-hapax et l'occasionnalisme. Les phases suivantes (notamment celles d'"entrenchment", d'institutionnalisation, de lexicalisation et de dictionnarisation), qui se situent à différents niveaux, sont déjà très bien analysées par Poix (2021), mais mériteraient encore un approfondissement, tout comme les matrices néologiques (dont la "matrice externe"... qui n'est peut-être pas une matrice du tout), ainsi que les applications, telles la néographie, et toutes les relations avec la lexicographie et la terminographie.

3.1. L'HAPAX

Pour le *Trésor de la langue française informatisé (TLFi)*, l'hapax est un "vocabulaire n'ayant qu'une seule occurrence dans un corpus donné", définition qui met l'accent sur la nature relative du concept en postulant une relation avec le corpus, qui peut varier selon l'objectif poursuivi.

L'hapax est également présenté par certains linguistes comme la toute première phase de la néologie : “ le trajet qui conduit de l'hapax au dictionnaire ”, d'après Sourdot (1998) ou encore, le passage, dans le cadre d'” une modélisation possible de la vie d'un néologisme, du stade d'hapax [...] jusqu'à son apparition dans les dictionnaires d'usage général ” (Fievet ; Podhorna-Policka, 2017, p.45). De ce point de vue, l'hapax est le point de départ vers une hypothétique lexicalisation, la première manifestation d'une vocation à entrer dans la langue. Pour Sablayrolles (2019, p.61) d'ailleurs, tout néologisme commence par être un hapax, même si “un hapax n'est pas nécessairement un néologisme”. Pruvost et Sablayrolles (2016, p.57) considèrent en effet qu'il “est plus expédiant [...] de considérer qu'il y a néologisme dès le surgissement d'une nouvelle unité lexicale, quel que soit son sort ultérieur, largement imprédictible au demeurant”.

Cette dernière opinion est répandue mais loin d'être universellement acceptée. Cabré, en accord avec sa conception déductive de la néologie (Cabré et al, 2021, p.44), s'inscrit en faux :

[...] le terme néologisme ne fait pas référence à des apparitions lexicales uniques, mais il désigne toute nouvelle unité lexicale dotée d'une certaine présence dans l'usage collectif. Cependant, les études portant sur les hapax ou les créations individuelles peuvent être l'objet de recherche intéressant (Cabré, 2021, p.25).

Reprochant par ailleurs à Sablayrolles de modifier sa typologie pour tenir compte de l'hapax (Cabré et al, 2021, p.47), elle souligne ainsi son point de vue selon lequel cette catégorie n'est pas pertinente pour la néologie.

Or, l'article de Sablayrolles et Humbley (2021) passe certainement trop rapidement sur un concept dont les contours se modifient à chaque nouvel emploi. Notons que Podhorná-Polická, dans une communication personnelle, trouve que la formulation contenue dans l'article (citée ci-dessous) ne correspond pas à sa conception de l'hapax :

[...] il ne semble pas opportun de vouloir élargir le concept d'hapax, comme souhaitent le faire certains collègues (Cartier, dans son mémoire d'HDR 2018 inédit (5), Policka-Podhorna [sic] (6)...) pour l'appliquer en particulier aux premiers réemplois, en oubliant que le *ha-* signifie, étymologiquement, “un seul”. (Sablayrolles; Humbley, 2021, p.67-68).

En réfléchissant depuis sur le choix des mots, on peut s'interroger sur le choix du verbe *élargir*. Dans le contexte immédiat, *élargir* faisait ici référence au nombre d'attestations. Cartier (2011, 2019) parle dans sa démarche orientée traitement automatique de la langue d'hapax et de quasi-hapax, tout comme Podhorná-Polická pour qui l'hapax, dans une optique sociolinguistique, peut être supérieur à un. Si l'on tient compte des buts poursuivis et des méthodes exploitées, on peut comprendre que le sens de *hapax* subit également une modification.

Dans les sections qui suivent, nous essayerons de compléter une présentation non seulement des positions de nos collègues, mais aussi celle des différents contextes dans lesquels la notion d'hapax est invoquée.

3.1.1. HISTORIQUE DE LA NOTION D'HAPAX

Nous passerons en revue de manière succinctement chronologique ce que l'on pourrait considérer comme les principaux emplois de la notion d'hapax, à savoir dans les études classiques, puis dans la lexicographie pour aboutir à l'époque contemporaine, où

au moins deux finalités se dessinent : celle de la veille outillée en néologie, faisant appel d’une part à la linguistique de corpus et, d’autre part, à la sociolinguistique, orientée sur l’oral et les enquêtes sur le terrain.

3.1.1.1. ETUDES CLASSIQUES

Sablayrolles et Humbley (2021, p.37) rappellent que : “le terme *hapax* est issu de la philologie pour des mots attestés une unique fois dans le corpus, fermé, des textes antiques connus”. A l’origine l’hapax ne représentait donc pas une étape de la néologie ou de la lexicalisation : il s’agissait d’un emploi unique, très souvent sans suite dans le temps. Les spécialistes d’études classiques se focalisent en effet sur l’hapax, jusqu’à en reconnaître six sous-classes, sans toutefois thématiser la dimension néologique sous-jacente dans certains cas. C’est ce rapprochement que Ragot (2021) fait en préconisant des aménagements pour tenir compte des limitations imposées par les corpus anciens, nécessairement très fragmentaires. On peut effectivement pointer la différence dans l’évolution de l’idée de corpus : pour les études classiques ou bibliques (le *TLF* fait remonter aux études de la Bible les premières attestations du mot *hapax* en anglais), le “corpus” est en réalité l’ensemble des textes de l’Antiquité qui nous restent aujourd’hui, soit une proportion microscopique de ce qui a existé (Ragot, 2021, p.229). Nous sommes ici très loin de la définition de corpus que retient la linguistique de corpus, qui travaille idéalement sur un échantillon représentatif d’un état de langue, équilibré, paramétré selon l’exploitation qui en sera faite. Ces différences suffisent pour fournir une première explication de la divergence des points de vue que l’on peut avoir par rapport à la notion d’hapax, légitimées par rapport aux buts recherchés. Il serait erroné toutefois de penser que la néologie n’intéresse pas les spécialistes des études classiques : voir Ragot (2021), déjà cité, et Fayant (2003), qui présentent des hapax classiques sous l’angle de la néologie.

3.1.1.2. LEXICOGRAPHIE CLASSIQUE

On peut faire remonter l’acception néologique de la notion d’hapax à la lexicographie classique et à la distinction opérée dans la microstructure entre *première attestation* (celle de la datation) et *hapax*, occurrence isolée d’un vocable antérieure à celle de la datation retenue. Le *Petit Robert* (2023) donne une définition lexicographique moins catégorique : “apparition, attestation isolée d’un mot [suivi de la date de cette attestation]”, indiquant par exemple la date de 1815 pour l’emprunt *job*, en le notant comme un hapax, car “répandu fin du XIX et surtout v. 1950”. L’hapax dans cette tradition lexicographique serait en quelque sorte un faux départ.

Donc, pour reprendre un exemple souvent cité (Humbley, 2018, p.230), on peut considérer que dans le *TLF*, *phonographe*, daté de 1864, attesté dans un texte du photographe Nadar, représente un hapax, mention isolée de la décennie 1860, d’autant plus que le référent n’existait pas encore : le premier phonographe fut exposé à Paris en 1878 seulement. Mais cet exemple d’hapax figure dans le *TLF* parce que le mot *phonographe*, bien que *vieilli* (selon la marque indiquée dans le champ de l’entrée), a été lexicalisé et qu’il figure bien dans la nomenclature du dictionnaire. D’innombrables autres hapax doivent figurer dans les corpus du *TLF* (notamment dans Frantexte) sans avoir droit à une entrée, même cachée. Ainsi ne figure pas du tout dans le *TLF* l’invention qui a précédé de près d’un quart de siècle celle du phonographe, à savoir celle du phonautographe. Cette invention n’est que partiellement l’ancêtre du phonographe dans la mesure où l’appareil en question enregistrait les sons sans les reproduire : elle est bien connue dans l’histoire des technologies, mais son nom, pourtant proche de celui de son

plus jeune cousin, ne figure pas dans les dictionnaires de langue comme le *TLF* (7). Faudra-t-il, dans l'avenir, considérer que l'attestation de Nadar est un hapax ? Lorsque les gros corpus des humanités numériques seront disponibles, tout est à parier que cette attestation de 1864 ne sera plus seule de son espèce et donc ne sera plus un hapax. En d'autres mots, ce statut dépend de la documentation disponible.

Mais si on prend en considération la relation avec le référent, on peut s'interroger sur le statut de la dénomination par rapport à la réalité externe : cette première attestation de *phonographe* fait-il exister le concept même s'il faut attendre une quinzaine d'années sa réalisation matérielle : s'agit-il alors d'hypostase ou d'hypostatisation (Poix, 2021, p.107), où la création du mot implique celle d'un concept correspondant ?

Les besoins de la lexicographie en matière d'hapax ne se limitent pas à la datation. Cormier et Wooldridge (2000 : 179) nous rappellent qu'en plus des "hapax d'emploi", on doit tenir compte "des mots attestés chez un seul auteur (hapax d'employeur donc [...])". Comme le rappelle la définition canonique, l'hapax est défini par rapport à un corpus donné. Pruvost et Sablayrolles (2016, p.58) préfèrent situer l'hapax au tout début du processus de diffusion ; ils en postulent par ailleurs des sous-catégories, examinées ci-après.

3.1.1.3. VEILLE NEOLOGIQUE ET LINGUISTIQUE DE CORPUS

Pour la linguistique de corpus, l'hapax représente un concept de base, mais sa perception a sans doute évolué à la suite de l'augmentation en volume des corpus. Les corpus du web 1, bien choisis, équilibrés selon plusieurs critères, représentatifs d'un certain état de la langue et des communautés discursives présentent des hapax en nombre relativement réduit. Ceux du web 2, composés de mégadonnées aspirées sur la Toile, comportent beaucoup plus d'occurrences mais aussi, de ce fait, beaucoup plus d'hapax. Les linguistes se trouvent face à une multitude de signifiants ayant potentiellement chacun de nombreux signifiés. Dans le cadre des études de productivité lexicale, Van Wette (2022) en propose une méthode qui vise à établir un ratio entre hapax et type (nommé *hapax/type ratio*) qui sert à déterminer le volume de l'échantillon à interroger. La notion d'hapax acquiert ainsi le statut d'élément de la méthodologie, à la fois objet et moyen d'étude.

Pour Emmanuel Cartier (2011, 2019), une perspective orientée vers le traitement automatique du langage l'amène à considérer l'hapax d'un point de vue statistique. Dans son modèle, il s'agit de séparer les néologismes en voie de lexicalisation des occurrences sporadiques : "... en dessous de ce seuil [pour figurer dans le dictionnaire de mots destinés à l'analyse], ils sont reversés dans un dictionnaire d'hapax ou de néologismes de faible diffusion parce qu'ils ne sont pas entrés dans l'usage" (Cartier, 2011).

Il s'agit donc de mettre de côté des mots dont le taux d'occurrence est très faible dans le corpus pour pouvoir se consacrer au traitement de ceux qui, statistiquement, ont commencé leur parcours de lexicalisation. Ce choix ne relève donc pas d'un jugement linguistique mais répond à l'ordre du traitement des premières extractions d'un très grand corpus. Compte tenu de la quantité de données, les néologismes-candidats, calculés de manière statistique, fournissent au linguiste plus de données qu'il ne peut traiter. Les hapax et quasi-hapax sont donc des éléments qui restent en attente mais ne sont pas éliminés sur le plan théorique. En effet "une très large majorité de néologismes sont donc des hapax ou des quasi-hapax" (Cartier, 2019, p.40). D'ailleurs dans son décompte, "es hapax proprement dits (une seule occurrence) représentent seulement 25% du total des néologismes et il existe un continuum entre les fréquences très basses et les fréquences plus hautes sans qu'il soit possible de tracer une frontière linguistique pertinente entre les

hapax et les autres néologismes (notamment ceux ayant une fréquence ‘faible’)” (Cartier, 2019, p.41-42).

3.1.1.4. ORIENTATION “ FICTION LITTERAIRE ”

Certaines approches de l’hapax en tant que première étape de la néologie ne se situent pas dans l’optique d’une éventuelle intégration dans la langue. C’est le cas des études de la “néologie” de certains genres littéraires, notamment ceux qui relèvent de l’anticipation, où la fonction créatrice fait partie de l’intention littéraire. Poix (2021, p.106) signale l’emploi d’hapax dans ce contexte, sans pour autant approuver cet usage : “...une lexie propre à un auteur ou attestée dans un seul ouvrage peut se comprendre comme une attestation unique”. Dans ce contexte elle préfère utiliser le terme *occasionnalisme*.

3.1.1.5. ORIENTATION SOCIOLOGIQUE

En sociolinguistique, l’approche peut être différente, compte tenu des méthodes et des objectifs très éloignés de la veille néologique, mais malgré ces divergences, on relève quelques démarches qui sont tout à fait comparables, compte tenu de l’évolution de la conception de ce qui constitue un corpus. C’est une lecture des travaux de Podhorná-Polická (2009) puis de Fiévet et Podhorná-Polická (2017) qui guide nos réflexions sur cet aspect de la question. En effet, leur problématique est posée en fonction de leur désir de rendre compte de l’usage de la langue par les jeunes et des faits sociaux que ces emplois sont susceptibles de mettre en lumière. Dans ce contexte, tous les aspects de la variation linguistique sont pertinents, en particulier l’innovation, d’où l’importance de l’identification des néologismes. La méthodologie s’appuie sur une vaste collecte de corpus oraux, dans lesquels les innovations sont repérées et attribuées à des individus, à des groupes et plus particulièrement à des réseaux de jeunes, dont elles représentent autant de marqueurs pas exclusivement linguistiques. Le but de l’identification des néologismes n’a donc aucun lien avec le souci de savoir si tel ou tel élément a vocation “d’entrer dans la langue”. S’inspirant de la typologie de Sourdou (1998), Podhorná-Polická (2017) opère une première distinction dans la définition de l’hapax considéré

- soit comme une création *hic et nunc*
- soit comme première attestation d’un lexème.

Pour la chercheuse, l’orientation sociolinguistique et la prise de conscience de l’importance des réseaux la conduisent à sous-diviser les hapax en idiolectaux et résolectaux (8), d’un côté et statistique de l’autre. On peut paraphraser sa description par la formulation définitionnelle suivante :

- hapax idiolectal : création *hic et nunc* d’un mot par un seul individu ;
- hapax résolectal : mot qui circule uniquement dans un réseau, souvent une classe d’élèves, et qui est inconnu ailleurs ;
- hapax statistique : mot qui n’est attesté qu’une seule fois dans un corpus donné (mais sans garantie qu’il ne soit présent ailleurs).

Cette triple distinction se justifie par le souci de différencier “les mots d’argot commun et les mots qui se limitent aux micro-argots” (Podhorná-Polická, 2009, p.321). S’agit-il d’une première attestation dans l’usage parlé ou d’une attestation isolée ?

L’auteure réserve *hapax résolectal* (ou *hapax de classe*) aux mots connus uniquement dans un réseau (une classe de lycée). L’hapax idiolectal est le fait de l’énonciation inédite d’une seule personne. L’hapax statistique est d’une autre nature : il s’agit d’une occurrence unique relevée au sein d’un seul corpus.

3.1.1.6 AUTRES HYPONYMES

Pruvost et Sablayrolles (2016, p.58) distinguent quatre catégories d’hyponymes, qui ne se situent pas sur le même niveau :

- hapax conversationnel : hapax entendu ou proféré au hasard d’une conversation (cf. occasionnalisme)
- hapax littéraire : hapax attesté dans un texte littéraire et donc lu et retenu par la communauté linguistique.

Les deux autres catégories revêtent un caractère plus ouvertement social :

- la circulation limitée à un groupe social (cf. *hapax résolectal*)
- la pénétration dans la communauté entière, qui correspond à la phase d’intégration du néologisme.

3.2. QUASI-HAPAX

Nous avons vu que pour la veille néologique on regroupe souvent les hapax et les quasi-hapax (Cartier, 2019), qui sont le plus souvent voués à un traitement à part. En sociolinguistique aussi les quasi-hapax sont considérés comme relevant d’un même phénomène.

3.3. OCCASIONNALISME

L’emploi d’*occasionnalisme* en français est probablement influencé par l’anglais, car on le trouve surtout sous la plume des anglicistes ou des linguistes qui publient surtout en anglais. Il n’est pas exclu, toutefois, que l’origine soit ailleurs. Selon Poix (2019, p.36), citant Dressler et Tumfart (2017), *occasionnalisme* serait la création du linguiste russe E.I. Chanpira (1966), qui le définit comme un mot créé pour sa fonction poétique et qui de ce fait a peu de chances d’être accepté comme véritable néologisme par la communauté linguistique.

L’occasionnalisme est sans doute plus proche de *quasi-hapax* que d’*hapax*, car sa fréquence ne semble pas être un trait définitoire. Ce qui est thématique est plutôt l’occasion à laquelle un nouveau mot est créé. On dit aussi qu’il n’est pas destiné à entrer dans la langue - mais comment le savoir à ce stade ? Pour les linguistes qui s’intéressent à la productivité lexicale plutôt qu’à la néologie (voir à ce titre le numéro 12 de *Neologica*), les occasionnalismes sont des créations plutôt fantaisistes, ludiques et qui dérogent aux règles : “les morphologues français continuent à se méfier des occasionnalismes, qui dérogent à ce qu’ils considèrent comme les règles de construction de lexème établies” (Dal; Namer, 2018). Ils se rapprochent de la conception de la créativité lexicale (*lexical creativity*), qui se différencie de la productivité lexicale, cette dernière faisant l’objet de la plupart des études de ce qui pourrait correspondre à la néologie dans la tradition française.

Il paraît rare que les concepts d'hapax et d'occasionnalisme soient confrontés : Foubert (2021), rendant compte de manière très précise du rôle des occasionnalismes en anglais reflétant l'état de la recherche en néologie de langue anglaise, ne mentionne pas l'hapax dans son article. D'autres spécialistes de la linguistique de corpus et de la linguistique textuelle, comme Stumpf (2021, p.164), ne reconnaissent pas de distinction entre occasionnalisme (le concept d'hapax n'est pas mentionné) et néologisme. À l'instar de Pruvost et Sablayrolles (2019) pour l'hapax, Elsen (2022), en se penchant sur l'allemand, considère les occasionnalismes comme des néologismes à part entière.

4. EXPLICITER LA TERMINOLOGIE DE LA NEOLOGIE : UN DICTIONNAIRE

Il n'échappera pas au lecteur de ces lignes que la description que nous faisons de ces quelques concepts à la base de la néologie et de la néonymie ressemble à des notes prises en vue de la rédaction d'un article de dictionnaire. Pourquoi alors ne pas franchir le pas et proposer un dictionnaire de la néologie ? Les précédents ne manquent pas : nous avons déjà évoqué la *Terminologie de la traduction* (Delisle et al, 1999), qui n'est qu'un parmi d'autres dictionnaires de la traduction (Pym (2011), Palombo (2009)). La linguistique en général a ses dictionnaires de référence (Dubois [1972] (2012), Neveu [2004] (2011)), sans parler de certaines de ses applications. C'est dans cet esprit que Giovanni Tallarico et ses collègues ont proposé un projet de dictionnaire de la néologie, qui a été présenté au colloque CINEO 5 à Gênes en septembre 2022 (Tallarico et al, 2024). La présentation s'est notamment appuyée sur l'analyse de *hapax* que nous venons d'esquisser et sur sa mise en forme lexicographique.

Les articles du futur dictionnaire seront analytiques et descriptifs : ils comporteront une présentation des différents points de vue sur les concepts de la néologie. Une place est prévue pour des suggestions terminologiques, y compris pour celle des dénominations où l'usage hésite (comme entre *termicité* et *termitude*) ou n'est pas encore établi (comme pour *unicité* pour fournir un équivalent français de *unithood*).

CONCLUSION

L'analyse de quelques termes de base des études de néologie met en évidence certains principes méthodologiques. L'étude des traits définitoires de la néologie terminologique révèle ponctuellement des carences au niveau des dénominations en français. Il revient au néographe d'en proposer en les motivant : d'où les propositions de *termicité* et d'*unicité*. Le traitement du terme *hapax* est certainement le plus typique du travail de néographie spécialisée : le concept existe d'abord en dehors de la néologie et sa définition générale reste prégnante dans tous les contextes. Ensuite, nous constatons que les acceptions de *hapax* dépendent surtout des visées dans lesquelles le concept est utilisé et le plus souvent adapté. Ces adaptations peuvent donner lieu à la création de dénominations qui expriment les hyponymes. Selon le point de vue, ces différentes acceptions du terme peuvent être contrastées avec d'autres : *occasionnalisme* est-il un synonyme, un hyponyme de *hapax* ou encore sans lien avec ce vocable ? C'est à ce genre de question que la néographie se doit d'apporter des éléments de réponse objectives et correctement documentées.

REFERENCES

- BALNAT, V.; GÉRARD, C. (Org.). Les études de néologie au XXI^e siècle : un état de la recherche européenne. *Neologica*, Paris, v. 15, 2021.
- BOWKER, L.; PEARSON, J. *Working with specialized language: a practical guide to using corpora*. London: Routledge, 2002.
- CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. Une théorie multidimensionnelle des néologismes. *Neologica*, Paris, v.15, p. 25-41, 2021.
- CABRÉ CASTELLVÍ, M. T.; DOMENECH-BAGARIA, O.; SOLIVELLAS, I. La classification des néologismes. Révision critique et proposition d'une typologie multivariée et fonctionnelle. *Neologica*, Paris, v. 15, p. 43-62, 2021.
- CARTIER, E. Néoveille: plateforme de repérage/suivi de néologismes. *Neologica*, Paris, v. 13, p. 23-54, 2019.
- CARTIER, E. Néologie et description linguistique pour le TAL. *Langages*, Paris, v. 183, p. 105-117, 2011.
- CASEVITZ, M. Sur les dictionnaires et les néologismes. *Raison présente*, v. 221, p. 55-62, 2022.
- CORMIER, Y. ; RUSSON, W. *Dictionnaire du français acadien*. University of Toronto Quarterly, v. 70, n. 1, p. 172, 2000.
- DAL, G.; NAMER, F. Les occasionnalismes et la question de la productivité. Le locuteur à l'œuvre. Pourquoi ? Comment ? *Neologica*, Paris, v. 12, p. 71-89, 2018.
- DELISLE, J.; HANNA, L.-J.; CORMIER, M. *Terminologie de la traduction/Translation Terminology/Terminologia de la traduccion/Terminologie der Überetzung*. Conférence Internationale Permanente d'Instituts universitaires de traduction. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamin, 1999.
- DUBOIS, J. *Le dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*. Paris: Larousse, [1972] 2012.
- ELSEN, H. *Neologismen. Ein Studienbuch*, coll. Narr Studienbücher, Tübingen, Narr, 2022.
- FAYANT, M.-C. Tradition et nouveauté dans les Dionysiaques de Nonnos de Panopolis. In: SABLAROLLES, J.-F (Org.). *L'innovation lexicale*. Paris: Honoré Champion, 2003, p. 361–375.
- FIÈVET, A.-C.; PODHORNA-POLICKA, A. D'un hapax au Robert : vingt ans de diffusion d'un néologisme identitaire pour les jeunes. In: SÁNCHEZ IBÁÑEZ, M. *et al.* (Org.). *La renovación léxical en las lenguas románicas. Proyectos y perspectivas*. Murcia: Universidad de Murcia, 2017. p. 45-58.

FOUBERT, O. Institutionalisation, conventionalisation and the social nature of neologisms. *Neologica*, v. 15, 2021, p. 117-132.

GENTILHOMME-KOUTYRINE, Y. Regards sur la terminologisation en lexicologie. *Meta*, v. 39, n. 4, 1994, p. 546-560.

HILDENBRAND, Z.; KACPRZAK, A.; SABLAYROLLES, J.-F. *Emprunts néologiques et équivalents autochtones en français, en polonais et en tchèque*. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.

HUMBLEY, J. *La néologie terminologique*. Limoges: Lambert-Lucas, 2018.

HUMBLEY, J.; SABLAYROLLES, J.-F. (Org.). Lexique, nouveauté et productivité *Neologica*. Paris, v. 12, 2018.

Organisation International de Normalisation. *Travail terminologique et science de la terminologie* — Vocabulaire. Norme ISO 1087, 2019.

JACQUET-PFAU, C. Au fil de la pandémie de Covid-19, entre mots et termes. *Estudios románicos*, v. 31, 2022, p. 203-215.

KAGEURA, K.; UMINO, B. Methods of automatic term recognition: A review, *Terminology. International Journal of Theoretical and Applied Issues in Specialized Communication*, v. 3, n. 2, 1996, p. 259-289.

KERREMANS, D. *A Web of new words: a corpus-based Study of the Process of English Neologisms*. Bern : Peter Lang, 2015.

KIM, M. *Variation terminologique en francophonie : élaboration d'un modèle d'analyse des facteurs d'implantation terminologique*. Tese (Doutorado em Linguística) – Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris, 2017. Disponível em : <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01859665/>

MARTIN, R. *Linguistique de l'universel*. Édition augmentée d'une Annexe et d'un Index des notions. Paris : Académie des inscriptions et belles lettres, 2021.

MESTIVIER, A. (2022) [compte rendu de] Warburton. 2021. *The Corporate Terminologist*. John Benjamins. *Asp*, v. 81, 2022, p. 67-74. <https://doi.org/10.4000/asp.7790>

MEYER, I. ; MACKINTOSH, K. L'étirement du sens terminologique : aperçu du phénomène de la déterminologisation. In : BEJOINT, H. ; THOIRON, P. (Org.). *Le sens en terminologie*. Lyon : Presses universitaires, 2000, p. 198-217.

NEVEU, F. *Dictionnaire des sciences du langage*. 2 ed. Paris: Dunod, [2004]/2011.

PALUMBO, G. *Key terms in translation studies*. Londres : Continuum, 2009.

Le Petit Robert : dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris : Le Robert. 2023.

PLANCHON, C. Anglicismes dans la presse écrite : Le bilinguisme de milieu peut-il expliquer l'anglicisation ? *Journal of French Language Studies*, v. 28, n. 1, 2018, 43-66.

PODHORNÁ-POLICKÁ, A. *Les sources de la néologie et de l'expressivité lexicale dans le « lexique marqué » des jeunes Tchèques et Français*. Tese (Doutorado em Linguística) – l'Université de Brno, République Tcheca 2005. https://www.academia.edu/2562054/Les_sources_de_la_n%C3%A9ologie_et_de_lexpressivit%C3%A9_lexicale_dans_le_lexique_marqu%C3%A9_des_jeunes_Tch%C3%A8ques_et_Fran%C3%A7ais

PODHORNÁ-POLICKÁ, A. *Universaux argotiques des jeunes : analyse linguistique dans les lycées professionnels français et tchèques*. République Tcheca : Université de Brno, 2009.

POIX, C. Les jeux de mots dans la littérature pour la jeunesse : typologie des procédés de (ré)création lexicale et stratégies de traduction des créations *ex nihilo*. In : BRISSET, C. *Et al.* (Org.). *Du jeu dans la langue : Traduire les jeux de mots*. Lille : Presses Universitaires du Septentrion, 2019, p. 35-51.

POIX, C. Études francophones de néologie : complexité terminologique, *Neologica*, v. 15, 2021, p. 95-115.

PORTELANCE, C. Fertilisation terminologique ou insémination terminologique artificielle?, *Meta*, v. 32/3, 1987, p. 356-360.

PRUVOST, J.; SABLAYROLLES, J.-F. *Les néologismes*. Paris: PUF, 2019.

PYM, A. Translation research terms: a tentative glossary for moments of perplexity and dispute. *Translation research projects*, v. 3, 2011, p. 75-110.

RAGOT, P. La notion de néologisme appliquée au grec ancien à travers l'exemple de ἀγῆλατος (purificateur), *Neologica*, v. 21, 2021, p. 227-244.

RENOUF, A. A finer definition of neology in English. The life-cycle of a word. In: HASSELGAARD, E.; OKSEFJELL, E. (Org.). *Corpus Perspectives on Patterns of Lexis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013, p. 177-207.

RENOUF, A. Some corpus-based observations on déterminologisation. *Neologica*, v. 11, 2017, p. 21-48.

RIGGS, F. Social science terminology. *International classification*, v. 6, n. 3, 1979, p. 150-158.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie* [1981], Chicoutimi: Gaëtan Morin éditeur, 1984.

SABLAYROLLES, J.-F. Traitement et suivi de la diffusion de néologismes repérés par des extracteurs. *Neologica*, v. 13, 2019, p. 55-69.

SABLAYROLLES, J.-F.; HUMBLEY, J. Terminologie de la néologie : quelques concepts et termes problématiques. *Neologica*, v. 15, 2021, p. 63-96.

SAGER, J. C. Term formation. *Lebende Sprachen*, v. 34, n. 4, 1989, p. 159-161.

SCHMID, H.-J. New words in the mind: concept-formation and entrenchment of neologisms. *Anglia*, v. 126, n. 1, 2008, p. 1-36.

SOURDOT, M. De l'hapax au Robert : les cheminements de la néologie. *La linguistique*, 1998, p. 111-118.

STUMPF, S. Occasional word formations in written and spoken German, *Neologica*, v. 15, 2021, p. 151-169.

TALLARICO, G., HUMBLEY, J., JACQUET-PFAU, C., KACPRZAK, A., MUDROCHOVA, R., CARTIER, E. Pour un dictionnaire de la néologie. In : ROSSI, M. (Org.), *Néologie, terminologie et variation*, 2024, v. 310. Bern : Peter Lang, Linguistic insights, p. 123-140.

TEMMERMAN, R. *Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2000.

TEMMERMAN, R. The Process of (Neo-) lexicalisation: the case of the life sciences. In: *Third International Terminology Meeting 19-20 April 1996*. 1997. <https://researchportal.vub.be/en/publications/the-process-of-neo-lexicalisation-the-case-of-the-life-sciences>

VAN WETTERE, N. The hapax/type ratio: An indicator of minimally required sample size in productivity studies. *International Journal of Corpus Linguistics*, 2022. <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/ijcl.19114.van>

WARBURTON, K. *The corporate terminologist*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2021.

WÜSTER, E. *Einführung in die allgemeine Terminologielehre und terminologische Lexikographie*, v. 8. TU Wien, 1979.

NOTES

(1) Realiter: <http://www.realiter.net/>; pour le dernier colloque de CINEO, voir <https://certem.unige.it/node/24#FR>

(2) Le projet axé sur les emprunts néologiques a réuni des études portant sur le français, le polonais et le tchèque ainsi que d'autres langues, publiées entre autres dans Hildenbrand et al (Org.) (2016).

(3) Boutin-Quesnel et al (1985) définissent *vocabulaire* comme "l'ensemble des termes propres à un domaine, à un groupe de personnes, ou à un individu".

(4) “Warburton suggests that in corporate terminography unithood has to take precedence over termhood, and candidates with a weak or moderate termhood may be included if they present a translation difficulty, if they are frequent in the company corpus or if they are essential for a given application” (Mestivier, 2022, p.70).

(5) “Il [Cartier] écrit ainsi, entre autres, “en modifiant la notion d’hapax” (p. 144), “il est nécessaire de réviser la notion d’hapax” (p. 187). “ Hapax au sens strict et au sens large (<6)” p. 187, etc.” (Sablayrolles; Humbley, 2021, p.65).

(6) Dans des conversations où elle présentait des projets de recherche.

(7) *Phonautographe* a son entrée dans *Wikipédia* depuis 2007. <https://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Phonautographe&action=history>

(8) Podhorná-Polická (2005, p. 96) explique ainsi ce choix de métalangage : “Certains travaux d’argotologie comparative ont subi des critiques d’ordre méthodologique ce qui nous paraissait très pertinent au début de nos recherches. Pour contourner la problématique des hapax, des créations ad hoc et la question bien pesante du caractère éphémère de certaines expressions, nous avons opté pour une approche de l’intérieur : l’unité de base est, en notre méthodologie de travail, une classe scolaire. Pour décrire les pratiques des jeunes, nous avons opté pour le terme du résolecte”.

APPROCHE ONOMASIOLOGIQUE DES CONCEPTS ARBRE ET FRUIT. THÉORIE, DIACHRONIE ET ENSEIGNEMENT

Anna ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS

INTRODUCTION

Dans le cadre de l'approche onomasiologique d'orientation cognitive, les concepts ARBRE et FRUIT seront analysés dans des langues naturelles et plus spécialement les noms d'arbres en relation avec le nom du fruit correspondant en grec moderne (GM). Nous examinerons (i) les noms d'arbres fruitiers et (ii) les noms dont les fruits ne sont pas comestibles : (i) ex. GM *mīl(o)* 'pomme' → *mīl-ia* 'pommier', fr. *pomme* → *pommier*, ang. *apple* → *apple-tree*, it. *mela* → *albero di mele*, esp. *manzana* → *arbol de manzana*, port. *maçã* → *árvore de maçã*, all. *Apfel* → *Apfelbaum* ; (ii) ex. *kiparisi* 'cypres' → *kiparisómilo* 'pomme de cypres'. Le but de cette analyse est d'examiner si, d'une part, on peut faire des prédictions sur les modes de dénomination dans l'évolution des langues et si, d'autre part, l'enseignement du vocabulaire des noms d'arbres et fruits peut être facilité, grâce à ces prédictions. Par la suite, dans le cadre de la morphologie constructionnelle de Danielle Corbin (1987, 1991), en focalisant sur le GM, nous examinons les noms dénominatifs qui désignent l'arbre fruitier et qui sont construits au moyen du suffixe *-ia* '-ier' s'appliquant au nom de base désignant le fruit correspondant, ex. *mīl(o)* 'pomme' → *mīl-ia* 'pommier'.

Pour le GM le corpus est constitué (i) du livre de Sarantakos (2013), qui présente un grand intérêt culturel, littéraire et avant tout linguistique, puisqu'il donne des informations étymologiques ainsi que la trace linguistique des fruits, par ex. des expressions comportant des noms de fruits comme *piso échi i achláda tin ourá* 'vous ne perdez rien pour attendre' (2013, p. 29) et (ii) du livre de Giannopoulos (éd. 1969), où une des six unités est dédiée aux fruits. Il comprend trente noms d'arbres fruitiers dont vingt-deux sont construits au moyen du suffixe *-ia* '-ier' appliqué au nom correspondant du fruit, ex. *achlaðiá* 'poirier', quatre constituent des termes strictement scientifiques, ex. *píros* pour *achlaðiá* 'poirier', dans trois le nom du fruit étant une variété n'a pas de relation formelle avec le nom d'arbre, pourtant construit au moyen du suffixe *-ia* '-ier', ex. *fíriki* 'variété de pomme' – *miliá* 'pommier', et dans un seul cas le même mot désigne le fruit et l'arbre/cactée : *fragkostáfilo* 'figue de Barbarie'.

Après l'introduction, nous présenterons en premier lieu les points principaux de l'approche onomasiologique d'orientation cognitive, par la suite, nous nous arrêterons sur des points présentant un intérêt diachronique, et, en dernière partie, nous essaierons de montrer l'intérêt de l'analyse proposée pour que l'enseignement d'une langue L1, L2 ou langue d'héritage soit plus efficace.

1. CADRE THÉORIQUE

Nous adoptons d'une part l'approche onomasiologique cognitive (cognitive onomasiological approach). Et, d'autre part, le cadre théorique de morphologie constructionnelle de Danielle Corbin (1987); Corbin, Corbin (1991) quant à l'analyse morphologique.

Selon la tradition européenne de lexicologie et de sémantique structurale, l'étude du lexique peut être abordée de deux manières : du point de vue sémasiologique et onomasiologique (Baldinger, 1964). Dans le cadre de l'approche sémasiologique, on

commence par le mot/l'unité lexicale pour aborder son contenu sémantique ; c'est le point de vue des dictionnaires généraux, dont le but principal est d'aider l'utilisateur à la compréhension. Par contre, dans l'approche onomasiologique, on commence par le concept pour examiner les mots/les unités lexicales qui appartiennent au même champ, indépendamment de toute relation étymologique, ex. le concept ARBRE comprend les mots *achladiá* 'poirier', *koukounariá* 'pin pignon' – *péfko* 'pin', *kiparisi* 'cyprès', *drís* 'chêne', *léfka* 'peuplier' etc. Il s'agit de l'approche adoptée par les dictionnaires analogiques ou onomasiologiques (1). Les deux approches sont complémentaires pour l'étude du lexique dans sa totalité (Anastassiadis-Syméonidis, 2017).

Pourtant, les 40 dernières années, l'approche onomasiologique a évolué et, enrichie, elle est intégrée dans le cadre théorique de la sémantique cognitive, qui est, aujourd'hui le cadre théorique dominant pour l'étude du sens. De ce point de vue, on pourrait prédire le chemin suivi par le changement sémantique ainsi que les schémas de polysémie (structures polysémiques), puisqu'il y a, en effet, des schémas sémantiques systématiques (Vanhove, 2008, p. 366).

L'approche onomasiologique cognitive diachronique (Blank, 2001) étudie, dans une langue, les stratégies principales de conceptualisation et de dénomination d'un concept, elle recherche les concepts-sources qui, probablement, se répèreraient à un niveau universel et décrit les processus lexicaux utilisés par les locuteurs. Selon Blank (2001, p. 16), dans une perspective interlinguistique, on étudie l'universalité des conceptualisations saillantes ainsi que la façon dont différentes conceptualisations mènent par voie de conséquence à une toute autre tendance quant à l'investissement linguistique de concepts appartenant à des champs. Enfin, la conceptualisation elle-même peut varier au cours de l'histoire d'une langue. Dans ce cadre (Blank, 2001, p. 21-22), il est possible de décrire les changements lexicaux à travers les stratégies principales utilisées par une langue pour la dénomination des concepts et l'interprétation de celles-ci en termes de saillance perceptive d'un point de vue cognitif. Il en est de même pour la description de la réorganisation des structures conceptuelles. Dans ce sens, l'histoire des concepts qui intègre le changement sémasiologique des signes linguistiques contribue à une meilleure compréhension de la façon dont les locuteurs perçoivent et interprètent le monde extralinguistique, et cela constitue très probablement une petite contribution de la linguistique à une meilleure compréhension de l'esprit humain.

2. DIACHRONIE

Dans le cadre de l'approche onomasiologique, la recherche de Koch (1999, p. 336) présente un grand intérêt. En prenant comme point de départ les concepts ARBRE et FRUIT dans 27 langues naturelles non seulement européennes, il a remarqué que le nom de l'arbre est tantôt construit sur le nom du fruit, ex. *achládi* 'poire' → *achladiá* 'poirier' et tantôt c'est l'inverse, ex. ang. *beech* 'hêtre' → *beechnut* 'fruit du hêtre'. L'explication proposée réside dans le fait que, dans le premier cas, le fruit est plus important et, par conséquent, il est plus saillant du point de vue cognitif. Par contre, dans le deuxième cas, c'est le bois qui est important et non le fruit. Ainsi la conceptualisation des arbres et des fruits dépend-elle, en grande partie, de notre expérience et de leur relation avec nous. Il y a donc des constantes cognitives qui influent à un niveau interlinguistique sur nos schémas dénominatifs. Blank (2001, p. 19-20), en commentant les résultats de la recherche de Koch, signale que ce n'est pas une surprise le fait que, dans beaucoup de langues, le concept saillant est dénommé par un mot simple, tandis que le concept moins saillant est dénommé par un mot construit ayant comme base le mot simple. Il est à noter que, selon Koch (1999, p. 343), les néologismes désignant des arbres et des fruits ne sont

pas construits de façon arbitraire, mais qu'ils sont fondés sur la cognition ; les contre-exemples ne font que montrer que la dénomination des concepts est plutôt gouvernée par des probabilités qui nous permettent de prédire l'amplitude des choix dénominatifs. Il résulte de la recherche de Koch (1999) que, s'il y a un changement linguistique, une langue, même si elle utilise aussi des stratégies non typiques, suivra la solution la plus typique pour dénommer la relation FRUIT et ARBRE. Un exemple vient du grec, qui, abandonnant le changement du genre pour dénommer la relation FRUIT et ARBRE, a adopté une stratégie plus typique, qui consiste à marquer la relation la plus transparente, bien que le système conceptuel reste le même : fr. *poire*, esp., port., catal. *pera*, 'poire' → fr. *poirier*, esp. *peral*, port. *pereira*, catal. *perer(a)*, 'poirier', GM *achládi / apídi* → *achladiá/apidiá*. Ce n'est pas un hasard si le nom de l'arbre a été construit sur le nom du fruit, qui est plus saillant pour l'homme.

Koch (1999, p. 334) propose 5 schémas utilisés par les langues pour dénommer les mots correspondant aux concepts ARBRE et FRUIT. Voici ces schémas qui illustrent les relations morphologiques, quand elles existent :

Tableau 1. Noms d'arbres et de fruits – Types de relations morphologiques

1. NF ← NA	Dérivation All. <i>Eichel</i> 'gland' ← <i>Eich</i> 'hêtre' composition ang. <i>fir cone</i> 'pomme de pin' ← <i>fir</i> 'sapin'
2. NA ← NF	Dérivation fr. <i>pommier</i> ← <i>pomme</i> composition ang. <i>apple-tree</i> 'pommier' ← <i>apple</i> 'pomme'
3. NA = le NF	rus. <i>груша</i> 'poire' ; 'poirier' (métonymie)
4. NA le même lexème que le NF mais de genre différent	lat. <i>malum</i> 'pomme' ≈ <i>malus</i> 'pommier'
5. NF sans relation de forme avec le NA	ang. <i>acorn</i> 'pomme de pin' <i>oak</i> 'hêtre'

Où NF = nom de fruit, NA = nom d'arbre, ← marque une relation morphologique constructionnelle.

En commentant le tableau ci-dessus, Koch (1999, p. 335) arrive à la conclusion qu'il y a des relations constructionnelles, comme la dérivation et la composition, ou des relations morphologiques d'un autre ordre, comme le changement de genre entre le nom d'arbre et le nom du fruit, comme par exemple dans les schémas 1, 2 et 4, ce qui montre qu'il y a une tendance aux dénominations non arbitraires. Il note aussi qu'à 1 l'arbre est beaucoup plus important (il est utilisé pour son bois, son ombre ou symboliquement comme un arbre sacré) (2), c'est-à-dire qu'il est plus saillant que le fruit, comme il résulte de la construction du nom du fruit (composition), où le nom de l'arbre fonctionne comme un modifieur. Par contre, le fruit (1999, p. 340), quand il est important, car comestible (schéma 2), constitue la base de construction du nom de l'arbre par suffixation, ex. *poirier*, ou par composition, ex. ang. *apple-tree* 'pommier'.

Il faut mentionner ici la recherche de Efthymiou sur le GM (1999, p. 39-43), pour les conditions de participation du suffixe *-ia* 'ier' dans un mot suffixé : le suffixe est appliqué à des bases désignant un fruit comestible, c'est-à-dire à des entités concrètes, naturelles, individuelles, fonctionnelles et distinctes du reste de la plante ; le dérivé

désigne des arbres ou des plantes, c'est-à-dire il réfère à une unité autonome, naturelle et saillante, dans l'ordre de l'expérience humaine quotidienne.

Pour le schéma 3 Koch remarque (1999, p. 342) que la même forme désigne le nom de l'arbre et du fruit, ex. rus. *груша* 'poire, poirier' ; on est devant un mot polysémique dont le premier sens est celui du fruit, d'où, par métonymie, découle le sens de l'arbre (3). Enfin, pour le schéma 5 Koch signale qu'il n'existe aucune relation de forme entre le nom du fruit et celui de l'arbre, puisque chacun constitue un lexème différent sans aucune relation entre eux, étant non motivés du point de vue cognitif (1999, p. 337), ex. grec ancien (GA) ὄξύα/ ὄξύη /*oksía, oksíē*/ 'hêtre' - ἄχλος /*áchlos*/ 'pomme de pin', βάλος /*válos*/ 'pomme de pin' (4), GM *oksiá* 'hêtre' – *velanídi* 'pomme de pin'. Dans sa conclusion (1999, p. 343), Koch note que sa recherche onomasiologique de type cognitif sur la relation ARBRE – FRUIT et les schémas qu'il a révélés constituent pour un grand nombre de langues des tendances et des constantes cognitives qui aboutissent à des schémas dénominatifs interlinguistiques. Il ajoute que les néologismes afférents ne sont pas construits de manière arbitraire, mais qu'il est possible de prédire, en grande partie, les possibilités offertes au néologue, puisqu'en général, on observe une interdépendance dénomminative entre le nom de l'arbre et le nom du fruit.

Quelle est la situation en GM ? Le GA utilisait le schéma 4 de changement du genre (5), ex. GA ἄπιος /*ápios*/ (fém.) 'poirier' → ἄπιον /*ápion*/ (neut.) 'poire'. Il utilisait aussi le schéma 3, c'est-à-dire la forme dénommant à la fois le concept ARBRE et celui de FRUIT, ex. GA ἐλαία /*elaía*/ (6), GM *eliá* 'olive, olivier', GA ἀσπάραγος /*aspáragos*/ et GM terme scientifique *aspáragos*, GM *sparági* 'asperge'. Mais, nous considérons que le schéma dominant en grec pour les arbres fruitiers était et continue d'être le schéma NF → NA, ex. GA σῦκον /*sykon*/ (neut.) 'figue' → συκέα/συκῆ /*sykéa, syké*/ (fém.) 'figuier', μόρον /*móron*/ (neut.) 'mûre' → μορέα/μορέη /*moréa, morée*/ (fém.) 'mûrier', κάστανον /*kástanon*/ (neut.) 'châtaigne' → καστανέα /*kastanéa*/ (fém.) 'châtaignier', ἀμυγδάλη/ἀμύγδαλον /*amygdále, amygdalon*/ (neut.) 'amande' → ἀμυγδαλέα/ἀμυγδαλή /*amygdaléa, amygdalé*/ (fém.) 'amandier'. Cependant, dans le cas où une forme désigne à la fois le fruit et l'arbre, l'analyse de Koch (1999, p. 342) (le nom du fruit donne toujours le nom de l'arbre par métonymie) ne devrait pas être adoptée dans tous les cas : il faut dans chaque culture examiner la contribution des référents. Plus spécialement, nous considérons qu'en GA dans le cas de ἐλαία /*elaía*/ 'olive, olivier', c'est plutôt le nom de l'arbre qui vient en premier (7), puisque c'était l'arbre que la déesse Athéna avait offert aux habitants d'Athènes, et par conséquent il s'agit d'un arbre sacré doté de sens symbolique (8). De ce point de vue, la relation sémantique entre ἐλαία /*elaía*/, *eliá* 'olivier' et ἐλαία /*elaía*/, *eliá* 'olive' est méronymique.

En GM le cas du mot *aktinídio* 'kiwi' est très intéressant ; il s'agit d'un néologisme du début des années '70 (9) désignant à la fois le fruit et l'arbre. Un peu plus tard, vers 2000, dans le discours oral, on constate la distinction entre les deux concepts au niveau lexical : *aktinidiá* 'arbre produisant les kiwis' et *aktinídio* 'kiwi'. De même, *lotós* 'kaki', et *lotós* 'arbre produisant les kakis' et dernièrement *lotiá* 'arbre produisant les kakis' (10). Les néologismes *aktinidia* 'arbre produisant les kiwis' et *lotiá* 'arbre produisant les kakis' ont suivi la stratégie dominante de dénomination du concept de l'ARBRE au moyen du suffixe *-iá* 'ier', c'est-à-dire que le GM pour son système constructionnel sélectionne un schéma saillant (11).

Tableau 2. Noms d’arbres et de fruits en grec – schémas des relations morphologiques et sémantiques

1. NF ← NA	Dérivation (souvent diminution) GA δαφνίς /<i>dafnís</i>/ ‘fruit du laurier’ ← δάφνη /<i>dáfni</i>/ ‘laurier’, GA κεράσιον /<i>kerásion</i>/ (neut.) ‘cerise’ ← κερασός /<i>kerasós</i>/ (masc.) ‘cerisier’ Composition GM <i>kiparisómilo</i> ‘noix de cypres’ ← <i>kiparísi</i> ‘cypres’, <i>platanómilo</i> ‘gland de platane’ ← <i>plátanos</i> ‘platane’, <i>dafnokóúkoutso</i> ‘baie de laurier’ ← <i>dáfni</i> ‘laurier’
2. NA ← NF	Dérivation GA μηλέα /<i>meléa</i>/ ‘pommier’ ← μήλον /<i>mélon</i>/ ‘pomme’ NE <i>miliá</i> ‘pommier’ ← <i>mílo</i> ‘pomme’ Composition GA καρυόδενδρον (12) /<i>karyódenδron</i>/ ‘noyer’ ← κάρυον /<i>káryon</i>/ ‘noix’, GM <i>kakaódentro</i> ‘cacaotier’ ← <i>kakáo</i> ‘cacao’, <i>artódentro</i> (13) ‘arbre à pain’
3. NA le même que le NF	GA ἐλαία /<i>elaía</i>/ ‘olive’ ← ἐλαία /<i>elaía</i>/ ‘olivier’ (méronymie) GM <i>eliá</i> ‘olivier’ ← <i>eliá</i> ‘olive’ (14) (métonymie)
4. NA le même lexème mais avec changement de genre	GA ἄπιος /<i>ápios</i>/ (fém.) ‘poirier’ → ἄπιον /<i>ápiον</i>/ (neut.) ‘poire’
5. NF sans relation lexicale avec le NA (15)	GA σταφυλή /<i>stafylé</i>/ ‘grappe de raisins’ ἄμπελος /<i>ámpelos</i>/ ‘vigne’ GM <i>velanídi</i> ‘gland’ <i>drís</i> ‘hêtre’ <i>stafyli</i> ‘raisin’ <i>klíma</i> ‘vigne’ [-savant], <i>ámpelos</i> ‘vigne’ [+savant]

Où NF = nom de fruit, NA = nom d’arbre, ← ou → marquent une relation morphologique (flexionnelle ou constructionnelle) ou sémantique.

3. DIDACTIQUE

Quelle est la situation en GM ? Si l’on connaît le système du GM, on peut, d’une part, prédire le changement linguistique, par exemple la construction des néologismes *aktiniðiá* et *lotiá*, et, de l’autre, enseigner de façon plus efficace ce micro-système. En adoptant l’analyse de Koch dans le cadre de l’approche onomasiologique d’orientation cognitive (1999) et celle de Efthymiou sur le suffixe *-iá* ‘-ier’ (1999/2012) dans le cadre de la morphologie constructionnelle de D. Corbin (1987 ; Corbin ; Corbin 1991), nous allons nous occuper des concepts ARBRE et FRUIT, parce que nous considérons que cette option contribuera à une approche systématique de l’enseignement du vocabulaire.

Selon Efthymiou (1999/2012, p. 39-43), le suffixe *-iá* ‘-ier’, qui sert à construire des substantifs à sens anthropocentrique, comprend un certain nombre de micro-systèmes, dont celui construisant les noms d’arbres fruitiers, ex. *apídi* ‘poire’ → *apíðiá* ‘poirier’ : le suffixe *-iá* ‘-ier’ s’applique au Nb référant aux fruits qui sont familiers, utiles et saillants. Et Efthymiou complète cette analyse judicieuse en ajoutant que les mêmes conditions sont valables pour la classe des légumes dans une définition populaire

(Efthymiou, 1999/2012, p. 40) : *patáta* ‘pomme de terre’ → *patatiá* ‘pied de pomme de terre’, *aggouri* ‘concombre’ → *aggouriá* ‘pied de concombre’, *domáta* ‘tomate’ → *domatiá* ‘pied de tomate’, *kolokythi* ‘courgette’ → *kolokythiá* ‘pied de courgette’.

Il s’agit des dénominations du niveau de base (Geeraerts, 2010, p. 199-201), fondé sur l’hypothèse de l’observation ethnolinguistique, à savoir que les taxinomies populaires en biologie obéissent souvent à un principe général organisateur : elles sont constituées de cinq ou six niveaux taxinomiques, ex. le mot *péfko* ‘pin’.

Royaume : *plante*

Forme de vie : *arbre*

Intermédiaire : *à feuillage persistant*

Genre : *pin*

Espèce : *pin parasol*

Au plus haut niveau, le domaine principal est dénommé et catégorisé, comme *plante* ou *animal*, lequel est divisé à des formes de vie, qui se spécialisent aux genres populaires comme *pin* ou *peuplier*. Un genre populaire peut, par la suite, se spécialiser. Le niveau du genre constitue le niveau de base, dans la mesure où il se trouve au cœur de toute classe biologique populaire : il est saillant du point de vue onomasiologique, ce qui est transmis aux termes qu’il contient. Ces termes se présentent en premier dans une recherche ethnobiologique, apparemment à cause de leur caractère usité, puisqu’ils réfèrent à des catégories de tous les jours des connaissances biologiques populaires (Berlin, 1978, p. 17 puisé dans Geeraerts, 2010, p. 200). Selon Rosch et al. (1976) au niveau de base apparaissent les traits de la catégorie prototypique, dans le sens où les membres de la catégorie partagent la plupart des traits, tout en présentant très peu de traits communs avec les membres d’autres catégories. Enfin, selon Geeraerts (2010, p. 200-201) du point de vue développemental, les mots du niveau de base sont acquis en premier et du point de vue morphologique ce sont des mots simples. Néanmoins, il est à noter qu’au niveau de base (du genre), s’il s’agit d’un arbre fruitier dont le fruit est plus saillant, les noms d’arbre constituent des mots construits dont le nom de base désigne le fruit.

Plus spécialement, pour la didactique des mots construits au moyen du suffixe *-iá* ‘-ier’, Efthymiou fait des propositions intéressantes (1999/2012, p. 117-137), que nous adoptons. Dans le cadre de l’approche onomasiologique, nous proposons en plus ceci : parce que le système prototypique du GM pour la dénomination des concepts ARBRE et FRUIT suit le schéma 2 de Koch, c’est-à-dire *mílo* ‘pomme’ → *miliá* ‘pommier’, nous proposons

(i) d’enseigner (explicitement ou pas selon le niveau des apprenants) cette relation morphologique en utilisant le processus de découverte de la Règle de Construction de Mots (RCM) :

[[X]_N (-iá)_{suffixe}]_N où X est le nom de base de genre neutre désignant le fruit comestible, *-iá* est le suffixe qui s’applique au nom de base pour construire le nom dérivé de genre féminin désignant l’arbre ;

(ii) d’utiliser la stratégie de la segmentation morphologique pour le nom dérivé dénotant le concept ARBRE (FRUITIER) : *míl(o)* + *-iá* ‘-ier’ (Anastassiadis-Symeonidis & Mitsiaki, 2010 ; Anastassiadis-Symeonidis, 2019 ; Mitsiaki & Anastassiadis-Symeonidis, 2021). L’enseignement de la RCM peut être présenté aux apprenants dès le niveau A2 avec des exemples comme *portokáli* ‘orange’ → *portokaliá* ‘oranger’, et l’enseignant peut la répéter à tous les niveaux et aux niveaux C1 et C2 l’appliquer à des néologismes sur l’exemple de *lira* ‘monnaie d’or’ → *liriá* ‘arbre qui produirait des monnaies d’or’. Il serait profitable pour les apprenants d’utiliser aussi des stratégies mnémotechniques, comme par ex. d’une part, établir une liaison entre la femme et le nom d’arbre fruitier, qui est féminin, étant donné qu’il ‘procrée’ lui aussi des fruits ; et, d’autre

part, souligner que le nom du fruit est neutre comme les mots utilisés en GM pour dénommer le petit enfant (*moró* ‘bébé’, *vréfos* ‘nourrisson’, *neogénrito* ‘nouveau-né’, *lechoudi* ‘nouveau-né’, *lechoudáki* ‘nouveau-né’, *neognó* ‘nouveau-né’, *paidi* ‘enfant’) (Anastassiadis-Syméonidis, 2012b). Toutes ces informations pourraient être intégrées dans un cours sur le marché, un sujet très banal dans tous les manuels d’enseignement du GM comme L1, L2 et langue d’héritage.

En plus, il faudrait mentionner le registre de langue du suffixe *-iá* ‘-ier’ et de ses dérivés : ils appartiennent tous à la zone du [-savant] (Anastassiadis-Syméonidis & Fliatouras, 2019, p. 26). En effet, pour respecter la compatibilité pragmatique, il faut que le suffixe [-savant] *-iá* ‘-ier’ s’applique au nom de base [-savant] désignant le fruit, ex. *karpouzi* ‘pastèque’ [-savant], *ýdropépon* ‘pastèque’ [+savant] (terme de botanique) → *karpouziá* ‘pied de pastèque’ [-savant], **ýdropeponiá* ‘pied de pastèque’.

En ce qui concerne la question de synonymie, elle peut se poser même pour les apprenants avancés : à quel degré les mots *finikas-finikiá-finikódentro* ‘palmier’ sont-ils synonymes ? Ou encore *lotós, lotiá, lotódentro* ‘arbre produisant les kakis’ ? Dans ces deux exemples, le premier mot est simple, le deuxième est suffixé avec le suffixe *-iá* ‘-ier’ et le troisième est un composé déterminatif. Les trois mots ne sont des synonymes qu’au niveau référentiel, puisqu’au niveau linguistique le sens du suffixé et du composé résulte du sens de la RCM ainsi que du sens de la base et de l’instruction sémantique du suffixe pour le suffixé ou du sens des deux composants pour le composé. Car les mots construits ont quelque chose de particulier, vu que leurs composantes sont différentes et si les mots construits sont analysés comme les mots simples (*finikas* ‘palmier’ et *lotós* ‘arbre produisant les kakis’), on ne prendra pas en compte leur caractère construit. C’est la raison pour laquelle le premier mot dans chaque paradigme est arbitraire, tandis que les deux autres sont motivés, et par conséquent, plus transparents du point de vue sémantique, et plus facilement décodables (v. aussi Corbin, 1987).

Un enseignement de ce type aidera les apprenants, d’une part, à décoder plus aisément un mot construit inconnu et, d’autre part, à mémoriser mieux l’objet de l’enseignement. Si l’enseignant initie les apprenants aux relations constructionnelles et sémantiques que les mots entretiennent dans le lexique mental, non seulement il contribuera, en moins de temps d’enseignement, à l’enrichissement de leur vocabulaire et à la justesse d’expression, mais aussi il obtiendra de la part de ses élèves plus et de meilleurs résultats en matière de compréhension et de production de discours écrits et oraux.

CONCLUSION

Notre recherche (i) apporte des informations nouvelles sur les datations des néologismes *aktinídio* ‘kiwi’ et *aktinidiá* ‘arbre produisant les kiwis’, (ii) propose pour le GM la Règle de Construction des noms suffixés en *-iá* désignant des arbres fruitiers comme le mécanisme prototypique pour la construction des noms d’arbres fruitiers en GM ; enfin, (iii) elle procède à des propositions concernant l’enseignement du microsystème des noms désignant des arbres fruitiers dans le cadre de la didactique du vocabulaire du GM comme langue maternelle, seconde/ étrangère, ou langue d’héritage.

Ces propositions, dont le but est de mettre en valeur la systématité du lexique, consistent à l’usage de stratégies d’enseignement, comme l’enseignement explicite de la segmentation morphologique. Ces stratégies vont aider les apprenants non seulement à approfondir leurs connaissances sur les mots connus, mais aussi à appliquer leurs connaissances constructionnelles à des formes nouvelles. En plus, dans le cadre de la didactique du vocabulaire d’une langue comme langue seconde, étrangère, ou langue

d'héritage, l'enseignant pourrait faire appel aux schémas constructionnels communs, par ex. entre le GM et le français, ou entre le portugais, l'espagnol et l'italien, car tout est stocké dans un lexique mental unifié. L'enseignant procédant ainsi arrivera à plus et à de meilleurs résultats en matière de compréhension et de production du discours écrit et oral.

REFERENCES

ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A. *Dictionnaire inverse du grec moderne*. Thessalonique: Institut d'Études Néohelléniques (Fondation Manolis Triantaphyllidis), 2002. (en grec). Disponible sur : https://www.greeklanguage.gr/greekLang/modern_greek/tools/lexica/reverse/index.html. Consulté le 5 octobre 2022.

ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A. Le système flexionnel des substantifs et ses tendances. In: GAVRIILIDOU, Z.; EFTHYMIU, E.; THOMADAKI, E.; KAMBAKIS-VOUGIOUKLIS, P. (eds), *Selected papers of the 10th ICGL*. Komotini: Université Démocrite de Thrace, 2012a. p. 23-40. (en grec)

ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A. Le genre du grec moderne et son enseignement. *Studies in Greek Linguistics*, Thessalonique, v. 32, p. 443-455, 2012b. (en grec)

ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A. Suffixation and the expression of time and space in modern Greek. *Lingue e Linguaggio*, Pise, v. XV.1, p. 59-84, 2016.

ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A. Les noms de profession : approche onomasiologique et sémasiologique. *Studies in Greek Linguistics*, Thessalonique, v. 37, p. 69-82, 2017. (en grec)

ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A. La forme étendue de l'approche ÉMILE. *Philologos*, Thessalonique, v. 174-175, p. 27-45, 2019. (en grec)

ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A.; MITSIAKI, M. 2010. La segmentation morphologique comme stratégie d'enseignement du vocabulaire du grec moderne comme langue seconde et étrangère. In: A. PSALTOU-JOYCEY, A.; MATTHEOUDAKIS, M. (éds.), *Advances in Research on Language Acquisition and Teaching: Selected Papers* (14^e colloque international de l'Association Grecque de Linguistique Appliquée (GALA)). Thessalonique, 2010. p. 65-77. [en grec]
Disponible sur <<https://www.enl.auth.gr/gala/14th/Papers/Greek%20papers/Anastasiadi-Symeonidi&Mitsiaki.pdf>>. Consulté le 11 octobre 2022.

ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A.; FLIATOURAS, A. 2019. Le niveau savant en grec moderne : Tendances synchroniques et diachroniques. In: FLIATOURAS, A ; ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A. (éds.), *Le niveau savant en grec moderne : Théorie, histoire, application – De oikos à spiti et vice versa...* Athènes: Patakis, 2019. p. 15-56. (en grec)

BALDINGER, K. Sémasiologie et onomasiologie. *Revue de Linguistique Romane*, v. 28, p. 249-272, 1964.

BERLIN, B. Ethnobiological classification. In: ROSCH, E.; LLOYD, B.B. (eds.) *Cognition and categorization*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 9-26.

BLANK, A. Words and Concepts in Time: towards Diachronic Cognitive Onomasiology. In: ECKARDT, R.; von HEUSINGER, K.; SCHWARZE, C. (eds.) *Words in Time*. Stanford : CSLI Publications, 2001. p. 6-25.

CORBIN, D. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique* (2 vol.). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1987/ Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, 1991.

CORBIN, D.; CORBIN, P. Un traitement unifié du suffixe *-ier(e)*. *Lexique*, Lille, v. 10, p. 61-145, 1991.

EFTHYMIOU, A. *Le suffixe -ιά en grec moderne: La manifestation d'un degré maximal d'anthropocentricité*. Université de Lille, 1999. Editions Universitaires Européennes, 2012.

GEERAERTS, D. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GIANNOPOULOS, Th. (éd.) *Enciclopedia universo*. Istituto Geografico de Agostini, Novara. Traduit en grec par E. Kochlatzis, 1975. *Le monde merveilleux des plantes*. Athènes: Chr. Tegopoulos – N. Nikas, 1969.

KOCH, P. TREE and FRUIT. A cognitive-onomasiological approach. *Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata*, Pise, v. XXVIII, num. 2, p. 331-347, 1999.

LIDDELL, H; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
 MITSIAKI, M. & ANASTASSIADIS-SYMÉONIDIS, A. 2021. "Morphological Segmentation in Strategy-based Instruction: Towards a Graded Morphological Syllabus of Modern Greek." In: GAVRIILIDOU, Z.; MITITS, L. (eds.) *Situating Language Learning Strategy Use: Present Issues and Future Trends*. Bristol, Blue Ridge Summit: *Multilingual Matters*: 2021. p. 221-241. Disponible sur : <<https://doi.org/10.21832/GAVRII6713>>. Consulté le 5 octobre 2022.

MOUCHTOURIS, A. *Observation. Un outil de connaissance du monde*. Série Sociologie de la Connaissance, collection Logiques Sociales, Paris : L'Harmattan, 2012. Traduit en grec par A. Mouchtouris et G. Papaïoannou. 2020. Athènes: Éd. Papazisis.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B.; GRAY, W. D.; JOHNSON, D. M.; BOYES-BRAEM, P. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, Elsevier, v. 8, issue 3, p. 382-439, 1976.

SARANTAKOS, N. *Mots fruitiers. L'histoire succulente de leurs fruits et de leurs noms*. Athènes ; Kleidarithmos, 2013. (en grec)

VANHOVE, M. 2008. Semantic associations between sensory modalities, prehension and mental perceptions - A crosslinguistic perspective. In: VANHOVE, M. (ed.) *From Polysemy to Semantic Change*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 357-370.

VOSTANTZOGLU, Th. *Dictionnaire onomasiologique du grec moderne*. Athènes; Domi, 1962. (en grec)

NOTES

- (1) Pour le GM v. Vostantzoglou, 1962.
- (2) V. dans l'antiquité les nymphes qui sont en relation avec des arbres variés.
- (3) Il est à noter que Danielle et Pierre Corbin (1991, p. 79) avaient repéré le cas où la même forme désigne l'arbre et le fruit, et où le nom de l'arbre est construit par métonymie.
- (4) Nous n'avons pas pu repérer dans les textes du GA le mot ἄχλος ni le mot βάλος. Pour le second il se pourrait qu'il y ait une erreur de transcription au lieu de βάλανος 'gland'. Nous remercions le collègue Vasileios Fyntikoglou et la dr. Aikaterini Chatzopoulou pour la recherche dans les textes du GA.
- (5) Contrairement à Koch (1999), nous considérons que, dans le schéma 4, la production est orientée : le masculin (nom d'arbre) construit le neutre (nom du fruit).
- (6) GM *eliá* et *eleóðentro* [+savant] et *lióðentro* [-savant] (Efthymiou, 1999).
- (7) Ce n'est pas par hasard que dans le dictionnaire Liddell & Scott (1996) entrée ἐλαία /*elaía*/ le sens 'olivier' est enregistré en premier.
- (8) Cf. en GA *kótinós* 'couronne en olivier sauvage avec laquelle on couronnait les vainqueurs'.
- (9) Attestation personnelle, mais aussi Sarantakos (2013, p. 150).
- (10) Les néologismes *aktiniðiá* et *lotiá* ne sont pas enregistrés dans les dictionnaires généraux du GM. Par contre, dans le *Dictionnaire inverse* (Anastassiadis-Syméonidis, 2002) il y a l'entrée *lotiá*.
- (11) Le GM sélectionne un schéma saillant pour son système flexionnel aussi, puisqu'il montre une préférence pour une distinction nette entre le singulier et le pluriel, le masculin et féminin d'un côté et le neutre de l'autre etc. (Anastassiadis-Syméonidis, 2012a).
- (12) Le mot *karya* (fém.) en GA ne réfère pas au noyer mais constitue un nom d'arbre général désignant le noisetier, le châtaignier etc.
- (13) Tandis que dans les composés *eleóðentro*, *kakaóðentro*, *mastichóðentro*, *finikóðentro* etc. le premier composant réfère au fruit (sens propre), dans le composé *artóðentro* (pain + arbre), le premier composant a un sens métaphorique, parce les fruits de cet arbre sont utilisés à la place du pain.
- (14) Contrairement à la situation en GA, nous pensons qu'en GM c'est le nom du fruit qui donne le nom de l'arbre, parce qu'il est plus saillant. Néanmoins, une étude psycholinguistique serait nécessaire pour dépister où réside la saillance.

(15) Dans le cas d'un fruit non saillant, il est possible qu'on ne dispose pas de mot pour le dénommer, qui est alors exprimé par une périphrase, ex. *oksiá* 'hêtre' – *karpós tis oksiás* 'fruit du hêtre'.

A PROPOSTA DO ENSINO DA NEOLOGIA EM ANGOLA

José KAMBUTA

INTRODUÇÃO

Foi com grande alegria que recebemos o convite da equipa que esteve a preparar o XIV Colóquio sobre “Os Estudos Lexicais em Diferentes Perspectivas”. A alegria brota do facto de este Colóquio ter sido dedicado a dois grandes linguistas que, com certeza, deram um contributo muito valioso, revolucionaram o pensamento linguístico nos seus países e no mundo e formaram gerações: Maria Teresa Lino e Jean-François Sablayrolles. Os dois linguistas foram nossos docentes, partilharam connosco o seu saber e formaram-nos. Investigadores notáveis e aguerridos na busca, cada vez maior, de perspectivas novas, capazes de iluminar os tenebrosos labirintos das línguas. Merecida homenagem.

Neste contexto, a temática que nos foi pedida a apresentar é um aprofundamento de um trabalho já apresentado há algum tempo sobre o comportamento linguístico do Português em Angola, em situação de contacto. O trabalho é uma reflexão sobre a neologia do Português em Angola. Angola é, realmente, um complexo de línguas e de culturas. A presente investigação incidiu, por isso, sobre o estudo do léxico do Português e os seus desafios no estado de contacto, para ver a possibilidade de uma aferição da necessidade do ensino quer do léxico quer da neologia do Português que, efectivamente, se manifesta com grande força e vitalidade. Por isso, o objectivo deste estudo é a reflexão sobre o fenómeno da neologia e, muito particularmente, sobre a sua didactização em contextos escolares, tendo em consideração que, o ensino da neologia como componente complementar ao ensino da gramática podia reger-se pelos pressupostos de base subjacentes ao ensino da gramática e do léxico.

1. A REALIDADE NEOLÓGICA EM ESTUDO, SUA CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 2017, tínhamos sido convidados para apresentar um trabalho sobre a neologia do Português no VI Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (SIMELP), decorrido em Santarém (Portugal), no âmbito de um trabalho de investigação no contexto dos nossos estudos doutorais. Neste trabalho de investigação, o nosso foco tinha sido a inovação lexical na zona linguística umbundu (1). Um dos aspectos importantes que foram tratados, na altura, foi a questão da tipologia neológica. Esta realidade julgámo-la pertinente na abordagem do ensino da neologia e dos neologismos em contexto escolar. Por isso, antes de apresentarmos a nossa proposta do ensino da neologia e dos neologismos, enquanto entidades e unidades lexicais de uma língua em integração ou já integradas, pensamos que seja útil fazer a priori uma referência à questão da tipologia neológica.

2. OS DIVERSOS ‘ROSTOS’ DA NEOLOGIA

A nota primeira que desejamos evidenciar aqui é de que, a complexidade que envolve o conceito de neologia, considerado ora como processo, ora como resultado deste processo, faz com que este fenómeno ou processo linguístico se apresente em tipologias e considerando também sobretudo a diversidade da sua realização nas línguas enquanto

processo linguístico, em virtude das suas características que dificilmente se apresentam homogêneas. Desmet (2002), a este respeito, fala da instabilidade como característica inerente ao processo da neologia. Falar da tipologia em neologia é tratar das suas variadas realizações enquanto processo de inovação lexical.

Em relação à tipologia da neologia, parece-nos haver algum consenso entre os linguistas na consideração de dois grupos ou tipos. Estes dois grupos subdividem-se em outras classificações. Nesta sucessão de perspectivas, no reconhecimento da tipologia na neologia, os linguistas evidenciam dois tipos: a neologia formal (ou de forma) e a neologia semântica (ou de sentido) (Cabré, 1993; Alves, 2002; Desmet, 2002).

Contudo, se esta classificação se apresenta mais ou menos consensual, o mesmo não se pode dizer das suas subdivisões. Estas parecem ser as mais polémicas entre os linguistas. Para referir apenas um exemplo, parece haver um grande repto na inclusão do subtipo empréstimo na categoria da neologia formal. Por exemplo, enquanto Rondeau (1983, p. 127) distingue neologia formal, neologia semântica e a neologia do empréstimo, Boulanger (1979) inclui o empréstimo na categoria da neologia formal. É um desafio linguístico.

3. OS UMBUNDISMOS NEOLÓGICOS

A caracterização tipológico-neológica deu-nos a possibilidade de individualizarmos, no trabalho que temos vindo a referir, os chamados neologismos umbundísticos. Designamos por neologismos umbundísticos as unidades lexicais neológicas da Língua Portuguesa em Angola que resultam da situação de contacto com a Língua Umbundu. Estes vocábulos, por necessidade, têm vindo a ser integrados quer no discurso oral quer no discurso escrito. São umbundismos que passaram pelo processo linguístico do aportuguesamento ou simplesmente do empréstimo. O quadro nº 1 mostra algumas dessas unidades lexicais neológicas que ocorrem no *corpus* e que tentam entrar no sistema linguístico do Português com quase as mesmas características da língua de chegada. Estes vocábulos estão quase todos dicionarizados excepto as unidades lexicais *ongandalas* e *seculos/sekulus*. Para uma questão de orientação, vamos utilizar nos quadros alguns sinais. O sinal (^) sobre o vocábulo indica que a nova unidade lexical não está dicionarizada; e o sinal (**) ou simplesmente (*) indica que a nova unidade lexical neológica está dicionarizada em mais de dois dicionários ou em apenas um. Em relação à apresentação das novas unidades lexicais nos quadros, as duas primeiras formas (ou mesmo só a primeira em casos de haver somente duas) são as mais frequentes numa tentativa de completo aportuguesamento e a última forma é a forma original na língua de origem.

Quadro 1

Nova unidade lexical	Significado em (con)texto
ombala**	A sede do <i>osoma</i> , o chefe tradicional na Comunidade Umbundu
ongandalas^	Conjunto de utensílios de significado simbólico, preparados pela noiva para levar para a sua casa no dia do casamento
onjango / jango** [ondjango]	Espaço para a educação da juventude na Comunidade Umbundu ou de resolução de problemas pelo <i>osoma</i> ; também pode significar assembleia

seculos/sekulus[^]	O mais velho; o sábio, o conselheiro na Comunidade Umbundu
quissangua*/ kisangwa [o- tchisangwa]	Bebida tradicional caseira nas Comunidades Ovimbundu
quimbombo**/ocimbombo [otchimbombo]	Quissangua fermentada

Os quadros 2 e 3 contêm unidades lexicais neológicas recorrentes no *corpus* e que, apesar de muitos deles aparecerem com uma certa frequência, parece resistirem à mudança das suas características morfossintáticas, principalmente fonético-fonológicas. Esta constatação lança um grande desafio à sua análise dentro da estrutura morfossintática do Português (PE).

Quadro 2

Nova unidade lexical	Significado em (con)texto
akokoto[^]	Instituição de poder da autoridade tradicional umbundu com forte componente ritual religiosa
Ekulā-ndombe[^]	É um topónimo
mbeta-mbeta[^]	Expressão cultural tradicional dos Povos Ovimbundu para a saudação sociocomunitária do Natal e do Ano Novo
Kupapata[^]	Pessoa cuja profissão é o mototaxismo para a sua sobrevivência
kwata-kwata^{**}	Refere-se à guerra de luta contra a ocupação colonial no Reino de Ombalundu
Maka^{**}	Problema, dificuldade, desafio

Quadro 3

Nova unidade lexical	Significado em (con)texto
wanditombi[^]	Tipo de gerador de energia eléctrica, de pequeno tamanho, muito utilizado em Angola para uso doméstico
kapuka[^]	Tipo de bebida alcoólica tradicionalmente caseira
Okulomba[^]	Acerimónia que marca a última etapa dum percurso relativamente longo de namoro, que consiste no pagamento da última parte do ónus tributário requerido, passo importante para se levar a noiva ao casamento
Okulumbula[^]	acto de engravidar fora do casamento ou do Matrimónio
Okutambela[^]	Cerimónia nupcial que marca a segunda instância do percurso para o casamento, orientado para a oficialização da relação entre os jovens (homem e mulher)
Okutiuka[^]	Designação de uma organização comercial
Cikolotola [tchikolotola][^]	Diarreia
Cikata [tchikata][^]	Gonorreia

Quadro 4

Antropónimos	Topónimos
Ngandu (Gando)	Kaquelewa [Kakelewa] (Caqueleua)
Savita / Navita;	Tchisãlã (Quissala)
Savihemba / Navihemba	Tchingwali (Chinguar)
	Kandjala (Canjala)
	Ndombe-Grande

4. A QUESTÃO TIPO NEOLÓGICO E PROCESSO NEOLÓGICO

A tipologização neológica deu origem, na nossa reflexão, à questão do processo a que é submetida, irremedialmente, a neologia. Neste sentido, observou-se (2) que muitos linguistas contemporâneos entendem que a diversidade da tipologia neológica observada nos trabalhos aplicados da análise linguística ou textual a partir dos *corpora* linguísticos está na base das múltiplas possibilidades de descrição e classificação dos neologismos. Por isso, face à esta diversidade e multiplicidade, a Lexicologia, para o estudo dos neologismos, tem vindo a utilizar o método da diferenciação de alguns níveis que ajudam a distingui-los: o nível fonológico (Alves, 2002), o nível morfológico, sintático e semântico (Alves, 2002; Correia e Lemos, 2005; Adamo, 2010).

Estes níveis de diferenciação partem dum pressuposto de que, em todas as línguas, encontram-se uma classe de palavras gramaticais e outra de palavras lexicais (Pruvost e Sablayrolles, 2003, p. 10). À primeira categoria pertenceriam assim as chamadas classes fechadas. Ou seja, é a classe de palavras que não são fecundas do ponto de vista da criatividade linguístico-lexical. Nesta classe encontram-se, por exemplo, as conjunções e os advérbios. À segunda categoria pertencem as classes abertas, ou seja, unidades lexicais que têm muitas possibilidades de contribuir para a renovação da língua. Esta classe compreende unidades lexicais com potencialidades de serem candidatas a contribuintes para a inovação lexical no âmbito da criatividade lexical das línguas (Pruvost e Sablayrolles, 2003).

Face a esta realidade, o linguista vê-se, amiúde, na necessidade de individualizar quer os factores quer os fenómenos ou os processos que concorrem para a concessão destas possibilidades que se encontram nas classes das unidades lexicais. No entanto, os estudos específicos deparam-se com uma dificuldade neste campo, pois a complexidade das línguas leva-as a obedecer a variadíssimos processos, critérios, fenómenos e multiplicidade de operações, exigência de factores intralinguísticos e extralinguísticos ou ainda metalinguísticos. Deste modo, qualquer tentativa ou desejo de individualização de algum processo linguístico está condicionado por estes reptos linguísticos e extralinguísticos.

Por esta razão, como procedimento metodológico, no intuito de se apresentar um quadro teórico compreensivo sobre os processos neológicos, fez-se individualização de alguns deles mais atestados. Assim, os processos que fazemos referência são, exclusivamente, aqueles que são recorrentes nos *corpora* analisados e decorrentes da sua observação na análise e que foram individualizados à mercê da elaboração de uma metodologia para a identificação das novas unidades lexicais, dentro dos *corpora* constituídos. Assim, foram individualizados os seguintes processos neológicos:

- Morfossintáticos

Muitos linguistas estão dedicados a este tópico (Martinet, 1960; Mateus, 1990; Bechara, 1992; Pena, 1993; Monteiro, 2002; Mateus *et al*, 2005; Vilalva, 2008; Caetano, 2002, 2008, 2010, 2013) para citar alguns. A neologia pressupõe outros argumentos que justifiquem a sua existência e que lhe deem legitimidade e vida para não ser um argumento estéril e desmedrado. Alguns destes argumentos são os processos com que ela dialoga para desempenhar as suas funções de renovadora das línguas transmitindo-lhes vida. Os processos morfossintáticos de inovação lexical localizam-se neste domínio.

Por exemplo, em *kalupetekismo* o morfema *-ismo*, afixo sufixal, seleciona nomes (Bechara, 1992, p. 177) e, na formação de uma nova unidade lexical, mediante o processo da nominalização denominativa, o significado da nova unidade lexical depende do semantema a que o morfema afixal se associou.

Os processos morfossintáticos são processos derivacionais que procedem, para a formação das novas unidades lexicais através de afixos que Vilalva (2008, p. 84) classifica como especificadores, os que transmitem as informações morfossintáticas, derivacionais, os que transmitem a informação gramatical e semântica e os modificadores, ou seja, aqueles que comunicam simplesmente a informação semântica. Como exemplos no *corpus*, temos as unidades lexicais neológicas *sanzaleiro* e *kapoko*.

- Semânticos

Que os vocábulos de uma língua têm movimentos linguísticos em termos de significação e de sentido é uma percepção já muito antiga. Contudo, a leitura e a compreensão das leis que regulam este processo nem sempre foram muito compreensíveis aos linguistas. Esta discussão é manifesta em Read, 1948; Darmesteter, 1950; Ullmann, 1951; Barbosa, 1979; Meillet, 1982; Pruvost e Sablayrolles, 2003; Correia e Lemos, 2005; Rastier e Valette, 2009; Sablayrolles, 2010. Para Sablayrolles (2010, p. 97), o problema consiste no facto de que «il est nécessaire de faire la distinction entre l’histoire des mots, leur évolution de sens et les néologismes sémantiques qui s’installent d’une part, et, d’autre part, la perception synchronique des membres de la communauté linguistique».

A observação do *corpus* em análise dá conta, por exemplo, das unidades lexicais *manter* (forma verbal) e *povo* (forma nominal) que, apesar de já existentes, nos seus contextos de ocorrência, têm um significado diferente da polissemia normal e habitual.

- A composição

Relativamente à composição, a gramática tradicional distingue dois tipos: a composição por aglutinação e a composição por justaposição (Said Ali, 1964; Cunha e Cintra, 1984). No entanto, se por um lado, estes linguistas admitem este processo de inovação lexical, por outro lado, não se pode olvidar a grande problemática existente entre os linguistas acerca do enquadramento em estrutura gramatical deste processo morfológico (Said Ali, 1964; Cunha e Cintra, 1984; Anderson, 1992; Aronoff, 1994; Almeida, 1996; Vilalva, 1994, 2008; Rio-Torto, 2006; Santos, 2009; Caetano, 2002, 2008, 2010, 2013).

Uma observação mais atenta ao *corpus* em análise evidencia a presença de compostos em unidades lexicais tomadas da Língua Umbundu, cuja classificação não é fácil, apesar de apresentarem características de compostos. É o caso do antropónimo *Sukwakwetché* (que Deus te entregue – significado na língua de origem); ao sofrer o processo de aportuguesamento, o composto fica esvaziado do seu conteúdo, passa a ter quase conteúdo $\emptyset$. Temos também dois topónimos difíceis de análise: *Ndombe-Grande* e *Ekulã-Ndombe*.

- O empréstimo

Muitos linguistas (Dubois, 1973; Pagliaro, 1983; Thomason; Kaufman, 1988; Desmet, 1990; Pruvost e Sablayrolles, 2003; Duarte, 2000; Monteiro, 2002; Aikhenvald, 2002; Correia; Lemos, 2005; Vilalva, 2008; Winford, 2010; Heine; Kuteva, 2005) entendem que os empréstimos integram os chamados processos de inovação lexical não-morfológicos. É o mais comum no nosso *corpus*. Por exemplo *ombala*, *ondjango*, *olundongo*, etc. É um processo que opera de forma diferente dos outros processos. Pruvost e Sablayrolles (2003, p. 116) reconheceram este modo de ser dos empréstimos, quando afirmam que «...la dernière matrice s'oppose à toutes les autres en ce sens que les nouveautés ne sont pas produites par le système de la langue mais sont importées d'autres systèmes linguistiques de langues étrangères vivantes ou anciennes».

No entanto, a questão dos empréstimos tem sido muito problemática para os linguistas. A discussão à volta deles é bastante grande e complexa.

- O engendramento onomatopaico

A tradição linguística do português de vários gramáticos (Coutinho, 1958; Cunha e Cintra, 1984; Alves, 2002; Pruvost; Sablayrolles, 2003; Correia; Almeida, 2012) consagra o processo onomatopaico da inovação lexical no âmbito da criação lexical (Guibert, 1975) como um processo que consiste na imitação do real, do barulho ou de ruídos emitidos (Coutinho 1958; Cunha e Cintra, 1984). Deste modo, de acordo com Coutinho (1958, p. 198), no âmbito da inovação lexical e do ponto de vista da imitação de sons, a prática mais frequente e mais comum é a imitação de sons ou ruídos protagonizados pelas armas de fogo, sinos ou campainha, veículos, instrumentos musicais e vozes de animais.

Na verdade, estas formas, em Umbundu falado, têm uma existência real, isto é, são atestáveis. E, em consequência, exercem uma grande influência sobre o Português falado e escrito naquela zona linguística. Como exemplos, temos a imitação do som ou ruído produzido pela arma de fogo (como por exemplo, *tá-tá-tá-tá* ou *tátátátátá....*), pelos sinos ou campainha (*ndelém-ndelém-ndelém-ndelém* ou *nguelém-nguelém-nguelém-nguelém....*), *tátrakaça*; *papualakata*, etc. São sons muito frequentes em Umbundu principalmente na linguagem oral.

Acabámos de apresentar este quadro compreensivo da neologia em Angola, como pressuposto da nossa afirmação e do nosso compromisso, enquanto investigador, que nos autoriza a insistência no discurso da possibilidade e da pertinência do ensino do léxico e da neologia. Os processos neológicos que tentámos esboçar acima evidenciam esta verdade. Manifestam que, na verdade, a neologia e os neologismos, se considerados sob o prisma das suas tipologias e dos processos subjacentes à sua realização linguística e sua vitalidade numa determinada língua, não podem senão entrar na dinâmica curricular educativa. É este pensamento que orienta as páginas que seguem.

5. O ENSINO DA GRAMÁTICA EM HARMONIA COM O ENSINO DA NEOLOGIA

O ensino da gramática nas suas diversas componentes (oralidade, leitura – aspectos fonológicos, morfologia e sintaxe) tem como finalidade introduzir o aluno na manipulação da língua seja ela materna, L2 ou estrangeira. Esta operação linguística possibilitará a chamada consciência linguística (*linguistic awareness*) que é um conhecimento ganho quando o aluno junto da consciência implícita adquire a capacidade de olhar para a língua e compreender que ela é um sistema a explorar em várias

dimensões: fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e por diante (Alves, 2007; 2010; Duarte, 2008).

Se o estudo do léxico abre perspectivas para outras subestruturas da gramática da (s) língua (s), o estudo da neologia dá as mesmas possibilidades. Como alguns linguistas o sublinharam, as unidades lexicais da língua que um falante utiliza, aprendeu-as no quotidiano, num processo de escuta/fala (Duarte, 2010; Correia e Almeida, 2012). O mesmo acontece com a neologia. Ela é perceptível e detectável, como afirmam Correia e Almeida (2012, p.25) “no nível da fala, ao qual pertencerão durante algum tempo”.

Numa era da informação, da informática e da expansão de uma consciência multicultural em que as unidades lexicais das línguas facilmente viajam de uma língua para outra, considerada a capacidade da sua ‘imposição’ no meio (internacional, nacional ou regional) do seu uso, a percepção, o reconhecimento, a identificação, o estudo e o ensino da neologia é uma tarefa de que a Linguística moderna não pode prescindir (Lino, 1980, 1990, 2001, 2007, 2010). Neste processo, tem grande responsabilidade a actividade para a feitura de dicionários gerais e académicos ou escolares actualizados, o trabalho de um estudo permanente de localização de neologismos que sejam a base do trabalho didáctico numa aula de neologia. A criação destas condições viabiliza o trabalho do docente na leccionação da neologia. É uma necessidade e uma urgência o trabalho com os neologismos, pois o nosso mundo é cada vez mais criativo e, por conseguinte, também mais exigente em termos de comunicação. A percepção de elementos novos na língua depende do conhecimento explícito desta mesma língua por parte do falante. Um dos instrumentos didácticos que contribui para esta consciência linguística é o dicionário.

A didáctica da neologia, ao mesmo tempo que se serve dos dicionários para a confirmação da natureza de uma unidade lexical com ocorrência nalgum texto, pode ser também um grande auxílio na observação, percepção, detecção da neologia da língua; a colecção de novos textos, as várias tipologias de textos, quer em contextos escolares, quer em contextos extra-escolares, servem para a observação de novas unidades pertencentes à língua corrente, ou pertencentes a um nível de especialização, banalização ou vulgarização (estes últimos conceitos tomados tal como são entendidos por Robert Galisson (1978) e por Teresa Lino (1990). O neologismo é uma entidade linguística que não surge aleatoriamente; apesar de ser um elemento novo na língua, ele aparece mediante processos específicos e diversificados na língua.

A neologia sendo parte importante do estudo das línguas reclama por um estudo sistemático e por uma didactização em meios académicos. O neologismo sendo uma unidade lexical nova na língua inscreve-se num conjunto de normas e estratégias linguísticas de cada língua natural. Por isso, todo o neologismo pode ser uma base importante de aprendizagem das problemáticas linguísticas que têm o léxico como base sobre o qual delineiam os seus pressupostos teóricos e base material de reflexão e de labor heurístico.

O processo de aprendizagem da neologia requer investigação contínua e criatividade quer para os professores quer para os alunos. Assim, é importante que o docente crie nos alunos a consciência clara de que a criatividade é um factor fundamental e elementar para a aprendizagem quer do léxico em geral quer da neologia. O desenvolvimento desta consciência nos alunos dará possibilidade de uma habituação não somente da interacção do aluno com o professor para confrontar o resultado da curiosidade e a confirmação ou infirmação do docente, no que diz respeito aos resultados da pesquisa do aluno em tempos extra-escolares pedidos pelo professor ou devidos à sua própria curiosidade, mas também de um trabalho autónomo e orientado metodologicamente para o alcance de uma meta concreta. Este percurso no seu todo prepara e potencia o aluno para um conjunto dinâmico de várias e novas abordagens e

para uma heurística de novos campos de acção. Neste sentido, o aluno deve ser considerado “agente activo na construção do conhecimento” lexical (Figueiredo, 2004, p. 17).

6. OS DESAFIOS DA DIDACTIZAÇÃO DOS NEOLOGISMOS

Do que ficou exposto acima, conclui-se que o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem do léxico não é uma tarefa linear. É um processo que comporta vários reptos e é envolvido por factores muito diferenciados que o condicionam ou podem condicionar. Os primeiros factores são os elementos do jogo ou do processo: o professor e o aluno. Da relação destes dois elementos depende também o seu sucesso. No entanto, tal como acontece com o léxico, o maior desafio da didactização da neologia é a questão do método.

7. A QUESTÃO DO MÉTODO NO ENSINO DA NEOLOGIA

Em 1993, Dília Ramos Pereira apresentou no *IV Colóquio da AFIRSE* um artigo intitulado *Inovação lexical e didáctica do Português*. O seu objectivo foi perspectivar para os estudos linguísticos, na sua dimensão gramatical, a proposta que ela mesma designou por “processo de investigação” como um dos métodos inovadores do processo didáctico ensino/aprendizagem da língua. Esta proposta defende a ideia dum processo ensino/aprendizagem que privilegie a promoção de um trabalho de investigação para os professores e para os alunos na aula de língua. A proposta fundamenta-se no resultado da observação feita pela autora, resumida nos seguintes argumentos:

“1. A importância do domínio do léxico para a compreensão e produção de significações intencionadas nas mais diversas interações comunicativas; 2. O facto de quando se aprende uma nova palavra estar-se ao mesmo tempo a aprender múltiplos aspectos da gramática da língua, tanto mais que o significado preciso de uma dada unidade lexical só pode ser satisfatoriamente aprendido através das relações com outras unidades lexicais presentes no contexto frásico ou mesmo apenas no textual; 3. O contributo do alargamento do vocabulário para a reestruturação cognitiva do adolescente possibilitadora de uma nova abordagem (...); 4. O facto de o léxico ser uma componente particularmente aberta à criação, à inovação e à renovação permitindo o alargamento do pensamento incluindo hipóteses, ideias, e perspectivas descentradas (...)” (Pereira, 1993, p. 361-362).

Deste modo, para o caso de Angola, será fundamental a aplicação de uma metodologia na elaboração dos manuais de Português que consiga realizar, mediante uma mais ampla participação de peritos, não somente em questões de Língua Portuguesa, mas também em questões das línguas e culturas nacionais angolanas. Esta possibilidade permite a maior abrangência no estudo do léxico e da sua inovação nas diversas sensibilidades linguísticas existentes no país. Além disso, ela pode ser um estímulo à

investigação nesta área. Assim, a política linguística do Português no ensino devia fazer-se pela reconsideração mais participada da proposta de elaboração de manuais.

CONCLUSÃO

A nossa proposta de modelo do processo de ensino/aprendizagem da neologia como contributo ao estímulo quer dos linguistas angolanos quer dos professores de Língua Portuguesa em Angola está voltada para a elaboração mais participada dos manuais de leitura, para a preparação dos professores de Língua Portuguesa e sobretudo seguindo uma perspectiva que privilegie uma relação interactiva entre professores do Português e investigadores. Este princípio evoca o maior desafio da didáctica da neologia: o método. Este é um factor crucial, mas particularmente necessário. Apesar das inúmeras dificuldades existentes na concepção de um modelo metodológico que assegure o ensino seja do léxico em geral seja da neologia em particular, ele é um elemento imprescindível. Por isso, a nossa proposta nesta questão está fundamentada e segue a proposta de Galisson (1978) e de Quivuna (2014) no ensino do léxico.

Portanto, o processo ensino/aprendizagem da neologia, em virtude da sua própria índole, não se pode cingir unicamente à sala de aula, ele deve funcionar também como processo-estímulo aos alunos. É também um trabalho de cultivo da curiosidade dos alunos. Este método consiste na compreensão de que, sendo o aluno um elemento com ambientes sociais variados (casa, rua, escola) onde procura realizar e satisfazer o seu processo de socialização, quaisquer actividades didácticas com neologia precisarão do recurso ao método de autoaprendizagem. Para o estudo da neologia, este método é assaz vantajoso, porquanto, a neologia das línguas é um caso quotidiano.

REFERÊNCIAS

- ADAMO, G. La neología italiana: panorama histórico, procesos de formación y nuevas tendencias.... In: ALVES, I. M. (Org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, CNPq, 2010. p. 35-62.
- AIKHENVALD, A. *Language contact in Amazonia*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- ALMEIDA, N. M. A. de. A contribuição de Said Ali para os estudos da composição. In: *Revista de Letras*, n. 2, v. 18, jul./dez. 1996, p. 40-43.
- ALVES, I. M. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.
- ALVES, I. M. Neologia e níveis de análise linguística. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 3. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 77-91.
- ALVES, I. M. (Org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, CNPq, 2010.
- ANDERSON, S. R. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

- ARONOFF, M. *Morphology by itself: stems and inflectional classes*. London: MIT Press, 1994.
- BARBOSA, M. A. Aspectos semânticos da produtividade léxica. In: *Língua e Literatura*, n. 8, 1979, p. 165-183.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 34. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1992.
- BOULANGER, J.-C. *Néologie et terminologie. Néologie en marche*. Montreal: Editeur Officiel de Québec, 1979.
- CABRÉ, T. *La terminología: teoría, metodologías e aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- CAETANO, M. C. Análise de algumas mudanças do sistema sufixal nominal do português. In: *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri/APL, 2002. p. 91-99.
- CAETANO, M. C. Considerações acerca da produtividade morfológica. In: *Actes del I Congrès Internacional de Neologia de les Lengües Romàniques*. Barcelona: IULA - Universitat Pompeu Fabra, 2008. p. 353-362.
- CAETANO, M. C. A meio caminho entre a derivação e a composição. In: *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, n. 5, 2010, p. 131-140.
- CAETANO, M. C. A composição nominal em gramáticas históricas do português. In: VAL ÁLVARO, J. F. et al. *De la unidad del lenguaje a la diversidad de las lenguas*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza - Servicio de Publicaciones, 2013. p. 99-105.
- CORREIA, M.; LEMOS, L. S. P. de. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Colibri; Associação de Professores de Português, 2005.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. *Neologia do português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.
- DARMESTER, A. *La vie des mots étudiée dans leurs significations*. Paris: Delagrave, 1950 [1897].
- DESMET, I. A propósito da neologia terminológica do português: o caso do empréstimo. In: *Actas do Colóquio de Lexicologia e Lexicografia* (26-27 jun. 1990). Lisboa: INIC, 1990. p. 182-187.

DESMET, I. Néologie du portugais contemporain: une zone d'instabilité linguistique. In: *Travaux et documents*, n. 16. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 2002. p. 77-99.

DUARTE, I. *Língua portuguesa: instrumentos de análise*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.

DUARTE, I. *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: PNEP, Ministério da Educação, 2008.

DUARTE, I. Sobre o conceito de consciência linguística. In: FREITAS, M. J.; GONÇALVES, A.; DUARTE, I. (Coord.). *Avaliação da consciência linguística: aspectos fonológicos e sintáticos do português*. Lisboa: Colibri, 2010.

DUBOIS, J. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1973.

FIGUEIREDO, O. *Didáctica do português língua materna: dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas*. Porto: ASA, 2004.

GALISSON, R. *Recherches de lexicologie descriptive: la banalisation lexicale*. Paris: Nathan, 1978.

GUIBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

GUTHRIE, M. *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*. London: Gregg International Publishers, 1971.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *Language contact and grammatical change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE LÍNGUAS DE ANGOLA (INAL). *Histórico sobre a criação dos alfabetos de línguas nacionais*. Lisboa: Edições 70, 1980.

LEWIS, M. P. (Ed.). *Ethnologue: languages of the world*. 16. ed. Dallas, TX: SIL International, 2009.

LINO, T. Importância de uma lexicologia contrastiva. In: *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n. 1, 1980, p. 137-152.

LINO, T. Banco de neologismos do português contemporâneo: balanço de uma experiência. In: *Letras de Hoje*, n. 82, dez. 1990, p. 103-116.

LINO, T. (Coord.). De la néologie à la lexicographie spécialisée d'apprentissage en langues-cultures étrangères et maternelles. In: *Études de Linguistique Appliquée*, n. 135, 2001.

LINO, T. (Coord.). Rede de neologia e de terminologia em língua portuguesa (em situação de contacto de línguas). In: *Actas do Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*. Praia, Cabo Verde, 2007.

LINO, T. (Coord.). Neologia, terminologia e lexicultura: a língua portuguesa em situação de contacto de línguas. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 12, 2010, p. 187-201.

MARTINET, A. *Éléments de linguistique générale*. Paris: A. Colin, 1960.

MATEUS, M. H. M. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MATEUS, M. H. M. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 1993 [2003].

MATEUS, M. H. M. et al. *Fonética e fonologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2005.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1982 [1921].

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2002.

PAGLIARO, A. *A vida do sinal: ensaios sobre a língua e outros símbolos*. Trad. A. P. de Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983 [1922].

PENA, J. La formación de verbos en español: la sufixación verbal. In: ORTEGA, S. V. (Ed.). *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, 1993. p. 217-281.

PEREIRA, D. R. Inovação lexical e didáctica do português. In: ESTRELA, A.; FERREIRA, J. (Org.). *Desenvolvimento curricular: didáctica das disciplinas*. Lisboa: AFIRSE, 1993. p. 361-369.

PRUVOST, J.; SABLAYROLLES, J.-F. *Les néologismes*. Paris: PUF, 2003.

QUIVUNA, M. *Lexicologia aplicada ao ensino do léxico em português língua não materna*. Lisboa: Colibri, 2014.

RASTIER, F.; VALETTE, M. De la polysémie à la néosémie. In: *Le Français Moderne*, n. 1, 2009, p. 97-116.

READ, A. W. An account of the word semantics. In: *Word*, v. IV, 1948, p. 78-97.

RIO-TORTO, G. M. Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. In: ATHAYDE, M. F. (Coord.). *Estudos sobre léxico e gramática*. Coimbra: Cadernos do CIEG, n. 23, 2006. p. 11-34.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Chicoutimi (Québec): Gaëtan Morin, 1983.

SABLAYROLLES, J.-F. Néologisme homonymique, néologisme polysémique et évolution de sens: pour une restriction de la néologie sémantique. In: ALVES, I. M. (Org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, CNPq, 2010. p. 83-100.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Universidade de Brasília, 1964.

SANTOS, A. V. dos. *Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI)*. 2009. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

ULLMANN, S. *The principles of semantics*. Jackson Son & Co., Glasgow, 1951.

VILALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. 1994. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicada em 2000 pela Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.

VILALVA, A. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VILALVA, A. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

WINFORD, D. Contact and borrowing. In: HICKEY, R. (Ed.). *The handbook of language contact*. Malden; Oxford; Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

NOTAS

(1) A maioria dos linguistas modernos, na linha de Malcolm Guthrie, concorda com a proposta de que a Língua Umbundu pertence ao grupo linguístico Níger-Congo e na classificação de Guthrie (1971, p. 60) está alocada na categoria R. 10 [5V; 1Q] R.11. A Zona Linguística Umbundu é apresentada pelos estudiosos numa extensão que abrange as Províncias do Bié, do Huambo e de Benguela, uma parte do Kwanza-Sul e da Huíla, podendo-se mesmo estender por quase todo o território nacional angolano e além-fronteiras onde se pode localizar sempre alguma comunidade de falantes ou que a utilizam para fins específicos (INAL, 1980; Lewis, (2009). No entanto, a Língua Umbundu é caracterizada como língua do grupo etnolinguístico da zona Centro-Sul de Angola, o que neste estudo designamos por Zona Linguística Umbundu (ZLU).

(2) Observação e dados em José CAMBUTA «A inovação lexical do Português na Zona Linguística Umbundu» in *VI SIMELP Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa* (26-28 de outubro de 2017).

VARIAÇÃO DO GÊNERO GRAMATICAL DOS ESTRANGEIRISMOS USADOS NA PANDEMIA

Iva SVOBODOVÁ

INTRODUÇÃO

É um facto inegável que os estrangeirismos formam uma parte indispensável de qualquer língua, o que provam inúmeros e mútuos contactos que se estabeleceram entre os diferentes países e povos no mundo ao longo da história da humanidade, devido às circunstâncias sociais, económicas, políticas e culturais, desaguando, entre outros, em mudanças e variações linguísticas (cf. Timbane, 2012).

Por maior que seja o número dos seus acérrimos oponentes que até os chamam de *barbarismos*, *peregrinices*, etc. o seu uso é sentido, na maior parte das vezes, como natural e espontâneo e isso nas diversas áreas da vida quotidiana. Na verdade, o papel dos estrangeirismos é – e sempre era – muito importante e isso, principalmente, para a área das ciências. Mas, também, chegou a afetar, marcadamente, a linguagem natural e amadora de várias gerações, “invadindo” até, em alguns casos, as pessoas mais idosas, que tentam adaptar-se à nova moda e aproximar-se, por exemplo, dos seus familiares mais novos, formulando as frases de um modo mais *in* (permito recordar aqui, a uma conversa à qual assisti há pouco, e que decorreu entre uma avó – chamava-se Teresa – e o seu neto, usando ela frases tipo: Isto é *nice*... Estou *on-line*, etc.). Obviamente, é o inglês que tem exercido a maior influência no processo de *globalização lexical*, como, aliás, temos podido testemunhar nos últimos anos durante as diferentes vagas de pandemia de COVID-19, em que surgiu uma série de termos novos associados ao vírus SARS, designadamente às novas circunstâncias de convivência por este provocadas.

No entanto, muitas vezes, a trajetória dos estrangeirismos sejam neologismos ou empréstimos nem sempre tem o seu ponto final fixo, pairando estes na língua recetora, muitas vezes sem a aceitação geral e sem a incorporação na lexicografia. Recordemos, neste contexto, a designação SDF (*sans-domicille*) dada por Sablayrolles (2006, p. 142-143) às palavras não dicionarizadas, que assim carecem de qualquer descrição pilar “compromitente” das categorias gramaticais (neste caso, de género e de número). Mesmo assim, é improvável elas continuarem a manter as propriedades da língua de origem. Não sendo imunes à influência do ambiente que as rodeiam, passam, naturalmente, por diversas fases de adaptação a nível fonético, morfológico, sintático e semântico. No entanto, o processo de adaptação nem sempre é estável e homogéneo. E o nosso objetivo será, precisamente, observar não apenas a questão da atribuição formal do género gramatical (ancorada nos dicionários) a estas palavras como também a sua variação genérica no uso real através de um inquérito linguístico.

A relação entre a norma e o uso real é, sem dúvida, muitas vezes, assimétrica. E, também a descrição normativa do género gramatical, frequentemente, resulta inexata, o que pode ser explicado pelo facto de não existir ferramenta que permita abranger, de forma complexa, a sua variação (1). Como exemplo podemos referir a palavra *burnout*, que, nos dicionários, é definida como nome de género masculino. Mas há pessoas que associam a dita palavra à *síndrome* ou até à *queima* usando-a no género feminino. São os dois lados da mesma moeda. A questão que se coloca, portanto, é a seguinte: como conceber esta variabilidade nos dicionários e se é que se deve referir de alguma forma? Com base em casos individuais, obviamente que não. No entanto, não raramente a

variação atinge uma dimensão maior. Sendo assim, pretendemos encontrar a chave para este problema, e contribuir para uma dicionarização mais sofisticada desta categoria gramatical, apresentando, no presente texto, uma proposta de cálculo do *grau de oscilação*, e isso através dos dados obtidos dos referidos inquéritos.

Como já foi referido no resumo, a ferramenta proposta foi aplicada já em dois estudos que visaram analisar a variação do género gramatical num *corpus* que consta de palavras ligadas com a era da pandemia. No primeiro (Svobodová, 2021 e 2022) é observado o comportamento destas palavras em português europeu, brasileiro e cabo-verdiano (este último não faz parte do presente estudo). A segunda pesquisa (Šimíček, 2022) surgiu como reação à nova proposta visando analisar a oscilação do género gramatical no espanhol. Neste capítulo, portanto, resumiremos e compararemos os principais resultados relacionados com as palavras que fizeram parte do *corpus* analisado de ambos os autores.

1. ENQUADRAMENTO TEORÉTICO E METODOLÓGICO

Em nossa pesquisa, centramos a nossa atenção nas palavras que foram importadas da língua inglesa e mantiveram-se na sua forma original (2). Trata-se de vários tipos de neologismos que durante a pandemia chegaram a fazer parte de diferentes glossários, p. ex., na lista intitulada *Léxico COVID-19*, criada pelo Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (doravante Ciberdúvidas). São palavras que surgiram como palavras novas ou que adquiriram um novo significado, reagindo assim à nova realidade extralinguística surgida como consequência da evolução dinâmica da sociedade. Trata-se, portanto, de palavras, que, segundo as tipologias existentes, pertencem à classe de neologismos fonológicos (cf. Alves, 1990), formais (Castellví, 2006), matrizes externas (Boulanger, 1979, Biderman, 2001) ou semânticos (cf. Ferraz, 2010), entre outros. E, como em todos os estrangeirismos, sobretudo os neologismos, também nelas pode ser observada uma instabilidade a vários níveis: p.ex. a nível ortográfico (p.ex. *on-line*, *online*), sintático (p.ex. *anticovid*), semântico (p. ex. *burnout* – *queima* ou *esgotamento*) ou morfológico (p.ex. *stress*, *estresse*) (cf. Gouveia, 2003; Carvalho, 2021). Como já referimos antes, o nosso objetivo principal é observar o comportamento morfológico destas palavras no seu uso de dia a dia e, através do referido inquérito, distribuído entre os informantes falantes de português europeu, brasileiro e de espanhol falado na região da Valência (num ambiente académico), pretendemos mostrar como esta categoria gramatical pode variar de acordo com o critério diatópico. Para tal, propomos estabelecer o coeficiente e o *grau de oscilação* (cf. Svobodová, 2021) com os quais pretendemos oferecer a medida mais exata possível desta variação.

Os inquéritos (3) foram distribuídos entre os falantes de português e castelhano, sendo preenchidos por 299 e 729 respondentes, respetivamente. Foram divididos em duas partes. Na primeira fase, recolheram-se os dados sociolinguísticos (sexo, lugar de origem, lugar de residência, idade, formação e meios de comunicação preferidos) (4). Dos dados analisados mostrou-se o fator de lugar de origem como o mais importante (cf. Svobodová, 2021; Šimíček, 2022). Na segunda fase, pedimos ao informante para indicar

1. se conhece o dito termo
2. se utiliza(ria) o termo no género masculino
3. se utiliza(ria) o termo no género feminino ou
4. se utiliza(ria) o termo em ambos os géneros.

Dos dados obtidos o mais importante foi o número dos informantes que marcaram o género masculino e dos que marcaram o género feminino. O *coeficiente de oscilação genérica* por nós estabelecido corresponde sempre à diferença entre a percentagem dos

informantes que marcaram o género masculino e os que marcaram o género feminino. Assim, nunca ultrapassará o valor de 100. De referir que não foi levada em consideração, no cálculo desta medida, a percentagem de aceitação de ambos os géneros (ponto 4), sendo, nos estudos anteriores, observado que esta orbita, em todos os casos analisados, em torno de 1–6% (à exceção de COVID-19) (cf. Svobodová 2021, 2022; Šimíček 2022). Resumindo, quanto menor o coeficiente é, tanto maior é o grau da variação genérica. Por exemplo, no caso da palavra *burnout*, em PE, 4% dos informantes marcaram o género feminino, 80%, o masculino, 8% dos respondentes utilizam o termo em ambos os géneros e 8% não o conhecem. Então, neste caso, obtivemos o coeficiente 76 (e.g. 80%–4%) que corresponde, conforme a Tabela 1, ao segundo grau de oscilação genérica e poderia ser caracterizado como estável.

Coeficiente de oscilação genérica	Grau de oscilação genérica	Grau de estabilidade
0-20	5	Fortemente instável
21-40	4	Muito instável
41-60	3	Pouco estável
61-80	2	Estável
81-100	1	Muito estável

Tabela 1: Coeficiente e Grau de oscilação genérica

Ao mesmo tempo, chegou-se a verificar a percentagem dos informantes que desconhecem o dito termo. Na nossa pesquisa observamos a sua influência não só no grau de oscilação como também na integração nos dicionários portugueses. Foram consultados, para o dito fim, os seguintes dicionários:

Lexicografia portuguesa (Svobodová, 2021; 2022)

- PRIBERAM
(disponível em: <https://dicionario.PRIBERAM.org/>)
Extensão: 133 mil entradas lexicais.
- Caldas Aulete
(disponível em: <http://aulete.com.br/>)
Extensão: mais de 800 mil entradas lexicais (verbetes).
- Grande Dicionário Houaiss (doravante HOUAISS)
(disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>)
Extensão: 228 500 verbetes, 376 500 aceções, 415 500 sinónimos, 26 400 antónimos e 57 000 palavras arcaicas.
- Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (doravante MICHAELIS) – Michaelis
(disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>)
Extensão: 167 mil verbetes, 350 mil aceções, 27 mil expressões e 47 mil exemplos e abonações.
- Dicionário Online de Português (doravante DICIO)
(disponível em: <https://www.dicio.com.br/>)
Extensão: 400 mil palavras.

Lexicografia espanhola (Šimíček, 2022)

- DRAE (Diccionario de la Real Academia Española), versão 23.5.
(disponível em: www.dle.rae.es)
Extensão: 93.000 unidades léxicas
- II. Busca Palabra

(disponível em: www.buscapalabra.com)

Extensão: 70.000 unidades léxicas

- III. Dicionario Pons

(disponível em: www.en.pons.com)

Extensão: 100.000 entradas españolas (un diccionario multilingüe)

- IV. DECEL (Diccionario Etimológico Castellano En Linea)

(disponível em: www.etimologias.dechile.net)

Extensão: 15.000 unidades léxicas

O *corpus* analisado consta das seguintes expressões: *burnout*, *COVID19*, *hoax*, *task-force*, *webinar*, *take-away*, *fake-news*, *lockdown*. Na pesquisa de Svobodová (2021; 2022) foram analisados, ainda, os termos *covid-drive*, *coronabonds*, *covid-longa*, *lay-off*, *remdesivir*, *zoonose* e, na pesquisa de Šimíček (2022), também, as expressões *PCR*, *home-office*, *delivery* e *app*. Nas seguintes linhas iremos resumir e comparar os principais resultados relacionados com o *corpus* comum, podendo ser os dados relacionados com as palavras de fora do *corpus* consultados nas respectivas fontes bibliográficas.

2. ANÁLISE QUANTITATIVA

BURNOUT

A palavra *burnout* foi integrada na lexicografia portuguesa como palavra de género masculino sendo registada, neste mesmo género, em vários dicionários portugueses (Houaiss, Priberam, Dicio). Isso apesar de ser, muito frequentemente, associada, em português, aos termos *a síndrome* (cf. Areosa; Santa, 2021) (5) ou *a queima*. Tem sido usada na era de pandemia no sentido de “...estado de exaustão dos profissionais de saúde que se encontram na linha de frente no combate à COVID19 e uma das preocupações maiores, além do número assustadoramente crescente de médicos, enfermeiros e demais pessoal hospitalar...”(6).

Como os dados mostram, o termo é mais conhecido entre os informantes - falantes de PE, sendo a taxa de 8% relativamente baixa comparativamente com a que se refere aos informantes - falantes de PB (29%) e de Cast. (41%). Neste caso podemos confirmar a relação existente entre a taxa de desconhecimento e a variação genérica sendo o grau de oscilação 2 no caso de PE (estável) e, 4, nas outras duas línguas e variedade (muito instável). Compare-se os dados da Tabela 2 (7).

o/el BURNOUT	PE	PB	Cast.
Coeficiente	76	32	40
grau	2 (estável)	4 (muito instável)	4 (muito instável)
taxa de desconhecimento	8%	29%	41%
dicionários +	HOUAIS	PRIBERAM	DICIO
dicionários -	MICHAELIS	AULETE	RAE BUSCA PONS DECEL

Tabela 2: *BURNOUT* - dados analíticos

COVID-19

A palavra *COVID-19* ou *covid-19* é um acrónimo do nome inglês *Corona Virus Disease 2019*, que designa uma doença infecciosa respiratória, causada pelo coronavírus SARS_CoV-2, identificado pela primeira vez em 2019. Chegou a afetar a vida quotidiana

da sociedade em todo o mundo, e, por isso, o conhecimento geral deste termo é de 100% como mostra a Tabela 3.

Apesar disso, o grau de oscilação é o mais alto como indicam os dados relacionados com os informantes - falantes de PE e de PB. No caso dos informantes de Cast. esta palavra é gramaticalmente também muito instável (grau 4). Neste caso, não podemos confirmar qualquer relação entre a variação genérica e a taxa de desconhecimento. Como a causa mais provável da variação evidencia-se o facto de entrarem em jogo diferentes processos cognitivos e associativos.

Teixeira (2020, p. 43) refere, neste contexto, o termo *metaftonímia* (Teixeira, 2020 *apud* Svobodová, 2021, 2022): relação paradigmática lexical que consiste no facto de as palavras poderem ser usadas no sentido metafórico, adotando o género gramatical da expressão conotativa com a qual se veem associadas. Assim, à palavra *covid*, usada no sentido primário de *vírus*, é atribuído o género masculino (i.e. *o covid* = *o vírus*). No entanto, quando associado ao significado metafórico de *doença*, é-lhe atribuído o género feminino (i.e. *a covid* = *a doença*).

Ao mesmo tempo, os dados da Tabela 3 provam uma grande divergência de seu uso e, apesar de se tratar de um termo geralmente conhecido, não foi incorporado em todos os dicionários.

o/a el/la COVID-19	PE	PB	Cast.		
Coeficiente	7	8	28		
grau	5	5	4		
taxa de desconhecimento	0 %	0%	0%		
dicionários +	HOUAIS	DICIO	RAE	PONS	DECEL
dicionários -	MICHAELIS	AULETE	PRIBERAM	BUSCA	

Tabela 3: COVID-19 - dados analíticos

FAKE-NEWS

Fake-news é uma palavra inglesa que corresponde ao termo *notícias falsas* (PE e PB) e *notícias falseadas* (Cast.). Na sua versão traduzida, igualmente, entrou, no dicionário Priberam que, no entanto, não incorporou a sua versão inglesa. No contexto pandémico era usado para designar as notícias falsas e nocivas em matéria da covid—19 (8).

Como podemos observar na Tabela 4, esta palavra é muito estável em PE e PB (g.o.g.=1) e estável em Cast (g.o.g. = 2). Caso ocorra alguma oscilação genérica, neste caso, é, provavelmente, causada pela influência do género gramatical comum da língua de origem, que é o género masculino.

(as/las) FAKE.NEWS	PE	PB		Cast.			
Coeficiente	94	87		78			
Grau	1	1		2			
taxa de desconhecimento	0%	0%		0%			
dicionários +	Houais	DICIO		-			
dicionários -	MICHAELIS	AULETE	PRIBERAM	RAE	BUSCA	PONS	DECEL

Tabela 4: FAKE-NEWS – dados analíticos

HOAX

A palavra *hoax* é um termo usado na área da informática no sentido de notícia ou história falsa recebida pela Internet (geralmente em e-mail ou em site de relacionamento) a fim de fazer apelo dramático e sentimental a respeito de algo ou alguém (9). Essa mensagem pode também ser utilizada para a obtenção de dados de alguém e estes podem ser abusados para fins ilícitos. Um *hoax* também pode ser percebido como uma tentativa de enganar um grupo de pessoas, fazendo-as acreditar que algo falso é real (10).

No contexto pandêmico, este tipo de mensagens era usado como ferramenta de manipulação dos movimentos *antimáscaras* e *antivacinas* que advertiam que o coronavírus era um engano e uma fraude (Reuters, 2020) (11).

Os dicionários Michaelis, Houaiss, Busca e Decel definem este termo como nome de gênero masculino cujo plural adquiriu a forma *hoaxes*. No entanto, na linguagem real mostrou-se fortemente instável em PE (g.o.g.=5) ou muito instável em PB e Cast. (g.o.g.=4) como mostram os dados da Tabela 5. Esta alta variação associa-se, obviamente, à alta taxa de desconhecimento em todas as línguas (60% em PE e 62% em PB, 61% em Cast.). Mas, ao mesmo tempo, alguns dos falantes até referem que o termo só é usado na linguagem escrita, indicando como substituinte a expressão no gênero feminino como *a farsa*, *a mentira*, *a notícia mentirosa*, provocando associações diferentes em casos individuais.

o/el HOAX	PE	PB	Cast.	
Coeficiente	19	23	21	
Grau	5	4	4	
taxa de desconhecimento	60%	62%	61%	
dicionários +	HOUAIS	MICHALIS	BUSCA	DECEL
dicionários -	MICHAELIS	AULETE	DICIO	PONS
			RAE	

Tabela 5: *HOAX* - dados analíticos

LOCK-DOWN

A expressão *lock-down* foi incorporada nos dicionários Houaiss e Dicio, como palavra de gênero masculino que indicam o seu equivalente *confinamento*. Na era de pandemia, tem sido usada no sentido de “a medida mais radical imposta por governos para que haja distanciamento social – uma espécie de bloqueio total em que as pessoas devem, de modo geral, ficar em casa”(12).

Como os dados da Tabela 6 indicam, é um xenismo genericamente muito estável em PE e PB (g.o.g.= 1) ou estável em Cast. (g.o.g.=2), sendo conhecido por 100% dos informantes nas três línguas observadas.

o/el LOCKDOWN							
Coeficiente	82	97	80				
Grau	1	1	2				
taxa de desconhecimento	0%	6%	0%				
dicionários +	HOUAIS	DICIO	-				
dicionários -	MICHAELIS	AULETE	PRIBERAM	RAE	BUSCA	PONS	DECEL

Tabela 6: *LOCK-DOWN* - dados analíticos

TASK-FORCE

Esta expressão não se encontra incorporada em nenhum dos dicionários consultados. Por isso procurou-se a sua definição nas fontes de lexicografia anglosaxónica. Por exemplo, o dicionário Cambridge define-a do seguinte modo: “a group of people who are brought together to do a particular job, or a large military group who have a military aim to achieve” (13).

Durante a pandemia passou a designar um grupo coordenador do Plano de Vacinação contra a Covid – 19. O seu equivalente *força-tarefa* encontra-se dicionarizado em todas as fontes de língua portuguesa consultadas. A sua tradução para o castelhano seria *fuerza de tareas* e como tal encontra-se incorporada apenas no dicionário Pons. Em todos os casos, os ditos equivalentes são definidos como grupo de pessoas especializadas em várias áreas que, temporariamente, se juntam para realizar uma determinada missão.

Os respondentes - falantes de PE e PB preferem usar outras possibilidades: *a equipa de missão, a força de intervenção, a comissão ad-hoc*, ou o *grupo de trabalho* (PE) (Svobodová, 2022, p. 220) e, em castelhano, *el equipo, grupo, cuerpo operativo de trabajo*, o, *la fuerza operativa*. (Šimíček, 2022, p.50).

Os dados tirados apontam, neste caso, para uma relação direta entre a taxa de desconhecimento da expressão e a oscilação genérica. No caso dos falantes de PE, apenas 5% do total dos informantes não conheceram a palavra, sendo a palavra genericamente estável (g.o.g.= 2). Por outro lado, no caso dos falantes de PB e do Cast. a taxa manifestou-se muito maior (32% e 33% respetivamente), o que se reflete num maior grau de oscilação, em ambos os casos, esta expressão é muito instável (g.o.g. =4).

a/la TASK-FORCE	PE		PB			Cast.			
Coeficiente	67		32			27			
Grau	2		4			4			
taxa de desconhecimento	5 %		32%			33%			
dicionários +									
dicionários -	HOUAISS	PRIBERAM	AULETE	DICIO	MICHAELIS	PONS	RAE	DECEL	BUSCA

Tabela 7: *TASK-FORCE* - dados analíticos

TAKE-AWAY

A expressão *take-away* foi incorporada como substantivo masculino em dois dicionários: Houaiss e Priberam. Durante a pandemia, o seu escopo semântico foi restringido, devido ao contexto vivenciado, sendo usado no sentido de serviço de entrega de refeições ao domicílio pelos restaurantes no período de confinamento.

A palavra é usada pelos respondentes-falantes de PLE e de Cast. no género masculino, e como tal é a palavra mais estável de todo o *corpus* estudado no castelhano (g.o.g.=1). Como se pode observar na Tabela 8, a sua variação é um pouco mais elevada no caso dos informantes – falantes de PB, o que pode ser justificado também por uma elevada taxa de desconhecimento (13%), pertencendo este serviço, predominantemente, à cultura europeia (originalmente holandesa). Aliás, a expressão é conhecida por 100% dos respondentes de PE e 87% dos respondentes de Cast.

o/el TAKE-AWAY							
Coeficiente	92	57		89			
Grau	1	3		1			
Taxa de desconhecimento	0%	13%		4%			
dicionários +	Houais	Priberam		-			
dicionários -	Michaelis	Aulete	Dicio	RAE	BUSCA	PONS	DECEL

Tabela 8: TAKE-AWAY- dados analíticos

WEBINAR

O termo *webinar* surgiu, nas línguas comparadas, como palavra derivada do radical *web* (rede mundial de computadores) e foi incorporado na sua versão original apenas em dois dicionários portugueses: Houaiss e Priberam, e isso como palavra de género masculino com os seguintes equivalentes: *webinário* ou *webnário* (14).

Segundo as fontes indicadas, a expressão é usada na área da Informática no sentido de um seminário efetuado pela Internet. No contexto da crise sanitária tem sido um dos formatos mais frequentemente adotados para organizar conferências e palestras no âmbito da educação digital (15).

Como os dados adquiridos mostram, a oscilação genérica é, nas variedades observadas de PE, PB e Cast. média, resultando esta palavra como pouco estável (g.o.g.=3 em PE e PB) e como muito instável em Cast. (g.o.g.=4), independentemente da taxa de desconhecimento, que se mostrou menor em PE (apenas 6%) e maior em Cast. (13%) e PB (17%).

WEBINAR							
Coeficiente	50	43		29			
Grau	3	3		4			
Taxa de desconhecimento	6 %	17%		13%			
dicionários +	Houais	Priberam		-			
dicionários -	Michaelis	Aulete	Dicio	RAE	BUSCA	PONS	DECEL

Tabela 9: WEBINAR - dados analíticos

CONCLUSÃO

Através da análise apresentada, pretendemos comparar os diferentes aspetos associados ao uso das palavras importadas do inglês numa altura que provocou enormes danos à sociedade humana, trazendo consigo não poucos desafios a nível científico, designadamente linguístico.

Um dos aspetos analisados foi a taxa de desconhecimento e a sua relação com a incorporação nos dicionários portugueses e espanhóis. Os dados obtidos confirmam que a lexicografia portuguesa se adapta, muito mais rapidamente, à evolução dinâmica da vida na sociedade. Praticamente todas as palavras do *corpus* analisado foram dicionarizadas no contexto de lexicografia portuguesa, ficando sem abrigo, apenas uma expressão (*task-force*). O dicionário Houaiss destacou-se dos outros pela maior dinamicidade, reagindo mais rapidamente reagiu à situação pandémica. No *corpus* espanhol apenas duas palavras (*covid* e *hoax*) foram dicionarizadas.

Mesmo assim, na lexicografia portuguesa, observamos uma série de curiosidades. Em primeiro lugar, as palavras COVID-19 e *fake-news*, conhecidas por todos os falantes, não foram introduzidas em todos os dicionários. Surpreendentemente, o último termo não foi incorporado não só nos dicionários Michaelis e Aulete, que se mostraram mais imunes aos xenismos em geral (inclusive ao próprio COVID-19), como nem sequer no Priberam,

que pertence aos dicionários mais flexíveis. O mesmo pôde observar-se noutros neologismos com um maior grau de conhecimento ainda (p. ex.: *lockdown*). A maior surpresa foi a inclusão de *hoax*, palavra menos conhecida pelos respondentes, no dicionário menos dinâmico, o Michaelis, enquanto noutros dicionários geralmente mais dinâmicos não foi integrada.

Quanto à instabilidade de género, em cada um dos neologismos calculámos o “coeficiente de oscilação genérica”, que mostra o grau de variação genérica no uso das expressões pelos falantes nativos. Dividimos os coeficientes em cinco graus, em que o grau 5 implica a forte instabilidade, e, o grau 1, a maior estabilidade. Em todas as línguas, foi a palavra COVID-19 fortemente ou muito instável sendo verificado, nela, o quinto grau de oscilação genérica em PE e PB e o quarto grau em Cast. Quanto às expressões *fake-news*, *hoax*, *lock-down* ou *webinar*, o grau de oscilação foi aproximadamente o mesmo em todas as variedades e línguas observadas (2-3-4). Às vezes, foi verificada uma maior proximidade entre o PB e o Cast. (p. ex. *burnout*, *task-force*), mas, no caso de *take-away* foi provada uma maior convergência entre o PE e Cast.

Tal como já concluímos nos estudos anteriores (cf. Svobodová 2021; 2022), a fixação do género gramatical por qualquer ferramenta linguística vai sempre, em menor ou maior grau, enfrentar o problema de confronto com o uso real na linguagem corrente, já que se vê sujeita a processos cognitivos que nunca serão coincidentes em todos os falantes e à taxa de desconhecimento da realidade designada que pode ter origens e tradições diferentes. Estamos convencidos de que a inclusão de informações mais detalhadas relativas à oscilação do género e ao uso, mais ou menos periférico em cada uma das variedades, ajudariam os utentes (falantes quer nativos quer não nativos) da língua portuguesa a orientarem-se melhor no seu uso.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, I. M. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. Alfa, p. 119–126, 2003.
- AREOSA, J., SANTA, R. Síndrome de burnout: futuro do trabalho? (opinião). *Público*, 25-04-2021.
- CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. *La clasificación de neologismos: una tarea compleja*. Alfa, 50, 2, p. 229–250, 2006.
- BIDERMAN, M. T. C. Fundamentos da Lexicologia. *Teoria linguística: teoria lexical e computacional*. São Paulo: Martins Fontes, p. 99-155, 2001.
- BOULANGER, J. C. de. Néologie et terminologie. *Néologie en Marche*, n. 4, p. 5–128, 1979.
- CARVALHO, D. da S. *A Domesticação da Gramática de Género*. São Paulo: Pontes Editores, 2021.

FERRAZ, A. P. Neologismos semânticos na publicidade impressa: uma abordagem cognitivista. In: A. N. Isquierdo, & M. J. B. Finatto (Eds.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (vol. IV). Campo Grande: UFMS/UFRGS, 2010.

GOUVEIA, M. C. de F. e. O género dos estrangeirismos usados na língua portuguesa. *Actas do VIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, p. 411–419, 2003.

JABŁONKA, E. *Introdução das unidades lexicais estrangeiras no português atual. Estudo baseado em blogues femininos portugueses e brasileiros*. Lublin: Wydawnictwo UMCS, 2016.

SVOBODOVÁ, Iva. Género Gramatical de Covid-Xenismos. *Étude Romanes de Brno*. Brno: Masaryk University, Faculty of Arts, n. 42/1, p. 95-122, 2021.

SVOBODOVÁ, Iva. Género gramatical de COVID-xenismos II. *Études Romanes de Brno*. Brno, Czech Republic: Masaryk University, n. 2022/1, p. 213-227, 2022.

SABLAYROLLES, Jean-François. La néologie aujourd'hui. In: CRUAZ, Claude, dir. *À la recherche du mot: de la langue au discours*. Limoges: Lambert Lucas, p. 141–157, 2006.

ŠIMÍČEK, Kryštof. *El género gramatical de los COVID-xenismos en español*. Universidade Masaryk. Faculdade de Letras, Brno, 2022.

TEIXEIRA, J. Metáforas da Vida Co(v)idiana. *Estudos Linguísticos e Literários*, 69, número especial, p. 21–51, 2020.

TIMBANE, A. A. O estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 54.2., Campinas, Jul/Dez, p. 289-304, 2012.

Recursos online (todos os recursos online foram consultados nos meses de março e abril de 2021 e verificados em setembro 2022)

Dicionários e enciclopédias

<https://aulete.com.br>

<https://dicionario.PRIBERAM.org>

<https://dicio.com.br>

<https://michaelis.uol.com.br>

<https://houaiss.uol.com.br>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/>

<https://www.dle.rae.es>

<https://www.buscapalabra.com>

<https://www.en.pons.com>

<https://www.etimologias.dechile.net>

Recursos on-line linguísticos

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/lexico-COVID-19>

<https://www.normaculta.com.br/neologismo/>

Inquéritos

<https://www.surveio.com/survey/d/D8Q4A4A2J3K4T2N6S>

Textos jornalísticos

<https://www.reuters.com/article/uk-factcheck-hoax-idUSKBN25G2KM>

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/06/entenda-o-que-e-lockdown.ghml>

ANEXO: DADOS ANALÍTICOS DE TODOS OS XENISMOS

BURNOUT	PE	PB	Cast.
Coeficiente	76	32	40
grau	2	4	4
taxa de desconhecimento	8%	29%	41%
dicionários +	HOUAIS	PRIBERAM	DICIO
dicionários -	MICHAELIS	AULETE	RAE BUSCA PONS DECEL
COVID-19	PE	PB	Cast.
Coeficiente	7	8	28
grau	5	5	4
taxa de desconhecimento	0 %	0%	0%
dicionários +	HOUAIS	DICIO	RAE PONS DECEL
dicionários -	MICHAELIS	AULETE PRIBERAM	BUSCA
FAKE.NEWS	PE	PB	Cast.
Coeficiente	94	87	78
Grau	1	1	2
taxa de desconheciment o	0%	0%	0%
dicionários +	Houais	DICIO	-
dicionários -	Michaelis	Aulet e Priberam	RAE BUSCA PONS DECEL
HOAX	PE	PB	Cast.
Coeficiente	19	23	21
Grau	5	4	4
taxa de desconhecimen to	60%	62%	61%
dicionários +	HOUAIS	MICHALIS	BUSCA DECEL
dicionários -	MICHAELIS	AULETE DICIO	PONS RAE
LOCKDOW N			
Coeficiente	82	97	80
Grau	1	1	2
taxa de desconhecime nto	0%	6%	0%
dicionários +	HOUAIS	DICIO	-
dicionários -	MICHAEL IS	AULETE PRIBERAM	RA E BUSC A PON S DECE L

TASK-FORCE	PE		PB			Cast.			
Coeficiente	67		32			27			
Grau	2		4			4			
taxa de desconhecimento	5 %		32%			33%			
dicionários +									
dicionários -	Houaiss	Priberam	Aulete	Dicio	Michaelis	PONS	RAE	DECEL	BUSCA
TAKE-AWAY									
Coeficiente	92		57			89			
Grau	1		3			1			
Taxa de desconhecimento	0%		13%			4%			
dicionários +	Houais		Priberam			-			
dicionários -	Michaelis		Aulete	Dicio		RAE	BUSCA	PONS	DECEL
WEBINAR	PE		PB			E			
Coeficiente	50		43			29			
Grau	3		3			4			
Taxa de desconhecimento	6 %		17%			13%			
dicionários +	Houais		Priberam			-			
dicionários -	Michaelis		Aulete	Dicio		RAE	BUSCA	PONS	DECEL

Tabela 10: QUADRO SINTÉTICO

NOTAS

(1) Sobre a instabilidade do género gramatical de neologismos, veja-se Gouveia (2003) ou Carvalho (2021).

(2) Estas palavras são denominadas, também, xenismos (cf. Jabłonka 2016).

(3) Página de acesso:

<https://www.surveio.com/survey/d/D8Q4A4A2J3K4T2N6S> (para a língua portuguesa)

<https://www.surveio.com/survey/d/M2D4S0R6Q2F5T9Y4M> (para a língua espanhola)

(4) Para a descrição da parte sociolinguística dos inquéritos veja-se Svobodová (2021, 104-106) e Šimíček (2022, 35-41).

(5) <https://www.publico.pt/2021/04/25/opinia0/noticia/sindrome-burnout-futuro-trabalho-1959774>

(6) <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/covid-19-na-lingua-b/4469>

(7) Todas as tabelas têm duas cores. A cor mais escura mostra sempre os valores que, nesta análise comparativa, se destacam dos outros de forma mais marcante.

(8) <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/o-lexico-da-covid-19-f/4498>

(9) <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/hoax/>

(10) <https://houaiss.uol.com.br>

(11) <https://www.reuters.com/article/uk-factcheck-hoax-idUSKBN25G2KM>

(12) <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/06/entenda-o-que-e-lockdown.ghtml>

(13) www.dictionary.cambridge.org

(14) <https://dicionario.priberam.org/webinar>
<https://houaiss.uol.com.br> 34 <https://houaiss.uol.com.br>

(15) <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/covid-19-na-lingua-z/4515>

INFLUÊNCIA DO LEXEMA *CORONAVÍRUS* NO LÉXICO PORTUGUÊS NOS TEMPOS DE PANDEMIA

Edyta JABŁONKA

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 provocou o surgimento de várias modificações em todas as atividades humanas, então, é natural que tenha provocado também muitas alterações importantes no léxico. O presente estudo tem como objetivo principal concentrar-se num dos fenómenos relacionados com estas mudanças e foca-se na apresentação e na classificação dos neologismos com o componente *corona*, proveniente do coronavírus, cujo surgimento tem marcado a nossa realidade a partir de março de 2020. A estrutura planeada assenta-se no breve enquadramento teórico ao qual se segue a apresentação dos dados recolhidos principalmente das fontes eletrónicas, apoiada na pesquisa lexicográfica realizada em dicionários disponíveis na versão eletrónica (variantes europeia e brasileira). Trata-se das alterações muito dinâmicas no sistema lexical do português que têm acontecido devido à pandemia, pois surgiram muitos neologismos: palavras compostas, contaminações, híbridos, amálgamas ou empréstimos. É preciso sublinhar que não somente o português, mas também muitas outras línguas foram influenciadas pelo aparecimento de termos especializados, sobretudo relacionados com a medicina, que são muito semelhantes ou até iguais em vários idiomas. Contudo, também se verificou a presença de alguns neologismos resultantes da nova realidade em Portugal e no Brasil, relacionados com a luta contra o coronavírus e a vida durante a pandemia, específicos para estes países em questão.

1. O PAPEL DOS NEOLOGISMOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Como já mencionámos, com o aparecimento e a expansão do novo coronavírus surgiram novos termos médicos e económicos usados na comunicação e, sobretudo, termos coloquiais usados pelos falantes na nova realidade e termos ocasionais, expressivos e criados pelos falantes para aliviar o *stress* da vida quotidiana nos tempos difíceis. Os neologismos nascem para responder às necessidades de um novo padrão de vida causado pela pandemia, assim, é natural que os neologismos com o componente *corona*- se tenham tornado populares devido às mudanças ocorrentes no mundo (Jablonka, 2021, p. 7).

Com o acesso a novas tecnologias e às redes sociais, a comunicação no nível mundial torna-se mais fácil e várias novas palavras propagam-se nas comunidades falantes de maneira muito dinâmica. No entanto, perante o dinamismo do léxico, a tarefa de normalizá-lo torna-se bastante complicada, o que é possível observar também desde o surgimento do novo coronavírus e da doença por ele provocada.

Vale a pena sublinhar que o léxico relacionado com a pandemia é muito rico. Desde o início da pandemia da COVID-19 têm surgido numerosos neologismos dentre os quais distinguimos palavras compostas, contaminações, híbridos, amálgamas ou

empréstimos. O léxico é de natureza pluridimensional, constitui um componente importante da língua cuja função é “produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais” (Rio-Torto, 2006, p. 2). Funciona como um sistema aberto, em transformação, tratado como um conjunto de todas as palavras de que dispõem os falantes de uma determinada língua num determinado tempo e espaço. Constitui um conjunto de experiências adquiridas pelas comunidades falantes, formado de unidades, criadas pelas necessidades e interações de diferentes grupos sociais, formando, assim, o universo lexical, conforme salienta Antunes:

Usando o léxico, as comunidades falantes realizam uma espécie de reciclagem do material lexical disponível, quer dizer, formam as palavras novas aproveitando vários métodos para construí-las: [...] ganha sentido afirmar que o léxico é mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que repertório de unidades. É um depositário de recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo (Antunes, 2007, p. 42).

A mudança linguística no léxico consiste normalmente em dois processos: o processo de queda em desuso e a passagem ao estatuto do arcaísmo, assim como o processo de aparecimento de novas palavras – os neologismos. Boulanger (1989, p. 202) define a neologia como processo de criação de unidades lexicais, gerais ou terminológicas, pelo recurso aos mecanismos de criatividade lexical de que uma língua dispõe. Como diz Guilbert (1975), a neologia ocupa-se dos fenómenos linguísticos de ordem fonética, fonológica, morfológica, sintática, semântica e lexical, que ocorrem em certos momentos numa dada língua. Então, como neologismo, podemos tratar uma palavra que é resultado de um destes processos, uma palavra percebida como nova pelos falantes de cada língua. Sem dúvida, “o neologismo pode-se definir como uma unidade léxica de formação recente, uma aceção nova de um termo já existente ou um termo emprestado há pouco de um sistema linguístico estrangeiro” (Cabré, 1993, p. 444). A comunidade falante pode aceitar estas novas unidades que assim perdem o estatuto de neologismo; no entanto, são capazes de não se adaptarem e desaparecerem do sistema linguístico. O fator de frequência parece muito importante: quanto mais a palavra é usada, mais facilmente entra no acervo lexical de uma língua, perdendo o valor de novidade. A fase de dicionarização normalmente marca o fim do processo da adaptação dos neologismos.

Os falantes têm também um papel muito importante na introdução de novos vocábulos, papel hoje reforçado pelo emprego de meios de comunicação modernos, por exemplo as redes sociais e aplicações, por isso escolhemos as fontes eletrónicas como base da pesquisa do corpus, sem nos esquecermos, portanto, do papel do dicionário, que, segundo Biderman (2002, p. 75), constitui “um instrumento indispensável e imprescindível na fixação do léxico de uma língua escrita e literária”. Muitas das palavras hoje tratadas como neologismos podem integrar-se na língua de tal maneira que ninguém as perceberá como novas ou desconhecidas, o que é, portanto, difícil de prever. Estas palavras também podem cair em desuso, por serem, por exemplo, resultado da moda ou por pertencerem às gírias que podem mudar de geração em geração. Os dicionários têm um papel importante neste caso: “A existência do termo novo [...] é confirmada por sua

inserção no dicionário, certidão de nascimento, a partir da qual o termo deixa de ser neológico” (Carvalho, 1998, p. 64).

Correia e Lemos (2005) indicam alguns princípios que deveriam caracterizar a criação dos neologismos, tais como a transparência de denominação, o respeito pela estrutura da língua de acolhimento, as probabilidades de acolhimento do termo proposto, a adequação ao vocabulário da especialidade em causa, a capacidade de constituir base de paradigmas derivacionais e/ou composicionais, a frequência de uso do termo. A realidade que nos rodeia altera-se constantemente, alguns fenómenos, objetos ou nomes de produtos caem no esquecimento; por outro lado, sempre aparecem novidades que exigem ser nomeadas, como pudemos observar também durante a pandemia.

Com certeza, o ano 2020 vai passar para a história mundial como o ano da pandemia do coronavírus, que teve grande impacto no funcionamento de quase todos os países do mundo e na vida quotidiana dos seus habitantes. A título de exemplo, podemos mencionar o artigo “Pandemia à Portuguesa: um relato sobre o Covid-19 em Portugal”, publicado no site <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/10369> (acesso em: 12 jan. 2023), que descreve concisamente os acontecimentos relevantes que marcaram a vida não só dos portugueses, mas também de todas as pessoas, de maneira mais global. Por isso, é natural que a pandemia tenha exercido uma grande influência também nas línguas e que tenha alterado a maneira de as pessoas lidarem com novas emoções: jogos de palavras, piadas e neologismos divertidos têm provocado alívio parar o *stress* e o medo.

2. APRESENTAÇÃO DE DADOS E DE EXEMPLOS

2.1 DADOS GERAIS

O termo *coronavirus*, de origem latina (*coronaviridae*), refere-se ao grupo inteiro de coronavírus, portanto, com o surgimento da pandemia, o seu uso foi restringido ao representante chamado de SARS-CoV-2 (no princípio, chamado de *novo coronavírus*), gerador da infeção COVID-19 (do inglês – CO – *corona*, VI – *virus*, D – *disease*). O componente *corona-* relaciona-se com a estrutura do vírus que parece possuir uma coroa.

Um dos primeiros assuntos que tomaremos em consideração é a função do componente *corona-* como primeiro elemento em palavras compostas portuguesas, indicando sua ligação semântica com a pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, p.ex. *coronaférias*, *coronanoiva*, *coronafobia*. O segundo assunto que queremos abordar é o problema da dicionarização. Na nossa opinião, muitos dos novos lexemas parecem ser testemunhas da época e estarão presentes em glossários e dicionários. Alguns neologismos com este componente já ficaram dicionarizados ou se encontram nos glossários que apresentamos a seguir, o que pode sugerir a sua futura presença mais estável no léxico da língua portuguesa. A questão seguinte é a produtividade do componente *corona-* em português, com o qual se formaram novos lexemas, p.ex. *coronabozo*, *coronahisteria*, *coronalixo*, *coronamedo*, *coronaminion*, *coronaprotocolo*, *coronassono*, etc. (Gonçalves, 2020, p. 102), e também com componentes sobretudo de origem inglesa (p.ex. *coronaparty*, *coronachallenge*).

2.2 O COMPONENTE *CORONA*- NOS NEOLOGISMOS EM DICIONÁRIOS E PÁGINAS *WEB* EM PORTUGUÊS

Antes de passarmos à apresentação de exemplos selecionados de dicionários e de páginas de Internet em português, é preciso mencionar que, depois do início da pandemia, apareceram várias iniciativas e projetos de criação de glossários relacionados com esta temática, como p.ex. o *Glossário Colaborativo COVID-19 (Lexonomy)* da CLUNL-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova; Dicionário da COVID-19: compilação do corpus e levantamento dos termos da autoria de Costa, L. A. da C., Curti-Contessoto, B., & Alves, I. M. (2022); O léxico da covid-19 do site “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa”, glossário que reúne palavras e locuções postas em circulação pelos media em português, no registo diário das graves repercussões nacionais e internacionais da pandemia de covid-19 (<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/covid-19-na-lingua/pagina/1>, acesso em 12 jan. 2023); *Glossário terminológico da pandemia 2020: os termos de prevenção, sintomas e tratamento sobre o COVID-19* da Universidade de Brasília; *Dicionário Enciclopédico do Novo Coronavírus* da Universidade Federal de Santa Maria. As iniciativas mencionadas demonstram que a pandemia do coronavírus teve grande impacto no léxico português.

Passando à pesquisa lexicográfica, é preciso esclarecer que o lexema *coronavírus* já esteve presente em dicionários consultados, pois este tipo de vírus tinha sido detetado antes do surgimento do SARS-COV-2. No *Dicionário Priberam* em linha encontramos a seguinte definição:

coronavírus n. m. 2 núm., co·ro·na·ví·rus (latim corona, -ae, coroa + vírus) nome masculino de dois números [Biologia, Medicina] Designação dada a vários vírus com ARN como material genético, cuja forma lembra a de uma coroa, que são causa comum de infeções respiratórias leves a moderadas, mas também da pneumonia atípica grave. Palavras relacionadas: *corona*, *alfacoronavírus*, *betacoronavírus*, *deltacoronavírus*, *gamacoronavírus*, *pneumonia*, *coronavirologia* (acesso em: 22 fev. 2023).

Já o *Dicionário Infopédia* da Porto Editora apresenta a seguinte definição do lexema *coronavírus*:

coronavírus co.ro.na.ví.rus; nome masculino de 2 números MEDICINA designação comum, extensiva a qualquer um dos vírus da família Coronaviridae, capazes de infetar animais e humanos causando doenças respiratórias e digestivas (entre as que afetam o ser humano, contam-se a COVID-19, a síndrome respiratória do Médio Oriente ou a síndrome respiratória aguda grave) e que, observados ao microscópio, apresentam uma morfologia característica que recorda a forma de uma coroa. (acesso em 22 fev. 2023).

Entre as palavras derivadas, encontramos no mesmo dicionário os lexemas *coronafobia* e *coronafóbico*:

coronafobia: nome feminino. 1.ansiedade relacionada com a pandemia da COVID-19; 2. medo patológico de ser contaminado pelo coronavírus causador da COVID-19.

coronafóbico: adjetivo 1. relativo a coronafobia (ansiedade relacionada com a pandemia da COVID-19); 2. que sofre de medo patológico de ser contaminado pelo coronavírus causador da COVID-19 (de coronafobia+-ico). (acesso em 22 fev. 2023).

No mesmo dicionário encontramos ainda o lexema *coronaviral*: “adjetivo de 2 géneros; 1. relativo a coronavírus 2. causado por coronavírus”.

No dicionário *online* <https://www.lexico.pt/>, no dia da consulta, não constatamos nenhuma definição, nem descrição detalhada – aparecem apenas dois exemplos de uso de *coronavírus*, com datas de introdução anteriores ao surgimento da pandemia do SARS-COV-19, a saber:

É a sexta morte associada ao novo *coronavírus*, que afecta de forma grave as vias respiratórias. O doente morreu no domingo de manhã. *Público*, 19.02.2013.

Estudo mostra que o novo *coronavírus* está bem adaptado às pessoas, mas a Organização Mundial de Saúde diz que é menos transmissível do que o vírus SARS que causou centenas de morte na China há uma década. *Público*, 20.02.2013.

A seguir, passemos aos dicionários brasileiros, começando pela definição bastante extensa, acompanhada de exemplos, encontrada no dicionário brasileiro *online Dicio.com.br*:

coronavírus substantivo masculino plural [Medicina]. Família de vírus (Cov) que provoca variadas doenças em animais e pessoas, especialmente infecções respiratórias, sendo a sua manifestação mais severa conhecida como Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-Cov).

novo coronavírus. Novo tipo de vírus pertencente à família dos Coronavírus que, conhecido como SARS-CoV-2, causa uma síndrome respiratória aguda, grave e altamente contagiosa, chamada Covid-19.

pandemia de Covid-19. Epidemia mundial da síndrome respiratória aguda e grave causada pelo Novo Coronavírus. Etimologia (origem da palavra coronavírus). A palavra coronavírus deriva por influência do inglês "coronavirus", da junção do latim "corona,ae", que significa "coroa", e vírus.

Apresentamos também exemplos com a palavra *coronavírus*, observados no jornal *Folha de São Paulo*:

O *coronavírus* MERS matou duas pessoas no Oriente Médio, uma na Arábia Saudita, onde a doença surgiu no ano passado, e um no vizinho Catar, e outras três pessoas estão infectadas, informaram as autoridades de saúde neste domingo (8). *Folha de S.Paulo*, 08/09/2013.

Doenças como a sars (síndrome respiratória aguda severa) e a causada pelo vírus ebola podem ter origem nos morcegos. O vírus Mers (*coronavírus* da síndrome respiratória do Oriente Médio), com alto grau de letalidade, também teria se originado nos morcegos. *Folha de S. Paulo*, 20/11/2013.

O ministro da Saúde Abdallah al Rabia afirmou que o novo vírus da família dos *coronavírus*, que provocou a morte de um saudita no início de outubro, está sob controle e que não existe risco algum para os peregrinos. *Folha de S.Paulo*, 03/04/2007 (acesso em 22 jan. 2023).

Por sua vez, o dicionário *Aulete* apresenta a definição seguinte:

coronavírus (co.ro.na.ví.rus) sm2n. 1. Micbiol. Cada um dos vírus de um grupo que pode causar infecções em aves e diversos mamíferos, inclusive o homem (sua forma lembra a de uma coroa, ao microscópio) (acesso em 07 fev. 2023).

Quanto aos outros recursos disponíveis on-line, é indispensável mencionar o site <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/covid-19-na-lingua/pagina/1> (acesso em 07 fev. 2023), que apresenta uma grande variedade de lexemas relacionados com o coronavírus e a pandemia em geral, entre os quais se encontram os termos com o componente *corona-*, tais como: *coronabonds*; *coronacéticos*; *coronafobia*; *coronation*; *CoronaVac*; *coronavir*.

Vejamos agora as explicações dos termos acima enumerados cujas definições e descrições foram encontradas em fontes eletrônicas, iniciando pela definição de *coronabonds*:

coronabonds podem ser definidos como dívidas mútuas. Se traduzirmos para Português, ficaríamos com algo do género “obrigações (bonds) corona”.

Os coronabonds, defendidos por alguns Estados europeus, constituem emissões conjuntas de dívidas que seriam assumidas por todos os países da zona euro.

<https://www.jpn.up.pt/2020/04/07/covid-19-as-palavras-que-entraram-no-nosso-vocabulario/> (acesso em 24 mar. 2021).

Na linguagem jornalística, encontramos um jogo de palavras divertido entre *coronabond* e o nome do famoso agente 007, James Bond:

O meu nome é Bond, Coronabond. O que significa a palavra da discórdia europeia? A dívida de longo prazo é emitida em títulos designados "Obrigações do Tesouro". Em inglês: "Treasury Bonds". Numa tradução livre, *coronabonds* seria, em português, qualquer coisa como "Obrigações Corona". Os Coronabonds são assim um instrumento de dívida mutualizada mas em vez de ter uma finalidade genérica de financiamento dos Estados-membros (como os Eurobonds), tem por objetivo medidas concretas de combate aos efeitos económicos da pandemia. (<https://www.tsf.pt/portugal/economia/o-meu-nome-e-bond-coronabond-o-que-significa-a-palavra-da-discordia-europeia-12012329.html> (acesso em 07 fev. 2023)).

O negacionista do coronavírus é o *coronacético*. Os seguintes exemplos mostram o uso desse neologismo:

Manifestação de coronacéticos degenera em confrontos em Barcelona

<https://www.jn.pt/mundo/coronaceticos-no-mundo-desde-a-extrema-direita-aos-antivacinas-12507634.html>, acesso em 24 mar. 2021;

Coronacéticos agitam debate

<https://rr.sapo.pt/2020/09/08/reportagem/coronaceticos-agitam-debate-das-ideias-perigosas-baseadas-no-medo-ao-excesso-de-informacao/video/249246/>, acesso em: 24 mar. 2021;

Coronacéticos no mundo desde a extrema direita aos antivacinas
<https://rr.sapo.pt/2020/10/30/mundo/manifestacao-de-coronaceticos-degenera-em-confrontos-em-barcelona/noticia/213094/>, acesso em 24 mar. 2021.

Existem muitas definições para *coronafobia* ou também *coronofobia*, a saber:

A *coronofobia* pode ser descrita como a sensação de medo e preocupação constantes durante a pandemia, estado que gera uma grande ansiedade diante da hipótese de contrair o vírus da Covid-19. Também diz respeito ao impacto psicológico e aos prejuízos físicos provocados nas pessoas pela doença em si ou relacionados às medidas de contenção de vírus, como o isolamento social, uso de máscaras e lockdowns.

(https://www.ipemed.com.br/blog/o-que-e-coronofobia?utm_source=google&utm_medium=organic (acesso em 08 fev. 2023)).

Medo que pode se exacerbar e se tornar o que especialistas já chamam de *coronofobia*.

(<https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/coronofobia-uma-desordem-psi-quica-que-emergiu-na-pandemia/> (acesso em 08 fev. 2023)).

A palavra *coronafobia* é uma aglutinação dos termos “corona”, que vem de coronavírus, e “fobia”, que significa medo. Ou seja, a coronafobia é uma condição em que as pessoas sentem muito medo de serem contaminadas pelo novo coronavírus.”

(<https://ibcmed.com/coronofobia-conheca-a-fobia-gerada-pela-pandemia/> (acesso em 09 fev. 2023)).

Coronation refere-se ao documentário intitulado *CoroNation*, primeiro documentário sobre a pandemia no mundo, realizado pelo artista, ativista e dissidente chinês Ai Weiwei. (<https://www.passeio.pt/mediateca/coronation-pandemia-covid-19-e-o-controle-social/>, acesso em 09 fev. 2023).

CoronaVac é a vacina mais usada no mundo contra Covid-19. (<https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-e-a-vacina-mais-usada-no-mundo-contracovid-19-ja-sao-18-bilhao-de-doses-produzidas-24-do-total-de-imunizantes>, acesso em 08 fev. 2023).

Coronavir é um medicamento aprovado na Rússia para o tratamento da COVID-19 em julho de 2020, sobre o qual não se sabia muito. (<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34956474/>, acesso em 08 fev. 2023).

Além das unidades lexicais mencionadas, citamos ainda: *coronanoiva*, *coronaférias* (*coronacations*) e *coronasafe*.

Durante a pandemia, a organização dos casamentos foi muito complicada; por isso, as noivas eram chamadas de *coronanoivas*. No entanto, a nossa pesquisa na Internet não mostra muitos resultados com este lexema. Os que citamos a seguir parecem antes decalques do inglês *corona bride* e provêm de sites de vendas *on-line*:

Corona noiva sweatshirts
(<https://pt.aliexpress.com/item/1005002596858253.html>, acesso em 17 fev. 2023).

Camiseta Mulheres Corona Noiva
(<https://www.joom.com/pt-br/products/5f53decdfba2f701060a61c0>, acesso em 17 fev. 2023).

No caso do lexema *coronaférias*, registamos duas grafias – *corona férias* e *corona-férias* (com hífen) – e é preciso acrescentar que se trata de um problema bastante frequente no caso do componente *corona-*:

De pensar que há um tempo o povo tava comemorando o coronachurras, coronaferias e hj tá esse caos todo, é triste.
(https://mobile.twitter.com/_bielleite_/status/1284693324151099392, acesso em 15 fev. 2023).

Ainda está me devendo o meu desenho, aproveite a coronaferias para fazer.
(<https://mobile.twitter.com/d0bbye/status/1241416025847017473?lang=ar-x-fm>, acesso em 15 fev. 2023).

Deputado catarinense chama home office de “coronaférias” e pede retorno do trabalho presencial.
(<https://omunicipioblumenau.com.br/deputado-catarinense-chama-home-office-de-coronaferias-e-pede-retorno-trabalho-presencial/>, acesso em 15 fev. 2023).

No caso a seguir, parece surpreendente o uso do artigo singular feminino “uma corona-férias”. Comparando com o *coronavírus*, “um composto neoclássico endocêntrico: a interpretação parte do núcleo, que também atribui gênero e classe à formação (substantivo masculino)” (Gonçalves, 2020, p. 93), consideramos que o artigo plural feminino seria mais correto: “Que a população de Anápolis faça sua parte”, prosseguiu Thaís, ressaltando que esse período de quarentena não é *uma* ‘corona-férias’, ou seja, não é momento de as pessoas levarem crianças para passearem.” (<https://www.anapolis.go.leg.br/institucional/noticias/thais-souza-ressalta-que-populacao-precisa-obedecer-decretos-para-conter-avanco-do-coronavirus>, acesso em 08 fev. 2023).

Encontramos ainda a formação *coronacations*: uma fusão entre *corona-* e *vacations* (*férias* em inglês): “*Coronacations*” (“*corona-férias*”). (<https://businessblog.trivago.com/pt-br/tendencias-de-viagem-pos-crise/>, acesso em 15 fev. 2023).

Em relação à *coronasafe/corona safe*, convém reparar mais uma vez na dupla grafia do lexema com o componente *corona-*. No caso deste anglicismo, que se refere a “segurança ao coronavírus” (<https://businessblog.trivago.com/pt-br/tendencias-de->

viagem-pos-crise/, acesso em 20 fev. 2023), há referência ao uso de máscaras: “a Corona Safe Fashion ou moda das máscaras Covid-19” (<https://starsonline.pt/vem-ai-uma-nova-tendencia-a-corona-safe-fashion/>, acesso em 08 fev. 2023).

Assim, observamos que os exemplos que selecionamos durante a nossa pesquisa confirmam dúvidas quanto à grafia correta das palavras compostas com o componente *corona-*.

Observando os casos acima citados, é possível considerar que se trata de processos de formação de neologismos que serviram para responder às necessidades do “novo normal”, quer dizer, um novo padrão de vida, de normalidade, causado pela pandemia. Os neologismos com o componente *corona-* tornaram-se populares devido às mudanças ocorrentes no mundo inteiro e propagaram-se com muita facilidade na Internet.

CONCLUSÕES

Todos os exemplos apresentados tornam visível que as mudanças lexicais relacionadas com o aparecimento do novo coronavírus e com a pandemia são muito rápidas e demonstram uma grande criatividade dos falantes de português. Entre os neologismos com o componente *corona-* distinguimos: empréstimos do inglês (*coronabonds*, *coronasafe*); justaposições (*coronanoiva*, *coronaférias*); nomes de marcas e medicamentos (*CoronaVac*, *coronavir*). Em consequência, seguindo a classificação de Sablayrolles (2019), podemos distinguir as matrizes internas e externas de formação destes neologismos, nomeadamente, neologismos morfossemânticos e palavras emprestadas de outras línguas, neste caso, do inglês. A pesquisa nas fontes eletrônicas permite-nos também observar a internacionalização de novos termos e os mesmos processos de formação de novas palavras.

No caso de *corona-*, trata-se de um componente bastante produtivo, sobretudo na formação de substantivos; alguns adjetivos também ocorrem, contudo, são pouco numerosos. Os resultados mais concretos a respeito desse processo neológico provavelmente serão observados em um futuro próximo. Sem dúvida, o ano 2020 e também 2021 serão lembrados como o tempo de doença, de medo e de crise em vários setores da economia e da medicina. Todos esses aspetos se refletem também nas línguas que se enriqueceram com novas unidades lexicais relacionadas com a luta contra o coronavírus e com a vida durante a pandemia.

Resumindo, observemos que com o coronavírus surgiram novos termos médicos, económicos e administrativos usados na comunicação e termos coloquiais usados pelos falantes na nova realidade e termos ocasionais, expressivos e criados pelos falantes para aliviar o *stress* da vida quotidiana nos tempos difíceis.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Muito além da gramática; por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no Português do Brasil. In: NUNES, J.H. & PETTER, M. (Org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH & Pontes, 2002. p. 65-83.

BOULANGER, J.-C. Lexicographie et politique langagière: l' exemple français des avis officiels. In: Hausmann F. J. *et al.*, *Wörterbücher/Dictionnaires/Dictionaries*, Berlin-Nova York: W. de Gruyter, 1, 1989. p. 46-62.

CABRÉ, T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida, 1993.

CARVALHO, N. Neologismo na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, A. M. Pinto Pires de; ISQUERDO, A. Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998. p. 63-72.

CORREIA, M., LEMOS, L. SAN PAYO. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Colibri, 2005.

COSTA, L. A. da C., CURTI-CONTESSOTO, B., & ALVES, I. M. Dicionário da COVID-19: compilação do corpus e levantamento dos termos: COVID-19 Dictionary: compilation of the corpus and terminological identification process. *Estudos Linguísticos* São Paulo. V. 51, 1, maio, p. 89-104, 2022.

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, *O Léxico da Covid*. Disponível em <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/covid-19-na-lingua/pagina/1>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

GONÇALVES, C. A. Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em *coronavírus* no português brasileiro contemporâneo. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, Volume 16,número 2, mai. - ago., p. 89-111, 2020.

GUILBERT , L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

JABŁONKA, E. Influência do lexema *coronavírus* no léxico polaco e português. *Études Romanes de Brno*, Universidade Masaryk em Brno, n. 42 / 1, p.123-140, 2021.

Lexicovid-19. Dicionário Enciclopédico do Novo Coronavírus. Disponível em <<https://www.lexicovid19.com.br/>>. Acesso em 09 jan. 2023.

RIO-TORTO, G. M. O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais, *Estudos sobre léxico e gramática*, FLUC, Universidade de Coimbra, 11-34, 2006.

SABLAYROLLES, J.-F. *Comprendre la néologie. Conceptions, analyses, emplois*. Limoges: Lambert Lucas, 2019.

Dicionários consultados

Aulete <https://aulete.com.br/>

Dicio.com.br <https://www.dicio.com.br/>

Dicionário Infopédia de Porto Editora <https://www.infopedia.pt/>

Dicionário Michaelis <https://michaelis.uol.com.br/>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://dicionario.priberam.org/>

<https://www.lexico.pt/>

Páginas da Internet

Pandemia à Portuguesa: um relato sobre o Covid-19 em Portugal. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/10369>>. Acesso em 12 jan 2023.

<https://www.jpn.up.pt/2020/04/07/covid-19-as-palavras-que-entraram-no-nosso-vocabulario/> . Acesso em 24 mar. 2021.

https://www.ipemed.com.br/blog/o-que-e-coronofobia?utm_source=google&utm_medium=organic. Acesso em 08 fev. 2023.

https://www.ipemed.com.br/blog/o-que-e-coronofobia?utm_source=google&utm_medium=organic. Acesso em 08 fev. 2023.

<https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/coronofobia-uma-desordem-psiquica-que-emergiu-na-pandemia/>. Acesso em 08 fev. 2023.

<https://ibcmed.com/coronofobia-conheca-a-fobia-gerada-pela-pandemia/>. Acesso em 09 fev. 2023.

<https://www.tsf.pt/portugal/economia/o-meu-nome-e-bond-coronabond-o-que-significa-a-palavra-da-discordia-europeia-12012329.html>. Acesso em 07 fev. 2023.

<https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2020-05-16-vamos-la-falar-em-covides-as-palavras-que-a-pandemia-colocou-na-nossa-boca/>. Acesso em 08 abr. 2021.

<https://www.dicio.com.br/coronga/>. Acesso em 08 abr. 2021.

<https://vejario.abril.com.br/cidade/girias-pandemia/>. Acesso em 08 abr. 2021.

<https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/2020/05/1193621-pandemia-do-coronavirus-traz-a-tons-novas-palavras-e-termos.html>. Acesso em 08 abr. 2021.

<https://pt.aliexpress.com/item/1005002596858253.html>. Acesso em 17 fev. 2023.

<https://www.joom.com/pt-br/products/5f53decdfba2f701060a61c0>. Acesso em 17 fev. 2023.

https://mobile.twitter.com/_bielleite_/status/1284693324151099392. Acesso em 15 fev. 2023.

<https://mobile.twitter.com/d0bbye/status/1241416025847017473?lang=ar-x-fm>. Acesso em: 15 fev. 2023.

<https://omunicipioblumenau.com.br/deputado-catarinense-chama-home-office-de-coronaferias-e-pede-retorno-trabalho-presencial/>. Acesso em 15 fev. 2023.

<https://businessblog.trivago.com/pt-br/tendencias-de-viagem-pos-crise/>. Acesso em 15 fev. 2023.

<https://www.anapolis.go.leg.br/institucional/noticias/thais-souza-ressalta-que-populacao-precisa-obedecer-decretos-para-conter-avanco-do-coronavirus>. Acesso em 08 fev. 2023.

<https://businessblog.trivago.com/pt-br/tendencias-de-viagem-pos-crise/>. Acesso em 20 fev. 2023.

<https://starsonline.pt/vem-ai-uma-nova-tendencia-a-corona-safe-fashion/>. Acesso em 08 fev. 2023.

<https://www.passeio.pt/mediateca/coronation-pandemia-covid-19-e-o-controle-social/>. Acesso em 09 fev. 2023.

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34956474/>. Acesso em 08 fev. 2023.

TERMINOLOGIA E CULTURA – UMA ABORDAGEM DIRECIONADA POR CORPORA

Stella E. O. TAGNIN
Sandra NAVARRO FUCHS
Malila PRADO

INTRODUÇÃO

A Linguística de Corpus já vem se consagrando como o fazer metodológico por excelência na área da Terminologia (Yuliawati; Suhardijanto; Hidayat, 2018; Marín; Rea, 2014; Tagnin; Teixeira, 2012; Ahmad; Rogers, 1992).

Foi-se o tempo em que obras dicionarísticas eram praticamente cópias de trabalhos anteriores com poucos acréscimos. Hoje, esperamos, não se concebe mais criar uma obra terminológica que não seja baseada em textos autênticos, de onde são extraídos os termos mais usuais e relevantes para a área pretendida.

Este artigo inicia-se com uma breve apresentação das teorias terminológicas de base linguístico-comunicacional que embasaram a construção dos glossários discutidos, com foco nos aspectos culturais dos respectivos domínios de especialidade. Em seguida, são elencados os princípios que regem a Linguística de Corpus com vistas à sua aplicação na construção de glossários especializados. Isso é exemplificado, neste capítulo, com estudos de caso sobre culinária, turismo/hotelaria e artesanato. O artigo encerra-se com considerações gerais sobre o que foi apresentado.

1. TERMINOLOGIA, TRADUÇÃO E LINGÜÍSTICA DE CORPUS

O desenvolvimento da ciência e da tecnologia gerou grande número de termos técnico-científicos adotados para a mediação desses conhecimentos. A globalização, por sua vez, demanda o compartilhamento desse saber em outras línguas por meio da tradução. Nesse tipo de tradução de textos especializados, *habitat* natural das terminologias, o tradutor depara com os léxicos temáticos e uma série de outros elementos que o integram, entre os quais se destacam suas convenções linguísticas e textuais, bem como seus aspectos culturais. Assim, a terminologia, nos estudos aqui apresentados, serve de apoio ao tradutor, principalmente no que diz respeito à tradução especializada (Cabré, 1999).

No fazer terminográfico, as unidades lexicais especializadas são selecionadas a partir dos textos técnicos para a “elaboração de glossários, dicionários técnicos e bancos de dados bi ou multilíngues” (Krieger; Finatto, 2004, p. 68). Esse material serve tanto ao propósito geral de organizar e divulgar formalmente o conhecimento técnico, bem como ao objetivo específico de auxiliar na comunicação técnico-científica precisa em diferentes idiomas por meio da tradução.

Em consonância com as correntes terminológicas de base linguístico-comunicacional, a investigação do léxico especializado passa a levar em conta o comportamento dos termos em seu contexto comunicativo especializado (Cabré, 1999). Nesse cenário, ganha destaque a metodologia direcionada pelo corpus, que permite a representação de uma área de especialidade e a consequente extração dos termos pertinentes a ela (Tagnin, 2009). O corpus permite investigar como certos termos se comportam naquele ambiente técnico-científico e descrever o uso desses termos.

Inicialmente observamos “a presença significativa de um item lexical no corpus” – as chamadas palavras-chave - sendo esse um “critério suficiente para determinar sua investigação” (Navarro, 2011, p. 34) para, então, buscarmos os colocados, ou seja, as palavras que frequentemente co-ocorrem com os termos selecionados. Os colocados auxiliam principalmente nos casos em que as palavras-chave não têm um equivalente tradutório estrito ou, até mesmo, em situações em que julgamos se tratar de equivalentes tradutórios, mas não o são. Para ilustrar, Navarro (2011), em uma proposta de glossário da área de turismo/hotelaria discutido mais adiante neste capítulo, identificou 72 colocações com a palavra ‘room’, como, por exemplo, *accessible room*, cuja tradução mais comum em português é *apartamento para portadores de necessidades especiais* (NAVARRO, 2011, p.108-109).

2. METODOLOGIA DIRECIONADA PELO CORPUS

A Linguística de Corpus (Stefanowitsch, 2020; Tagnin, 2013a; Mcenery; Hardie, 2011) é uma metodologia empírica, que se baseia na investigação de grandes quantidades de texto para suas pesquisas, sejam elas na área da Linguística (Liu; Espino, 2012), da Análise do Discurso (Jaworska, 2021; Baker, 2012; Fuster-Márquez et al, 2021) da Análise do Sentimento (Jurafsky et al, 2014), para citar apenas algumas dentre outras que hoje recorrem a essa metodologia (Egbert; Baker, 2020).

O foco deste artigo é a terminologia, em especial a terminologia bilíngue, neste caso envolvendo o inglês, o chinês e o português, pois temos como público-alvo tradutores e redatores de texto em língua estrangeira, o inglês, neste estudo. Várias são as áreas que empregaram a Linguística de Corpus para a compilação de suas obras terminográficas, como a Química (Perrotti-Garcia; Rebechi, 2007), a Fotografia (Tagnin, 2013b), a Harmonia Musical (Santos, 2022), Festas Populares Brasileiras (Marqueze, 2018), dentre outras.

O primeiro passo para a construção de um glossário especializado, como já mencionado, é a compilação de um corpus com textos autênticos do domínio a ser investigado. No caso de uma obra bilíngue, devem ser construídos dois corpora, um em cada língua. Esses corpora devem conter textos equivalentes, ou seja, devem tratar dos mesmos tópicos, ser dos mesmos gêneros, cobrir os mesmos períodos etc. Denominam-se corpora comparáveis em oposição aos corpora paralelos, constituídos de textos originais e respectivas traduções. Os textos devem estar, em geral, em formato *.txt* para poderem ser investigados por ferramentas computacionais, como o *WordSmith Tools* (Scott, 2016) ou o *AntConc* (Anthony, 2020).

Inicia-se a pesquisa gerando uma Lista de Palavras (*WordList*), que elenca todas as palavras do corpus em ordem de frequência ou, se o investigador assim o desejar, em ordem alfabética. Essa lista em geral é encabeçada por palavras gramaticais, por serem as mais frequentes na língua, mas as primeiras palavras de conteúdo já costumam indicar a área em estudo. Apresenta-se a Figura 1, em que ‘sopa’, ‘sal’ e ‘minutos’ ocorrem nas posições 13, 15 e 17, respectivamente.

Word Types: 2073		
Rank	Freq	Word
1	2066	de
2	1641	xe
3	1213	d
4	1027	e
5	926	a
6	434	com
7	414	em
8	312	por
9	305	os
10	270	xf
11	252	para
12	241	uma
13	234	sopa
14	232	do
15	222	sal
16	206	as
17	186	minutos

Figura 1: Print da Lista de Palavras do *AntConc* de um corpus de Culinária.

Percorrer toda a lista, em geral muito extensa, para identificar os termos peculiares àquela área seria demasiado trabalhoso e demorado. Para tanto, gera-se uma Lista de Palavras-Chave (*KeyWord List*), que é obtida comparando-se a Lista de Palavras em questão com a Lista de Palavras de um corpus de língua geral. Essa comparação salientará as palavras estatisticamente mais relevantes no corpus de estudo (Figura 2), que podem ser consideradas candidatas a termo.

Keyword Types: 174			Keyword Tokens: 20020	
Rank	Freq	Keyness	Effect	Keyword
1	2587	+ 1461.62	0.0036	de
2	2052	+ 1164.01	0.0029	xe
3	1575	+ 797.36	0.0022	o
4	431	+ 468.88	0.0006	em
5	1743	+ 423.84	0.0024	e
6	314	+ 408.09	0.0004	por
7	314	+ 359.97	0.0004	os
8	241	+ 329.66	0.0003	uma
9	234	+ 320.08	0.0003	sopa
10	223	+ 293.62	0.0003	sal
11	264	+ 279.26	0.0004	para
12	186	+ 254.42	0.0003	minutos
13	182	+ 248.95	0.0003	coloque
14	173	+ 236.64	0.0002	colher
15	163	+ 222.96	0.0002	colheres
16	143	+ 195.6	0.0002	pimenta
17	142	+ 194.23	0.0002	ingredientes

Figura 2: Print da Lista de Palavras-Chave do *AntConc* de um corpus de Culinária.

Interessante observar que mesmo na Lista de Palavras-Chave a preposição ‘de’ aparece na primeira posição. Isso deve-se ao fato de ela ocorrer em ‘colher de sopa’ e

‘colher de chá’, duas colocações extremamente frequentes no corpus. No entanto, já se nota a presença de outras palavras que não constavam das primeiras 17 posições da Lista de Palavras, como ‘coloque’, ‘colher’, ‘colheres’, ‘pimenta’ e ‘ingredientes’.

Para validá-las como termos, geram-se linhas de concordância em que elas aparecem em contexto, o que permitirá confirmar se devem ou não constituir parte do glossário em construção. (Figura 3)

Concordance Hits 143	
Hit	KWIC
1	picado 1 lata de milho verde sal e pimenta a gosto 2 ovos cozidos 9 azeitonas sem caro\
2	salsinha e cebolinha a gosto sal e pimenta a gosto ovos e farinha de trigo
3	Suco de lim\xE3o Sal e pimenta a gosto 1 colher (de sopa) de margarina 1
4	sobremesa de gengibre bem picadinho sal e pimenta a gosto 2 lim\xF5es frutas em
5	6 colheres de sopa de conhaque sal e pimenta a gosto Misture o alho, o sal,
6	3o p\xEAssegos recheados alho sal e pimenta a gosto casca ralada de laranja 2 colheres (
7	carne de carneiro sem osso sal e pimenta a gosto 1 ramo de tomilho 2 colheres (sopa)
8	sopa de azeite de oliva sal e pimenta a gosto Preparo Refogue a cebola em 1
9	leite parmes\xE3o ralado sal e pimenta a gosto Modo de Preparo Cozinhe o
10	cebola no azeite. Junte a carne, a pimenta, a salsinha e o louro. Refogue bem,
11	leite ou iogurte, o sal e a pimenta. Acrescente esta mistura \xE0 batata com as
12	1 colher, de caf\xE9, de flocos de pimenta calabresa 1 x\xEDcara de farinha de rosca 1/2
13	molho ingl\xEAs 1 colher (ch\xE1) de pimenta 1 cebola picadinho 1 colher (sopa) maionese 1 col
14	as sementes. Refogue. Tempere com sal e pimenta. Cozinhe a massa "al dente", escorra e
15	\xE1gua filtrada. Tempere com sal e pimenta. Cozinhe em fogo baixo at\xE9 que
16	pele para baixo. Tempere com sal e pimenta. Cozinhe por 2 minutos de cada lado. 4. Retire
17	camar\xF5es. Tempere com sal e pimenta. Cubra com pl\xE1stico filme e

Figura 3: Print das linhas de concordância do *AntConc* para ‘pimenta’.

Verifica-se que há 143 ocorrências (*Concordance Hits*) de ‘pimenta’ no corpus e que nove delas compõem a fraseologia ‘sal e pimenta a gosto’ (linhas 1 a 9), evidente candidata a ser incluída num eventual glossário de culinária. Outra fraseologia que ganha destaque ainda nessa tela é “Tempere com sal e pimenta” (linhas 14 a 17). Uma rápida observação do restante das linhas de concordância (não apresentadas aqui) revela mais de 70 ocorrências de ‘pimenta-do-reino’. Enfim, essa análise é essencial para a identificação dos termos que virão a compor a obra terminográfica.

Esses foram, resumidamente, os passos seguidos nos estudos de caso que passamos a relatar a seguir.

3. VOCABULÁRIO PARA CULINÁRIA

O *Vocabulário para Culinária inglês-português* (Teixeira; Tagnin, 2008) foi construído a partir de um corpus de receitas em língua inglesa, na maioria britânicas, e outro em língua portuguesa do Brasil, compiladas da internet por Teixeira (2008) para sua tese de doutorado. Cada um dos corpora contém aproximadamente 1,5 milhão de palavras. O *Vocabulário* foi desenvolvido considerando-se as 300 primeiras palavras-chave em inglês. O trabalho foi dividido entre as duas autoras: Teixeira trabalhou com os substantivos e adjetivos e Tagnin, com os verbos e advérbios. A obra apresenta os termos na direção inglês-português.

Deve-se esclarecer que, tratando-se de um vocabulário bilíngue, temos em mente o tradutor e almejamos oferecer-lhe o máximo de informação possível para facilitar seu trabalho, inclusive salientando diferenças culturais

Construídos os corpora, foram elaboradas as Listas de Palavras de ambos que, por sua vez, foram contrastadas com Listas de Palavras de corpora de língua geral (denominados corpora de referência) em português e inglês para gerar as Palavras-Chave.

Uma vez obtidas as palavras-chave em ambas as línguas, procedeu-se à

identificação dos possíveis equivalentes, denominados equivalentes *prima facie* por Tognini-Bonelli (2002), como se vê abaixo (Figura 4):

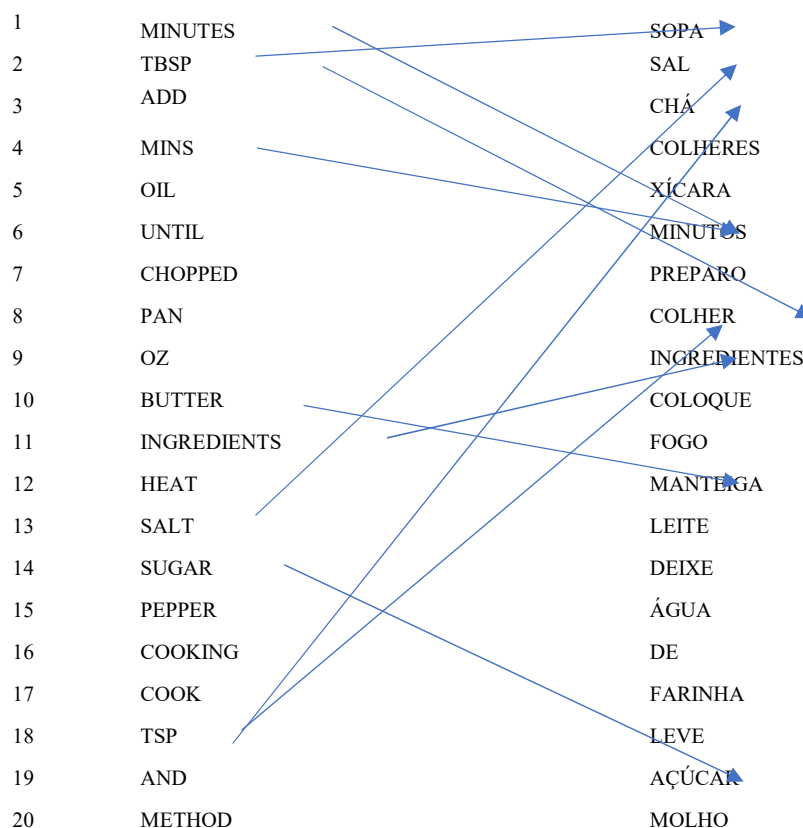


Figura 4: Cruzamento das Listas de Palavras-Chave em inglês e português para identificação de candidatos a termo

Observa-se que tanto ‘minutes’, quanto sua forma abreviada ‘mins’, remetem a ‘minutos’. Já ‘tbsp’, abreviatura de ‘tablespoon’, leva a ‘colher’ e ‘sopa’, pois o equivalente em português é ‘colher de sopa’. O mesmo ocorre com ‘tsp’, abreviatura de ‘teaspoon’, ‘colher de chá’, que leva tanto a ‘colher’ quanto a ‘chá’. A identificação dos equivalentes de ‘butter’, ‘salt’ e ‘sugar’ é bastante direta: ‘manteiga’, ‘sal’ e ‘açúcar’. Por outro lado, ‘oz’ não apresentará correspondente no corpus em português por se tratar de uma medida – onça – não empregada em nossa cultura.

A identificação, entretanto, nem sempre é tão direta, principalmente quando se trata das convenções da língua, ou seja, das colocações, entendidas como palavras que costumam coocorrer, como é o caso de ‘finely chopped’. Como ‘chop’ significa ‘picar’, uma tradução literal produziria ‘picado finamente’ ou ‘finamente picado’. No entanto, ‘finamente’ tem uma ocorrência muito baixa no corpus, ao contrário de ‘finely’, que é o advérbio mais frequente no corpus em inglês (Tagnin, 2007). Para identificar o colocado mais usual, geramos uma lista de concordâncias para ‘picad*’ (em que o asterisco é usado para quaisquer terminações possíveis, tais como ‘picadas’, ‘picadinho’, ‘picado’ etc). Como se observa na Figura 5, o advérbio que se coloca com essas formas do adjetivo é ‘bem’.

dente de alho bem picados 1 cebola pequena

bem picada alguns ramos de tomilho 1/2 tablete (100 g

bem picado 1/4 xícara de chá de cebola	bem picada 1 colheres (sopa) de salsinha picada
folha de louro 1 colher de sobremesa de gengibre	bem picadinho sal e pimenta a gosto 2 limões
alho e a cebola, um pouco de tomilho	bem picado e bata mais um pouco. Unte um
xícara de chá de pimentão vermelho	bem picado 1/4 xícara de chá de pimentão
xícara de chá de pimentão amarelo	bem picado 1/4 xícara de chá de cebola bem
150 g de queijo roquefort 2 dentes de alho	bem picados 1 cebola pequena bem picada alguns ramos

Figura 5: Linhas de concordância do *AntConc* para ‘picad*’.

Nota-se, porém, que ‘picadinh*’ também pode ocorrer sem o advérbio (Figura 6), denotando o mesmo que se entende por ‘*finely chopped*’. O conhecimento dessas convenções, que saltam à vista nas linhas de concordância, é primordial para se construir um glossário que reflita a língua como ela é de fato usada. É parte integrante da cultura linguística.

pequenos 1/2 xícara de chá 1 de salsinha	picadinha 1 cebola roxa pequena fatiada 2 colheres de sopa
colher chá de pimenta 1 cebola	picadinha 1 colher (sopa) maionese 1 colher(sopa) de creme
dentes de alho (amassados) - 1 cebola	picadinha - 3 colheres (sopa) de óleo
os legumes. Salpique a salada com salsa	picadinha . Leve ao refrigerador por uma hora antes de
ralado - 2 colheres (sopa) de salsa	picadinha - Queijo ralado a gosto - Sal, e pimenta do
louro 1 colher de sobremesa de gengibre bem	picadinho sal e pimenta a gosto 2 limões
fino 1 xícara de salsão	picadinho 1 xícara de maçã ácida
cebola grande picada 2 dentes de alho	picadinhos 1 folha de louro azeite e vinagre

Figura 6: Linhas de concordância do *AntConc* para ‘picadinh*’.

Mas passemos aos aspectos culturais propriamente ditos, aqueles que são peculiares a uma cultura ou língua, mas não ocorrem na outra (Tagnin;Teixeira, 2004).

Na culinária há inúmeros exemplos desses vocábulos. Por exemplo, ‘*buttermilk*’, cuja tradução dicionarizada é ‘leitelho’, praticamente não é conhecido – nem usado - em nosso país. Assim, a entrada para ‘*buttermilk*’ demandará uma explicação quanto à sua composição ou uso, ou até mesmo uma sugestão de como pode ser substituído em determinadas receitas. Foi o que se optou por fazer nesse *Vocabulário para Culinária* (Figura 7):

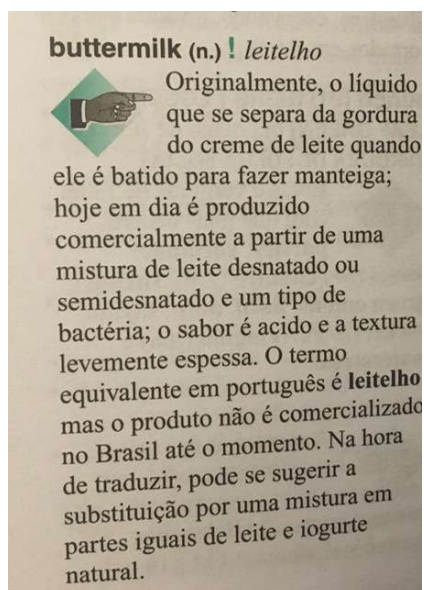


Figura 7: Verbetes para *buttermilk* no *Vocabulário para Culinária* (Teixeira; Tagnin, 2008).

Também são diferentes os cortes de carne dos diversos animais, de modo que se decidiu incluir ilustrações identificando esses cortes sem, porém, oferecer um equivalente em língua portuguesa, já que são bastante distintos.

Além de ingredientes, há também utensílios típicos de uma cultura, como é o caso do '*Dutch oven*', em cujo verbete foi incluída uma ilustração para melhor entendimento do consulente (Figura 8).



Figura 8: Verbetes para *Dutch oven* no *Vocabulário para Culinária* (Teixeira; Tagnin, 2008).

Também nos preocupamos em listar possíveis colocados. Assim, no verbete para '*finely*', lê-se "Ocorre com maior frequência com os adjetivos: '*chopped*', '*diced*', '*grated*', '*shredded*' e '*sliced*'." Seguem-se subverbetes para cada uma dessas colocações com exemplos em inglês – todos extraídos do corpus – e tradução para o português.

No subverbo para '*finely grated / grated finely*', a nota esclarece: "Ingredientes com que mais ocorre: '*parmesan*', '*cheese*', '*zest*', '*lemon*' e '*ginger*'". Em português, o advérbio não costuma ser traduzido porque 'ralar' já implica que seja 'fino'. Segue-se o exemplo com a respectiva tradução: "*5 cm / 2 in fresh ginger, peeled and finely grated* = 1 pedaço de 5 cm de gengibre fresco, descascado e ralado." Já quando se trata de '*coarsely grated*', a tradução esclarece: 'ralado grosso'.

Por último, também foram incluídos sinônimos: a tradução para '*finely sliced*' / '*sliced finely*' apresenta duas opções: '(cortado) em rodela / fatias finas'. Os exemplos evidenciam que cebolas são cortadas em rodela enquanto mangas são cortadas em fatias:

- (1) $\frac{1}{2}$ *medium red onion, peeled and finely sliced* = $\frac{1}{2}$ cebola roxa media, descascada e cortada em rodela fina.
- (2) $\frac{1}{2}$ *mango, peeled and finely sliced* = $\frac{1}{2}$ manga, descascada e cortada em fatias finas.

A título de ilustração do layout do *Vocabulário*, vide Figura 9 abaixo, que apresenta o verbete completo para '*finely*'.

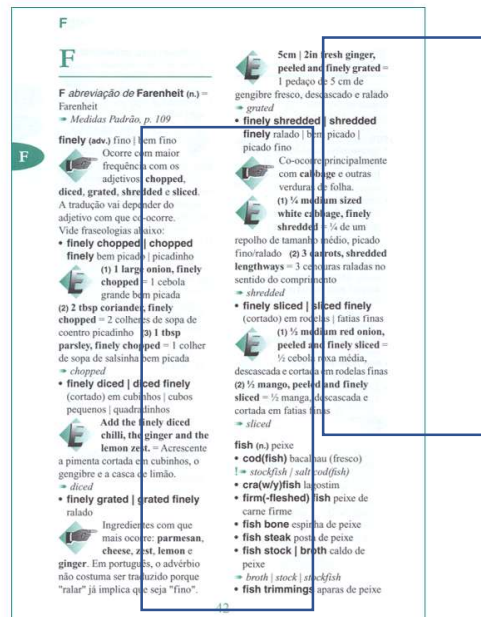


Figura 9: Verbo completo para *finely* no *Vocabulário para Culinária* (Teixeira; Tagnin, 2008).

Nesta seção, restringimo-nos a apresentar como os aspectos culturais foram tratados num vocabulário bilíngue na direção inglês-português de culinária geral. Para o tratamento de aspectos específicos da Culinária Brasileira, vide Rebechi (2018), Rebechi e Tagnin (2020) e Rebechi (*Dicionário de Culinária Brasileira*).

4. TUOTAI QIQI, A LACA DE FUZHOU

Fuzhou, capital da província de Fuzhou, está situada no sudeste da China, no estreito de Taiwan. É conhecida por sua beleza natural, pelo chá de jasmim e pela confecção de um estilo de móveis e utensílios feitos de laca. Conhecido como *bodiless lacquerware*, ou 脱胎漆器 (*tuotai qiqi*), esse estilo é famoso por ser um dos tesouros artísticos da China. Sua característica principal é de que objetos ou móveis feitos de *tuotai qiqi* constituem-se apenas de laca, em um processo que leva até seis meses de sobreposição de camadas. O molde inicial é retirado após as camadas de laca adquirirem firmeza, daí o nome *tuotai*, que significa “sem corpo” (*bodiless*). A tradição secular é mantida por poucos artesãos, uma vez que os itens confeccionados por esse método passaram a ter custos altos, além da demora em se terminar um produto. Itens de cerâmica e, até mesmo, de plástico, substituíram a laca de Fuzhou pela possibilidade de serem produzidos em larga escala. Mais recentemente, porém, o governo de Fuzhou tem motivado a expansão de negócios que se ocupam da *tuotai qiqi* para divulgar a arte típica dentro e fora da China. A iniciativa se estende à abertura de museus dedicados a exposições de *tuotai qiqi*, e à criação de uma associação de artesãos e admiradores dessa arte.

Como parte da expansão, uma instituição de ensino superior na cidade de Fuzhou foi convidada a preparar um vídeo promocional e traduzi-lo para o inglês. Alunos do curso de jornalismo da universidade assumiram a elaboração do vídeo e solicitaram ao departamento de tradução que disponibilizasse um aluno para a sua tradução. O projeto foi, então, repassado a uma aluna originária da cidade de Fuzhou que conhecia a arte

local. A aluna propôs uma tradução para o inglês que era incompreensível em vários momentos. Citamos uma passagem:

脱胎漆器的工序繁杂，漆器制作从木胎切割、裱褙、造型、打磨到揩青、推灰等，每个作品要经过四五十道甚至上百道工序才能完成，至少历时两个多月。	The process of lacquerware production is complicated. The production of lacquerware ranges from wooden tire cutting, mounting, modeling, polishing to wiping, pushing ash, etc. Each work must go through forty to fifty or even hundreds of processes to complete, which lasts at least two months.
---	---

No parágrafo acima, ignorando problemas de sintaxe ou coerência, chamamos atenção à seleção marcada em *italico*. Expressões como *wooden tire cutting*, *polishing to wiping* ou *pushing ash* pareciam não pertencer à lista de um processo de confecção de um objeto artístico; o verbo *mounting*, apesar de transitivo direto, não trazia um objeto; e o único verbo que continha um significado plausível, nesse exemplo, é *modeling*.

A aluna tampouco conseguiu explicar verbalmente o processo de confecção que estava traduzindo. Decidimos, portanto, visitar uma oficina de *tuotai qiqi* e acompanhar todas as fases de produção para entendermos melhor o processo. Verificamos que era o próprio método de preparação da laca que agregava valor a ela, e não conhecíamos outros projetos artísticos que utilizavam o mesmo processo. Pellatt, Liu e Chen (2014) afirmam que o produto final da arte em si é universal, e o que o distingue culturalmente é o processo ou as técnicas envolvidas em seu fazer. No caso da laca de Fuzhou, a delicadeza de cada passo do processo, o cuidado com o armazenamento dos objetos a cada etapa, a exposição à iluminação e à temperatura apropriadas e ajustadas a cada fase, além do tempo necessário à completude do trabalho, precisavam ser realçados na tradução. Optamos, assim, por desenvolver um glossário conforme sugerido em Tagnin (2015) para atenuarmos as dificuldades com o texto original.

Já na confecção de um corpus comparável com textos em chinês e inglês, esbarramos na dificuldade em encontrar textos em inglês sobre o tema. A solução foi compilar somente 12 textos escritos por pesquisadores (em faculdades de design, arquitetura e engenharia) publicados em inglês em periódicos chineses. Essas mesmas escolhas nortearam a compilação dos textos em chinês em prol de um balanceamento dos corpora. Uma vez que as ferramentas computacionais utilizam o espaço para delimitar uma palavra, o que não é possível no chinês por ser uma língua que usa ideogramas e não palavras, os textos em chinês passaram por um segmentador automático.

Ressaltamos que não falamos nem lemos chinês; foi a familiaridade com as ferramentas da Linguística de Corpus que nos permitiu analisar os textos em chinês com a aluna e, apoiadas em Tagnin (2015), auxiliá-la na busca por termos candidatos no corpus em chinês por meio das palavras-chave e possíveis equivalentes tradutórios no corpus em inglês.

A primeira versão do corpus totalizava 36.811 palavras, das quais 20.132 compunham o corpus em inglês e 16.679, o corpus em chinês. A segunda versão, atualizada com um grupo de 75 alunos de Tradução na mesma instituição, contém 305 textos, com 103.391 palavras no corpus em inglês e 166.787 no corpus em chinês. Além dos textos acadêmicos que já compunham a versão original, a segunda versão contém textos oriundos de *sites* eletrônicos sobre museus e sobre a associação de *bodiless lacquerware* em Fuzhou.

Os corpora foram contrastados com corpora gerais para levantarmos as palavras-chave. A Tabela 1 apresenta as 20 primeiras palavras-chave dos dois corpora:

N	Key word	Freq.	%
1	漆器	302	1.81
2	脱胎	237	1.42
3	#	565	3.39
4	福州	129	0.77
5	作品	108	0.65
6	漆艺	80	0.48
7	漆	77	0.46
8	工艺	79	0.47
9	福建	71	0.43
10	制作	62	0.37
11	装饰	54	0.32
12	教学	60	0.36
13	学生	65	0.39
14	技艺	49	0.29
15	与	99	0.59
16	造型	45	0.27
17	课程	47	0.28
18	年	47	0.28
19	复制	45	0.27
20	传承	58	0.35

N	Key word	Freq.	%
1	#	662	3.29
2	LACQUER	580	2.88
3	BODILESS	312	1.55
4	LACQUERWARE	302	1.50
5	FUZHOU	262	1.30
6	SCULPTURE	122	0.61
7	WARE	86	0.43
8	CHINESE	110	0.55
9	FUJIAN	70	0.35
10	LI	78	0.39
11	SHEN	62	0.31
12	DING	60	0.30
13	XINHUA	56	0.28
14	ART	146	0.73
15	DYNASTY	62	0.31
16	COLOR	68	0.34
17	INTANGIBLE	48	0.24
18	PAINTING	66	0.33
19	DECORATION	48	0.24
20	PROVINCE	60	0.30

Tabela 1: As 20 primeiras palavras-chave do corpus do chinês e do inglês.

Citamos alguns exemplos de como as buscas foram feitas. Na primeira versão da tradução, uma das palavras que nos causou estranheza foi ‘*tire*’, que, segundo a aluna, vinha do ideograma 胎 (tai). No dicionário online, essa palavra correspondia a três possíveis significados: ‘*tire*’, ‘*embryo*’ e ‘*fetal*’. Na lista de palavras-chave em inglês, encontramos a palavra ‘*embryo*’. Para confirmar *embryo* como possível tradução, buscamos colocados em chinês da palavra 胎, sendo o mais frequente 木(wood). Ao buscarmos a palavra ‘*wood*’ no corpus em inglês, encontramos as seguintes linhas de concordância (Figura 10):

dical is omitted, the structural pattern of "木 (wood) on the top, 人 (people) in the middle and 水 (wa
 oyed to avoid the decay and deformation of **wooden** objects, thus extending their service life. On
 any kinds of embryo body materials, such as: **wood embryo**, metal embryo, stone embryo, synthetic r
 eyes, cloth material should be pure natural. B. **Wood Embryo** Wood embryo **body** is light and Eco-friend
 should be pure natural. B. Wood Embryo **Wood embryo body** is light and Eco-friendly, it give
 til now is a good evidence for that. But the **wood material** is not easy to process, also the lacqu
 duced by high-quality wood has high cost. On **wood embryo** it should apply ash scraping and lacquer
 apply ash scraping and lacquer painting, so the **wood embryo body** should be as thin as possible. C. S

Figura 10: Linhas de concordância com a palavra ‘*wood*’.

Além da palavra ‘*embryo*’ à direita da palavra ‘*wood*’, também encontramos ‘*body*’. Uma possível tradução seria ‘núcleo’, mas gostaríamos de respeitar a escolha lexical da maioria dos pesquisadores e tradutores que redigiram os artigos científicos e não científicos, uma vez que esses são os membros da comunidade em que a arte é produzida.

Outro exemplo que apresentamos aqui é ‘*push ash*’. Buscamos ‘*ash*’ no corpus em inglês, obtendo o resultado a seguir (Figura 11):

od has high cost. On wood embryo it should **apply ash** scraping and lacquer painting, so the wood embr
y, simple polished • First **brush** a layer of fine **ash**, and then brush a layer of medium ash, then bru
er of fine ash, and then **brush** a layer of medium **ash**, then brush a layer of rough ash, placed in the
layer of medium ash, then **brush** a layer of rough **ash**, placed in the shade room to dry, simple polish
mud to fill the mesh of the cloth. • **Brush** fine **ash**, medium ash, rough ash each one layer, placed i
the mesh of the cloth. • **Brush** fine ash, medium **ash**, rough ash each one layer, placed into the shad
od has high cost. On wood embryo it should **apply ash** scraping and lacquer painting, so the wood embr

Figura 11: Linhas de concordância com a palavra ‘*ash*’.

À esquerda da palavra ‘*ash*’, encontramos dois verbos, ‘*brush*’ e ‘*apply*’, sendo ‘*brush*’ o mais frequente. Também encontramos adjetivos como ‘*fine*’, ‘*medium*’ e ‘*rough*’ modificando a palavra ‘*ash*’. Dessa forma, acrescentamos todos esses colocados ao glossário.

Nosso terceiro exemplo é ‘*wipe green*’. Consultamos os ideogramas 揩 (*wipe*) e 磨 (*mill, rub, polish*) no dicionário e, em seguida, buscamos, no corpus em inglês, as traduções propostas no dicionário. A busca por ‘*polish**’ resultou nas seguintes linhas de concordância (Figura 12):

oduces lacquer ware which features the luster **polished** by craftsmen's palms. The making of Beijing l
and birds. It is then finished by drying and **polishing**. Traditional Beijing lacquer objects are in
th, to which is then added a gray background, **polished**, repainted lacquer and abraded, and finally a
dried, the body is removed and finished with **polishing**, delineating and embellishing. From 1898 to
chnology, using cloth or wood, after graying, **polishing**, manipulation, black polishing, color polish
after graying, polishing, manipulation, black **polishing**, color polishing and other processes, and th
lishing, manipulation, black polishing, color **polishing** and other processes, and then decorating wit
vide advanced instruction for the lacquering, **polishing** and **burnishing** processes. After reading a ma
, removing the hulls after half an hour, then **polishing** and **burnishing** the article. Such lacquerware

Figura 12: Linhas de concordância com a palavra ‘*polish**’.

Encontramos, à esquerda do lema ‘*polish*’, palavras referentes a cores, secagem ou ao estado puro (‘*raw*’) da laca. Assim, em vez da expressão ‘*wipe green*’, a busca pelos colocados auxiliou-nos a optar por expressões com ‘*color*’ ou ‘*black*’ e ‘*polish*’. Os alunos continuaram com a seleção dos termos e revisaram a tradução da legenda do vídeo promocional. A confecção do glossário ainda está em processo.

5. GLOSSÁRIO DE COLOCAÇÕES DO TURISMO E HOTELARIA

O setor de turismo e hotelaria evoluiu consideravelmente ao longo dos anos e, com o encurtamento das distâncias e o maior deslocamento das pessoas, tornou-se cada vez mais multicultural. Para mediar e fomentar essa expansão, a tradução juntamente com a terminologia exerce um papel fundamental.

Um dos maiores desafios do trabalho de tradução e terminologia nessa área diz respeito à estreita relação que o turismo mantém com a cultura. Nos dizeres de especialistas: “O turismo, além de constituir uma atividade econômica, é cultura em sua essência” (Gregson, 2009, p. 9). Assim, falar em turismo é fazer referência a uma série de outras áreas que guardam fortes marcas culturais, como gastronomia, tradições, folclore, entretenimento, arquitetura, artes, esportes, meio ambiente e até mesmo leis. Em

outras palavras, o fazer tradutológico e terminológico nessa área de especialidade é frequentemente uma busca por aproximar realidades culturalmente distintas.

Levando em conta esses aspectos, realizamos uma proposta de glossário bilíngue (inglês > português) da área do turismo, mais especificamente da hotelaria, com foco nas colocações (Navarro, 2011), fenômeno de grande incidência nas línguas de especialidade (Krieger; Finato, 2004, p. 81). A pesquisa ancorou-se nos princípios da Linguística de Corpus (McEnery; Hardie, 2011) e da Terminologia Textual (Bourigault; Slodzian, 1988 [2004]), áreas que compartilham o interesse pela observação da língua em uso, a partir de seu real contexto de ocorrência, por meio de textos autênticos.

A referida pesquisa baseou-se no corpus de estudo (Figura 13) contendo 1.060.555 palavras e 1.031 textos retirados de *sites* de hotéis americanos e brasileiros. A etapa de compilação desse corpus em si revelou os primeiros indícios de diferenças culturais. Ao buscar compilar textos extraídos de *sites* de hotéis, notou-se uma diferença de categorizações dos estabelecimentos americanos e brasileiros.

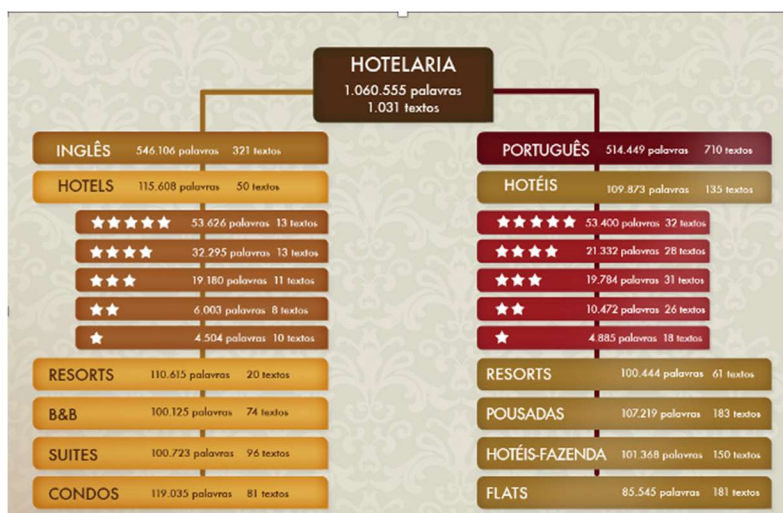


Figura 13: Corpus de hotelaria subdivido em cinco categorias em inglês e em português.

Observa-se na Figura 13, por exemplo, que algumas categorias de estabelecimentos encontram equivalente direto entre o inglês e o português, como *resort* e *hotel*, diferentemente de outras, como *bed and breakfast*, *suites* e *condos*. Vale destacar que mesmo os casos de equivalência direta se dão muitas vezes de modo parcial. Por exemplo, na categoria *resort*, encontram-se *casino resorts* ou *ski resorts* nos EUA, ao passo que, no Brasil, esses são inexistentes por razões socioeconômicas e ambientais. Por outro lado, são comuns, na região de São Paulo, por exemplo, os hotéis-fazenda, um tipo de estabelecimento que não encontra correspondente direto no contexto americano.

Ainda no campo das categorias, costuma-se traduzir ‘*inn*’ por ‘pousada’; no entanto, os *inns* americanos são muito semelhantes aos *hotels*, sendo ligeiramente mais econômicos e podendo estar localizados em grandes cidades. Veja-se o exemplo da rede *Holiday Inn* pelo mundo afora (Figura 14). O estabelecimento na referida imagem está localizado em São Paulo e em nada se assemelha ao nosso conceito de *pousada*. Na realidade brasileira, a distância entre *pousada* e *hotel* é mais marcante. Por fim, um *bed and breakfast* americano, este, sim, comumente uma hospedagem mais simples que oferece apenas o café da manhã, estaria mais próximo do conceito brasileiro de *pousada*, mas com a ressalva de que uma *pousada* não se define por esse serviço, podendo servir ou não café da manhã ou até mesmo oferecer pensão completa. Esses exemplos demonstram, portanto, que estamos diante de casos de equivalência parcial entre os termos, fruto de

diferenças culturais e recortes distintos da realidade, um desafio inerente à pesquisa terminológica nessa área de especialidade.



Figura 14: Exemplo de estabelecimento na categoria *Inn* em inglês.

Passemos agora para alguns exemplos específicos de entradas da nossa proposta de glossário de colocações da hotelaria, com enfoque em casos que revelam, assim como nos exemplos supracitados, alguma especificidade cultural.

Para essa pesquisa, investigaram-se pormenorizadamente os colocados da palavra ‘*room*’ e seus respectivos equivalentes em português. A pesquisa no corpus revelou que seu equivalente funcional, ou seja, o que exerce a mesma função na língua portuguesa, é ‘apartamento’, uma vez que ‘quarto’ é menos frequente no corpus e muitas vezes utilizado para se referir a acomodações mais simples, como nas pousadas.

Dentre os diversos colocados de ‘*room*’, identificamos algumas categorias comuns de acomodações. Em inglês, ‘*standard room*’ e ‘*deluxe room*’ são designações recorrentes para especificar o grau de conforto do apartamento. Em português, foram identificadas categorias equivalentes ‘apartamento standard’ e ‘apartamento luxo’. No entanto, foram recorrentes em inglês as colocações ‘*king room*’, ‘*queen room*’ e ‘*twin room*’ para indicar, respectivamente, um apartamento com uma cama tamanho *king*, outro com uma cama *queen* e outro com duas camas de solteiro (*twin beds*). Em português, não houve qualquer referência no corpus a essas categorias. Em vez disso, encontramos ‘apartamento solteiro / individual / single’ e ainda ‘apartamento duplo / casal / triplo / quádruplo’. Curiosamente, não havia ocorrências de ‘*single room*’ em inglês. Assim, identificamos uma equivalência funcional parcial entre ‘*king room*’ / ‘*queen room*’ e ‘apartamento duplo’ / ‘apartamento casal’, uma vez que essas acomodações contêm uma cama de casal grande; já ‘*twin room*’ também seria um ‘apartamento duplo’, porém com a necessidade de adicionar a informação sobre duas camas de solteiro. O que se observa com esse caso é que estamos diante de uma diferença nos níveis conceituais entre os termos, o que gera uma equivalência parcial, como resultado de especificidades culturais entre Brasil e EUA: enquanto em português o foco é o número de pessoas a que se destina a acomodação; em inglês, costuma-se especificar o tamanho das camas.

Passemos para outro exemplo. A colocação ‘*room amenities*’ refere-se aos itens da acomodação que trazem comodidade à estadia. Geralmente, ela precede uma listagem desses elementos, por exemplo, *internet*, TV a cabo, ar-condicionado, frigobar etc. Nota-se que, em inglês, a colocação inclui a palavra ‘*room*’, como em: “*Room amenities include a king-size bed, private bath and a flat-screen cable TV*”.

Em português, os equivalentes funcionais não são necessariamente colocados de ‘apartamento’, mas termos diversos, como ‘facilidades’, ‘características’, ‘comodidades’: “[...] apartamentos e suítes com todas as comodidades: *internet wireless*, TV a cabo, cofre individual, telefone com discagem direta, frigobar.”

No entanto, a pesquisa de corpus revelou que frequentemente não se emprega nenhum equivalente em português para ‘room amenities’ nesse contexto, pois costuma-se utilizar uma forma discursiva mais direta e econômica, como exemplificado a seguir: “As acomodações possuem ar-condicionado, TV LCD, TV a cabo, WC com ducha, secador de cabelos, telefone (...)” e “Todos os apartamentos estão equipados com frigobar, telefone, TV a cabo, calefação (...)”

A Figura 15 a seguir ilustra o layout de nossa proposta de glossário com a entrada ‘room amenities’. Note-se que foi incluída uma seção informando o tradutor de que a palavra ‘amenities’ adquiriu um novo sentido em português, sendo usada para se referir aos itens de toalete nos banheiros, ao passo que, em inglês, utiliza-se ‘toiletries’ nesse contexto.

Room amenities <i>Room amenities include a king-size bed, private bath, and a flat-screen cable TV.</i> = Guest room amenities = In-room amenities	Facilidades ★★★ <i>Facilidades: acesso à internet banda larga, aquecimento central, ar condicionado com controle individual, TV a cabo.</i> Características ★★ <i>Disponibilizamos 80 confortáveis apartamentos (...), todos com decoração em tons suaves e possuindo as seguintes características: TV a cabo; mais de 40 canais, telefone, cofre, senha eletrônica (...).</i> Comodidades ★ <i>São 396 acomodações distribuídas entre apartamentos e suítes, com todas as comodidades: wireless, workstation no quarto, TV a cabo, cofres individuais, telefone com discagem direta, frigobar, room-service.</i>
Você sabia?  Usa-se amenities em português para referir-se aos itens no banheiro (shampoo, condicionador, creme, etc.). Banheiro com banheira, box com chuveiro, telefone, secador, roupão, balança e kit completo de amenities. Todas as unidades estão equipadas com: (...); secador de cabelo; amenities (shampoo / condicionador). Em inglês, usa-se toiletries nesse sentido. <i>Bathroom toiletries include shampoos, hair conditioners, body gels and lotions, facial cotton towels, and shower caps.</i>	
 Nota ao tradutor: É comum introduzir a relação dos itens do apartamento com as seguintes estruturas: [ESTAR] equipado com ☆☆☆ <i>Todos os apartamentos estão equipados com frigobar, telefone, TV a cabo, calefação, ventilador de teto, cofre (...).</i> POSSUIR ☆☆☆ <i>As acomodações do Mabu possuem ar condicionado, TV LCD, Tv a cabo, WC com ducha, secador de cabelos, telefone, frigobar, amenities, internet wireless, tomadas identificadas para 110V e 220V.</i>	

Figura 15: Entrada de ‘room amenities’ no glossário de colocações da hotelaria.

Uma razão para tais diferenças refere-se a distintas formas de comunicação empregadas pelas culturas americana e brasileira. Esse fato está inicialmente evidenciado pelos números do corpus de estudo (Figura 13). Nota-se que, para obter um número balanceado de palavras em inglês e em português, foi necessário o dobro de textos em português do que em inglês (710 contra 321, respectivamente). Semelhantemente, a palavra ‘room’ ocorre 6.386 em inglês ao passo que seu principal equivalente ‘apartamento’ aparece menos da metade das vezes, 2.621. Esses números refletem um fato: os *sites* americanos trazem consistentemente uma quantidade de informações superior aos *sites* brasileiros, descrevendo mais características e com maior riqueza de detalhes.

Essa diferença linguística pôde ser interpretada a partir de uma perspectiva cultural, mais especificamente, com base no conceito de orientações culturais. Em relação ao estilo de comunicação, Hall (1977) argumenta que as culturas apresentam diferentes graus de expectativa em relação ao volume de informação linguística (texto) que precisa

ser veiculado para que a comunicação seja bem-sucedida. Em outras palavras, algumas culturas privilegiam uma comunicação mais econômica, em que muito pode ser inferido pelo contexto, sendo classificadas como *high context cultures*; ao passo que outras tendem a detalhar mais os elementos contextuais, são as *low context cultures*, já que menos é inferido pelo contexto. Sob essa ótica, os números apresentados pelo corpus e a posterior investigação linguística corroboraram essa tendência no âmbito da hotelaria e do turismo: a cultura brasileira tende a uma comunicação *high context*; e a americana, a uma comunicação *low context*.

As *homepages* de dois *sites* de hotéis nas Figuras 16 e 17 a seguir ilustram essa diferença em estilo de comunicação. A primeira delas mostra o site de um famoso hotel brasileiro de categoria cinco estrelas. Observe-se o estilo discursivo mais econômico, indireto, numa forma de transmitir sofisticação à descrição do hotel. No segundo exemplo, também de uma famosa rede de hotéis de alta categoria, observamos uma página repleta de informações consideradas úteis aos hóspedes em potencial, como, por exemplo, a localização precisa, informações sobre *check-in*, classificação do hotel em *sites* de avaliação etc.

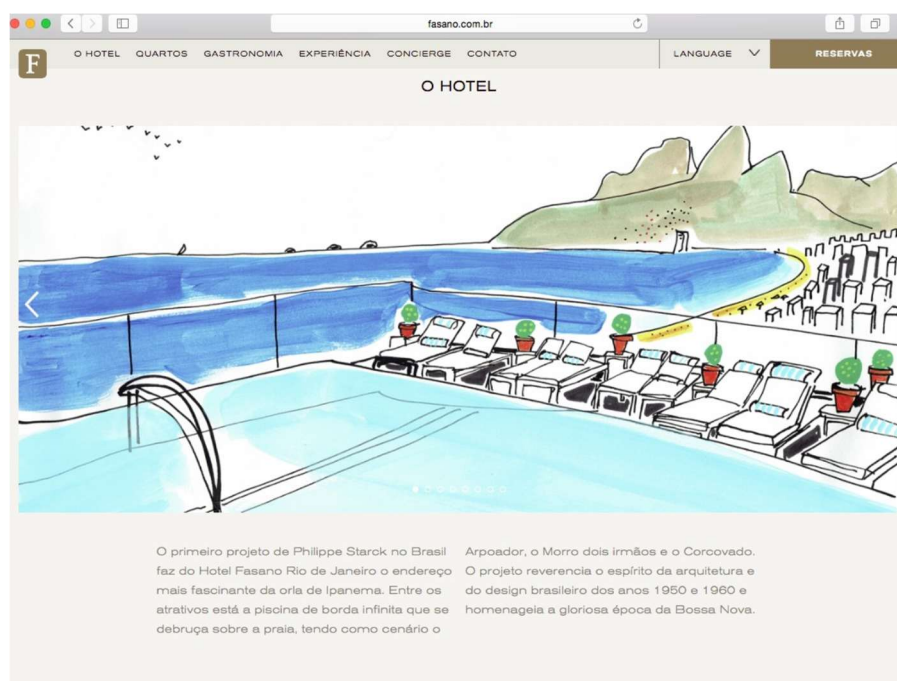


Figura 16: Site de hotel brasileiro ilustrando comunicação *high context*.

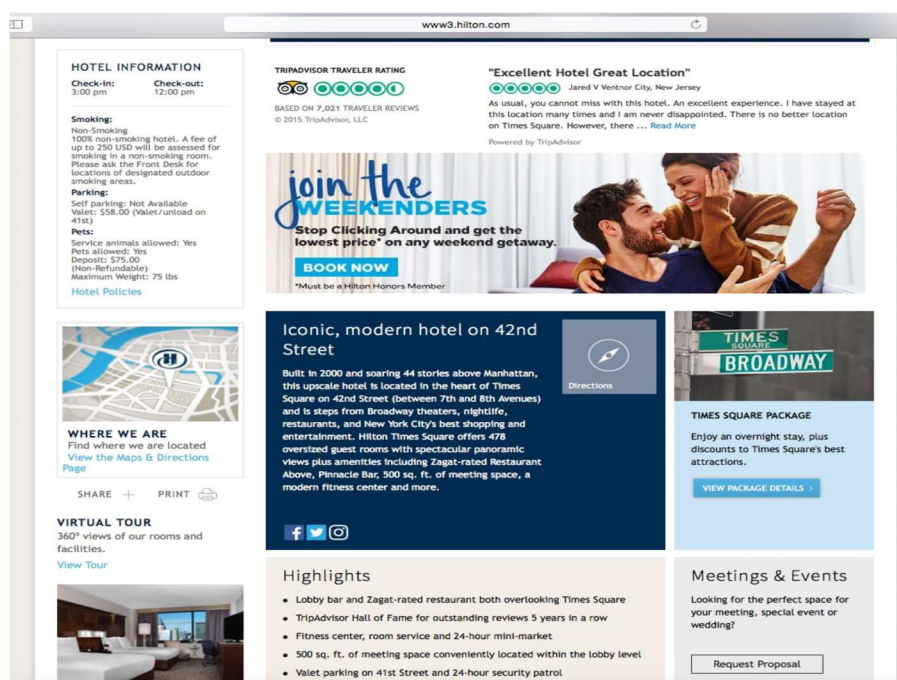


Figura 17: Site de hotel americano ilustrando comunicação *low context*.

Vale ressaltar que os exemplos e os sites ilustrados nas figuras anteriores não são casos isolados de diferentes estilos de comunicação, mas representam uma tendência observada desde a compilação do corpus até a posterior etapa de investigação de termos e equivalentes. Um estudo detalhado sobre a influência das diferentes orientações culturais na tradução do turismo está disponível em Navarro Fuchs (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem direcionada pelo corpus adotada nos estudos aqui descritos possibilitou o acesso a evidências linguísticas cruciais para uma pesquisa de cunho terminológico. Mais especificamente, permitiu a identificação de equivalentes mais precisos do ponto de vista semântico-conceitual, como ‘*wood embryo*’ no artesanato chinês, ou ‘apartamento’ no domínio da hotelaria, bem como revelou equivalentes mais alinhados ao uso convencional da língua, como ilustrou o caso de ‘bem picadinh*’, colocação tão natural aos ouvidos brasileiros, mas de difícil reprodução no momento da tradução especializada na área da culinária. Pode-se também citar o caso da abreviatura *oz* para a medida onça, que não tem equivalente em nossa língua, revelando como as diferentes culturas se valem de sistemas de medida distintos.

A metodologia da LC também possibilitou o aprofundamento em casos mais complexos de equivalência parcial entre os termos de dois idiomas, como nos exemplos das categorizações de hotéis. Por fim, em um nível discursivo mais amplo, a análise de corpus lançou luz sobre distintos estilos de comunicação entre dois idiomas, como no caso dos hotéis americanos e brasileiros. Em todos esses níveis, observou-se a influência fundamental da cultura atuando em conjunto com a linguagem na produção dos significados e, portanto, no estabelecimento da equivalência terminológica. Buscamos, assim, reunir evidências das potencialidades do uso de corpora na pesquisa terminológica voltada para a tradução, lançando um olhar especial sobre a estreita relação entre cultura e terminologia.

REFERÊNCIAS

- AHMAD, K.; ROGERS, M. Terminology Management: A Corpus-Based Approach. *Translating and the Computer*, v.14, p. 33-44, 1992. Disponível em: <<https://aclanthology.org/1992.tc-1.4.pdf>>. Acesso em: indicar conforme normas.
- ANTHONY, L. *AntConc (Version 3.5.9)*. Tokyo: Waseda University, 2020. Disponível em: <<https://www.laurenceanthony.net/software>>. Acesso em: indicar conforme normas.
- BAKER, P. Acceptable bias? Using corpus linguistics methods with critical discourse analysis. *Critical Discourse Studies*, v. 9, n. 3., p. 247-256, 2012.
- BOURIGAULT, D.; SLODZIAN, M. Conceito básico da linguística das linguagens especializadas. 1998. [Tradução de Maria José Bocorny Finatto]. In: KRIEGER; ARAÚJO (Orgs.). *A Terminologia em foco. Cadernos de Tradução*, n. 17. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2004.
- CABRÉ, M. T. *Terminología: representación y comunicación*. Una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Instituto Universitario de Lingüística Aplicada, 1999.
- EGBERT, J.; BAKER, P. *Using Corpus Methods to Triangulate Linguistic Analysis*. New York & London: Routledge, 2020.
- FUSTER-MÁRQUEZ, M.; SANTAEMILIA, J.; GREGORI-SIGNES, C.; RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, P. Exploring discourse and ideology through corpora. Bern - Berlin - Bruxelles - New York - Oxford: Peter Lang, 2021.
- GREGSON, P. W. (Org.) *Hotelaria na Prática*. Editora Manole: Barueri, 2009.
- HALL, E. T. *Beyond culture*. New York: Anchor Press/Doubleday, 1977.
- JAWORSKA, S. Investigating Media Representations of the Coronavirus in the UK, USA and Germany: What Can a Comparative Corpus-Based Discourse Analysis Contribute to Our Understanding of the COVID-19 Pandemic? In: JONES, R. H. (Org.). *Viral Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 26-36.
- JURAFSKY, D. *et al.* Narrative framing of consumer sentiment in online restaurant reviews. *First Monday*, n. 19, p. 4, 2014. Disponível em: <<https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/download/4944/3863>>.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- LIU, D.; ESPINO, M. Actually, Genuinely, Really, and Truly: A corpus-based Behavioral Profile study of near-synonymous adverbs. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 17, n. 2, p. 198-228, 2012.

MARÍN, M. J.; REA, C. Researching legal terminology: a corpus-based proposal for the analysis of sub-technical legal terms. *Open Edition Journals*, p. 61-82, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/asp/4572?lang=en#entries>

MARQUEZE, G. M. D. C. Vocabulário de festas populares brasileiras. *COMET - Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução*. 2018. Disponível em: <https://comet.fflch.usp.br/vocabulario-de-festas-populares-brasileiras>.

MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: Method, Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

NAVARRO FUCHS, S. *Orientações culturais e suas implicações para a tradução funcionalista: um estudo na área do turismo à luz da Linguística de Corpus*. 2018. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PELLATT, V.; LIU, E. T.; CHEN, Y. Y.-Y. *Translating Chinese Culture: The Process of Chinese–English Translation*. London and New York: Routledge, 2014.

PERROTTI-GARCIA, A. J.; REBECHI, R. R. *Vocabulário para química: português/inglês, inglês/português*. São Paulo, Brasil: SBS - Special Book Services Livraria, 2007.

REBECHI, R.; TAGNIN, S. Brazilian cultural markers in translation: A model for a corpus-based glossary. *Research in Corpus Linguistics*, v. 8, p. 65-85, 2020.

REBECHI, R. R. *A Tradução da Culinária Típica Brasileira para o Inglês: um estudo sob o Enfoque da Linguística de Corpus*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16082012-122119/pt-br.php> <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-29092015-162829/pt-br.php>.

REBECHI, R. R. *A Tradução da Culinária Típica Brasileira para o Inglês: um estudo sob o Enfoque da Linguística de Corpus*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16082012-122119/pt-br.php> <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-29092015-162829/pt-br.php>.

REBECHI, R. R. (s.d). Dicionário de Culinária Brasileira. *Projeto COMET* - [www.comet.fflch.usp.br](http://comet.fflch.usp.br). Disponível em: <http://cometgloss.webhostusp.sti.usp.br/>.

SCOTT, M. *WordSmith Tools (version 7)*. Stroud: Lexical Analysis Software, 2016.

STEFANOWITSCH, A. *Corpus linguistics: A guide to the methodology*. [S.l.]: Language Science Press, 2020.

TAGNIN, S. Corpus-driven glossaries in translator training courses. *Oslo Studies in Language*, v. 7, n. 1, p. 359–377, 2015.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente Diz*. São Paulo: Disal, 2013a.

TAGNIN, S. E. O. *Vocabulário para Fotografia*. São Paulo, Brasil: SBS, 2013b.

TAGNIN, S. E. O. A produção de glossários direcionados pelo corpus e orientados ao tradutor como metodologia de formação de tradutores. In: ANAIS DO X ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES E IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE TRADUTORES. Ouro Preto, MG, Brasil: Universidade Federal de Ouro Preto. 2009. p. 1079-1093.

TAGNIN, S. E. O. A Identificação de equivalentes tradutórios em corpora comparáveis. In: ANAIS DO I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI. Belo Horizonte, MG, Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

TAGNIN, S. E. O.; TEIXEIRA, E. D. Translator-oriented, corpus-driven technical glossaries: the case of cooking terms. *Corpora*, v. 7, n. 1, p. 51-67, 2012.

TAGNIN, S. E. O.; TEIXEIRA, E. D. *British vs American English, Brazilian vs European Portuguese*: How close or how far apart? - A corpus-driven study. In: PROCEEDINGS OF PRACTICAL APPLICATIONS IN LANGUAGE AND COMPUTERS - PALC 2003. Lodz, Polônia: Peter Lang GmbH. 2004. p. 193-208.

TEIXEIRA, E. D.; TAGNIN, S. E. O. *Vocabulário para Culinária inglês/português*. São Paulo: SBS, v. Série Mil e Um Termos, 2008.

TOGNINI-BONELLI, E. Functionally complete units of meaning across English and Italian: towards a corpus-driven approach. In: ALTENBERG, B.; GRANGER, S. (Org.). *Lexis in Contrast: Corpus-based Approaches*. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins, 2002. p. 73-95.

WHARTON, T. Recipes: Beyond the Words. *Gastronomica*, v. 10, n. 4, p. 67-73, 2010.

YULIAWATI, S.; SUHARDIJANTO, T.; HIDAYAT, R. S. A Corpus-based Analysis of the Terminology of the Social Sciences and Humanities. In: IOP CONFERENCE SERIES: EARTH AND ENVIRONMENTAL SCIENCE 175, 2018. Disponível em <<https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1755-1315/175/1/012109>>

A TERMINOLOGIA COMO ALICERCE NA INTERAÇÃO ENTRE O TESAURO E A ONTOLOGIA PARA A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Ana Carolina Rodrigues do PRADO

INTRODUÇÃO

Assim como há mecanismos que buscam garantir a autonomia do usuário na busca por informação, são criadas tecnologias que buscam recuperar os documentos e conteúdos específicos para cada tipo de público. No âmbito da Ciência da Informação (CI), esta reflexão está relacionada à organização do conhecimento, processo que define formas de tornar a informação e conhecimento acessíveis ao público final por meio da representação do conhecimento e da recuperação da informação. Na CI, são os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) que viabilizam a organização do conhecimento com a representação dos conceitos ou “unidades de conhecimento” que permeiam as áreas de especialidades (Dahlberg, 2011, p. 69) – conceitos que são representados nas terminologias de domínio.

O tesauro é definido pela ISO 25964-1 (2011) como um vocabulário controlado, no qual os conceitos e as relações entre conceitos são representados por termos descritores, sendo esses organizados hierarquicamente, o que permite a descrição das relações gênero-espécie e parte-todo, além das relações associativas e indicações de termos sinônimos. É considerado um instrumento que auxilia o usuário na pesquisa, orientando o termo preferido para representar determinado conceito no sistema para um resultado satisfatório, aproximando a linguagem do usuário a do sistema (Moreira, 2003, p. 29).

A ontologia tem uma estrutura formada essencialmente por conceitos e termos, assim como por relações conceituais dos domínios, realizando a representação do conhecimento com auxílio de elementos como: classes; relações; axiomas (regras) e instâncias (Gruber, 1993). É um SOC responsável por relacionar objetos por meio de significados (Jasper; Uschold, 1999), em que as relações expostas são de equivalência (sinônimos), hierárquicas (genérica; instância e todo-parte) e associativas, sendo estas últimas a sua ênfase, potencializando a ligação entre conteúdos de fontes distintas (Bräscher, 2014).

A Terminologia, por meio da Teoria Geral de Terminologia, de Eugen Wüster (1931) e da Teoria Comunicativa da Terminologia, de Maria Teresa Cabré (1995, 1999), preocupa-se com a relação entre termo e conceito, além de fornecer sistematização para o trabalho terminológico. A TGT, de Wüster, marca o nascimento da Terminologia enquanto disciplina autônoma para a comunicação da linguagem técnica (Cabré, 1999), focando sobretudo na monossemia absoluta para formação das terminologias de domínios. A TCT, por sua vez, estuda o trabalho terminológico a partir de uma perspectiva que considera a variação conceitual no levantamento terminológico. A terminologia de domínio ou lista de termos é considerada neste estudo como um SOC já que, ao sugerir as nomenclaturas para os conceitos (Soergel, 2009), realiza a organização dos sistemas de conceitos dos campos.

Assim, diante do exposto, como a Terminologia e terminologia de domínio podem auxiliar na interação do tesauro e a ontologia para a concepção de um SOC mais completo na organização do conhecimento?

O objetivo geral deste estudo é descrever e analisar como a interação entre o

tesauro e a ontologia qualifica a organização do conhecimento, mais especificamente a representação do conhecimento, por meio da contribuição da Terminologia e do trabalho terminológico. Assim, o objetivo geral é estendido aos objetivos específicos a seguir:

- Descrever os SOC enquanto instrumentos que atuam na organização do conhecimento, especialmente na representação do conhecimento;
- Descrever o tesauro e a ontologia enquanto SOC que atuam no processo de representação do conhecimento a partir de seus elementos estruturais básicos, o conceito e o termo;
- Discutir como a ontologia e o tesauro podem interagir gerando um SOC mais completo na organização do conhecimento, com o apoio da terminologia de domínio e com as reflexões das teorias no âmbito da Terminologia enquanto disciplina.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é fundamentado em uma revisão de literatura na Ciência da Informação, contemplando procedimentos metodológicos de uma pesquisa bibliográfica e exploratória com abordagem qualitativa. A pesquisa baseou-se no levantamento de artigos publicados entre os anos de 2015 e 2020, em bases de dados nacionais e internacionais, referentes aos termos: *organização do conhecimento*; *representação do conhecimento*; *conceito*; *Sistemas de Organização do Conhecimento*; *ontologias*; *tesauros* e *Terminologia*.

As buscas foram realizadas em bases como *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Banco de dados bibliográficos da Universidade de São Paulo (DEDALUS), Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Portal de periódicos CAPES/MEC e *Library and Information Science Abstracts* (LISA). Na pesquisa exploratória, buscou-se reconhecer os aspectos descritivos da estruturação dos SOC e, especialmente, dos tesauros e das ontologias para evidenciar a representação do conhecimento. Após isto, buscou-se discutir como a Terminologia e a terminologia de domínio podem qualificar a organização do conhecimento resultante da interação entre tesauro e ontologia.

Em relação à forma de abordagem, foi utilizada a qualitativa, uma vez que buscou-se discutir como dois instrumentos que atuam na organização do conhecimento e que têm, como elemento estrutural essencial em comum, o conceito, podem ser mais efetivos a partir das contribuições das teorias terminológicas e da terminologia de domínio, enquanto produto da Terminologia.

O período escolhido para a coleta de textos foi de 2015 a 2020 com o objetivo de trazer uma revisão de literatura que apresente as estruturas do tesauro e da ontologia e a atuação do conceito e do termo na representação do conhecimento. Em um segundo momento, foram feitos levantamentos de referências que tratam da função da terminologia de domínio e da Terminologia na interação dos SOC, destacando-se como elementos qualificadores na organização do conhecimento.

O desenvolvimento do estudo aconteceu em quatro etapas: na primeira, foram realizados a identificação e o fichamento dos textos para a discussão da temática, ou seja, sobre a interação entre tesauro e ontologia na organização do conhecimento enquanto SOC. Na segunda etapa, foi realizado o mesmo acerca do termo ontologia, buscando encontrar sua abordagem na Ciência da Informação, a partir também de seus elementos estruturais básicos. Após isto, na terceira etapa, houve o levantamento de referências acerca das teorias terminológicas Teoria Geral da Terminologia e Teoria Comunicativa da

Terminologia, bem como da terminologia de domínio, buscando esclarecer como auxiliam na estruturação de SOC mais eficazes. Por fim, aconteceu a análise dos textos e a sua leitura integral, visando a identificação dos aspectos para a organização dos dados para a discussão e definição de resultados.

A discussão proposta parte, então, do reconhecimento dos elementos estruturais do tesauro e ontologia, buscando trazer a terminologia de domínio e a Terminologia, com ênfase nos estudos das teorias terminológicas, como alicerces que viabilizam a qualificação da organização do conhecimento resultante da interação entre tesauro e ontologia.

A consulta possibilitou a identificação de autores para alcance de um quadro referencial teórico abrangente sobre a organização e representação do conhecimento. Os SOC foram descritos e analisados em sua função na organização do conhecimento com o auxílio principal de Mazzocchi (2018), Pieterse e Kourie (2014) e Soergel (2009). A estruturação do tesauro e seu funcionamento enquanto SOC seguiu as contribuições principais de Tristão, Fachin e Alarcon (2004), Moreira (2003), Clarke (2019), Cintra *et al.* (2002) e ISO 25964-1 (2011), assim como as contribuições dos trabalhos de Gruber (1993), Jasper e Uschold (1999), Ramalho (2015), Isotani e Bittencourt (2015), Krebs (2016) e Farinelli e Almeida (2019) proporcionaram maior conhecimento a respeito da ontologia e sua ação na organização do conhecimento.

A discussão da temática principal deste estudo foi realizada considerando o significado de *interação* como uma ação mútua ou baseada no diálogo entre objetos distintos (Ferreira, 1993; Houaiss; Villar; Franco, 2015; Houaiss; Villar; Franco, 2003).

Autores como Almeida, Mendonça e Aganette (2013) e Maculan e Aganette (2017) auxiliaram na elucidação de como as diferenças entre estes possibilitam a sua interação, cujos exemplos foram verificados nos textos de Soergel *et al.* (2004), Ferreira e Maculan (2020), Constâncio (2017), Maculan e Aganette (2017), Clarke (2019) e Maculan (2015).

Finalmente, fontes como Cabré (1995, 1999), Wüster (1931), Breitman (2005), ISO 25964-1 (2011), Moreira e Lara (2011), Rondeau (1984) e Krebs (2016) demonstraram a importância do trabalho terminológico e da Terminologia na interação entre tesauro e ontologia para a qualificação efetiva da organização do conhecimento.

2. OS SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Os SOC viabilizam a organização do conhecimento, demonstrando os conceitos que compõem as áreas, assim como as relações conceituais com o auxílio da terminologia do domínio. A sua estrutura é permeada por termos que representam os conceitos, sendo que as listas de termos também são chamadas de vocabulários controlados ou “designações de conceitos” (Soergel, 2009, p. 19).

Podemos considerar então que, além de viabilizar o funcionamento de sistemas de busca, são responsáveis por mostrar quais os significados compõem um certo domínio de conhecimento. Por isso, é necessário assegurar que os termos efetivamente representem os conceitos e sua utilização seja compartilhada com o usuário final, o que significa os termos possibilitarem uma consulta no sistema de busca com resultados adequados para a demanda informacional.

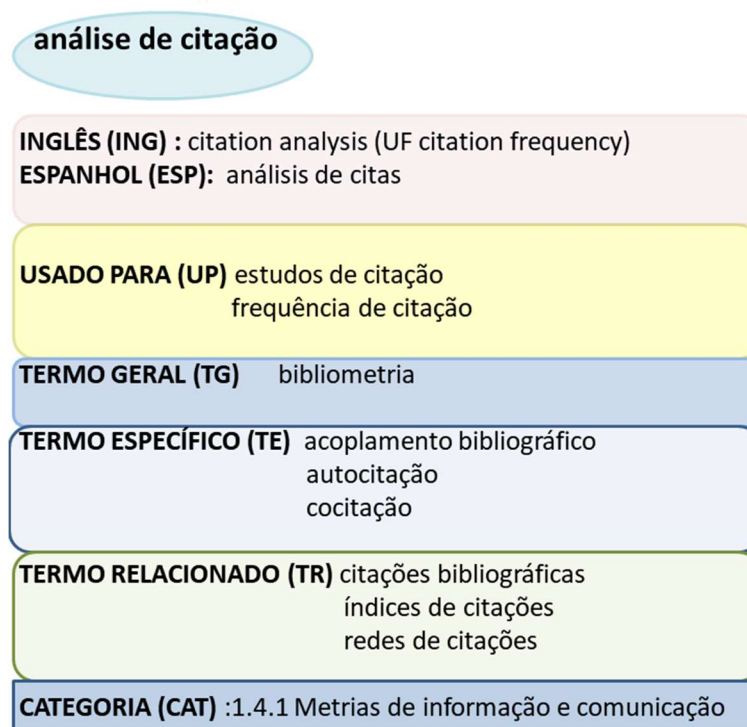
Os SOC variam entre si na tipologia, ou seja, na forma como os termos preferidos para os conceitos e as relações conceituais são apresentados para realizarem a representação do conhecimento. Também podem divergir no contexto de uso mais apropriado para a sua aplicação e para a organização do conhecimento de acervo físico ou digital, descrevendo com maiores ou menores detalhes as características do sistema

conceitual.

O tesauro é considerado um caso especial de esquemas de classificação facetada (Tristão; Fachin; Alarcon, 2004, p. 167), sendo estruturado com organização lógica e hierárquica que parte da ideia de faceta de Ranganathan, quando um determinado viés ou contexto é ressaltado para uso específico (Cintra *et al.*, 2002, p. 41).

Trata-se de um vocabulário controlado, sendo organizado hierarquicamente para a visualização das relações gênero/espécie ou parte/todo, além de apresentar as relações associativas e as indicações de sinônimos, todas estas especificadas por etiquetas ou *tags* (ISO 25964-1, 2011). Dessa maneira, etiquetas distintas estipulam quais os termos descritores representam os conceitos, também deixando clara a relação entre os conceitos, como exposto na Figura 1:

Figura 1 – Estrutura do tesauro



Fonte: Adaptado por Prado (2020, p. 56) a partir de Pinheiro e Ferrez (2014).

De acordo com a Figura 1, “ING” e “ESP” indicam o termo em inglês e em espanhol, assim como “CAT” indica o grupo ou a categoria a que o termo destacado pertence. Os termos não preferenciais são identificados pela etiqueta “UP” e o termo geral e os termos específicos representam os conceitos que estão, respectivamente, na classe acima e classes abaixo em uma representação sistemática do recorte de domínio.

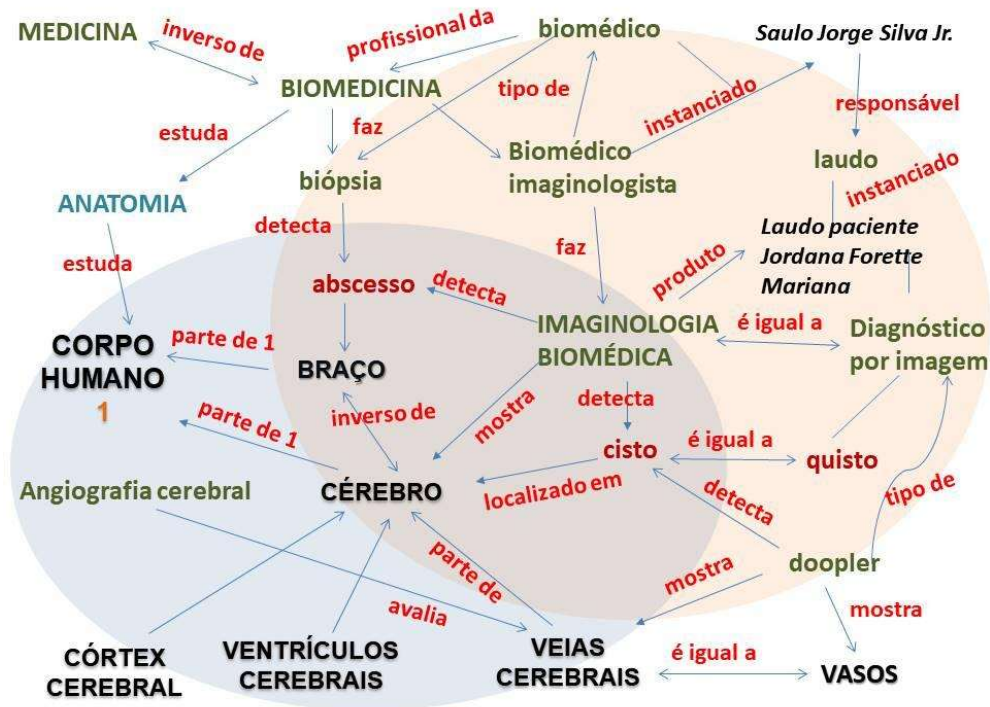
O tesauro apresenta verbetes e etiquetas para representar determinados conceitos ou ideias – e prescreve a maneira como o usuário vai empregar esses termos para facilitar a recuperação da informação na base de dados. O conceito é representado pelo termo, sendo reconhecida a classe à qual este pertence por meio da Categoria (CAT), que também indica parte do sistema conceitual no qual o conceito é empregado.

A ontologia é considerada um SOC na Ciência da Informação por descrever o universo semântico dos domínios ao realizar a representação do conhecimento. Sua estrutura em taxonomia é composta por elementos como: classes; relações; axiomas que restringem a interpretação dos termos e instâncias (são os nomes para os dados) (Gruber, 1993).

Assim como no tesouro, a ontologia demonstra as relações de equivalência e hierárquicas, mas sua ênfase está nas relações associativas (Bräscher, 2014, p. 177), o que permite que conecte recursos informacionais de pontos diferentes da internet.

O axioma é a reunião de declarações básicas expressas na linguagem *web* ou *Ontology Web Language* (OWL) a partir das quais a máquina faz julgamentos ou inferências (Isotani; Bittencourt, 2015), ligando recursos informacionais. A Figura 2 mostra uma ontologia criada para um recorte de domínio:

Figura 2 – Estrutura da ontologia



Fonte: Prado (2020, p. 81).

Como observado na Figura 2, é descrita uma possível ontologia de domínio com recorte em Imagiologia Biomédica. Pode ser notado que a estrutura da ontologia se encontra em modelo de taxonomia, estendendo-se em uma rede semântica a partir de conexões diversas entre os objetos. Nesse sentido, equivalência, processo e produto, e gênero e espécie são algumas das relações conceituais representadas por verbos como “é igual a”, “produto”, “tipo de”, reproduzindo operações mentais que fazem o ser humano associar objetos e assuntos. No entanto, para que a máquina conduza seu mapeamento semântico, buscando traçar um roteiro como a mente humana faz, é necessária a tradução destas relações conceituais para a linguagem OWL partindo dos axiomas que declaram essas conexões. E, somente posteriormente a isso, o agente inteligente consegue realizar as inferências no sistema de busca.

No Quadro 1 são apresentados alguns exemplos de enunciados com axiomas para que a máquina conduza a busca por recursos informacionais após realizar a inferência:

Quadro 1 – Relações conceituais e axiomas

Equivalência	Sinônimo	Cisto /Quisto <Cisto> <éIgual> <Quisto>
Hierárquicas	Genérica	Biomédico Imaginologista/ Biomédico <BiomédicoImaginologista> <éSubclasseDe> <Biomédico>
	Todo/ parte	Cérebro / Veias cerebrais <VeiasCerebrais> <éPartede> <Cérebro>
	Instância	Biomédico / Saulo Jorge Silva Jr <SauloJorgeSilvaJr> <éInstânciaDe> <Biomédico>
Associativas	Causa/ efeito	Exame por imagem / Laudo <ExamePorImagem> <gera> <Laudo>
	Processo/ agente	Análise por imagem/Doppler <AnálisePorImagem> <éRealizadaPor> <Doppler>
	Processo/ contra-agente	Angiografia cerebral /Obstrução das veias cerebrais <Angiografiacerebral> <previne> <ObstruçãoVeiasCerebrais>

Fonte: Prado (2020, p. 82).

No Quadro 1, as relações conceituais que permeiam o recorte temático escolhido são descritas nos axiomas. Desta forma, por exemplo, para descrever uma relação associativa de causa e efeito, no caso de estabelecermos que um exame por imagem gera um laudo, o axioma descreveria a relação entre “Exame Por Imagem” e “Laudo” aproximadamente como <ExamePorImagem> <gera> <Laudo>.

Por meio do axioma, há a explicitação dos enunciados que traduzem as conexões entre objetos para a linguagem *web*. Assim, a ontologia viabiliza o fluxo desses dados, realizando a organização do conhecimento.

3. A INTERAÇÃO ENTRE O TESAURO E A ONTOLOGIA NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Este estudo considera a interação entre o tesauro e a ontologia ligada à intenção de um instrumento absorver algum elemento do outro para a adequação da organização do conhecimento de acordo com determinado fim ou uso – o significado do termo *interação* adotado é como ação mútua ou baseada no diálogo entre objetos distintos (Ferreira, 1993; Houaiss; Villar; Franco, 2015; Houaiss; Villar; Franco, 2003).

É partindo do seu elemento em comum, ou seja, do conceito, que ambos os instrumentos realizam a organização do conhecimento, porém, de forma diversa, o que também direciona o modo como o diálogo entre os outros elementos estruturais pode ocorrer.

Enquanto o tesauro restringe o vocabulário com base na garantia literária, na ontologia parte-se da linguagem natural sendo traduzida para a linguagem computacional, de modo que essa representação seja elevada ao nível da semântica formal (Almeida; Mendonça; Aganette, 2013).

Também é importante considerar que o tesauro acaba sendo citado como instrumento essencial para a composição de SOC híbridos, uma vez que traz relações específicas para representação dos contextos: muitos esquemas que mesclam elementos deste SOC acabam sendo chamados de taxonomia, quando, na verdade, são resultantes

de uniões de recursos do tesauro e da ontologia (Clarke, 2019).

As interações apontadas neste estudo estão relacionadas às tarefas de remoção de ambiguidade ou desambiguação, refinamento de relações e reúso de elementos estruturais para tornar a representação do conhecimento mais detalhada, potencializando a organização do conhecimento e acesso aos recursos informacionais.

De acordo com Soergel (2009), na desambiguação, a estrutura do tesauro age na indexação automática, ou seja, na identificação de categoria ou assunto realizada pela máquina a partir da inserção de termo de busca pelo usuário. Também atua quando há a expansão do termo de consulta, com a sugestão de áreas de aplicação que utilizam termos distintos para o mesmo significado.

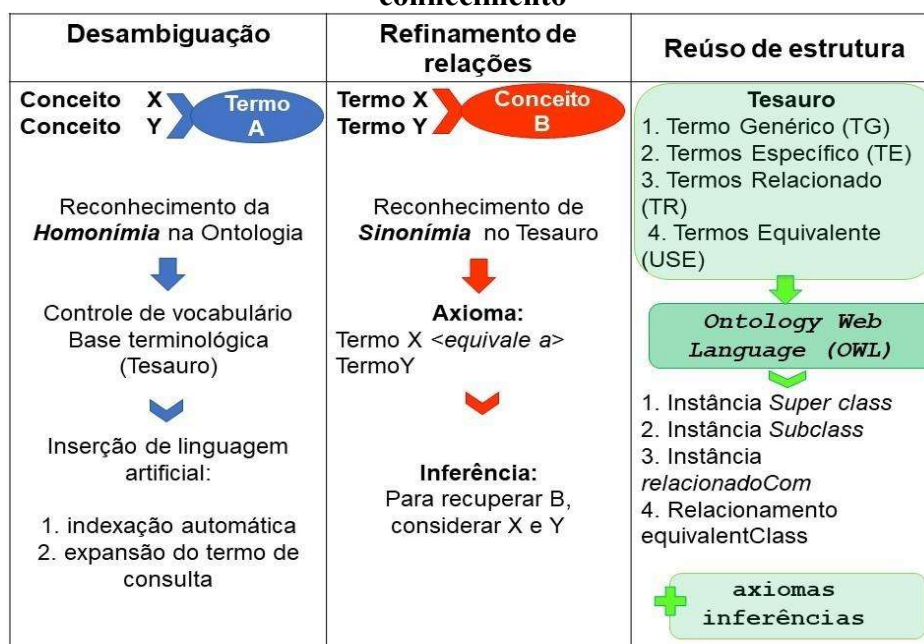
A desambiguação é possível a partir da inserção de termo pelo usuário para determinada consulta e o controle terminológico consegue definir qual é o termo preferido daquele mecanismo para aquele conceito. Isto é entendido também como reconhecimento de homonímia (uso do mesmo termo para conceitos diferentes), o que costuma ocorrer na ontologia: o emprego da base terminológica adiciona os termos preferidos e os termos relacionados, tendo como referência a literatura da área de especialidade com a incorporação das etiquetas do tesauro à linguagem computacional (Soergel, 2009).

O refinamento de relações acontece na ação contrária, ou seja, quando a ontologia agrega à estrutura do tesauro dados para descrever a relação de sinonímia (termos diferentes para o mesmo conceito) identificados no tesauro pelas etiquetas “Use” e “Usado Para” para respectivamente, termo preferido e não-preferido. A ontologia, com uso do axioma, gera um enunciado que descreve o elo entre um termo e outro, ligando-os pela relação de equivalência na linguagem OWL, permitindo que seja recuperado o item mesmo que o usuário use o termo não-preferido (Maculan, 2015). Isso agrega consistência à representação do conhecimento. Assim, a partir do reconhecimento e descrição em linguagem computacional e OWL da relação de equivalência, o agente consegue realizar a inferência.

O uso do tesauro como modelo estrutural para composição de ontologias, também apontado como reutilização, parte da apropriação de grande parte das relações especificadas em etiquetas do tesauro para a linguagem OWL. Dessa maneira, com o detalhamento do sistema conceitual, são elaborados os axiomas, o que permite a realização de inferências (Constâncio, 2017).

Soergel *et al.* (2004) e Lauser *et al.* (2006) descrevem a tarefa de reutilização sendo iniciada na separação em camadas da estrutura do tesauro, quando essas são niveladas em grupos distintos formados por conceitos, termos, variações de linguagem, notas e relações. A partir destes agrupamentos, são elaborados as declarações e os axiomas que explicitam as relações conceituais para linguagem computacional, sendo formada a ontologia. Assim, é constituída uma ontologia que já contém o trabalho terminológico focado necessariamente no ponto de vista de uma dada comunidade usuária. O resultado permite também a posterior extensão de relações entre termos com a adição de mais significados à estrutura inicial (Ferreira; Maculan, 2020). Na Figura 3, as interações apresentadas são descritas:

Figura 3 – Interações entre o tesauro e a ontologia na organização do conhecimento



Fonte: Elaborado por Prado (2020, p. 114) a partir de Soergel (2009), Maculan e Aganette (2017), Constâncio (2017) e Ferreira e Maculan (2020).

Portanto, as interações mencionadas permitem a integração de elementos estruturais de acordo com as condições do contexto de uso e de funcionamento do mecanismo. Porém, é por meio da correspondência entre termo e conceito, que a pesquisa é efetivada, sendo essencial uma representação do conhecimento detalhada e prévia, que incrementalmente o funcionamento do SOC final e possa viabilizar o fluxo de dados com base nas conexões entre significados.

4. A TERMINOLOGIA COMO ALICERCE NA INTERAÇÃO ENTRE O TESAURO E A ONTOLOGIA PARA A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Terminologia, enquanto disciplina, reflete sobre as diretrizes e os princípios para a realização do trabalho terminológico das áreas de especialidades (Cabrê, 1995, p. 2). A preocupação com a relação entre o conceito e o termo utilizado a faz considerar aspectos pragmáticos e teóricos fundamentados em garantia literária, o que influencia no levantamento terminológico dos domínios de conhecimento.

São destacadas neste estudo duas teorias terminológicas que se preocupam com esta reflexão e podem colaborar com a concepção de SOC que contemplem as áreas representadas por meio da designação dos conceitos a partir da terminologia de domínio: Teoria Geral da Terminologia (TGT), concebida por Wüster (1931), e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de Cabré (1999).

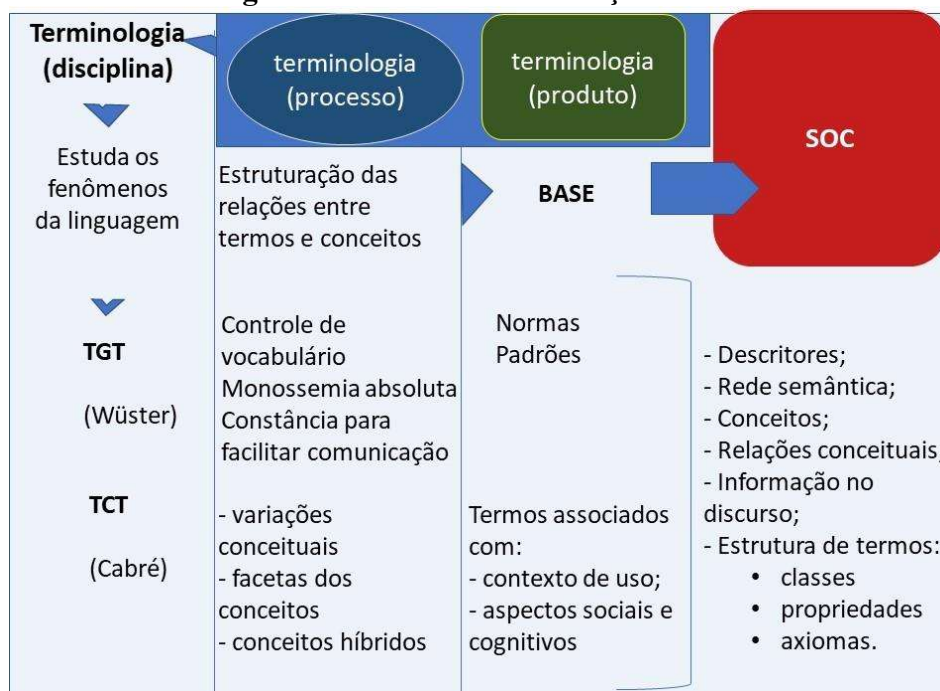
É com o início do desenvolvimento das indústrias e a crescente valorização de padrões e normas tecnológicas que a TGT surge como ponto inaugural da Terminologia enquanto disciplina autônoma, voltada para a produção de itens terminológicos. Isto porque, no modelo industrial, a TGT entende que a comunicação técnica passa a ser efetivada a partir do momento em que especialistas fazem uso do mesmo vocabulário para designar processos e objetos. Buscava-se assim que a informação científica não

enfrentasse ruídos em sua comunicação, tornando o fluxo entre sistemas distintos menos suscetível a ruídos. Na concepção de SOC, essa teoria reflete a importância das normas e padrões para efetivação da troca entre sistemas com o auxílio de princípios para restrições das relações conceituais na organização do conhecimento (Alexiev *et al.*, 2016, p. 48). Isto, na prática, permite que a fase de estruturação de tesouros e ontologias considere a concepção de normas e padrões próprios que direcionam o levantamento terminológico e sua representação em uma organização do conhecimento mais consistente.

Por sua vez, a TCT surge com uma preocupação voltada para as questões sociais e culturais que acabam interferindo na concepção de terminologias de domínio, sendo estas inerentes ao fenômeno da comunicação científica também. Por isso, os termos polissêmicos e sinônimos não podem ser ignorados, mas devem ser inseridos no trabalho terminológico. A TCT parte da abordagem que considera os termos como elementos usados em domínios e não pertencentes a um ou outro contexto (Cabré, 1999). Por isso, a terminologia concebida deve incluir tanto a linguagem informal quanto as variações consequentes das tradições e características regionais do uso linguístico, pois impactam na representação dos conceitos, ou seja, no produto terminológico científico (Cabré, 1999).

A terminologia de domínio, por sua vez, funciona como um SOC, realizando a organização do conhecimento e demonstrando as designações para os conceitos para auxiliar a pesquisa do usuário (Soergel, 2009). No caso do tesouro, garante o reconhecimento de termos descritores e da rede semântica para sua formação (Moreira; Lara, 2011). E, na ontologia, repercute no agrupamento de classes e na formação de axiomas, como também na própria identificação de suas propriedades (Breitman, 2005). Na interação, é com base na garantia literária e análise da demanda do público usuário que o trabalho terminológico viabiliza o embasamento terminológico para a criação de um SOC mais completo. E, por meio das diretrizes que surgem das teorias terminológicas citadas, podem ser criados procedimentos para um levantamento terminológico adequado à demanda informacional de cada público. A Figura 4 descreve a contribuição da Terminologia na interação entre os SOC mencionados:

Figura 4 – Terminologia como alicerce da interação entre o tesouro e a ontologia



Fonte: Prado (2020, p. 122)

Portanto, é a partir dos estudos relacionados ao termo na Terminologia que podem ser pensadas terminologias que dão embasamento para estes SOC. A TGT e a TCT elencam preocupações que estão em consonância com as necessidades informacionais da época em que foram concebidas, tendo uma repercussão na parte pragmática do trabalho terminológico.

Assim, o ideal de monossemia (atribuição de um termo para cada conceito) levantado por Wüster e a consideração da variação no trabalho terminológico de que trata Cabré não necessariamente são abordagens opostas, sendo igualmente importantes na concepção de instrumentos resultantes da interação entre SOC, como proposto neste estudo. De um lado, o ideal de monossemia absoluta repercute na idealização de padrões e normas para realizar o controle de significados, gerando uma especificidade adequada a cada domínio, o que pode ser alinhado com a estrutura de etiquetas do tesauro. E a teoria variacionista pode ser útil na troca entre fontes distintas, gerando elos por meio de axiomas que certifiquem que sinônimos e homônimos sejam considerados na recuperação da informação (Prado, 2020).

Assim, os fatores que repercutem na interação do tesauro e da ontologia dizem respeito tanto à capacidade de identificarmos os termos descritores que representam um dado sistema de conceitos, quanto à preocupação de trazer os elementos estruturais de ambos em prol de uma representação do conhecimento que contemple uma determinada demanda informacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto SOC que representam as relações hierárquicas, associativas e de equivalência entre conceitos, o tesauro e a ontologia podem ser usados na organização do conhecimento de forma complementar por meio da interação entre seus elementos estruturais.

O tesauro evidencia o conceito no seu contexto de uso, por meio da etiqueta, possibilitando uma recuperação da informação mais específica no caso de aperfeiçoamento da estrutura inicial de uma ontologia. A ontologia, por sua vez, promove o refinamento das relações conceituais no tesauro com o auxílio dos axiomas e inferências, permitindo a recuperação da informação e extensão de resultados ao conectar recursos informacionais de outras fontes.

A Terminologia funciona como alicerce na interação entre estes instrumentos por produzir diretrizes e insumos teóricos que auxiliam no trabalho terminológico para uma representação do conhecimento qualificada dos domínios, possibilitando a identificação dos termos descritores dos conceitos que compõem os campos de conhecimento.

E, ao lidar com as variações conceituais, conceber padrões e diretrizes para estabelecimento dos termos descritores dos conceitos, a terminologia do domínio é fundamental tanto para a concepção de SOC quanto para que a interação entre tesauro e ontologia promova uma recuperação da informação adequada à demanda do usuário.

REFERÊNCIAS

ALEXIEV, V.; ISAAC, A.; LINDENTHAL, J. On the composition of ISO 25964 hierarchical relations (BTG, BTP, BTI). *International Journal on Digital Libraries*, [S. l.] v. 17, n. 1, p. 39-48, 2016.

ALMEIDA, G. M. de B. O Percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. *Tradterm*, São Paulo, v. 9, n. 9, p. 211-222, 2003.

ALMEIDA, M. B.; MENDONÇA, F. M.; AGANETTE, E. C. F. Interfaces entre ontologias e conceitos seminais da Ciência da informação: em busca de avanços na organização do conhecimento. In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 14., 2013. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2013.

ANSI/NISO Z39.19-2005: R2010. *Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies*. 2005.

BRÄSCHER, M. Semantic relations in knowledge organization systems. *Knowledge Organization*, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 175-180, 2014.

BREITMAN, K. K. *Web semântica: a internet do futuro*. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 289-298, set./dez. 1995.

CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CINTRA, A. M. M.; TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. de; KOBASHI, N. Y. *Para entender as linguagens documentárias*. São Paulo: Polis, 2002.

CLARKE, S. G. D. The Information Retrieval Thesaurus. *Knowledge Organization*, [S. l.], v. 46, n. 6, p. 439-459, 2019.

CONSTÂNCIO, A. S. *Ontologia para um motor de busca semântica para recuperação jurisprudencial no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

DAHLBERG, I. Brief Communication: How to improve ISKO's standing: Ten desiderata for knowledge organization. *Knowledge Organization*, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 68-74, 2011.

FARINELLI, F.; ALMEIDA, M. B. Ontologias biomédicas: teoria e prática. In: ZIVIANI, A., FERNANDES, N. C.; SAADE, D. C. M. 18º SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMPUTAÇÃO APLICADA À SAÚDE - SBCAS 2019, Niterói, RJ, Brasil. Sociedade Brasileira de Computação, 11 a 14 de junho de 2019. p.93-140.

FERREIRA, A. B. de H. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, A. C.; MACULAN, B. C. M. dos S. Metodologias para revisão e atualização de tesouros: mapeamento da literatura. *Informação & Informação*, Londrina, v. 25, n. 1, p. 229-253, abr. 2020. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/36259>. Acesso em 31 jul. 2020.

FRANCELIN, M. M.; PINHO, F. A. *Conceitos na Organização do Conhecimento*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

GRUBER, T. A translation approach to portable ontology specifications. *Knowledge Acquisition*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 199-220, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. M. de M. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ISOTANI, S.; BITTENCOURT, I. I. *Dados Abertos Conectados: Em busca da Web do Conhecimento*. São Paulo: Novatec Editora, 2015.

INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION. *ISO 25964-1: 2011: Information and documentation - Thesauri and interoperability with other vocabularies – part 1 – Thesauri for information retrieval*. Geneva: ISO, 2011.

JASPER, R.; USCHOLD, M. A framework for understanding and classifying ontology applications. 1999. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.39.6456>. Acesso em 20 abr. 2021.

KREBS, L. M. *Terminologia e variação conceitual: um estudo de interface com ontologias*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: 2016.

LAUSER, B; SINI, Margherita; LIANG, A.; KEIZER, J.; KATZ, S. From Agrovoc to the agricultural ontology service: concept server an OWL model for creating ontologies in the agricultural domain. In: International Conference on Dublin Core and Metadata Applications, 2006, Colima, Mexico. *Proceedings...* México: DCMI, 2006.

MACULAN, B. C. M. S. *Estudo e aplicação de metodologia para reengenharia de tesouro: remodelagem do THESAGRO*. 2015. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

MACULAN, B. C. M. S; AGANETTE, E. C. Desambiguação de relações em tesouros e o seu reuso em ontologias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 46, n. 1, 28 dez. 2017.

MAZZOCCHI, F. Knowledge organization system (KOS): an introductory critical account. *Knowledge Organization*, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 54-78, 2018.

MEDEIROS, M. B. B.; CAFE, L. M. A. *Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 2008. Anais [...] IX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2008.

MOREIRA, A. *Tesouros e ontologias: estudo de definições presentes na literatura das áreas das ciências da computação e da informação, utilizando-se o método analítico-sintético*. Dissertação, Mestrado em Ciência da Informação. Belo Horizonte: ECI-UFMG, 2003.

MOREIRA, W.; LARA, M. L. G. de. Relações conceituais e categorias filosóficas: aportes das ontologias e da terminologia para a representação do conhecimento. In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 12., 2011, Brasília. *Anais eletrônicos...* Brasília: UnB, 2011. 17 p.

PIETERSE, V.; KOURIE, D. G. Lists, taxonomies, lattices, thesauri and ontologies: paving a pathway through a terminological jungle. *Knowledge Organization*, [S. l.], v. 41, n. 3, p. 217-229, 2014.

PINHEIRO, L. V. R.; FERREZ, H. D. *Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação*. Rio de Janeiro; Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), 2014.

PRADO, A. C. R. do. *A interação entre o tesauro e a ontologia na organização do conhecimento*. 2020. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RAMALHO, R. A. S. Ontologias e Knowledge Organization System (SKOS): aproximações e diferenças. In: GUIMARÃES, J. A. C.; DODEBEI, V. (Orgs.) *Organização do conhecimento e diversidade cultural*. Marília ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2015. p.100-107.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Québec: Linguattech, 1984.

SOERGEL, D. Digital libraries and knowledge organization. In: FUHR, N.; HANSEN, P.; MALY, K.; TSAKONAS, G. (Org.). *Semantic digital libraries*. Berlin; Heidelberg: Springer, 2009. p. 9-39.

SOERGEL, D.; LAUSER, B.; LIANG, A.; FISSEHA, F.; KEIZER, J.; KATZ, S. Reengineering thesauri for new applications: the Agrovoc example. *Journal of Digital Information*, [S. l.], v. 4, n. 4, 2004.

TRISTÃO, A. M. D.; FACHIN, G. R. B.; ALARCON, O. E. Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, ago. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652004000200017>. Acesso em: 28 jul. 2020.

WÜSTER, E. *Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik*. Berlin: VDI Verlag, 1931.

ZENG, M. L. Knowledge organization systems (KOS). *Knowledge Organization*, Frankfurt, v. 35, n. 2-3, p. 160-182, 2008.

A PRÁTICA TERMINOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE VOCABULÁRIOS CONTROLADOS

Vânia Mara Alves LIMA

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar a prática terminológica como etapa metodológica fundamental no processo de elaboração e gestão de um vocabulário controlado para representação e recuperação da informação em Arte e Arquitetura. A prática terminológica é definida aqui como o uso da terminologia do domínio enquanto referente para a elaboração de um vocabulário controlado ou tesauro (Lima, 1998; 2004) e fundamenta-se na análise e aplicação das normas terminológicas ISO 1087 (2000) e ISO 704 (2000), assim como na Teoria do Conceito de Ingetrout Dahlberg (1978), em que a representação do sistema de conceitos, pela definição de cada um dos conceitos do sistema, possibilita a representação de domínios de conhecimento, visto que as definições são pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais constituindo-se em elementos necessários na construção dos sistemas científicos.

Um vocabulário controlado é um instrumento utilizado para representar e recuperar a informação em bases de dados. Pode ser uma lista alfabética, constituída de termos preferidos e não preferidos para indexação, entendida como a etapa de atribuição de assuntos a um documento, ou um tesauro, em que os termos preferidos encontram-se relacionados através de relações hierárquicas, de equivalência e associativas.

Os vocabulários controlados são elaborados para serem utilizados como instrumentos de indexação para a recuperação da informação em sistemas de natureza verbal, o que coloca a necessidade de se aprimorar esse instrumento para uma recuperação mais efetiva do conhecimento, em muitos casos de natureza iconográfica, como por exemplo o produzido nos domínios da Arte e da Arquitetura.

Para operacionalizar a categorização conceitual e a estruturação hierárquica dos termos em um vocabulário controlado, utilizamos os referenciais teóricos da Terminologia enquanto disciplina e da terminologia do domínio enquanto produto, de modo a agregar valor à metodologia de indexação e garantia literária desta representação, dando consistência posteriormente à recuperação da informação.

Como exemplo de aplicação do uso da terminologia como referente para elaboração de vocabulários controlados, apresentamos três projetos cujo objetivo comum é a elaboração de um instrumento de controle terminológico que seja interoperável com outros vocabulários de arte nacionais e internacionais. São eles: o “Vocabulário Controlado de Artes da Centro de Pesquisa do MASP”, projeto desenvolvido e implementado de 2013 a 2015; o “Vocabulário controlado do ambiente colaborativo web ARQUIGRAFIA”, iniciado em 2014; e o “Vocabulário Colaborativo de Artes e Arquitetura, iniciado em 2019, com a colaboração das bibliotecas da Pinacoteca, da ECA/USP e da FAU/USP.

1. REFERENCIAIS TEÓRICOS

Encontramos os referenciais teóricos e metodológicos para a construção de vocabulários controlados na Ciência da Informação, mais especificamente da Organização do Conhecimento e Representação da Informação, mas também nos

apropriamos de pressupostos teóricos oriundos da Linguística, da Terminologia e da Lógica.

Na Ciência da Informação, encontramos: a metodologia e as normas para a construção de tesouros (Austin, 1993) e vocabulários controlados, como a ISO 25964-1 (2011); os princípios de política de indexação de Lancaster (2004), Fujita (2011) e Gil Leiva & Fujita (2012), além da norma brasileira ABNT 12676, para apoiar o uso do vocabulário controlado na representação da informação sobre arte e arquitetura; a Teoria do Conceito de Ingtraut Dahlberg (1978) que, no âmbito dos estudos sobre Organização do Conhecimento, mostra como a representação do sistema de conceitos, pela definição de cada um dos conceitos do sistema, possibilita a representação de domínios de conhecimento, porque as definições são pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais, constituindo-se em elementos necessários na construção dos sistemas científicos.

Na Linguística, apropriamo-nos da definição conceitual da linguagem para embasar a definição de vocabulário controlado, como um léxico, com uma estrutura e relações entre suas unidades. Além disso, observamos os critérios para a criação e padronização das definições de termos científicos apresentados por Hermans (1989), para o qual “um termo é a unidade lexical definida no interior de um discurso científico”, ou seja, corresponde a um conceito particular dentro de um campo conceitual e sua definição estabelecida dentro desse campo conceitual faz com que sua significação dependa do seu funcionamento no contexto.

Para operacionalizar o uso da Terminologia como referente para o Vocabulário Controlado de Artes, apoiamo-nos: na análise e aplicação das normas terminológicas ISO 704 (2000) e ISO 1087 (2000) da *International Standard Organization*; na definição de terminologia enquanto produto gerado pela prática, isto é, o conjunto dos termos de uma área específica (Cabré, 1995); e na afirmação de Dubuc (1999) de que é a Terminologia que permite identificar e analisar o vocabulário de uma determinada especialidade e, se necessário, criar e normalizar termos em situações concretas de funcionamento.

Na Lógica, buscamos os pressupostos metodológicos, na medida em que fazemos uso tanto do método indutivo, quando partimos de termos em particular e de suas definições para tomar a decisão de incluí-los em determinada categoria, quanto do método dedutivo, quando, a partir da definição intencional da categoria, podemos inferir quais os termos que ali podem ser incluídos e, assim, estabelecer as relações entre os termos do vocabulário.

2. A PRÁTICA TERMINOLÓGICA

Para exemplificar a prática terminológica como etapa metodológica da construção de vocabulários controlados, apresentamos, em primeiro lugar, a metodologia utilizada na elaboração do Vocabulário controlado de Artes do MASP e, em seguida, os projetos do Vocabulário controlado do ambiente colaborativo web ARQUIGRAFIA e o Vocabulário Colaborativo de Arte e Arquitetura.

O Vocabulário Controlado de Artes nasce a partir do trabalho colaborativo realizado entre 1989 e 1992 por bibliotecárias de alguns dos mais importantes museus e bibliotecas de arte da cidade de São Paulo, como o Museu de Arte de São Paulo, o Museu Lasar Segall, as Bibliotecas da Escola de Comunicações e Artes e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e do Instituto Cultural Itaú (Costa; Almeida, 2011).

Ao final deste trabalho, apenas a Biblioteca do MASP implementou o uso deste vocabulário, disponibilizando a sua primeira versão on-line em 2007. Ocorre que, como

todo vocabulário controlado, este instrumento necessitava de constante atualização e gerenciamento, em função do surgimento de novos termos, tanto do domínio das Artes quanto de áreas correlatas como a Conservação e Restauro.

Outro problema foi a falta de uma estrutura hierárquica consistente entre seus termos que auxiliasse na busca e recuperação da informação, porque o usuário tinha dificuldade de identificar o termo mais adequado à sua necessidade de informação ou visualizar o domínio das Artes em sua totalidade. Assim, procurou-se, a partir do vocabulário existente, estabelecer uma nova metodologia para sua atualização, que permitisse a inclusão de novos termos, a partir de uma prática terminológica, possibilitando a definição de cada termo e a identificação das relações existentes entre eles de modo mais efetivo e preciso.

Em um primeiro momento, foi realizada a seleção do *corpus*, ou seja, dos termos do domínio a serem definidos: no caso o vocabulário controlado já existente na base de dados da biblioteca do MASP, foram selecionados todos os termos identificados como núcleo conceitual das Artes, deixando-se para etapa posterior as áreas correlatas, como Arquitetura, Museologia, Conservação e Restauro etc. Em seguida, foram identificadas as categorias do domínio (Artes): Gêneros, Estilos, Movimentos, Teorias, Meios de Expressão, História da Arte e Materiais, Equipamentos e Ferramentas e Técnicas.

Posteriormente, foram preenchidas as fichas terminológicas dos termos, com as definições coletadas em fontes de referência do domínio como manuais, glossários, dicionários, enciclopédias, entre outros, registrando-as no campo intitulado “contextos”. Uma definição-síntese foi compilada partindo-se da premissa de que o enunciado de uma definição se refere às características do conceito abordado, as quais permitem o estabelecimento de relações lógicas e ontológicas entre os termos (Lima; Costa; Guimarães, 2016).

Segundo Dahlberg (1978), a definição do conceito constitui-se de afirmações verdadeiras sobre um objeto particular; cada afirmação verdadeira é sobre uma característica do conceito e uma propriedade do objeto, o que permite inferir que são essas características que vão indicar os relacionamentos que podem ser estabelecidos entre os termos de um determinado domínio. Ao mesmo tempo, a definição determina os limites do conceito, estabelecendo, assim, os limites do domínio.

Considera-se a intensão e a extensão do conceito, em que a primeira define-se pelas características/atributos/propriedades que determinam o objeto e a segunda refere-se à classe de todos os objetos ao qual o conceito se aplica. Esses fenômenos são aliados aos processos de conjunção e disjunção, pelos quais se identificam as características comuns entre os conceitos, assim como as características que estabelecem os seus limites de significação, para se organizar a hierarquia de vocabulário. Por exemplo, o termo *arte abstrata* é definido pela sua intensão como “obra plástica que se vale exclusivamente dos elementos puros: formas, linhas, cores, despojados de toda imagem figurativa, uma arte não objetiva e independente do mundo externo, puramente abstrata que não pretende ser representativa do mundo real em qualquer aspecto, estendido a imagens pictóricas e simbólicas que podem ser vagamente derivadas das figuras naturais.” Na sua extensão, incluem-se: “abstracionismo”; “arte não figurativa”; “pintura abstrata”.

Todos os termos foram incluídos em uma base de estudos terminológicos denominada *Termet*, desenvolvida em CDS/ISIS, cujos metadados têm como referência as normas ISO 704 (2000) e ISO 1087 (2000), que regem a compilação das terminologias de domínio, e a norma ISO 25964-1 (2011), que rege a construção de vocabulários controlados, conforme Figura 1, a seguir:

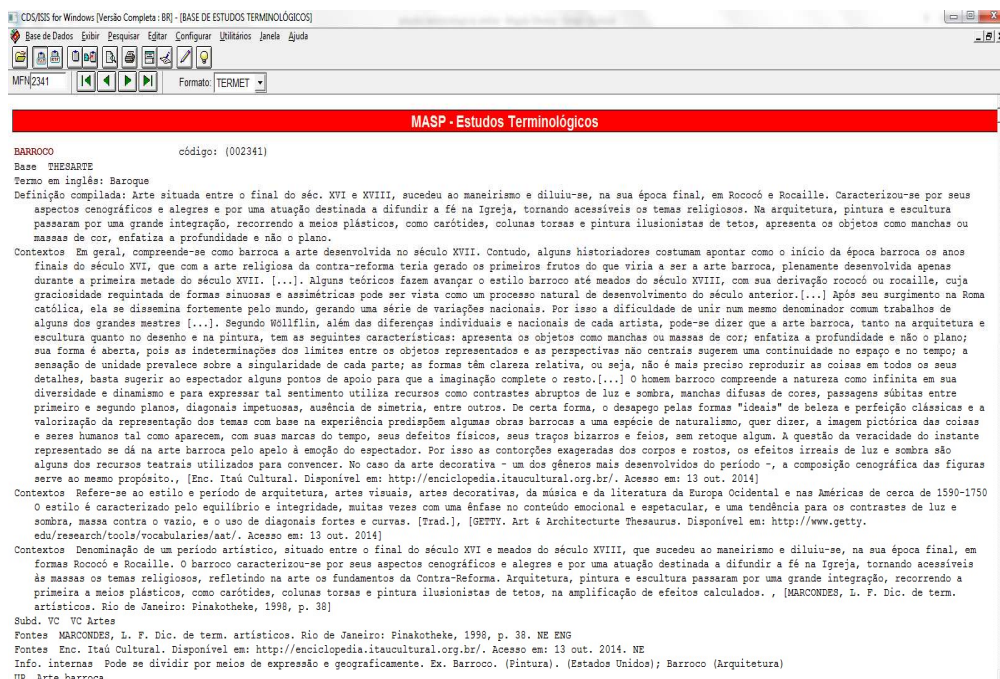


Figura 1. Termet - Base de Estudos Terminológicos

No caso de dúvidas sobre a adequação da definição-síntese compilada, a ficha terminológica era encaminhada para validação aos especialistas, pesquisadores e docentes do domínio, por meio de um aplicativo denominado *TermoWeb*. A ferramenta foi desenvolvida especificamente para as atividades de consultoria junto aos especialistas em Arte para validação da definição de cada termo e de seus relacionamentos (hierárquicos, de equivalência e associativos) no Vocabulário Controlado de Artes do MASP, como apresentado na Figura 2, a seguir:

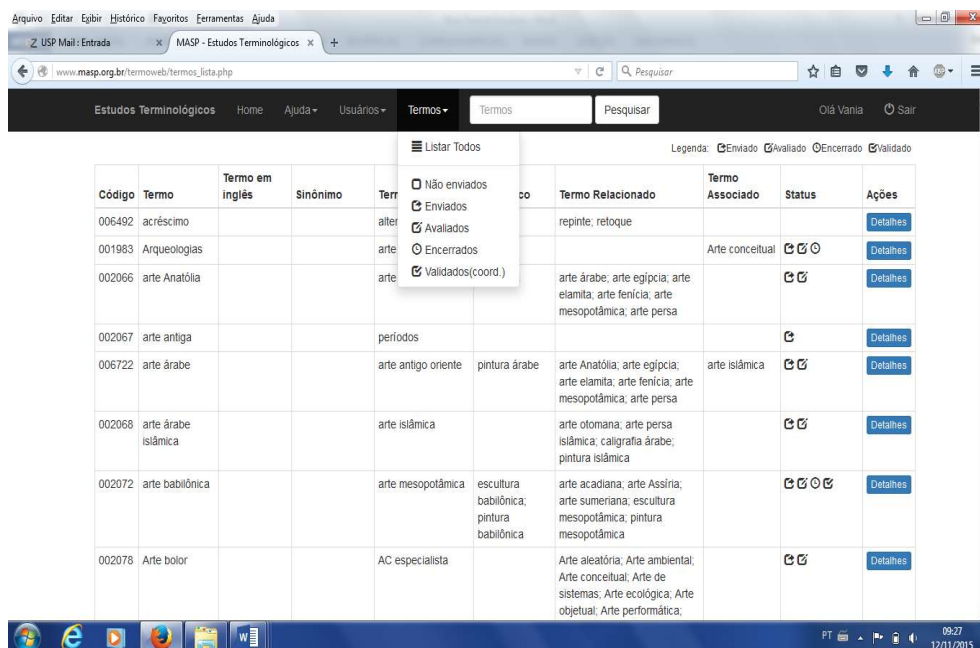


Figura 2. Aplicativo TermoWeb

O aplicativo TermoWeb comporta dois tipos de dados: o cadastro de usuários (bibliotecário, coordenador e especialistas) e o conjunto de termos de artes que serão

analisados. Todos os eventos que ocorreram na aplicação eram registrados e informados por e-mail para o usuário envolvido na operação. Para o desenvolvimento do TermoWeb foram utilizadas: a linguagem de programação PHP (DALL’OGLIO, 2009; MITCHELL, 2013); o framework *Bootstrap* (versão 3.0) e o banco de dados MySQL (versão 5.6).

O Vocabulário Controlado de Artes do MASP encontra-se disponível no endereço www.masp.org.br/centro-de-pesquisa. Sua consulta pode ser realizada em ordem alfabética e a navegação pelos termos, a partir de sua visualização, também pode ser realizada em ordem hierárquica. O resultado da consulta recupera, para cada termo, sua definição compilada, seus sinônimos, seu termo geral, termos específicos, termos relacionados e termos associados. A partir do link do termo é possível também recuperar os registros das obras indexadas no catálogo on-line.

O Vocabulário controlado do ambiente colaborativo web ARQUIGRAFIA (www.arquigrafia.org.br) é uma das ferramentas deste repositório desenvolvido para garantir a preservação, pesquisa e divulgação de imagens da arquitetura e espaços urbanos brasileiros que possibilita interações entre pessoas e instituições. A principal fonte das imagens do ARQUIGRAFIA é o acervo fotográfico de aproximadamente 42 mil imagens referentes à Arquitetura brasileira, do Setor de Materiais Iconográficos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Deste acervo, foram digitalizadas cerca de 34 mil slides e oito mil fotografias em preto e branco. No momento, encontram-se disponibilizadas para consulta no ARQUIGRAFIA aproximadamente oito mil imagens.

O caráter colaborativo do projeto ARQUIGRAFIA diferencia-o dos bancos de imagens institucionais na internet por envolver uma rede heterogênea de colaboradores: usuários institucionais como bibliotecas, arquivos e museus, ONGs, universidades e grupos de pesquisa junto a usuários privados como estudantes, professores, fotógrafos e pessoas em geral, os quais podem subir e atribuir assuntos às suas coleções de imagens.

A inclusão de *tags* ou marcadores por usuários com linguagem natural é chamada de folksonomia, social *tagging* ou indexação social. Rafferty (2018) refere-se ao *tagging* como a prática em que os usuários da web utilizam palavras-chave para descrever, categorizar ou comentar conteúdos digitais. Essa marcação permite uma resposta individual aos objetos de informação configurando uma tríade de formação: o usuário, o objeto de informação e a palavra-chave, mantendo-os conectados. A marcação pode contribuir muito para a criação e gestão de acervos digitais, porque é realizada de forma colaborativa, distribuindo recursos, atividades e reduzindo custos, mas, apesar da facilidade de uso da indexação social e da aproximação com o vocabulário ativo dos usuários, a falta de controle da linguagem pode apresentar dificuldades para a recuperação da informação.

A ANSI/NISO Z39.19, em suas “Diretrizes para a construção, formato e gerenciamento de vocabulários controlados monolíngues”, define vocabulário controlado como uma lista de termos explícitos e controlados, e esses termos não podem ser ambíguos e devem conter definições que não sejam redundantes (NISO, 2010). Portanto, um dos principais desafios do projeto ARQUIGRAFIA é realizar uma compatibilização terminológica entre os vocabulários controlados institucionais, as listas de *tags* geradas pelos criadores do ARQUIGRAFIA e as *tags* atribuídas pelos usuários em geral. A Figura 3, a seguir, apresenta um registro de imagem no ARQUIGRAFIA com exemplo de *taggeamento*:

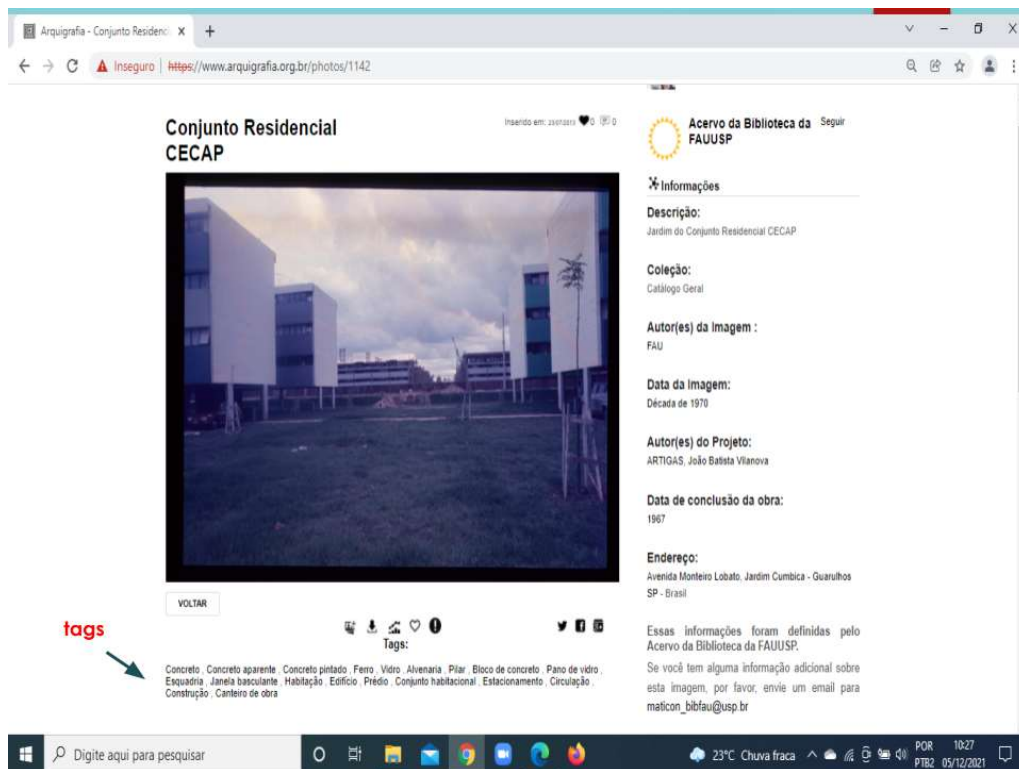


Figura 3. Registro no ARQUIGRAFIA

Essa compatibilização terminológica tem sido feita a partir da reunião dos termos referentes à Arquitetura e Urbanismo, presentes nas listas de assuntos utilizadas para a indexação do acervo pelo Setor de Material Iconográfico da Biblioteca da FAU, pela listas de *tags* elaboradas pelos criadores do projeto ARQUIGRAFIA, reconhecidos como especialistas do domínio da Arquitetura e Urbanismo, e das *tags* atribuídas pelos usuários deste ambiente colaborativo, a saber, profissionais, pesquisadores, professores, estudantes e o público em geral que incluíram suas coleções de imagens no ARQUIGRAFIA.

Esta inclusão de *tags* ou marcadores pelos usuários sem controle de vocabulário e com linguagem natural é denominada de indexação colaborativa, folksonomia, indexação social ou tagueamento social. O uso do tagueamento social apresenta uma tensão inerente entre o uso de terminologia do usuário de forma livre e o controle da informação indexada, sendo ambos os recursos fundamentais para garantir o acesso à informação, mas que podem causar ruído na sua recuperação (Santos; Lima; Rozestraten, 2017).

Para diminuir esse ruído, uma lista de termos com definições, enriquecida com *tags* atribuídas por usuários privados às suas imagens, foi analisada para incorporação ao ARQUIGRAFIA, constituindo uma primeira versão de seu vocabulário controlado colaborativo, para funcionar como uma sugestão de termos aos usuários, mantendo-se a possibilidade de inserção de novas *tags* no futuro. As definições dos termos seguiram os mesmos procedimentos terminológicos, documentários e lógicos já aplicados na construção do Vocabulário Controlado (Iso, 2000, 2011; Talamo, 1987; Copi, 1978; Salmon, 2002).

Dessa maneira, o ARQUIGRAFIA tem contribuído para pesquisas sobre patrimônio arquitetônico e urbano, além de permitir a organização de imagens arquitetônicas brasileiras na web (Lima et al., 2016).

O Vocabulário Colaborativo de Artes e Arquitetura (VCAA) surge como resultado da apresentação do Vocabulário Controlado de Artes do MASP na reunião do *International Terminology Working Group no Getty Research Institute* em 2016. A proposta inicial seria enviar esse conjunto de termos em português, já definidos e categorizados, para serem incluídos como equivalentes aos seus respectivos termos em inglês no *Art and Architecture Thesaurus*, considerado a mais importante ferramenta para representação e recuperação da informação no âmbito das Artes em todo o mundo.

Devido às mudanças na gestão do MASP e suas dificuldades para se engajar na tarefa proposta, a Rede de Bibliotecas de Arte de São Paulo (REDARTE-SP) decidiu criar condições e iniciar o projeto como um trabalho colaborativo. Por isso, desde 2018, no âmbito da REDARTE-SP, bibliotecários da Biblioteca e Centro de Documentação Walter Wey da Pinacoteca de São Paulo, da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, juntamente com integrantes do Projeto ARQUIGRAFIA, vêm se empenhando para construir o Vocabulário Colaborativo de Arte e Arquitetura (VCAA), com a colaboração de docentes da área de Organização do Conhecimento e da Informação do curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo.

O objetivo, portanto, é disponibilizar o VCAA para todas as bibliotecas, arquivos e museus que atuem no domínio da Arte e da Arquitetura, ao mesmo tempo que ele funcione como um instrumento de garantia literária e de uso, para a tradução do AAT para o português, o que facilitará a pesquisa e acesso à produção artística nacional.

O primeiro passo no desenvolvimento do VCAA foi compartilhar a metodologia desenvolvida durante a construção do vocabulário controlado do MASP com os bibliotecários e bolsistas (estudantes de graduação) participantes do projeto. Em seguida, foi elaborada uma planilha para a coleta dos termos em português a serem alinhados com os termos do AAT seguindo os critérios do AAT (Harpring; Baca, 2010).

Desde 2020, estamos incluindo todos os termos coletados das três instituições na planilha, identificando os termos equivalentes no AAT, seus números de identificação, suas definições e links, e também identificando termos equivalentes (sinônimos, referências cruzadas, variantes), excluindo termos duplicados, padronizando as formas singular/plural e estabelecendo as relações hierárquicas, associativas e equivalentes no TEMATRES, *software* livre para construção e manutenção de tesouros e vocabulários controlados. Foram reunidos 3400 termos pelas instituições participantes e, após a eliminação de duplicados dos 3021 termos restantes, cerca de 1080 termos já foram definidos, tiveram seus equivalentes no AAT levantados e foram incluídos como contribuição do VCAA. Espera-se que o VCAA seja o ambiente para a consolidação terminológica dos termos de arte e arquitetura em português e que amplie o alcance do AAT para outros países de língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento destes vocabulários controlados possibilitou implementar e testar a metodologia para a elaboração, atualização e gerenciamento deste instrumento, em que a prática terminológica se inclui como etapa fundamental no processo, porque ele confere consistência à categorização conceitual e à estruturação hierárquica de um vocabulário controlado. Isto porque, ao identificar os enunciados verdadeiros sobre cada conceito, possibilita a elaboração de uma definição precisa, que permite o estabelecimento de relações hierárquicas, associativas e de equivalência entre os termos. Dessa maneira, estrutura-se a hierarquia de um vocabulário controlado e agrega-se

garantia literária à representação e, conseqüentemente, consistência à recuperação da informação.

O desenvolvimento de bases terminológicas, com a participação dos especialistas do domínio, é essencial quando se pensa em organizar o conhecimento e recuperar a informação em qualquer área do saber. Observa-se que a implantação de um plano de ação cooperativo, que garanta a atualização permanente dos conteúdos do instrumento deve ser objeto de atenção das instituições que se propõe a construir um vocabulário controlado. Dessa maneira, é mais que bem-vinda a cooperação entre bibliotecários, documentalistas e terminólogos na elaboração de vocabulários controlados para representação, busca e recuperação da informação em bases de dados.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, D; DALE, P. *Diretrizes para a elaboração de tesouros monolíngues*. Brasília: IBICT/Senai, 1993.

BOOTSTRAP. Disponível em <<http://getbootstrap.com/about/>>. Acesso em 01 fevereiro 2016.

CABRÉ, M. T. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.3, p.289-298, set./dez. 1995.

COSTA, I. D. G.; ALMEIDA, M. C. B. Vocabulário de arte: ferramentas fundamentais no trabalho cooperativo em bibliotecas, museus e arquivos. In.: *Seminário Serviços de Informação em Museus*, 1., 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Pinacoteca, 2011. p.89-10.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. *Ciência da informação*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.101-107, 1978.

DALL'OGGIO, Pablo. *PHP: Programando com orientação a objetos*. São Paulo: Novatec Editora, 2009. 574 p.

DUBUC, R. *Manual práctico de Terminología*. Chile: RiL Ed., 1999.

FUJITA, M. S. L. Modelos de categorização para a construção de tesouros: metodologia de ensino. In. BOCCATO, V.R.C.; GRACIOSO, L.S. *Estudos de linguagem em Ciência da Informação*. Campinas: Alínea, 2011, p.35-68.

GETTY Research Institute. *Art & Architecture Thesaurus*. Disponível em <<http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/aat/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GIL LEIVA, I.; FUJITA, M. S.L. *Política de indexação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012.

HARPRING, P.; BACA, M. ed. *Introduction to controlled vocabularies: terminology for art, architecture, and other cultural works*. Los Angeles: Getty Publications, 2010.

HERMANS, A. La définition des termes scientifiques. *Meta*, v.34, n.3, p.529-532, 1989.

INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION. *ISO 1087: Terminology work - vocabulary*. Geneva: ISO, 2000.

INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION. *ISO 25964-1: Information and documentation - Thesauri and interoperability with other vocabularies – part 1 – Thesauri for information retrieval*. Geneva: ISO, 2011.

INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION. *ISO 704: Terminology work - principles and methods*. Geneva: ISO, 2000.

LANCASTER, F.W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LIMA, V.M.A; COSTA, I. D.G.; GUIMARÃES, M. O. A Controlled Vocabulary to Support Art Documentation in Brazil. *Art documentation*. v.35, n.2, p. 321-328, 2016.

LIMA, V. M. A. *Da classificação do conhecimento científico aos sistemas de recuperação de informação: enunciação de codificação e enunciação de decodificação da informação documentária*. 2004. 156f. Tese (Doutorado) Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 2004.

LIMA, V. M. A. *Terminologia, comunicação e representação documentária*. 1998. 78f. Dissertação (Mestrado) Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 1998.

MITCHELL, L. J. *Web Services em PHP*. São Paulo: Novatec Editora, 2013. 136 p. MySQL. Disponível em <<http://dev.mysql.com/doc/>>. Acesso em 01 fevereiro 2017.

RAFFERTY, P. Tagging: reviews of concepts in Knowledge Organization. *Knowledge Organization*. v.45, n.6, p.500-516, 2018.

ROZESTRATEN, A. S.; LIMA, V. M. A.; SANTOS, C. A. C. M. ARQUIGRAFIA: digital images in the collaborative environment on the Web. In: *IFLA Satellite Meeting 2017: Digital Humanities*, 2017, Berlin. Digital Humanities. Haia: IFLA, 2017.

TÁLAMO, M.F.G.M. A definição semântica para a elaboração de glossários. In: SMIT, J. *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília: IBICT, 1987, p.87-98.

RESENHA CRÍTICA DE LETRAS DE MÚSICA: A ANÁLISE DO LÉXICO COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Rubens Pereira da Silva ALVES

INTRODUÇÃO

O lugar do estudo do léxico nas propostas curriculares para o ensino básico tem sido objeto de discussão entre professores e pesquisadores na área de linguagens, principalmente na virada curricular inaugurada nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Em língua portuguesa, o texto passa a ter papel central nos estudos da linguagem, o que estabelece um novo marco do pensamento pedagógico, com forte influência das contribuições das correntes linguísticas modernas. Se, por um lado, podemos destacar um avanço no pensamento do ensino de língua materna, tomando a língua como atividade social, regida pelas relações humanas e historicamente situada; por outro, o mesmo não pode ser dito em relação ao ensino do léxico nas aulas de português, que ainda apresenta lacunas a serem preenchidas nos materiais didáticos.

Soares (2002) traça um panorama histórico do ensino de língua portuguesa no Brasil, desde a segunda metade do século XVIII até os dias de hoje. Nesse período, o ensino da língua teve como objetivo, no início, o ensino da gramática, da retórica e da poética. No século XX, uma tentativa de centralizar no texto o objeto de ensino, tendo a gramática como ferramenta de estudo, acabou por desembocar apenas no ensino de gramática descontextualizada e utilitária, sendo aprofundada no pensamento tecnicista e produtivista, consolidado na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1971 (Saviani, 2019, p. 116-117).

Posteriormente, no bojo da LDB da Nova República (1996), as contribuições das correntes linguísticas, como a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Sociolinguística e a Pragmática direcionaram a concepção de língua e ensino nos materiais didáticos contemporâneos (Soares, 2002, p. 171). Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) de 1998 buscaram retomar no texto o objeto de estudo da língua por meio dos gêneros textuais a partir dos Temas Transversais e, recentemente, a *Base Nacional Curricular Comum* (2018), com os Campos de Atuação, categorizam os gêneros discursivos nas diferentes esferas da atividade humana.

Em relação ao ensino do léxico, podemos observar duas formas de abordá-lo, considerando a tradição gramatical predominante da norma padrão e os currículos de orientação da linguística: a primeira reduziu o sentido das palavras ao seu significado primeiro, em situação de vocabulário; a segunda pulverizou o lugar do léxico nos materiais didáticos, de forma a limitá-lo em poucas questões que não abrigam a totalidade dos sentidos que as palavras podem apresentar. Segundo Antunes (2012), o estudo do léxico ficou relegado às formações de classes de palavras, à identificação e substituição de palavras por um sinônimo e à sua forma de acordo com a norma padrão, excluindo as manifestações presentes em outras variações da língua.

Esta proposta, que tem como objetivo apresentar um plano de aula que se disponha a atender às demandas do estudo do léxico, é parte da dissertação de mestrado *Resenha crítica de canções: a análise da escolha lexical como estratégia argumentativa*, defendida no Profletras-USP. Na pesquisa, proponho uma sequência de atividades em torno do gênero resenha crítica de canções, com ênfase no léxico presente na canção como

estratégia argumentativa. As atividades foram aplicadas em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública na cidade de São Paulo

Neste capítulo, teceremos considerações sobre o ensino do gênero resenha crítica na escola, conceitualizando o gênero e a filiação teórica do texto que admitiremos. Logo após, discorreremos sobre as bases para o ensino do léxico, pontuando que aspectos lexicais considerar na perspectiva aqui adotada. Em seguida, descreveremos a sequência de atividades aplicada na dissertação de mestrado: o ensino do gênero resenha crítica de letras de música, com ênfase no estudo do léxico da letra como estratégia argumentativa. Por fim, apresentamos uma produção textual de uma aluna.

1. O ENSINO DO TEXTO NA ESCOLA: A RESENHA CRÍTICA

Nesta seção, trataremos de abordar a filiação teórica que adotamos para o ensino do texto na escola, bem como a concepção, estruturação e notações de escrita utilizadas no gênero resenha crítica.

Adotamos a perspectiva teórica da linguagem enquanto atividade social, meio pelo qual interagimos, comunicamos, expressamos nossos sentimentos, praticamos ações no mundo, ou seja, atividade humana realizada em um contexto sócio-histórico. Segundo Castilho,

a língua é um somatório de usos concretos, historicamente situados, que envolve sempre um locutor e um interlocutor localizados em um espaço particular, interagindo a propósito de um tópico previamente negociado (1994, p. 21)

Na mesma perspectiva, Antunes (2009) observa como a língua está intrinsecamente ligada à estrutura da sociedade, de modo que o uso da linguagem não acontece por fora das leis de funcionamento da vida social. Segundo a autora, a língua é *“regulada e moldada pelas estruturas sociais, de forma que não existem usos linguísticos aleatórios ou aplicações irrestritas”* (grifos da autora).

Considerando o caráter social da linguagem, não podemos compreender os fatos da língua no ato individual dos falantes, mas em uma perspectiva dialógica. Quando falamos, não nos servimos apenas do sistema linguístico do qual temos capacidade, mas agimos no mundo pela linguagem na interação humana. Bakhtin/Volóchinov (2014) evidenciam a intenção dos falantes no uso da língua, carregada do sentido ideológico de quem fala:

De fato, a forma linguística (...) sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (grifos do autor) (Bakhtin [Volóchinov], 2014, p. 99-100).

Assim sendo, tal concepção implica a dimensão discursiva do enunciado, de modo que as unidades enunciativas respondem aos propósitos discursivos dos atos de fala. Tendo em vista que as formas dos diferentes enunciados correspondem aos diferentes propósitos de uso da língua, Bakhtin (2011) explora o conceito de *gênero do discurso*,

como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (grifos do autor) (Bakhtin, 2011, p. 262). A “relativa estabilidade” dos gêneros, tomando a definição do autor, é definida pelo seu dinamismo, podendo adquirir diferentes formas conforme as necessidades de novas formas de uso da língua, de acordo com as mudanças ocorridas em processos sócio-históricos. Uma das peculiaridades do enunciado na perspectiva bakhtiniana é sua “*conclusibilidade específica*” (grifos do autor) (Bakhtin, 2011, p. 280), que dá margem à enunciados que, mesmo em sua forma concluída, é sujeita à réplica por qualquer interlocutor, em uma cadeia histórica de comunicação.

Essas premissas sobre o gênero do discurso orientam o trabalho com o texto em sala de aula, tendo em vista que o gênero resenha crítica cumpre uma função sócio-histórica definida, carrega traços específicos, é realizada por diferentes interlocutores e compartilha traços com outros gêneros semelhantes. Para definição e caracterização das resenhas críticas, retomamos a Bakhtin (2011) nos elementos que compõem o gênero: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional (Bakhtin, 2011, p. 261-262). O conteúdo temático diz sobre a totalidade do enunciado (tema, interlocutores, contexto de produção e circulação); o estilo está relacionado ao léxico, a notações de escrita e gramaticais; e a construção composicional se refere à estrutura do gênero em questão. Utilizaremos desses três elementos para definirmos e caracterizarmos o gênero resenha crítica, objeto de estudo no escopo desta sequência de atividades.

Para Andrade (2006, p.11), a resenha crítica é uma “síntese seguida de comentário sobre a obra publicada, geralmente feita por revistas especializadas das diversas áreas da ciência, arte ou filosofia”. A autora enfatiza a importância das resenhas críticas em dada área de circulação da vida social, ou seja, pela construção composicional, bem como a define por seu conteúdo temático.

Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p.30) apontam os interlocutores e o contexto de produção em que as resenhas críticas tipicamente circulam: o autor, sua função social, a imagem que o autor tem do destinatário, o tema/objeto de resenha, local e/ou veículos onde o texto possivelmente circulará, o momento da produção e os objetivos do autor do texto.

No que diz respeito aos objetivos comunicacionais da resenha crítica, Motta-Roth e Hendges (2010) definem o gênero na interação dos homens entre si e com o próprio objeto de estudo. Ainda que apontem para a resenha de livros acadêmicos, o mesmo pode ser dito para resenhas de outra espécie:

A resenha é um gênero discursivo em que a pessoa que lê e aquela que escreve têm objetivos convergentes: uma busca e a outra fornece uma opinião crítica sobre determinado livro. Para atender ao leitor, o resenhador basicamente descreve e avalia uma dada obra a partir de um ponto de vista informado pelo conhecimento produzido anteriormente sobre aquele tema. Seus comentários devem ser conectar com a área do saber em que a obra foi produzida ou com outras disciplinas relevantes para o livro em questão (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 27-28).

Nessa definição, as autoras aproximam-se da “*intenção discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante” (Bakhtin, 2011, p. 281), que estão relacionadas, de certa forma, à escolha do gênero resenha crítica para que haja a interação humana pela linguagem.

Em relação à construção composicional do gênero, Andrade (2006) aponta os elementos que estruturam o gênero: cabeçalho, informação sobre o autor, exposição sintética do texto e comentário crítico (Andrade, 2006, p. 23). Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) organizam a resenha de acordo com seus elementos prototípicos:

indicação do livro resenhado, contextualização do livro, tema do livro, autor da resenha, área em que insere o resenhista, veículo em que ela foi publicada, livros citados nas referências bibliográficas. (Machado; Lousada; Abreu-Tardelli, 2004, p. 33). Motta-Roth e Hendges (2010) sintetizam as partes componentes da resenha crítica de acordo com os objetivos comunicacionais do texto: apresentar, descrever e avaliar e (não) recomendar a obra (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 29). Por fim, as autoras indicam o uso da linguagem mais frequente em resenhas críticas, apontando para o estilo léxico-gramatical do gênero, indicando o teor semântico dos verbos:

A linguagem usada em resenhas frequentemente inclui verbos no presente do indicativo, para descrever a atualidade e a relevância do tema do livro (...) A linguagem é densamente avaliativa e, muitas vezes, inclui exemplos ou excertos do livro para ilustrar críticas ou elogios (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 43)

Tendo em vista as concepções de língua, gênero e resenha crítica, pontuaremos alguns pressupostos e atitudes que orientam o ensino de língua portuguesa nas contribuições que adotamos para esta proposta didática. Partindo do dialogismo intrínseco da linguagem em movimento, o ensino do texto deve centrar-se na interação *texto-autor-leitor*. Segundo Koch e Elias (2010), o papel dos interlocutores na interação social é construído em diálogo pelo texto. Para que a interação dos interlocutores em sala de aula, o professor e os alunos, aconteça com sucesso, é necessário considerar a materialidade do texto e os conhecimentos prévios dos alunos-leitores. Segundo as autoras, os leitores dispõem de estratégias sociocognitivas chamadas “processamento textual”, que ativam seus conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional (Koch; Elias, 2010, p. 39-40). O primeiro refere-se aos conhecimentos gramaticais e lexicais do leitor; o segundo, aos saberes adquiridos em sua experiência de mundo; já o terceiro, trata dos conhecimentos ilocucionais da interação. O movimento de trazer o conhecimento dos estudantes para o conhecimento escolarizado por meio do diálogo norteia a prática do professor em aula e implica alguns procedimentos que devem ser adotados na escola. Para Antunes (2009), o ensino de língua portuguesa deve estar orientado pelas seguintes premissas:

- O texto como eixo do programa de ensino;
- O gênero como uma realização particular de texto;
- O ensino funcional da gramática, em detrimento da gramática normativa como única forma de uso da língua;
- A intenção comunicativa dos textos;
- A correção, antes feita sob a luz da norma padrão, para a forma composicional do gênero;
- O texto como interação verbal.

Nesta seção, tratamos dos pressupostos teórico-metodológicos do ensino do texto nas aulas de língua portuguesa, bem como tratamos do gênero resenha crítica na perspectiva bakhtiniana. Nas próximas seções, teceremos considerações sobre o ensino do léxico na escola e descreveremos uma proposta de sequência de atividades em torno do ensino de resenha crítica de letras de música, com o estudo do léxico como estratégia argumentativa.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DO LÉXICO

Nesta parte teceremos algumas considerações sobre o ensino do léxico na escola, na perspectiva que esteja alinhada às concepções de língua e gênero adotadas no escopo deste trabalho.

Definimos o léxico, de acordo com Antunes (2012, p. 27-28), “como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação”. O léxico, então tomado como um inventário daquilo que já conhecemos, representa categorias cognitivas que acessam o nosso conhecimento do mundo: “O léxico corresponde, assim, ao inventário dos itens linguísticos com que expressamos essas categorias e subcategorias cognitivas (Antunes, 2012, p. 28).

Se entendermos que o movimento dinâmico das nossas experiências pessoais muda constantemente nossa percepção sobre o mundo e sobre as coisas, o léxico também acompanha esse dinamismo, sendo revigorado conforme novos conhecimentos exigem novas unidades lexicais:

O léxico, ao contrário [em relação à sintaxe e a fonologia], é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vem, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para o outro, de um tempo para o outro” (Antunes, 2012, p. 29).

Porém, tomando esse repertório de forma estática, reduzimos o léxico a ser uma categoria linguística abstrata, carregada de traços estagnados, apartado do fenômeno do uso da língua na vida social. A consequência desta estagnação dos sentidos do léxico, fora de seu contexto de comunicação, reflete na maneira de como estudamos o léxico de maneira estática, apartada da dinâmica histórica da língua. Para Antunes (2012), apontam-se algumas insuficiências do ensino do léxico nas escolas em consequência dessa abordagem:

Na maioria dos livros didáticos, sobretudo os do ensino fundamental, o estudo do léxico fica reduzido a um capítulo em que são abordados os processos de formação de palavras’, com a especificação de cada um desses processos, acrescida de exemplos e de exercícios finais de análises de palavras (Antunes, 2012, p. 20-21)

Em geral, as atividades com que o vocabulário é explorado se limitam a seu significado básico, aquele que, exatamente por ser básico, serve ao maior número de aplicações (Antunes, 2012, p. 22)

Na sala de aula, as atividades com o léxico têm se limitado (com poucas exceções) à apresentação de glossários, a exercícios simplistas de substituição de palavras por sinônimos, quase sempre em pares de frases ou numa perspectiva descontextualizada (frases retiradas de textos sob a forma de unidades autônomas) (Antunes, 2009, p. 141)

A partir dessa avaliação sobre como tem sido o ensino do léxico da escola, bem como apontando para uma perspectiva que corresponda a algumas demandas que possibilite o estudo do léxico na escola, retomo Antunes (2009; 2012) nos seguintes pressupostos:

- a) Defender uma maior atenção da escola para o estudo do léxico da língua, concedendo-lhe o lugar que sua importância nas atividades sociais de linguagem requer;
- b) Explicitar certas especificações do léxico que nos fazem vê-lo para além das suas dimensões puramente linguísticas;
- c) Propor uma abordagem textual-discursiva do léxico, na qual se possa destacar os recursos de textualização que se valem das propriedades das unidades lexicais, ampliando, assim, o ângulo de visão com que costumeiramente ele é percebido. (Antunes, 2012, p. 25)

Em relação às funções lexicais na construção do texto, a autora pontua a importância de se considerar o papel que cada unidade lexical ocupa na totalidade do texto. Assim, é necessário “*considerar o vocabulário dos textos como elemento de sua construção, de sua ‘arquitetura’, e não apenas como um conjunto de palavras que ‘tem um significado’*” (grifos da autora) (Antunes, 2009, p. 144).

Seguindo a orientação discursiva do ensino do léxico, Gil (2019) enfatiza a importância de reconhecer o caráter pluridimensional do léxico, o que implica considerá-lo em seu caráter semântico, gramatical e discursivo, para que o ensino capacite o aluno a “*saber empregar o léxico*” (grifos da autora) (Gil, 2019, p. 46) não apenas por seu parassinônimo, mas pela adequação dos sentidos que o léxico carrega em determinados contextos de comunicação.

Por fim, exploramos alguns pressupostos de Antunes (2012) em sua proposta de programa para o ensino do léxico, que deve contemplar o seguinte:

- O ensino da variação vocabular adequada para um discurso fluente e/ou especializado;
- As funções do léxico como elementos de coesão e coerência nos diferentes tipos de textos;
- A variação e o usos lexicais em contextos específicos;
- As expressões de polidez e os atos de fala;
- Os recursos lexicais que produzem determinados efeitos de sentido;
- A atribuição de novos sentidos a palavras já existentes.

Levando em conta as contribuições acima para o ensino do léxico, indicaremos sua aplicação no item seguinte, que discorrerá sobre o plano de sequência de atividades.

3. UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Este item será destinado à descrição da proposta de sequência de atividades em torno do gênero resenha crítica, explorando o uso do léxico nas letras de músicas como estratégia argumentativa, bem como no percurso avaliativo do objeto de resenha. Algumas propostas do ensino modular da sequência didática de Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004) foram utilizadas para este trabalho, bem como alguns pressupostos pedagógicos a serem adotados.

Partimos da definição de sequência didática dos autores como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 82). Seguindo a contribuição dos autores, a escolha por uma sequência didática justifica-se por “ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.” (grifo dos autores) (2004, p. 83).

Os comportamentos e procedimentos necessários para que o ensino modular tenha sucesso deve, de acordo com os autores:

- Permitir o ensino da oralidade e da escrita, a partir de um encaminhamento, a um só tempo, semelhante e diferenciado;

- Propor uma concepção que englobe o conjunto da escolaridade obrigatória;
- Centrar-se, de fato, nas dimensões textuais da expressão oral e escrita;
- Ser modular, para permitir uma diferenciação do ensino;
- Favorecer a elaboração de projetos de classe (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 81-82)

Para a concretização da sequência didática, os autores propõem quatro etapas de organização das atividades: *apresentação da situação, primeira produção, módulos e produção final* (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 83). Nesta atividade, suprimimos a etapa *primeira produção* dos procedimentos didáticos pelos seguintes fatores: a) o ensino de resenhas crítica é inédito no currículo escolar para o 8º ano, ou seja, não há indício curricular que os alunos já tiveram em contato com o gênero; b) não há riscos de desmotivação dos alunos por obterem insucesso já na primeira atividade com o gênero, o que evita que haja desencorajamento dos alunos em relação ao objeto de aprendizagem; c) o conhecimento prévio do aluno pode ser considerado a partir do diálogo, sem que haja produção logo no início da proposta; e d) a sondagem da turma feita pelo professor-pesquisador aponta para que essa etapa seja suprimida. Da mesma forma, a expressão da oralidade também não foi centralizada nesta atividade, devido à necessidade de ampliar o escopo desta proposta de ensino. Assim, ainda que a proposta deste artigo seja inspirada na proposta modular de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), estas modificações foram feitas de modo a melhor atender ao contexto escolar. Dessa forma, adotamos esta proposta de *sequência de atividades*, em vez de *sequência didática*, tal como propõem os autores. Seguiremos com a definição das etapas, descrevendo as intervenções do professor em cada aula, com reflexões sobre a teoria aplicada à proposta de sequência de atividades.

Aula 1: Apresentação da situação

Na apresentação da situação, é crucial que a totalidade do trabalho seja explicada aos alunos, de modo que consigam relacionar cada etapa da aula à produção final. Nesta etapa, duas atitudes são importantes para situar o grupo de alunos: apresentar um problema de comunicação bem definido e preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 84-85). Topicalizamos as intervenções em aula:

- Primeiro passo: Pergunta aos alunos sobre situações cotidianas em que eles conversam sobre as músicas de que gostam ou que mais escutam? (Possíveis respostas: lanchonetes, intervalos de aula, “rolezinhos”, etc.). Logo após, que informações eles diziam sobre a canção? (Possíveis respostas: o tema, o que uma música pode recordar, o ritmo, os *shows* pela região, etc.)
- Introdução ao tema: Buscar uma interligação entre aquilo que os alunos trouxeram e como a resenha crítica está relacionada com a contribuição dos estudantes.
- Escuta da canção *Os argonautas*, de Caetano Veloso, do álbum Caetano e Chico, do álbum *Juntos e ao vivo*.
- Perguntas iniciais, feitas oralmente, para uma discussão inicial sobre a música:
 - a) Do que trata esta canção?
 - b) O que o título quer dizer?

c) O que o refrão diz sobre a canção?

- Apresentação do gênero resenha crítica: Convite à leitura coletiva do texto *Resenha sobre a música: Os argonautas, de Caetano Veloso*, por Anniene Nascimento, retirado do site *Recanto das Letras*.

Módulos

Os módulos dizem sobre as atividades epilinguísticas do texto. Nesta etapa, a estrutura do gênero, a temática, os efeitos de sentido e a questão lexical são abordadas para que haja a compreensão geral da resenha crítica lida. Como forma de orientá-los na análise do texto lido, a atividade modular nas aulas 3 a 6 é dedicada ao estudo do gênero. Traremos alguns níveis de produção do texto que orientam as atividades modulares deste trabalho, propostos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 88-89):

- Representação da situação de comunicação*: O contexto de produção do texto do aluno e o seu interlocutor.
- Elaboração dos conteúdos*: A pesquisa e as técnicas para criação de conteúdos;
- Planejamento do texto*: A estruturação do gênero, ainda que apresente níveis de variação;
- Atividades de observação e de análise de textos*: O estudo do funcionamento do gênero em outros textos;
- Tarefas simplificadas de produção de textos*: A decomposição das partes do texto como forma de estudá-las em cada aspecto.

Aulas 2 e 3

- *Atividades de observação e análise de textos*: Buscar como a resenhista desenvolve seu argumento por meio da intertextualidade. A autora traz referências a outros estilos musicais relacionados à canção de Caetano Veloso, ao contexto de produção, à mitologia grega, à literatura portuguesa, a fatos históricos, etc.
- *Planejamento do texto*: Estruturação das partes do gênero: Introdução/ desenvolvimento/ conclusão na perspectiva funcional, ou seja, qual o objetivo comunicacional de cada parte do texto.
- *Aspectos lexicais*: que palavras/expressões a autora traz para identificar/ qualificar/avaliar cada tema/referência/recomendação em seu texto?

Aulas 4 e 5

- Apresentação do segundo texto sobre a canção *Os argonautas*, retirado de trechos de um capítulo da dissertação de mestrado intitulado *Tropical-melancolia: Caetano Veloso confinado na Bahia*, de Andrea Scheeren. A leitura do capítulo em questão, denominado *Os argonautas: a alma inquieta*, pode ser feita coletivamente e com intervenções do professor, já que algumas referências ao período militar e à literatura grega estão presentes.

- *Atividades de observação e análise de textos, planejamento do texto e aspectos lexicais*, da mesma forma que foram estudados no texto anterior.

Aula 6

- Escolha das letras de músicas para serem resenhadas, em língua portuguesa. A escolha das letras não pode ser feita aleatoriamente. Aqui, o professor pode estabelecer dois critérios para selecionar as letras de música: a) uma seleção de canções que estão em alta nas rádios atuais, de gêneros musicais mais escutados pelos estudantes e que tenha material linguístico para ser analisado; b) uma seleção de canções que é reconhecida pelo cânone brasileiro, mas que tenha sido regravada, tocada em trilha sonora de algum filme contemporâneo ou que represente a brasilidade (pela cultura, geografia, linguagem, história, crítica social, etc.)
- Formação de grupos de discussão: Atividades em grupo para que os alunos compartilhem impressões sobre as letras de músicas escolhidas. Neste momento, o léxico da letra da música é centralizado no estudo do gênero. As seguintes questões orientam a primeira análise com a letra:
 - a) Qual é o assunto da canção que você escolheu?
 - b) Qual parte da canção que chamou mais sua atenção?
 - c) Como o enunciador da canção se posiciona perante o assunto da canção?
 - d) Qual parte da letra justifica sua resposta?
- Compartilhamento das ideias sobre a letra de cada estudante: O professor, neste momento, orienta-os com modificações ou ratificações das contribuições dos alunos.

Aula 7

- *Tarefas simplificadas de produção de texto*: Questionário orientador da produção textual. Esta etapa destina-se a um questionário cujas perguntas orientam o aluno na produção final. Nesta etapa, o professor pode direcionar a atenção para o aluno para o uso do léxico na letra. Cada pergunta requer uma resposta que está relacionada com as partes do texto. São elas:
 - a) Faça uma ficha de identificação da sua letra de música escolhida: a) título; b) artista; c) álbum; d) data de publicação; f) gênero.
 - b) Qual é o tema/tese desta letra?
 - c) Quais os trechos mais importantes da música? O que eles querem dizer?
 - d) Em que situação está o enunciador da canção?
 - e) Que sensações o leitor desta letra de música pode ter?
 - f) A letra dialoga com algum fato histórico, político ou cultural? Se sim, como é esse diálogo?
 - g) Como você avalia esta letra?

Aula 8

- *Elaboração dos conteúdos*: Alunos pesquisam, com a mediação do professor, informações relevantes que podem auxiliá-los na produção final. Referências históricas, políticas ou culturais podem ser muito exploradas neste momento.

- *Planejamento do texto:* Sugestão de estruturação da resenha crítica, com participação dos alunos na montagem da organização do texto, baseando-se na estruturação feita nos textos anteriores. O professor pode retomar o uso de algumas palavras de teor avaliativo, tanto naquelas presente na etapa *aspectos lexicais*, como outras que julgar conveniente.

Aula 9: Produção final

Realização do texto: É a própria escrita final dos alunos.

Passemos adiante para um resultado desta proposta de sequência didática em torno do gênero resenha crítica de letras de músicas, com ênfase no léxico da letra da como estratégia argumentativa.

4. AMOSTRA DE UMA PRODUÇÃO TEXTUAL

Nesta seção, analisaremos uma resenha da canção *Drão*, de Gilberto Gil, produzida por uma estudante, como resultado de uma experiência de aula que seguiu a sequência de atividades descrita na seção anterior.

A aluna abordou a relação do autor, representado no enunciador da letra da música, com a sua ex-esposa, após momento de separação, assim como o seu sentimento em relação ao divórcio. A partir deste tema, a memória de um amor perdido, o carinho que ambos construíram no antigo relacionamento, a efemeridade e o fruto do amor dos divorciados foram explorados pela aluna, representados pela marcação lexical presente em seu texto, expressas por *nostálgico, poético, carinhosamente, amor, respeito, afeto e vão*.

Em relação à adjetivação da letra resenhada, a estudante construiu a sua argumentação com a presença de unidades lexicais que enlaçam a avaliação do autor por todo o texto: *marcante, harmoniza, lembrada, regravada, poética, incrível, sensação, boa, melhores e clássicos*.

Por fim, nos trechos retirados da letra, a resenhista explora o campo lexical que organiza a memória e as experiências do eu-lírico/autor para descrever as fases do relacionamento nostálgico: “nossa caminhadura” e “cama de tatame”, cuja prefixação (–dura) e locução adjetiva (de tatame) marcam o sentimento do eu-lírico/autor em relação às dificuldades do passado e a intimidade do relacionamento; e “O verdadeiro amor é vão”, “vive nasce trigo/ morre vira pão”, nestes trechos, a aluna aponta a efemeridade do amor, sendo seu fim e transformação como único alicerce da relação entre os dois.

Transcrevemos a resenha manuscrita feita pela estudante, com destaque em negrito para as unidades lexicais explicitadas acima, bem como o trecho da canção contendo a análise da seleção lexical em seu argumento. Em seguida, sintetizaremos a descrição do léxico no texto da aluna em uma tabela, contendo as teses exploradas pelo aluno em sua argumentação. Disponibilizaremos a versão original escaneada na seção *Anexo*.

RESENHA DE DRÃO, DE GILBERTO GIL

A música “Drão” de Gilberto Gil foi publicada em 1982 pelo álbum “um banda um”. Seu ritmo musical traz o som **marcante** da flauta doce que se **harmoniza** com a história que a letra traz, faz com que ela seja tocada, **lembrada e regravada** pelas pessoas até hoje.

“Drão” nada mais é do que a própria vida de Gilberto Gil e sua ex-esposa contada carinhosamente através de uma música, a jornada da

vida e do amor entre duas pessoas até o divórcio, a música toda retrata eles, o amor e o que surgiu e virou tudo isso. O ritmo lento e envolvente, até meio nostálgil (não sei se propositalmente, mas tem) traz a lembrança de amor pela melodia e o **nostálgico** para relembrar o passado, até o título se remete a história, trazendo o nome “Drão” que nada mais é do que o apelido da sua ex-esposa Sandra Gadelha.

A música toda fala de uma forma **poética** e **respeitosa** sobre a relação entre os dois e o motivo do divórcio, como nos versos: “nossa caminhadura” e “cama de tatame” representando a relação dos dois no casamento e a caminhada que foi dura. Uma forma **carinhosa** de representação do amor na minha opinião é a parte que o próprio eu-lírico diz: “**O verdadeiro amor é vão**”, nesse “vão” relata os dois espaços entre duas dimensões **separadas** por um vão mas que serve de **alicerce**, e o **amor** é construído através disso, o “verdadeiro amor”. A transformação do amor deles é descrito no final, e em seguida ele começa a chamar por ela: “**morre nasce trigo**”, “**vive, morre pão**”. Essa música com certeza mostra o **amor** e o deixar ir pelo amor “morrer pra germinar plantar nalgum lugar”. No último parágrafo ele registra **carinhosamente** o fruto de sua relação com Sandra, que lhe deu três filhos “Drão! Os meninos todos são”, e em seguida ele assume a culpa e tenta pedir desculpas “os pecados são todos meus” “não há o que perdoar”, por isso mesmo [...] há de haver mais compaixão”. A forma que ele retrata a transformação, o perder do amor mas ganhar o **respeito** e o **afeto** demonstrado através de metáforas é **incrível**, parabéns a Gilberto Gil.

Por conta de “Drão” trazer uma **sensação boa** a quem a escuta, ela pode ser ouvida por todos. Achei muito **incrível** a relação que ele fez com tudo, ritmo, letra, instrumentos, história, faz com que ela seja toca, **lembrada** e **regravada** tanto por amigos de Gilberto Gil e Sandra, como por todos, pena que não deu certo, talvez ter se casado não tenha dado sorte, mas foi graças a isso que “Drão” se tornou um dos **melhores clássicos** da música brasileira.

Quadro resumo das escolhas lexicais

Tema	Divórcio
Categoria de Análise	Análise lexical
Memória de um amor perdido	Nostálgico Poético
Sentimento entre ambos	Carinhosamente Amor Respeito Afeto
Efemeridade do amor	Vão Alicerce Separadas
Análise lexical da letra	nossa <i>caminhadora</i> <i>cama de tatame</i> O verdadeiro amor é <i>vão</i> vive nasce trigo/ morre vira pão

Introdução: breve avaliação	Marcante
	Harmoniza
	Marcada
	Regravada
Conclusão: recomendação	Sensação
	Incrível
	Melhores
	Clássicas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste trabalho, apresentar uma proposta de sequência didática em língua portuguesa, em torno do gênero resenha crítica de letras de música, enfatizando o estudo do léxico presente na letra. Exploramos algumas concepções teóricas que orientaram o trabalho, tais como língua como atividade social, o gênero como realização particular de um texto e, por isso, eixo central para o ensino da língua materna. No intuito de explorar o ensino-aprendizagem do léxico, um campo que ainda não atingiu às exigências nos documentos curriculares oficiais, esta proposta considera o léxico em sua perspectiva discursiva. Considerando as letras de músicas como texto a ser analisado, o léxico pode apresentar diferentes possibilidades de significação, fazendo com que o aluno tenha uma compreensão de forma contextualizada e significativa.

A proposta de sequência de atividades foi aplicada em uma turma de 8º ano de ensino fundamental, em uma escola pública na cidade de São Paulo. Uma produção textual de uma aluna-participante desta pesquisa foi apresentada neste trabalho, com a análise de como uma estudante explorou o uso do léxico presente na letra como forma de argumentar sobre ela, bem como ela serviu-se de diferentes escolhas lexicais para produzir seu texto.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Lucia C. V.O. *Resenha*. São Paulo: Paulistana, 2006.
- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico nos programas de ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 6 ed. São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB - Lei nº 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC / Secretaria de Educação Básica, 2018.

CASTILHO, Ataliba. Teorias Linguísticas e Ensino de Gramática. In: HUBNER, R.M. *Diário de Classe nº 3: Língua Portuguesa*. São Paulo: FDE / SEE-SP, 1994, p. 17-28.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard et al. *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

GIL, Beatriz. Exploração de redes associativas no ensino do léxico. *Linha D'Água*, São Paulo, v.32(3), 45-61, 2019.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane, G.; ABREU-TARDELLI, Lília S. *Resenha: leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela R.; *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, Anienne. *Resenha sobre a música: Os argonautas, de Caetano Veloso*. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/resenhas/4753015>>. Acesso em 01/12/2019.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Campinas: Autores associados, 2019.

SCHEEREN, Andreia. Os argonautas: A alma inquieta. In: *Tropical-melancolia: Caetano Veloso confinado na Bahia*. 164 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49119/000827495.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 01/12/2019.

SOARES, Magda. *Português na escola: história de uma disciplina curricular*. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

VELOSO, Caetano e Chico Buarque. *Caetano e Chico Juntos e ao Vivo*. Brasil: Phillips, 1972.

Scanned with CamScanner

Scanned with
MULTISCAN BOX

NOTAS

- (1) Os textos que foram lidos em aula e ser acessados nos seguintes *sites*: *Resenha sobre a música: Os argonautas, de Caetano Veloso*. (<https://www.recantodasletras.com.br/resenhas/4753015>); e *Os argonautas: A alma inquieta*: (<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49119/000827495.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.)

NEOLOGIA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: O QUE DIZEM OS MEMES

Ana Maria Ribeiro de JESUS

1. O PAPEL DOS MEMES NA SOCIEDADE DIGITAL

As motivações estruturais e pragmáticas que influenciam a percepção neológica do falante são particularmente interessantes nos memes, gênero textual digital mais produtivo da internet na última década. Todos os dias, milhares de usuários investem tempo para editar e divulgar esses elementos, que se apresentam em forma de imagens, textos e vídeos. Essas criações externalizam, cada vez mais, uma forma de expressão a que as massas recorrem para gerar misturas inusitadas de cultura popular, ideologias e tendências políticas e econômicas globais. Por isso, na comunicação contemporânea, os memes digitais exercem papel fundamental.

Em seu livro *Memes in Digital Culture*, Shifman (2014) relata que, até o século XXI, os pesquisadores de comunicação de massa não davam importância aos memes, já que o conteúdo midiático não era transmitido por meio de compartilhamentos interpessoais, mas partia de uma única fonte institucional. Entretanto, em uma era de fronteiras indefinidas entre comunicações interpessoais e de massa, profissionais e amadoras, oficiais e informais, a situação é totalmente outra: “em um tempo marcado por uma convergência de plataformas de mídia, em que o conteúdo flui rapidamente de um meio para outro, os memes tornaram-se mais relevantes do que nunca para o estudo da comunicação” (Shifman, 2014, p. 7).

Nessa esteira da sociedade digital, a autora afirma que vivemos em uma era dominada pela *lógica hipermemética*. “Hiper-”, explica, refere-se “não apenas ao fato de que os memes espalham-se mais amplamente e rapidamente do que antes, mas também à sua evolução como um novo vernáculo que permeia muitas esferas da expressão digital e não digital” (Shifman, 2014, p. 23). Percebemos essa “lógica”, por exemplo, em manchetes recentes de mídias jornalísticas que registram o termo, o que demonstra a produtividade e a integração dos memes ao cotidiano social:

- (1) Nos memes, Mourão já se prepara para assumir a Presidência (Folha de S.Paulo, 24/04/2020)
- (2) Preço do petróleo abaixo de zero vira alvo de memes na internet (O Globo, 21/04/2020)
- (3) Faltou emoção, mas sobrou meme: as melhores zoeiras do Super Bowl 53 (O Estado de S.Paulo, 04/02/2019)
- (4) ‘Sextou’, ‘Lulazord’ e mais. Por que os candidatos estão apelando aos memes (Folha de S.Paulo, 31/08/2018)
- (5) Cabo Daciolo: Pela honra e glória dos memes (O Estado de S.Paulo, 07/10/2018)
- (6) Memes, a única instituição funcionando plenamente no Brasil (El País, 20/05/2017)

A observação do fenômeno dos memes possibilita uma forma inédita e poderosa de se refletir sobre questões como a criatividade. Para os criadores de memes, quase tudo pode servir de inspiração: discursos de políticos, costumes, músicas, fatos engraçados, gestos de pessoas famosas ou cidadãos comuns, expressões de apresentadores de

telejornal, situações calamitosas. Por isso, nessa “lógica”, todos os grandes eventos públicos, vários particulares e situações globalmente compartilhadas – como uma pandemia, por exemplo – conduzem à criação de uma enxurrada de memes. E, com eles, neologismos, como detalharemos adiante.

Os memes expressam, nesse sentido, o interesse da audiência digital em determinado momento, desempenhando um papel essencial nos principais eventos do século XXI. E a rápida propagação é inerente ao ambiente digital. Na copa do mundo de 2018, por exemplo, as frequentes quedas do jogador brasileiro Neymar Jr. inspiraram a criação de milhares de memes e, com eles, surgiu o verbo neológico *neymar*, com sentido de “cair”. O verbo, que apareceu primeiramente em memes, figurou em vários anúncios publicitários em sentenças do tipo “Nossos preços *neymaram*”. Posteriormente, o verbo foi usado em alguns textos informativos. No campo da Economia, por exemplo, o jornalista Paulo Henrique Amorim, referindo-se à queda das ações da Embraer, escreve em seu artigo (1):

Ações <‘*neymaram*’> e dólar explode

As ações da empresa <*neymaram*>... ou melhor, despencaram 13,95%, porque absolutamente ninguém aceitou o valor pago pela Boeing por 80% da divisão de jatos comerciais da Embraer: US\$ 3,8 bilhões.

No capítulo “Olimpíadas dos memes: produção de sentido na Rio 2016”, do livro “Olimpíadas Rio 2016”, os autores comentam que o compartilhamento de memes e piadas nas redes sociais foi um dos marcos dos Jogos Olímpicos do Rio e que, além disso, “essas imagens participaram da produção de sentido sobre os eventos esportivos, ressignificando e noticiando os acontecimentos na imprensa brasileira e internacional” (Jurno; Silva; Melgaço, 2017, p. 71). Outro exemplo da produtividade dos memes, dessa vez na esfera política, é relatado em um livro sobre a operação Lava Jato, no capítulo escrito por Vasconcellos (2018), intitulado “A crise do Governo Temer contada pelos memes em Zero Hora”. A autora analisa os veículos de comunicação que incorporaram os memes como ferramentas narrativas para transmitir as notícias sobre o tema.

Nesse viés, o conceito de meme é o que melhor engloba aspectos fundamentais da internet e da “cultura participatória”, em rede, em que os indivíduos servem-se do compartilhamento para atender à necessidade de inclusão no grupo. Shifman (2014, p. 18) levanta três atributos dos memes particularmente importantes para a análise da cultura digital contemporânea:

- a. Reprodução por cópia e imitação;
- b. Propagação gradual dos indivíduos à sociedade;
- c. Difusão por meio de competição e seleção.

A esses atributos soma-se a proposta de que os memes não sejam retratados como simples unidades culturais que se propagam profusamente, mas que sejam analisados como “discursos públicos socialmente construídos”, nos quais variantes meméticas diferentes representam vozes e perspectivas diferentes. Resumidamente, a autora define memes como (a) um grupo de itens digitais que possuem características comuns de conteúdo, forma e/ou posicionamento; (b) cada um criado com base no anterior; e (c) que são propagados, imitados e/ou transformados via internet por diversos usuários (Shifman, 2014, p. 8). A conceituação de Castano Díaz (2013) para os memes digitais, por sua vez, é ampla e toma como ponto de partida concepções da teoria da comunicação:

Um *meme da internet* é uma *unidade de informação* (ideia, conceito ou crença) que se *replica* por transmissão via *internet* (e-mail, chat, fórum, redes sociais etc.) em *forma* de hiperlink, vídeo, imagem ou frase. Pode ser repassada como *cópia exata* ou pode *mudar e evoluir*. A *mutação* na réplica pode se dar no significado, mantendo-se a estrutura do meme, ou vice-versa. A mutação ocorre por *acaso*, *adição* ou *paródia*, e sua *forma* não é relevante. Um meme da internet *depende* tanto de um *transportador* quanto de um *contexto social* em que o transportador age como um filtro e decide o que pode ser transmitido. Ele se espalha horizontalmente como um vírus a uma velocidade rápida e acelerada. Pode ser interativo (como um jogo) e algumas pessoas as relacionam com criatividade. [...] Podem ser *fabricados* (como no caso do marketing viral) ou *emergir* (como um evento off-line feito on-line). Seu *objetivo* é ser conhecido o suficiente para replicar-se dentro de um grupo (Castano Díaz, 2013, grifos do autor).

No intuito de caracterizar o meme como gênero discursivo nativo do meio digital, é possível relacioná-lo aos três elementos que, para Bakhtin (1997), caracterizam um gênero discursivo: (a) construção composicional – os memes “padrão” costumam ser compostos por uma imagem e uma gíria ou bordão; normalmente, os recursos verbais são colocados sobre a imagem (em cima e embaixo) e não são necessariamente relacionados com o item visual; (b) conteúdo (temático) – geralmente é uma reação, crítica ou comentário sobre algum acontecimento, que pode ser expressado pela imagem e/ou pela frase utilizada; (c) estilo verbal – a mensagem é bem curta, escrita em linguagem informal. Além disso, os memes atendem aos três desafios que, na perspectiva de Charaudeau (2010), estão presentes na construção de qualquer gênero de informação: visibilidade, inteligibilidade e espetacularização. O desafio de visibilidade pressupõe a atração da atenção do público leitor. Quanto à inteligibilidade, o gênero textual deve tornar o conteúdo interessante e acessível. O desafio de espetacularização relaciona-se à forma como o conteúdo suscita interesse e/ou emoção. Esses três requisitos são “plenamente cumpridos pelos memes, que conquistaram o público da internet, são compreendidos e reproduzidos e despertam o interesse de um grande número de pessoas” (Guerra; Botta, 2018, p. 1869).

Por causa da natureza imitativa, a intertextualidade é inerente à criação dos memes. Quando um usuário recebe um meme e o compartilha, demonstra ter esse conhecimento de mundo que o induziu a julgar a imagem ou vídeo engraçado, irônico ou acurado sobre aquele tema. Ou seja, alguns memes podem ser compreendidos (e criados) por praticamente qualquer pessoa, mas outros requerem conhecimento mais aprofundado sobre determinado aspecto da cultura digital. Os memes refletem a cosmovisão da cultura popular sobre o mundo permeado pelas redes virtuais, pela informação rápida, pelo humor efêmero. A efemeridade, a propósito, parece ser inerente à grande maioria dos memes digitais. Um bolo com velas em festas de aniversário é tradição de séculos: alguns dizem ser proveniente de rituais da Grécia antiga, outros dizem que veio de costumes da Alemanha medieval. Mas um meme digital criado a partir de um evento esportivo ou de uma gafe política provavelmente irá desaparecer em semanas ou meses.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: COLETA E SELEÇÃO

Os memes criados pelos usuários da internet são imediatamente postados nas redes sociais para seguirem o ciclo de reprodução e disseminação. Essas redes sociais são

como livros em branco que aguardam, diariamente, as anotações dos milhares de usuários e, por isso, são parte do *corpus* de coleta de memes como possíveis fontes de neologismos. Além disso, coletamos material no portal *Museu de memes* (2), da Universidade Federal Fluminense. Apesar de se denominar “museu”, o site apresenta uma seleção frequentemente atualizada dos memes mais populares em circulação nas redes sociais, acrescidos de informações enciclopédicas (origem, difusão e repercussão, gêneros e formatos, exemplos notáveis).

Com o material coletado, procedemos às fases pelas quais passam os trabalhos neológicos em observatórios, resumidamente descritas por Adelstein (2015, p. 155):

1. Fase de detecção: reflexão acerca de uma série de problemas em torno da teoria lexical, porque se trata do momento de decidir se uma forma lexical é nova.
2. Fase de contraste: na metodologia dos observatórios, geralmente o contraste com um *corpus* de dicionários é o modo de confirmar o sentimento neológico.
3. Fase de tipologização: as unidades detectadas e validadas como neológicas são aplicadas a uma tipologia, elaborada de acordo com critérios teórico-metodológicos.

Para a validação das unidades lexicais enquanto neologismos, foram seguidos os critérios tradicionais da pesquisa em neologia, como resumidos por Rey (1976): (i) Critério temporal, se a palavra surgiu em um tempo recente; (ii) Critério psicolinguístico, se os falantes perceberem a unidade lexical como nova; (iii) Critério lexicográfico, se a unidade lexical não consta em determinado *corpus* lexicográfico.

Os filtros documentais, além de serem compostos por *corpora* da língua geral, contam, principalmente, com a internet como *corpus* de exclusão, por causa da natureza digital das unidades em análise.

Outro recurso que reforça a detecção de memes neológicos a partir da relação tempo *versus* interesse da audiência digital é o Google Trends (3) (cf. JESUS, 2021), ferramenta do Google que elenca os termos mais populares nas buscas do portal em um dado período. A ferramenta apresenta gráficos com a frequência em que determinado termo ou expressão é procurada em várias regiões do mundo e em vários idiomas, e possibilita a seleção de filtros de períodos, como mostra a Figura 1:

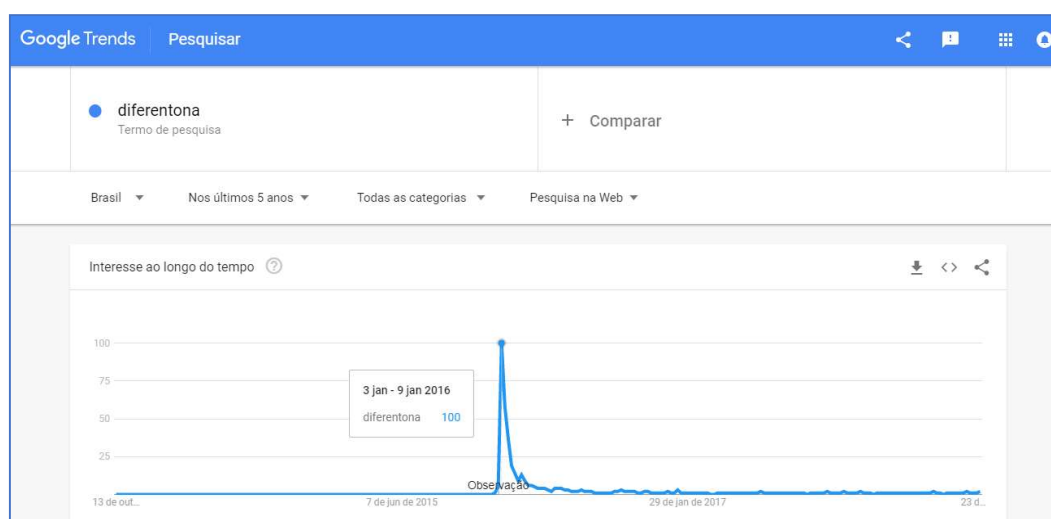


Figura 1. Busca do termo “diferentona” na ferramenta Google Trends (4)

A figura exhibe o gráfico em que resulta uma busca no Google Trends, nesse caso, o termo *diferentona*. Esse meme atingiu enorme popularidade no início de 2016. O gráfico

mostra-se particularmente interessante para a coleta de neologismos: ele está configurado para uma amostra dos cinco últimos anos e pode-se observar que, de 3 a 9 de janeiro de 2016, houve um aumento repentino na busca do termo, que tinha zero ocorrência em períodos anteriores. Trata-se, portanto, de um neologismo. Posteriormente, as ocorrências não zeraram – diferentemente do período anterior, em que a linha se mantém reta, é possível observar pequenas ondulações no gráfico após o pico –, o que indica que, apesar da queda da popularidade, o uso do termo está mantido na comunicação digital.

Além da frequência de uso, os aumentos repentinos nos gráficos do Trends são interessantes para se observar a imprevisibilidade das unidades lexicais, um dos critérios adicionais propostos por Auger (2010), ligado à “observação de frequência irregular”. Com esses recursos, a ferramenta oferece um ótimo auxílio na validação das unidades neológicas de nossa pesquisa, somando-se aos critérios tradicionais. Essa ferramenta parece também solucionar, ao menos em parte, a inquietação de Sablayrolles sobre a impossibilidade de coleta de neologismos que não estão ligados à forma, como, por exemplo, os semânticos. Um termo já antigo que passa a ser usado com um sentido novo pode ser detectado com o pico do gráfico, mas pode escapar ao critério lexicográfico: “[...] há também as lacunas da extração automática baseada apenas no critério de exclusão lexicográfica. São bem conhecidas: Além do difícil problema da escolha do/dos dicionários de referência, somente é possível coletar neologismos formais (e, ainda assim, nem todos)” (Sablayrolles, 2010, p. 143).

3. OS MEMES E A NEOLOGIA

O caráter multimidiático e efêmero dos memes digitais pode ser relacionado à concepção multidimensional e multidisciplinar que Cabré (2015) atribui aos neologismos. Para a autora, trata-se de “um conceito instável, porque a condição de ‘novo’ é passageira; em algum momento, uma unidade que era considerada um neologismo perde essa propriedade, porque, através do uso, ou simplesmente por causa do esquecimento, deixa de ser um elemento novo” (Cabré, 2015, p. 81).

Os neologismos são criados para refletir aquilo que a comunidade linguística enxerga como os novos recortes de mundo e, nesse sentido, são estabelecidos enquanto resultados do processo de mudanças na estrutura social e na cultura. Também a criação ou a modificação de um meme reflete a criatividade e o conhecimento de mundo de seu criador. Shifman afirma que, embora os memes possam parecer elementos triviais e leigos, eles refletem, na verdade, “estruturas sociais e culturais profundas. Em muitos sentidos, os memes podem ser concebidos como folclore (pós-)moderno, no qual normas e valores compartilhados são construídos através de artefatos culturais, como imagens com Photoshop ou lendas urbanas” (Shifman, 2014, p. 15).

Nesse sentido, os neologismos oriundos dos memes têm caráter social por definição. A esse respeito, afirma Cabré que, além de gramatical, um neologismo é também uma “unidade que representa uma parcela da realidade e, como tal, é o resultado de um processo de categorização enviesado pela cultura de um grupo sociocultural; trata-se, também, de uma unidade de uso social e, nessa condição, identifica e caracteriza grupos de falantes e indivíduos específicos” (Cabré, 2015, p. 82). A analogia dos memes com os elementos lexicais neológicos vai além do caráter social. É possível detectar os pontos em comum na comparação das características dos neologismos com os três atributos essenciais dos memes descritos Shifman (2014), apresentados no item anterior: (a) reprodução por cópia e imitação; (b) propagação gradual dos indivíduos à sociedade; e (c) difusão por meio de competição e seleção. Vejamos como isso ocorre.

(a) *Reprodução por cópia e imitação*: Os memes atuam em grupo, ou seja, não se constituem isoladamente, mas enquanto conjunto de itens digitais que possuem características comuns de estrutura e/ou conteúdo. As propriedades de “cópia” e “imitação” estão relacionadas ao reaproveitamento de traços de um meme anterior na criação de um novo meme, como ilustram as figuras 2 e 3:

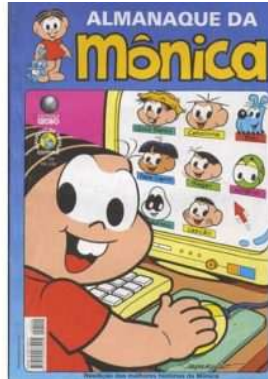


Figura 2. Capa da edição do gibi “Almanaque da Mônica” (Editora Globo), lançado em maio de 2004 (5).



Figura 3. Memes do grupo “ata”. (a) Elemento inicial, criado a partir da modificação da imagem de capa do gibi “Almanaque da Mônica” (Figura 2); (b) Reprodução por cópia, fazendo alusão a outro meme em voga, “biscoitar”; (c) Reprodução por imitação, feita por Mônica Souza, filha do criador da *Turma da Mônica*, Mauricio de Souza (6).

Os neologismos, por sua vez, são gerados especialmente por processos morfossintáticos, que pressupõem a junção de elementos já antigos para formar um novo (uma base e um sufixo, por exemplo), e semânticos, que pressupõem uma forma já antiga que recebe uma nova acepção. Nesses processos reside a analogia com o primeiro atributo memético: *reprodução por cópia e imitação*, já que os elementos formantes dos neologismos não são inéditos, mas se encontram presentes no léxico da língua, prontos para serem reutilizados: assim como os memes, cada neologismo também é criado com base em um item lexical anterior.

(b) *Propagação gradual dos indivíduos à sociedade*: Como os genes se propagam pelo DNA, os memes se propagam pelo compartilhamento no ambiente digital. Ou seja, eles são replicados, difundidos e modificados pelos usuários da rede, de forma gradual. Essa difusão gradual não significa que os memes tenham propagação lenta – dependendo do sucesso do meme, ocorre o contrário: uma difusão extremamente rápida por meio do compartilhamento do mesmo elemento memético ou de modificações. Para servir de exemplo, a Figura 4 exibe um tuíte composto por imagem e texto que, em pouco tempo,

tornou-se meme na medida em que foram feitas milhares de réplicas e transformações, propagadas de forma viral e exemplificadas na Figura 5.



Figura 4.1 Foto postada pela atriz Bruna Marquezine na rede social X (Twitter). A legenda apresenta o verbo neológico *noronhar*, criado a partir do topônimo “Fernando de Noronha”, em modo imperativo e em forma pronominal (7).

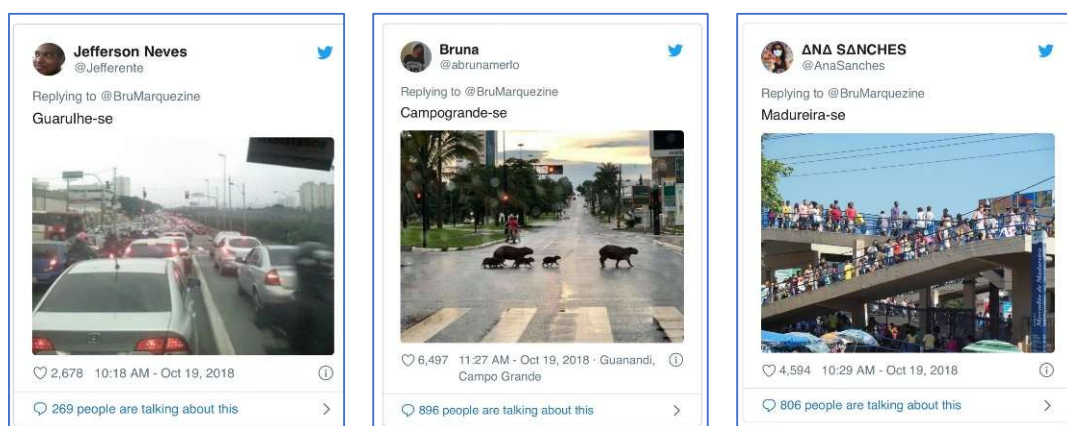


Figura 5.2 Propagação dos memes do grupo “Noronhe-se”, criados por milhares de usuários do ambiente digital a partir da foto original (Figura 4). As imitações apresentam viés crítico ao expor, nas imagens, dificuldades enfrentadas por indivíduos de classe social baixa nas cidades de Guarulhos (*Guarulhe-se*) e Campo Grande (*Campogrande-se*) e no bairro Madureira (*Madureira-se*), da cidade do Rio de Janeiro, por oposição a Fernando de Noronha, cidade conhecida como destino turístico de indivíduos de classe social elevada (8).

De modo semelhante a essa propriedade memética, ao surgir, um neologismo se propaga de um indivíduo ou de pequeno grupo de usuários a um grupo maior ou, até mesmo, a todos os falantes de determinada língua.

(c) *Difusão por meio de competição e seleção*: O sucesso memético está ligado à probabilidade de se gerarem respostas criativas a determinado item, por meio de edições ou remixagens sobre ele. Somente os memes selecionados sobrevivem e continuam sendo compartilhados. Esse atributo, já presente na memética dawkinsiana, é análogo à seleção natural biológica, na medida em que alguns memes são mais bem-sucedidos no “caldo da cultura humana” do que outros. Desde que sejam carregados em humor, sejam concisos e causem a sensação de inclusão haverá um alto valor de sobrevivência entre eles.

O mesmo ocorre com a unidade lexical neológica: ela pode permanecer na língua, tornando-se parte do léxico. Algumas podem ter mais sucesso que outras e serem difundidas com maior ou menor intensidade. O processo de transmissão está ligado ao recorte conceitual do neologismo: ele será mais difundido na medida em que sintetiza um

fato, fenômeno ou conceito que esteja em alta na discussão social. Ela pode cumprir o papel de estabelecer um novo conceito ou de substituir uma forma antiga, que cai em desuso e, nesse caso, passa por um processo análogo ao terceiro atributo dos memes.

A análise da neologia relacionada aos memes neste trabalho leva em consideração a inovação lexical estabelecida dentro da própria língua, enquadrando-se a neologia formal e semântica, com os respectivos subtipos. Comentaremos alguns deles na sequência.

O termo que designa o meme “caneta desmanipuladora” apresenta derivação prefixal. O meme foi criado com a intenção de “rabiscar” manchetes jornalísticas que supostamente mascaram ou atenuam manipulações discursivas. As “desmanipulações”, de viés progressista, iniciaram-se em 2016 e, com a alta repercussão, o meme ganhou como resposta a “caneta desesquerdizadora”, voltada ao público conservador e que surgiu como “oposição” dois meses depois. A Figura 6 ilustra as “correções” das manchetes:



Figura 6. (a) Caneta desmanipuladora. (b) Caneta desesquerdizadora.

Tanto *desmanipuladora* quanto *desesquerdizadora*, classificáveis como memes de categoria política, constituem neologia sintática, circunscrita ao âmbito lexical, a partir da junção de afixos a uma base. Os formantes que se combinam são elementos já existentes no sistema linguístico: o prefixo *des-*, nos dois casos, leva à derivação prefixal, atribuindo às bases o sentido de reversão/ negação. Às duas bases unem-se também sufixos, mas em *desesquerdizadora* a derivação sufixal (sobre a qual discorreremos a seguir) é neológica, formada pela junção do particípio “esquerdizado” (do verbo também neológico “esquerdizar”) com o sufixo formador de agente *-dor*.

A mudança de classe causada pelo processo de derivação sufixal ocorreu, nos termos do *corpus* da presente pesquisa, (i) de substantivo comum para verbo, nas unidades *biscoitar*, *cadelizar*, *gourmetizar* e *sextar*; (ii) de substantivo próprio para verbo, nas unidades *neymar* e *noronhar*; (iii) de verbo para adjetivo, em *[raio] gourmetizador*; (iv) de substantivo para adjetivo, nas unidades *memeal* e *rolezeira*.

O verbo *cadelizar*, formado a partir da derivação do substantivo *cadela* com a junção do sufixo *-izar*, aproveitou-se da acepção popular e pejorativa de *cadela* que, segundo o dicionário Caldas Aulete, remete a “mulher vulgar, de má índole, sem compostura”. Além de seguir esses traços, o verbo é usado no sentido de expressar submissão, devoção. Nos contextos de ocorrência, *cadelizar* ocorreu, na maioria das vezes, na forma do particípio *cadelizada*, em posição de predicativo, na estrutura “ser *cadelizada* por”, como mostram os exemplos 1, 2 e 3:

- (1) Moro pediu demissão... chocado que cansou de ser <cadelizada> pelo bozo
- (2) Cara, eu desaprendi até usar papel. Tô muito <cadelizada> pela Samsung. Quer estudar? Pega esse tablet e vai bbs (9)

- (3) Mesmo apelando para o choro rotineiro, Eliana é <cadelizada> por Rodrigo Faro e marca menos audiência que Chaves (10)

O neologismo *sextar*, por sua vez, indica a chegada da sexta-feira, que dá início ao final de semana, momento em que as pessoas geralmente aproveitam para descansar e esquecer a rotina exaustiva. O verbo deriva do substantivo *sexta*, por meio do acréscimo do sufixo *-ar* e, na quase totalidade das ocorrências, adquire um valor de interjeição, sendo usado como expressão isolada, no pretérito perfeito, na terceira pessoa do singular (*sextou*). Por analogia a essa formação, o sufixo verbal começou a se estender a outras bases que denotam os dias da semana: *sabadou*, *domingou*, *segundou* etc. Além disso, mantendo o sentido de comemoração pela chegada de algum acontecimento, o sufixo verbal ocorreu na formação com meses do ano indicando o início do mês ou algum fato típico de determinado mês (*dezembrou*, *janeirou* etc.), e também na formação com numerais, indicando, na maioria das vezes, acontecimentos relacionados à idade (*trintou*, *quarentou*, *cinquentou* etc.). A Figura 7 ilustra essas ocorrências:



Figura 7. Memes do grupo *sextar* (11).

Por analogia a “mundial”, a unidade neológica *memeal* constitui-se de derivação sufixal pela junção com o sufixo formador de adjetivos *-al* à base *meme*. A *primeira guerra memeal* e a *segunda guerra memeal* constituíram grupos de memes que representaram, em 2015 e 2016, respectivamente, uma “guerra” entre Brasil e Portugal e outra entre Brasil e Argentina. As “guerras”, protagonizadas por internautas no X (Twitter) e estendidas ao Facebook e a alguns portais de notícias, consistiam em conflitos de memes criados pelos usuários para satirizar o país adversário. Em junho de 2018, “eclouiu” a *terceira guerra memeal*, novamente entre Brasil e Portugal, durante a Copa do Mundo. A Figura 8 ilustra tuítes postados por ocasião das duas primeiras “guerras”:



Figura 8.3 Memes do grupo “guerra memeal” (12).

O meme *raio gourmetizador* surgiu “a partir de uma sátira aos publicitários que colocam a palavra ‘gourmet’ em produtos para que seu preço inflacionasse” (13). O meme conta com três imagens: um produto com preço popular, o chef de cozinha norte-americano Gordon Ramsay jogando o “raio” e a forma “gourmetizada” do produto. A popularidade do meme levou também à criação da unidade neológica *desgourmetizar*, pela adição da derivação prefixal. O neologismo ocorreu em publicações de sites como o *BuzzFeed*, por exemplo, que lançou uma matéria com o título “10 coisas que você pode <desgourmetizar> agora mesmo” (14).

Algumas formações compostas com dois substantivos foram encontradas no *corpus* de análise, dentre elas *corona-insônia*, *covid-insônia*, *efeito-pandemia* e as formações de caráter eponímico *bolso família* e *Bolso-Gotinha*. Essas unidades não apresentam um segundo elemento com caráter proeminentemente metafórico, como frequentemente ocorre nas composições, mas o segundo elemento atribui uma especificação ao primeiro ao carregar traços da classe adjetival. Além desses termos, fizeram parte do *corpus* duas composições constituídas por adjetivo em posição anterior ao substantivo, ou seja, na ordem determinante/ determinado: *velho normal* e *novo normal*, com alta frequência de ocorrência. Eles denotam, respectivamente, a “normalidade” de um mundo anterior e posterior ao mês de março de 2020, momento em que foi declarada situação de pandemia pela Organização Mundial da Saúde.

O meme *corongavírus* foi criado a partir do processo de cruzamento vocabular e une, por similaridade sonora, as palavras “coronga” e “coronavírus”. A primeira palavra popularizou-se na internet pouco antes da pandemia de COVID-19, a partir de um trocadilho com o nome *Coringa*, personagem principal do filme com o mesmo nome que, em 2019, estava no auge. Além da formação *corongavírus*, a unidade *coronga* passou a se referir também (e mais frequentemente) ao vírus, como forma abreviada. Um processo similar ocorre com outros memes relativos à pandemia, como *carentena*, que une “carente” e “quarentena” e designa pessoas carentes de afeto por estarem em isolamento social; *confinastê*, junção de “confinamento” com a expressão hindu “namastê” para dar a ideia de que é possível atravessar o período de isolamento em paz, de forma que não haja estresse por causa da necessidade de se passar mais tempo em casa; *covidiota*, usado na conceituação de pessoas que infringem as regras de isolamento social; e *quarenteino*, referindo-se aos exercícios físicos que eram feitos nas academias e, durante a quarentena, estavam sendo praticados em casa.

Além destes, compuseram o *corpus* de estudo as unidades neológicas formadas pelo processo de cruzamento vocabular *infodemia* e *infoxicação*, constituídas pelo substantivo “informação”, que se junta com “epidemia” e “intoxicação”, respectivamente; *ingenocida*, formada por ingênuo unido a genocida; *lacrobolha e lacrosfera*, compostas pela unidade lexical “lacre”, que se une a “bolha” e “esfera”, respectivamente; *bolsolão e bolsonavírus*, constituídas pelo substantivo próprio “Bolsonaro” unido aos substantivos “mensalão” e “coronavírus”, respectivamente; *lavazap*, formada pela junção da unidade inicial de “lava-jato” com a parte final de “WhatsApp”, na forma popular brasileira “zap”; e *vachina*, composta pela junção do início do substantivo “vacina” com o substantivo toponímico “China”.

Em alguns memes coletados em nossa pesquisa, a neologia semântica manifesta-se em termos da língua geral que ganharam, com a alteração de sentido, viés psicológico e político. Outros continuaram a ter um significado aplicável à língua geral, apesar da ressemantização.

Os neologismos semânticos, em sua maioria, são considerados metafóricos. A metáfora pode ser concebida como uma comparação: ela funciona como uma espécie de recriação dos sentidos e ocorre por meio de processos analógicos, com o uso figurado da linguagem. Ou seja, uma realidade, geralmente abstrata, é pensada nos termos de outra realidade, geralmente concreta. Traços metafóricos ocorrem em neologismos como *gado* e *gatilho*. Como explica Basílio (2006), pode haver várias motivações para esse tipo de denominação as quais, em um eixo gradativo, podem ser mais subjetivas ou mais objetivas. Nesse recurso de transferência semântica, atribui-se novos significados a unidades lexicais. Desse modo, por mais objetiva que seja uma formação por metáfora, não é coincidência que haja uma distância considerável entre o significado dos sintagmas e o significado de seus elementos constituintes, como ocorre com as expressões *enfim os refrescos* e *segurar o forninho*.

O meme *gado* surgiu na internet em dois momentos diferentes. Primeiro através da expressão “Gado D+”, que representa, geralmente, homens que, por interesses românticos, estão dispostos a fazer todas as vontades de uma mulher, e se comportam, por conseguinte, como um gado guiado. Posteriormente, com as eleições de 2018 para a presidência, a palavra surge para designar apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, os quais o defendem independentemente das atitudes do então candidato. O meme aparece principalmente em imagens com Bolsonaro ao lado de bovinos, além de haver paródias com a novela “O Rei do Gado”, da Rede Globo de Televisão. Depois de surgir em forma de imagens e tuítes, o meme foi usado em textos do gênero informativo, como indica o exemplo 4:

- (4) Bolsonaro anda a cavalo entre apoiadores e viraliza: <‘rei do gado’> (MSN Notícias, 01/06/2020).

A unidade lexical “balde”, por sua vez, ganha um novo sentido a partir do seu uso na expressão idiomática já consolidada na língua “chutar o balde”. A expressão significa “perder a paciência; abrir mão de algo”, ou, como define o dicionário eletrônico Caudas Aulete, “Abandonar intempestivamente uma tarefa, atividade, etc., rompendo com convenções, expectativas ou compromissos” (15). A Figura 9 ilustra o contexto de uso do meme nas redes sociais:

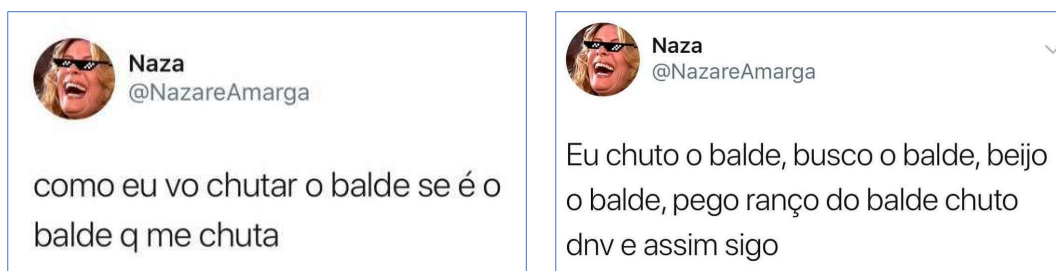


Figura 9.4 Memes do grupo *balde* (16).

O meme exhibe a expressão “chutar o balde”, no primeiro exemplo, em um contexto amoroso, para exemplificar uma espécie de vai e vem de um relacionamento em que o *balde* é uma pessoa, um(a) namorado(a). No segundo exemplo, o uso do termo *balde* é associado ao verbo “beijar”, ao sintagma “pegar ranço” e, enquanto sujeito – e não objeto – de “chutar”, mostra ainda mais a ressemantização do item lexical. O cunho humorístico está na sequência em que a expressão é utilizada: o sujeito da frase acaba por não cumprir seus primeiros atos, tendo dispensado o(a) pretendente, mas recorrendo a ele(a) posteriormente e, a cada expressão, os verbos ficam mais “humanizados”: “busco o balde”, “beijo o balde”, “pegar ranço do balde”.

A mudança de sentido ocorre também com o verbo *cancelar* e a forma substantival *cancelamento*. Na área da informática, o verbo é utilizado com frequência há décadas e nomeia um botão que dá ao usuário a opção de não realizar uma ação (*salvar* ou *cancelar*, *enviar* ou *cancelar* etc.). Com o novo uso, o termo refere-se à ação de boicotar ou ignorar alguém, principalmente figuras públicas. O boicote tem um viés punitivo e inicia-se por conta de alguma atitude da pessoa “cancelada”. Essa atitude é considerada ofensiva, preconceituosa ou polêmica, geralmente está ligada à desaprovação de um grupo e é inadmissível na concepção da audiência digital.

O meme *raiz X nutella* enquadra-se, igualmente, na classificação de neologia semântica. Trata-se da comparação entre dois elementos, em que o primeiro – o “raiz” – é visto como a tradição, algo que apresenta características ou comportamentos exemplares. O termo “nutella” é proveniente do nome da marca de um creme de avelã que, geralmente, é considerado de alto custo e, por isso, é um produto mais popular entre os jovens da classe média/alta. No meme, o termo “nutella” é usado para referir-se a pessoas mimadas, melindrosas, que passaram a fazer parte da chamada “geração Nutella” a partir de um tweet de Joaquim Teixeira, usuário conhecido por comentários polêmicos sobre futebol e política. Teixeira usa o termo na forma do verbo neológico *nutelizar*, mas o meme viralizou com o substantivo *nutella*: “<Nutelizaram> ainda mais a libertadores. Virou de vez um certame de maricas. Felizmente ainda temos a Copa do Brasil e o mata-mata da série C (17)”. Por isso, *raiz X nutella* comparam sempre uma “tradição destemida” a uma “geração melindrosa”:



Figura 10. Meme do grupo “raiz X nutella” (18)

Por fim, analisemos a expressão *segurar o forninho*, que se popularizou também na fala cotidiana. Ela é proveniente de um meme em formato de vídeo que se tornou viral. O vídeo exibe uma garota dançando em cima da mesa e se apoiando em um forninho, que está em uma prateleira suspensa. De repente, o forninho cai em cima da garota e a prima, que estava filmando, corre para contar à mãe sobre o desastre. A popularidade do meme deu à expressão “segurar o forninho” o sentido de “aguentar”, de “preparar-se para o que está por vir”. Além do uso na fala cotidiana, a expressão apareceu em vários portais de notícia e entretenimento, tanto em manchetes quanto no texto da notícia, como exibem os exemplos 5, 6 e 7, a seguir:

- (5) <Segura esse forninho>, Brasil! Aline Riscado esquentou as redes sociais nesta quarta-feira (26). (GQ Globo, 26/06/2019) (19)
- (6) Quem é Fachin, um ministro entre o impeachment e Dilma? <Segura esse forninho>: Fachin terá de desagradar alguém em breve... mas quem? (Terra, 14/04/2016) (20)
- (7) Telecine Play lança blocos de filmes para quem quer curtir o carnaval em casa. Você gosta de um romance e uma pegação? <Segura esse forninho> e a emoção, que o amor está com tudo nesse bloco! (24 Horas News, 08/02/2018) (21)

Foram levantadas, também, formações mistas, constituídas por unidades lexicais portuguesas unidas a anglicismos, como as construções frasais *tá on*, *tá off* e *isso é muito Black Mirror*. Observamos, além disso, uma tendência na produção de termos formados pelo acréscimo dos sufixos adjetivais do inglês *-al* e *-er* a bases nativas, como ocorre em *coronial*, *faria limer* e *cloroquiner*.

O meme que inclui o título da série britânica “Black Mirror” compõe-se da expressão frasal *isso é muito Black Mirror*, que engloba o termo enquanto empréstimo e enquanto neologia semântica. A série explora consequências assustadoras da relação humana com a realidade virtual. Por isso, o meme *isso é muito Black Mirror* aproveita-se do enredo para atribuir a “black mirror” o sentido de bizarro, impensável, coincidentemente espantoso. A sentença vem acompanhada de imagens, gifs ou textos que causem estranhamento, como ilustra a figura seguinte:



Figura 11. Memes do grupo “Isso é muito Black Mirror” (22)

Detectamos também uma tendência no uso de formantes da língua inglesa para designar os indivíduos pertencentes a um grupo. Nesse caso, a unidade proveniente da língua estrangeira não é a base, mas o sufixo que, geralmente, atribui a função adjetival ao unir-se a uma base de língua portuguesa. O neologismo *coronials*, por exemplo, é composto pela base *corona* e pelo sufixo adjetival inglês *-al*, e designa geração de pessoas que estão nascendo durante a pandemia de COVID-19. O termo foi criado por analogia a *millenials*, que se refere à geração nascida entre 1980 e 1995. Ainda nessa categoria enquadra-se o neologismo *quarenteners*, geralmente usado em oposição a *cloroquiners*. Os dois itens são formados pela junção do sufixo inglês *-er* às bases substantivais portuguesas “quarentena” e “cloroquina”, processo de formação que se estendeu, em posts de redes sociais, a inúmeras outras palavras e expressões: *advogaders*, *bolsonarers*, *faria limers*, *filhodaputers*, *lavajaters*, *lulalivrrers*, *medicinners*, *terraplaners*, *zonasulers*, dentre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da neologia em memes é sempre permeada pela reflexão sobre vários conceitos importantes para os estudos da linguagem, como a argumentação, as figuras de linguagem, a identidade cultural e a intertextualidade, processos inerentes à própria criação desses elementos digitais. Como demonstramos, as propriedades fundamentais dos memes levantadas por Shifman (2014) – reprodução por cópia e imitação, propagação gradual dos indivíduos à sociedade e difusão por meio de competição e seleção – são notavelmente análogas às características das unidades lexicais neológicas. Estas, como se viu, são geradas especialmente por processos morfossintáticos, que pressupõem a junção de elementos já antigos para formar um novo (uma base e um sufixo, por exemplo), e semânticos, que pressupõem uma forma já antiga que recebe uma nova acepção. Esse processo de formação apresenta grande semelhança com o primeiro atributo memético: *reprodução por cópia e imitação*, já que os elementos formantes dos neologismos não são inéditos, mas se encontram presentes no léxico da língua, prontos para serem reutilizados. Ao surgir, um neologismo se propaga de um indivíduo ou de pequeno grupo de usuários a um grupo maior ou, até mesmo, a todos os falantes de determinada língua, equiparando-se à segunda propriedade dos memes: *propagação gradual dos indivíduos à sociedade*. A unidade neológica pode permanecer na língua, tornando-se parte do léxico. Ela pode cumprir o papel de estabelecer um novo conceito ou de substituir uma forma antiga, que cai em desuso e, nesse caso, passa por um processo análogo ao terceiro atributo dos memes: *difusão por meio de competição e seleção*.

Além disso, como os neologismos, os memes têm uma *origem*: um elemento inicial que é replicado e difundido, criando grupos meméticos. Memes e neologismos refletem o contexto dos sujeitos que os criaram e compartilharam, inserindo-os em uma rede ampla de compartilhamento de ideias, de críticas e concepções em voga no ambiente on-line (e fora dele). Quem recebe um meme, assim como quem ouve ou lê pela primeira

vez um neologismo, pode modificá-los e reiniciar a transmissão. Justamente por isso, esses elementos desafiam a concepção de direitos autorais, muito cara desde a Modernidade. A ideia de “origem”, porém, é quase incompatível com a sociedade do compartilhamento, que assume como fundamental – e não como indevida – a apropriação de textos, imagens e vídeos, sua modificação e propagação. De um ponto de vista extralinguístico, a investigação neológica constitui o reflexo da evolução da sociedade que abriga a nova unidade lexical. E, na sociedade em rede, com a comunicação digital, o léxico se renova também por meio dos memes enquanto um dos principais elementos de expressão das grandes massas.

REFERÊNCIAS

ADELSTEIN, A. Metodología de trabajo neológico y tipologías: aspectos de neología semántica. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (Orgs.) *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas, 2015.

AUGER, P. Néologicité et extraction néologique automatisée. In: CABRÉ, M. T. et al. (ed.). *Actes del I Congrés Internacional de Neologia de les Llengües Romàniques*. Barcelona: IULA; Documenta Universitaria, 2010.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BASILIO, M. Metaphor and metonymy in word formation. *Delta*, v. 22, n. esp., São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502006000300006&lng=en&nrm=iso&tlng=en>.

CABRÉ, M. T. Bases para una teoria de los neologismos lexicos: primeras reflexiones. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (Orgs.) *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas, 2015.

CASTANO DIAZ, C. M. Defining and characterizing the concept of Internet Meme. *CES Psicol*, Medellín, v. 6, n. 2, p. 82-104, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-30802013000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2018

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010.

GUERRA, C.; BOTTA, M. G. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 12, n. 3, jul. - set. 2018. p. 1859-1877.

JESUS, A. M. R. Princípios metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 50, n. 1, 2021.

JURNO, A. C.; SILVA, P. I. R.; MELGAÇO, L. Olimpíadas dos memes: produção de sentido na Rio 2016. In: ZILLER, J.; D'ANDRÉA, C. (Orgs.) *Olimpíadas Rio 2016: mídia, política, humor*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017.

REY, A. Néologisme: un pseudo-concept? *Cahiers de Lexicologie, Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie*, v. 28, p. 3-17, 1976.

SABLAYROLLES, J. F. Neologismes, classes d'objets et extraction automatique. In: CABRÉ, M. T. et al. (Ed.). *Actes del I Congrés Internacional de Neologia de les Llengües Romàniques*. Barcelona: IULA; Documenta Universitaria, 2010.

SHIFMAN, L. *Memes in Digital Culture*. Massachusetts: The MIT Press, 2014.

VASCONCELLOS, F. C. A crise do Governo Temer contada pelos memes em Zero Hora. In: DORNELLES, B. *Lava Jato nos porões do Jaburu: a gravação de Joesley e Temer como notícia de primeira página*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

NOTAS

(1) AMORIM, P. H. Conversa afiada. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/economia/ate-a-bolsa-acha-que-a-embraer-e-maracutaia>

(2) Disponível em: <http://www.museudememes.com.br>

(3) Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/?geo=BR>

(4) Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today%205-y&geo=BR&q=diferen+tona>

(5) Fonte: <<https://www.museudememes.com.br/sermons/ata/>>.

(6) Fonte: <<https://www.museudememes.com.br/sermons/ata/>>.

(7) Fonte: X (Twitter).

(8) Fonte: X (Twitter).

(9) Disponível em: <https://twitter.com/saravee_0/status/1377850507683889154>

(10) Disponível em: <http://expertplay.net/forum/>

(11) Fonte: X (Twitter).

(12) Fonte: X (Twitter).

(13) Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/raio-gourmetizador/>>.

(14) Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/gasparjose/10-coisas-que-voce-pode-desgourmetizar-agora-mesmo?bffb&utm_term=.smG00A6djY#.yva88y0eE9>.

(15) Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/balde>>

(16) Fonte: X (Twitter).

(17) Disponível em: <<https://twitter.com/joaquimvoltou>>.

(18) Fonte: <<https://goo.gl/qaTa2R>>.

(19) Disponível em: <<https://glo.bo/38mehji>>.

(20) Disponível em: <<https://goo.gl/aJtRkG>>.

(21) Disponível em: <<https://goo.gl/Td4wK5>>.

(22) Fonte: <<https://www.museudememes.com.br/sermons/isso-e-muito-black-mirror/>>.

AS ESCOLHAS E AS CRIAÇÕES LEXICAIS EM PROPAGANDAS DA HORTIFRUTI: UMA ABORDAGEM LÉXICO-ESTILÍSTICA

Alessandra Ferreira IGNEZ
Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa FERREIRA

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua, como instrumento de interação entre falantes, desempenha vários papéis, dentre eles o de comunicar, convencer, demover, emocionar, encantar, apelar, ordenar. As palavras são empregadas com finalidades específicas, e os falantes, portanto, escolhem-nas, dentro de seu repertório, observando o contexto comunicativo instaurado. Os efeitos obtidos podem ser bem diferentes caso o usuário da língua opte, por exemplo, por uma palavra com um determinado registro ou por um sinônimo com registro diferente. Bem se sabe que diversos sinônimos não são perfeitos, muitas vezes, não pela designação que fazem de objetos e conceitos, mas pelas suas tonalidades afetivas e pelos seus usos sociais. Em todas as esferas de comunicação, os usos lexicais devem ser observados. No discurso literário, por exemplo, buscam-se unidades lexicais que encantem, choquem, emocionem; por essa razão, as potencialidades expressivas das palavras, bem como as do arranjo entre elas são levadas em consideração. O mesmo “cuidado” com as escolhas é tomado pelo discurso publicitário, que visa persuadir o público, levando-o a consumir determinado produto ou serviço.

Nesses universos da comunicação, preza-se o inusitado, em outros termos, empregos que surpreendam, que tirem o ouvinte do lugar comum, da sua zona de conforto. Pode-se dizer que, com seus usos linguísticos, a literatura e a publicidade provocam e incomodam justamente porque querem a atenção do leitor para o que dizem; a linguagem, assim, torna-se um meio de se alcançar a adesão do público. A literatura, com o uso da língua, busca humanizar, fazer com que o leitor se coloque no lugar do outro. Assim sendo, a linguagem expressiva e original pode fazer o público ver a realidade a partir de uma perspectiva singular e diferente. Já na publicidade, a língua é uma ferramenta utilizada com fins persuasivos; ela, combinada muitas vezes com a linguagem não verbal, leva o público à ação. Em ambos os casos, a surpresa e o lúdico, geralmente, agem sobre os interlocutores de modo positivo. Em função disso, são abundantes as criações e os usos lexicais expressivos em obras literárias e em campanhas e anúncios publicitários. Como afirma Ferraz (2010) sobre a criatividade no discurso publicitário:

É que a linguagem publicitária, fortemente caracterizada pela dinamicidade do léxico, sente-se permanentemente impulsionada a renovar-se, não apenas para nomear mercadorias, mas sobretudo por tecer enunciados cheios de apelos estilísticos que procuram divertir, motivar, seduzir, fazer sonhar, excitar ou entusiasmar, tornando, assim, a produção de neologismos um fator inevitável (Ferraz, 2010, p.258).

Além do espaço significativo para criação de palavras nesse tipo de discurso, destacam-se também usos lexicais que promovem rupturas, plurissignificação, jogos de palavras e interdiscursividade.

Este trabalho volta-se para o discurso publicitário; em específico, para as criações e usos lexicais realizados para campanhas de uma rede de hortifrutigranjeiro: Hortifruti. A escolha do *corpus* deu-se em virtude do abundante e expressivo uso do léxico realizado

para a venda dos produtos dessa rede varejista. Diferentemente de muitas metáforas desgastadas reproduzidas em feira livre e mercados, as propagandas da Hortifruti contam com um modo de dizer original que atrai o público. Elas têm bojo para o lúdico, o inesperado e o diálogo entre discursos. Dentre os empregos realizados, saltam aos olhos os diversos casos de cruzamentos vocabulares, de unidades lexicais com valor conotativo e trocas vocabulares. Essas propagandas conquistam o público sobretudo pelo humor que trazem consigo.

Para a análise dos casos, foi escolhida a Estilística Léxica, uma vez que seu foco recai sobre usos lexicais observando os efeitos que provocam no discurso, sejam os chamados efeitos de sentido ou efeitos expressivos. Cumpre-lhe analisar esses efeitos a partir de um contexto de comunicação, isto é, desvendar os aspectos expressivos da palavra contextualizada. Trata-se de uma Estilística que não despreza elementos enunciativos, tampouco diálogos entre discursos e textos estabelecidos por meio da palavra. Segundo Martins (2000, p.71), a Estilística Léxica “estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais”. Lançando mão, portanto, dos estudos léxico-estilísticos, tentar-se-á evidenciar a maneira como as propagandas atingem expressividade. Como todas elas tramam uma teia discursiva com discursos vários, justifica-se, ainda mais, a necessidade de se adotar uma perspectiva léxico-discursiva.

As campanhas da Hortifruti, até pouco tempo, eram veiculadas quase que exclusivamente no *site* da empresa. Recentemente, foi possível encontrar algumas propagandas em painéis de pontos de ônibus da cidade de São Paulo, no canal de televisão GNT, que conta com uma vasta grade de programas culinários, e em um endereço eletrônico criado pela MP Publicidade e intitulado *Hortiflix*. No *site* da empresa, reúnem-se as seguintes campanhas: *Hollywood*, *Hortiflix*, *É de família*, *Mundo dos Sabores*, *Hortifruti é bom para você*, *Liga da Saúde*, *Cascas e Ritmos*. Os títulos que agrupam as propagandas já são capazes de aguçar a memória discursiva do público. A maior parte faz referência - de forma direta ou indireta - ao mundo dos famosos, a fim de reafirmar o *slogan* que os anúncios divulgam: *Aqui* (na Hortifruti) *a Natureza é a estrela*. As duas primeiras dialogam com o universo de filmes e séries; *Mundo dos sabores* evoca programas de televisão que exibem celebridades confinadas em uma mesma casa, tais como *Casa dos artistas*, exibido pelo SBT, e *Mundo dos Famosos*, apresentado pela Gazeta, *Ritmos* evoca canções, bem como cantores de reconhecimento nacional e internacional. *Cascas* dialoga com a revista *Caras*, que é conhecida por entrevistar famosos ou tornar públicos fatos de sua intimidade. As outras três – *Hortifruti é bom para você*, *É de família* e *Liga da Saúde* – trabalham a ideia de proteção, recuperando aquela expressa em frases como: *Comer faz bem*, *Comer para poder crescer*. Elas jogam com a noção metafórica de que os alimentos combatem o mal: doenças, mal-estar. *Liga da Saúde* evoca *Liga da Justiça* e transforma os alimentos em super-heróis. Brincando com o cômico, o inesperado, o óbvio, essas propagandas caem no gosto do público.

1. CONOTAÇÃO E AMBIGUIDADE

Nas línguas de especialidade, nos discursos técnicos, preza-se a monossímia, mas os discursos criativos procuram fazer usos linguísticos que promovam a plurissignificação, a ambiguidade. A propaganda é um discurso em que o duplo sentido pode chamar a atenção do leitor sem o afastar da ideia que quer veicular. Jakobson (1975, p.150) faz a seguinte consideração sobre a poesia que pode ser estendida à publicidade:

“A supremacia da função poética sobre a referencial não oblitera a referência, mas torna-a ambígua”.



Figura 1 (1)



Figura 2 (2)

Os anúncios do pimentão e da rúcula jogam com a ambiguidade: *Massacra o esquadrão da indisposição* e *Na Hortifruti ela ganhou superpoderes*. Nos exemplos, é utilizado o léxico da luta, da força, do poder, a fim de revelar que *aqui* (na Hortifruti) *a natureza tem superpoderes* e combate o mal-estar e a indisposição. Os usos são, sobretudo, conotativos. A referência a ser recuperada no plano denotativo é que os alimentos promovem saúde e bem-estar, mas, antes disso, o leitor opera com o lúdico. Visualiza-se, no primeiro caso, o pimentão com seu escudo para guerrear contra o *esquadrão da indisposição*. A luta parece ser grandiosa, pois a hortaliça lutará com mais de um vilão. A vitória é do pimentão, cujos superpoderes permitem-lhe massacrar os inimigos. Opõem-se, dessa forma, *esquadrão da indisposição* e *pimentão*. Nesse contexto, recupera-se, mesmo que sugestivamente, a ideia de aumentativo (já desgastada) contida no substantivo *pimentão*, o que o engrandece. Pelo fato de *pimentão* ecoar em *esquadrão* e *indisposição*, o efeito sonoro obtido no primeiro caso se estende, de modo simbólico, aos outros dois. Portanto, ambos são fortes combatentes. De um lado, está o *esquadrão da indisposição* que representa um grupo que pretende ameaçar o bem-estar e, de outro, o alimento, que está a serviço da saúde. Quanto à rúcula, a propaganda diz que *Na Hortifruti ela ganhou superpoderes*. Assim como Robert Bruce Banner se transforma em Hulk, a rúcula passa a ser poderosa.

Ambos – pimentão e rúcula – são personificados. Esse recurso faz com que a natureza, de fato, seja a estrela, passando a encenar e vivificar a ideia de força e proteção. A cena criada – de alimentos como super-heróis – é construída por meio do plano conotativo, que também provoca ambiguidade. Barbosa (1981) sobre a personificação – um tipo de metáfora segundo a autora – assevera

no momento em que se constrói uma frase como “o lobo discursava”; nota-se que os semas contextuais de *lobo* e de *discursava* não são redundantes; um tem o sema “animal”, o outro pressupõe “humano”. Dá-se a ruptura de isotopia ao nível das possibilidades combinatórias e modelos de língua num primeiro nível de denotação, numa combinação inesperada, inédita. Mas a isotopia é imediatamente restabelecida num primeiro nível de conotação (Barbosa, 1981, p.206).

A personificação, nas propagandas, não se dá somente no plano verbal, mas também no não verbal.

Na campanha *É de família*, a ideia de proteção é reforçada. Ela dialoga com expressão idêntica utilizada para indicar que determinadas características, hábitos parecem ser passados de geração para geração e mostra o “comportamento” de determinadas famílias de frutas, legumes e verduras. A personificação, nessas

propagandas, ocorre a partir do momento em que se dá voz aos alimentos, os quais, nesse contexto, comportam-se como pessoas. Acresce-se que, em suas falas, há sempre uma palavra com valor conotativo.



Figura 3 (3)

Por meio do duplo sentido do substantivo *bagaço*, ocorre o efeito de humor. Como se trata da família da laranja, o leitor relaciona *bagaço* à fruta, mas também compreende *acordar um bagaço* como um estado: ficar excessivamente cansado, sem ânimo, doente. Lendo a propaganda, ele interpreta que tomar líquido faz bem à saúde. A mensagem bem-humorada e plurissignificativa não apaga a noção de cuidado. Além disso, a personificação faz com que o leitor entenda que os familiares cuidam uns dos outros; o recurso estilístico humaniza as personagens e concretiza a ideia de proteção. No caso, a laranja cuida para que a outra não se torne um *bagaço* (nos dois sentidos). Essa propaganda enfatiza que alimentar bem faz parte do cuidado de um familiar para com o outro, recorrendo à afetividade e ao humor para convencer.



Figura 4 (4)

Essa propaganda também pertence à série *É de família* da Hortifruti, em que se tornam evidentes as relações familiares. Sobre o fundo amarelo, destacam-se três personagens pimentões: dois amarelos – a mãe e a filha – e um pimentão vermelho com óculos de sol, deitado sobre a esteira que, pelo desenho de fumaça saindo do corpo, indica que está “queimando”.

A *mãe*, então, recomenda à *filha* que passe protetor antes de ficar vermelha como aquele *da esteira*. No caso, a *mãe* considera que o pimentão *está* vermelho e não que ele *é* vermelho e, de forma carinhosa, usa a locução verbal *vem passar* com valor imperativo para pedir à filha que se proteja do sol. Ao mesmo tempo, lemos denotativamente que o pimentão sobre a esteira é vermelho e os demais são amarelos. A informação visual da

fumaça saindo do pimentão pode ser entendida como uma referência conotativa na imagem.

Há pimentões verdes, amarelos e vermelhos, não havendo relação da cor com quaisquer processos, nem mesmo com o de maturação. Há, no entanto, a ideia conotativa de não se tornar *um pimentão*, isto é, *não ficar vermelho*, com queimaduras graves devido à exposição ao sol. Vale dizer que a conotação aqui só se aplica ao pimentão vermelho, pois é essa a cor que identifica popularmente a queimadura por exposição solar.

A recomendação da mãe evoca o discurso de proteção materno e amplia o humor decorrente do jogo denotação x conotação, partindo da base comparativa “ficar como um pimentão”.

Nesses dois exemplos da campanha *É de família*, nota-se que o humor se constrói a partir da antropomorfização dos alimentos, pois as metáforas contidas em *acordar um bagaço* e *fique assim* (pimentão) fundamentam-se em características dos alimentos retratados. Os usos, portanto, nessas propagandas, visam a uma remotivação ou ao resgate da transparência da carga conotativa dos signos.

Já as propagandas da campanha *Cascas* fazem paródia da revista *Caras*, a qual é conhecida por retratar festas, mansões, costumes e eventos que envolvem celebridades belas, ricas e famosas. Existem, nas capas da revista *Caras*, escolhas lexicais e escolhas de imagem que valorizam essas personalidades. Em *Cascas*, essa característica é mantida quer pela disposição visual de destaque, quer pela seleção primorosa dos verbos *dicendi*, quer pelo conteúdo da fala das celebridades: os alimentos.

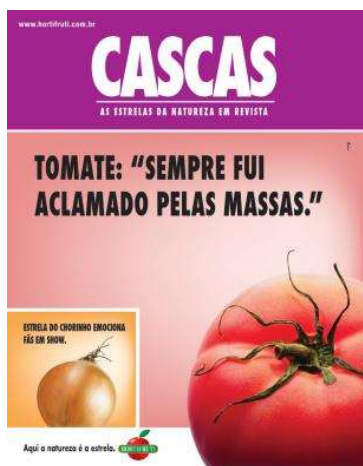


Figura 5 (5)



Figura 6 (6)



Figura 7 (7)

A capa da revista *Cascas* que apresenta o tomate afirmando que sempre foi aclamado pelas massas leva em conta, para criar o efeito de humor, a polissemia da palavra *massa* que pode se referir a alimento ou a um grupo numeroso de pessoas. Ao usar o verbo *aclamar*, evoca tanto o sucesso que faz nos molhos que acompanham as massas, como o sucesso com o público, com a multidão. O verbo é extremamente elogioso, uma vez que o seu uso remete à aprovação, ao aplauso. Digna de nota ainda nessa capa é a chamada para outra personagem do hortifruti: a cebola, que personificada também, é caracterizada metonimicamente como *estrela do chorinho*: o choro é resultado da ação da cebola que, ao ser cortada, provoca o choro discreto. Há mais uma vez o uso da polissemia na palavra *chorinho*, que pode significar choro discreto ou gênero musical, o que certamente contribui para acentuar o humor.

A capa da *Cascas* que apresenta em primeiro plano a banana, confessando que tem paixão por *cachos*, e, em segundo plano, o limão, *desabafando* que já tinha passado muito *aperto* na vida, usa da ambiguidade tanto da palavra *cachos*, que pode significar conjunto de frutos dispostos num eixo comum ou caso amoroso, quanto da palavra *aperto*, que pode significar o resultado da ação de apertar ou a ideia de uma situação difícil conotativamente falando. Por se tratar de um diálogo irônico com a revista *Caras*, percebe-se que os verbos *dicendi* escolhidos – *confessar* e *desabafar* – inserem-se no mundo das fofocas de famosos, dramatizando as falas, reforçando o humor presente na ambiguidade de *cachos* e *aperto*.

A capa da *Cascas* que apresenta a carambola seccionada transversalmente em formato de estrela brinca com os vários significados de estrela: corpo celeste, figura geométrica e atriz famosa, renomada. A carambola mostrada na propaganda é visualmente uma estrela e metaforicamente uma estrela. A escolha mostra o percurso da formação da metáfora, explorando a analogia entre os elementos que levaram à sua constituição. O verbo de dizer *declara* reforça a imponência da *estrela carambola* e a incontestabilidade da sua declaração. Corrobora essa atmosfera de sucesso a expressão *em grande fase*, que parece dialogar com o usual, em festas de famosos, *em grande estilo*. Todos esses elementos reforçam a ideia de sucesso e ampliam o efeito de humor.

As propagandas de *Cascas* exploram a conotação quer pelo duplo sentido de algumas unidades lexicais, quer pela personificação dos alimentos bem evidenciada pelos verbos *dicendi*.

Todas as propagandas analisadas nessa subseção trabalharam o jogo denotação x conotação; a ambiguidade; a plurissignificação decorrentes dessa brincadeira com as palavras e valeram-se do lúdico e da intertextualidade.

2. TROCA VOCABULAR

Uma outra estratégia linguístico-enunciativa que se vale da relação entre textos e discursos é a troca vocabular, que consiste na aproximação sonora entre o texto de origem e a releitura criada, é claro, sempre com efeito de humor. São jogos de palavras cujo objetivo é provocar o riso. Parafraseando Lapa (1973, p.49), o homem com tudo brinca, até com palavras. É exatamente esse o propósito das trocas vocabulares da rede: provocar humor, o qual só será compreendido se o repertório do interlocutor reconhecer que se trata de releituras, de recriações. Assim, entendemos que *Cascas* dialoga com a revista *Caras*, que *O Aipo da Compadecida* retoma o *Auto da Compadecida*, que *A ponte dos espigões* recupera *A ponte dos espiões*, ou seja, as trocas vocabulares são pautadas nesses diálogos interdiscursivos. De acordo com Koch (2009, p.148), essas trocas servem para “levar o interlocutor a ativar o texto original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas orientações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original”. Funcionam, portanto, como paródias. “Esse uso lexical promove dois movimentos de leitura/ entendimento de acordo com o repertório do leitor: recuperação do sentido do discurso de referência e ampliação e subversão desse sentido” (Ignez; Ferreira, 2019, p.103).

Destacamos algumas dessas trocas vocabulares para análise de acordo com as seguintes categorias:

- 1) troca vocabular que envolve substituição por palavra com um fonema distinto: *baiana/ banana*;
- 2) troca vocabular que envolve substituição por palavra com sonoridade próxima ou relativamente próxima: *gelo / jiló, espião/espigão*;

- 3) troca vocabular que envolve substituição por palavra(s) com sonoridade próxima, promovendo alteração de função sintática: *mamão papaia / mamão pra praia*.
- 4) troca vocabular que envolve manutenção da sonoridade, alteração gráfica e consequente mudança de categoria lexical: nós/ noz.

- 1) troca vocabular que envolve substituição por palavra com um fonema distinto



Figura 8 (8)

A propaganda da banana da série *Ritmos* dialoga com *O que é que a baiana tem?*, composição de Dorival Caymmi para o filme “Banana Terra” (1939). O samba de roda baiano fez sucesso na voz de Carmen Miranda cujo estereótipo da baiana, com trejeitos e balangandãs, seria construído a partir de então, incorporado pela cantora e exportado para o mundo. Essa canção fez tanto sucesso que não poderia estar ausente na campanha *Ritmos*, destacando uma das frutas mais populares que é a banana.

No anúncio, a banana amarela, possivelmente iluminada em close, antropomorfizada como cantora tem à frente um microfone e ao fundo várias outras bananas mais apagadas contribuindo para o foco da cena. O fonema /i/ presente em *baiana* é substituído pelo fonema /n/ que forma *banana* remetendo às frutas tropicais que eram usadas por Carmem Miranda na cabeça, uma relação metonímica que faz ecoar a visão da baiana perpetuada pela artista.

- 2) troca vocabular que envolve substituição por palavra com sonoridade próxima ou relativamente próxima

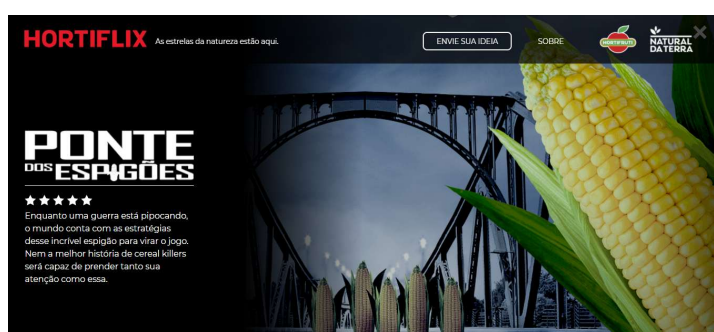


Figura 9 (9)

Ponte dos Espigões dialoga explicitamente com o sucesso de Spielberg *Ponte dos espigões* (2015), um filme baseado na história verídica de James Donovan, um advogado que, na década de 1960, é incumbido de negociar o resgate do piloto americano de um U-2, Gary Power, capturado pelos soviéticos. A cena mais importante do filme é o momento da troca do americano pelo russo Rudolf Abel, procedimento realizado em Berlim, na Glienicke Bridge (Ponte dos Espiões), um dos pontos de negociação mais importantes

entre americanos e soviéticos durante a Guerra Fria. É exatamente esse momento que a propaganda recupera visualmente dando destaque às espigas de milho no centro da ponte, no lugar dos negociadores e espiões, e colocando, em primeiro plano, mais iluminada, a espiga mais viçosa como uma das estrelas da natureza.

O pôster parodia o título do filme: usa o mesmo tipo de letra, transforma graficamente a letra “I” em uma espiga. Na troca vocabular de *espiões* por *espigões*, o /ões/ indicativo de aumentativo de *espiga* dá ainda mais destaque à força, ao poder das espigas de milho, sobretudo àquela que está bem na frente.

O texto que acompanha a foto brinca com o campo semântico do milho, usando *pipocar* e *cereal*. Ao se referir à época em que se passa a história, o uso do “*enquanto uma guerra está pipocando*” marca o duplo sentido de *pipocar*, que tanto remete ao estourar do milho como ao iniciar da guerra. Será nesse contexto que o herói da Hortiflix, *o incrível espigão*, poderá mudar o jogo, afinal a ideia de grandeza marcada pelo /ão/ vem precedida do caracterizador *incrível*. Uma narrativa tão extraordinária que “*nem mesmo a melhor história de cereal killers será capaz de prender tanto sua atenção como essa*”, a expressão *cereal killers* no lugar de *serial killers* joga com a sonoridade e com o sentido de *serial* e *cereal*. Essas palavras têm o mesmo som em inglês, são grafadas de forma diferente e têm sentidos diferentes: *serial* é relativo à série e *cereal* é relativo a alimento, a grão, o que provoca riso pela associação de *cereal killers* com *serial killers*, matadores em série. Ainda que *seriais killers* não seja expressão da língua portuguesa, ela é bastante usada no Brasil para se referir a assassino em série, de forma que o humor da propaganda atinge um grande público.



Figura 10 (10)

A animação *A era do gelo 4* (2012) tem como ponto de partida o esquilo Scrat e sua busca incessante pela noz inquieta. Nessa aventura, o esquilo acaba provocando a separação dos continentes e os amigos Manny, Sid e Diego ficam distantes de Amora e Ellie. Manny desafia os perigos do alto mar, inclusive os piratas, para ir ao encontro da filha e da esposa. O cartaz do desenho apresenta o esquilo Scrat sobre um pedaço de um iceberg, apoiando-se no mastro de uma bandeira feita da pele de um animal semelhante a um gambá, com uma caveira desenhada em branco sobre o fundo preto, ou seja, uma bandeira de pirata. O uso da pele do gambá, repulsivo e mal cheiroso, está relacionado aos piratas também repulsivos, uma vez que são bandidos.

A peça publicitária *A era do jiló 4* sugerida por clientes da empresa manteve a proposta de brincar interdiscursivamente com as produções cinematográficas e seus cartazes de divulgação.

Na releitura bem-humorada do cartaz do longa-metragem, é o jiló que se encontra sobre o iceberg, apoiando-se em uma bandeira de tecido com fundo preto com o símbolo da Hortifrut em branco. Ainda que a bandeira seja preta, a relação estabelecida pelo *logo* é de oposição à morte, de contraponto à caveira, afinal a referência da empresa é sempre a alimentos saudáveis. No cartaz do filme se vê o esquilo e atrás dele a noz que ele tanto

busca, na propaganda se vê o jiló e atrás o símbolo da Hortifruti, há ainda o alerta de que *quem não for para a hortifruti vai entrar numa fria*, com duplo sentido: a ideia de frio causada pelo gelo e a ideia de que vai se dar mal por não consumir alimentos saudáveis.

As letras do título da animação *A era do gelo 4* e as da peça publicitária *A era do jiló 4* são do mesmo tipo, muito embora a grande modificação seja a alteração lexical de *gelo* pela agora estrela *jiló*, um fruto de sabor amargo difícil de ser bem aceito, mas que tem seu espaço garantido na *era do jiló*. A troca de *gelo* por uma palavra com sonoridade relativamente próxima promove uma paródia no contexto.

3) troca vocabular que envolve substituição por palavra(s) com sonoridade próxima, promovendo alteração de função sintática.

Três casos revelam que a troca vocabular pode provocar alteração sintática: 1) de *Mamãe, eu quero* (mamar) passa-se para *Mamão eu quero*, existe aí uma alteração: *mamãe* (vocativo) – *mamão* (objeto direto). 2) de *Descobri que te amo demais* origina-se *Descobri que morango é demais*. O advérbio *demais* funciona como intensificador do verbo *amar*; com a troca, modifica o substantivo *morango*, exercendo função de adjetivo.

Bechara (2009), citando Câmara Júnior, assevera que “perturba a descrição e a demarcação classificatória “a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios” (BECHARA, 2009, p.357). Vale notar que *morango* ocupa o lugar de um verbo e seu objeto (*te amo*). 3) de *mamão papaia* surge *mamão pra praia*.



Figura 11 (11)

A campanha da Hortifruti *O mundo dos sabores* destaca o mamão havaí, conhecido popularmente como mamão papaia, em uma praia com areia branca, mar azul, palmeiras, enfim no Havaí, o que está diretamente ligado ao tipo do mamão que está no cenário paradisíaco. Como estrela da campanha, ele se apresenta com um violão e com uma saia típica havaiana para dançar o hula hula. Ao seu lado, um cartaz que indica outra forma pela qual ele é conhecido: *mamão pra praia*. Aqui o jogo com *papaia* e *pra praia* ocorre entre atributo e finalidade: em *mamão papaia*, o *papaia* caracteriza o mamão, em *mamão pra praia* há a finalidade do mamão: *pra praia*, pois é uma fruta que remete ao frescor que pode abrandar o calor das temperaturas altas. Vale dizer que essa finalidade torna-se, semanticamente, um caracterizador. Além disso, observa-se um trava-línguas no *pra praia*, o que pode nos levar a “errar” e pronunciar, por vezes, *prapaia* ou *papaia* no lugar de *pra praia*, acentuando ainda mais o humor da propaganda.

4) troca vocabular que envolve manutenção da sonoridade, alteração gráfica e consequente mudança de categoria lexical: nós/ noz;



Figura 12 (12)

Um limite entre nós, baseado na peça homônima de August Wilson, dirigido e protagonizado por Denzel Washington, conta a história do lixeiro Troy que está cansado de vivenciar as injustiças advindas do preconceito racial. Casado com Rose, Troy é frustrado pelo fato de nunca ter podido jogar baseball profissionalmente, por isso proíbe o filho mais novo, Cory, de aceitar uma bolsa na universidade em troca de jogar. Ambientado no pós-guerra, nos anos de 1950, o filme enfatiza a falta de oportunidades devido ao preconceito racial, e é exatamente por saber o peso da frustração que Troy não quer que o filho siga o caminho do esporte, age de forma ríspida com os filhos, sem gesto de carinho.

A propaganda da Hortiflix recupera o cartaz do longa-metragem, ao transpor o casal protagonista para duas nozes: uma com boina que nos remete a Troy e uma mais recuada que nos remete a Rose. Como é usual nas campanhas da Hortifruti, as estrelas, no caso as nozes, aparecem iluminadas, nesse caso seguindo o mesmo padrão preto e branco do pôster de referência. O tipo de letras do título da Hortiflix é igual ao do filme. A troca vocabular, nesse caso, substitui o pronome *nós* pelo substantivo *noz*, ambos com a mesma sonoridade, porém pertencentes a categorias lexicais distintas. Ocupando a mesma posição de *nós*, *noz* acaba por criar um efeito de humor decorrente da brincadeira com as palavras e imagens envolvidas.

O texto da campanha ainda dialoga com a rispidez do protagonista ao falar da casca grossa da noz, entendida denotativamente por ser uma característica dessa fruta e conotativamente por ser usada de forma metafórica para descrever pessoas ríspidas como Troy. Ao pedir ao leitor que acompanhe a história da noz *repleta de surpresas e nutrientes*, mais uma vez temos o lúdico em ação na quebra de paralelismo, pois uma história não tem como ser repleta de nutrientes, tudo em nome do jogo bem-humorado trabalhado interdiscursivamente.

Nesse recorte sobre as trocas vocabulares presentes nas campanhas da Hortifruti, a aproximação visual e sonora dos textos de origem cria o espaço para o humor e o interdiscurso.

3. CRUZAMENTOS VOCABULARES

Entende-se que palavras são criadas e escolhidas com propósitos diversos. Guilbert (1975, p.40-43), por esse motivo, distingue a neologia estilística da denominativa. Esta, segundo o autor, serve para nomear o novo (mercadoria, objeto, conceito) sem intentos expressivos; já aquela busca alçar voos estéticos, estilísticos, jogando com as potencialidades lúdicas e afetivas da palavra criada.

No discurso publicitário, como bem afirma Ferraz (2010, p.258), o léxico não está a serviço de mera denominação, mas de enunciados que atraiam e seduzam o público, por meio da emoção, do apelo e do humor. Para tanto, a escolha e a criação lexicais precisam

apresentar efeitos expressivos, pois a palavra é o instrumento da sedução. Um processo de formação produtivo nesse campo discursivo é o cruzamento vocabular, em que ocorre a fusão de duas bases, não sendo, porém, um tipo de composição, pois nessa fusão não há a necessidade de os radicais envolvidos serem mantidos. No geral, os cruzamentos funcionam como elementos de humor e sátira, mas também podem apresentar tonalidades poéticas, como descreve Martins (2000):

[revelam] criatividade, espírito, e sua força expressiva resulta da síntese dos significados e do inesperado da combinação. Prestam-se sobretudo à linguagem do humor, da brincadeira, mas em alguns casos podem ter um tom lírico até refinadamente estético |(Martins, 2000, p.123).

Cabe ao publicitário pensar nas formas e rupturas mais expressivas para cada contexto. Nas propagandas da Hortifruti, existe um número significativo de formações a partir desse processo, sobretudo nas campanhas *Liga da Saúde* e *Hortiflix*. Na primeira, dá-se nome a vários super-heróis, que podemos considerar “superalimentos” (*Batatman*, *Thormate*, *Mulher Marervilha*, *As Tartarugas Ninja*, *Cajaspion*, *He-Manga*, *Champignonlin Colorado*, *Ovolverine*) e, na segunda, joga-se com nomes de filmes de sucesso: (*Perasita*, *Strangerina things*, *Bohemian Rhapsody*, *Aquamanga*, *Brooklyn*, *Ralladin*, *Milhons* e outros).

Com esses cruzamentos, lança-se mão da personificação também. Os alimentos divulgados em *Liga da Saúde* são antropomorfizados, de modo que haja associação entre eles e super-heróis. Os elementos visuais e linguísticos contribuem para que essa relação seja estabelecida. Essa figura de linguagem, no contexto, reforça a metáfora dos alimentos como aqueles que combatem mal-estar e doenças; metáfora essa tão fortemente arraigada em nossa sociedade. Os cruzamentos fazem uma referência a heróis de quadrinhos, filmes e séries, mas a fusão realizada com bases inusitadas faz com que as criações tenham uma inclinação para o cômico e o lúdico, deixando de lado a austeridade de muitos desses super-heróis, portanto as formações entram em cena como uma forma de paródia.

Nessa campanha, observam-se usos de cruzamentos homófonos e não homófonos. A homofonia é um elemento que torna, por vezes, a criação mais engraçada e original. *Tartatuyvas Ninja* (tartarugas + uvas), *Cajaspion* (cajá + Jaspion), *Ovolverine* (ovo + Wolverine) apresentam um segmento fonético comum entre as duas bases.



Figura 13 (13)

Com suas propriedades antioxidantes, as uvas são conhecidas como um tipo de fruta que faz bem à pele. Algumas pessoas usam-nas no combate à acne, ao envelhecimento precoce e às rugas. Enfim, esses são alguns dos “poderes” atribuídos a elas. Na propaganda, as uvas são transformadas em super-heróis, sofrendo uma “mutação” tal qual a das Tartarugas Ninja (Leonardo, Rafael, Donatello e Michelangelo), que adquiriram características humanas. Estas, em Nova Iorque, lutam contra vilões; e

aquelas, defendem sua pele dos vilões da beleza. *Tartaruvras Ninja* é uma criação que resgata a memória discursiva do leitor. O fato de serem ninjas faz com que lutem habilidosamente, sendo, nesse caso, mestres não em arte marcial, mas em defesa do belo e da juventude. Portanto, de certa forma, lutam para defender a saúde.

Na propaganda, a imagem nos remete às personagens do desenho – cor da uva, máscaras e cor dessas máscaras. Todos esses elementos são gatilhos para o resgate de outro discurso, isto é, de uma dada referência. O cruzamento vocabular é “traduzido” pela imagem, assim como a imagem é “traduzida” pelo cruzamento. A fusão das bases nominais, no contexto, serve justamente como uma paródia, tende para o cômico e funciona como um elemento de recuperação discursiva. A associação entre o alimento e os heróis fica mais forte com a criação lexical, e esta, junto à linguagem não verbal, torna mais evidente a personificação do fruto, sendo bom lembrar que esse recurso tem o papel de inserir o leitor em um plano conotativo, em um mundo do faz de conta. O lúdico conquista a atenção do público.

É possível não só pensar que a formação deu-se pela perda de um elemento de *Tartatugas* (Tartaru(~~gas~~) + uvas), mas também que uma unidade adentrou-se na outra, gerando bastante expressividade com a incorporação e a fusão formais e semânticas. A aproximação sonora contribui para o efeito de humor.

Outra propaganda original é *Milhons*, pois tanto a formação – junção de *milho* e *Minions* –, quanto a imagem aproximam milhos aos pequenos seres amarelos *Minions*, cuja função, no filme de mesmo nome, é servir a um vilão. Uma palavra parece adentrar na outra.



Figura 14 (14)

Como as personagens são engraçadas e atrapalhadas, caíram no gosto das crianças. Na história, acabam nunca conseguindo executar uma maldade, por isso a vilania é atenuada, quase que perdida ao longo do enredo. Pode-se entender que essa propaganda também tenta associar alimentação à diversão.

Nas campanhas *Liga da Saúde*, *Hortiflix* e *Mundo dos Sabores*, há exemplos que a depender da análise, poderiam ser encaixados nos casos de trocas vocabulares ou nos de cruzamentos vocabulares: *He-Manga*, *Aquamanga* e *Fast good*.

Considerando os casos como cruzamentos, é possível afirmar que, neles, ocorre a fusão de uma base (do Português) com uma das bases dos compostos (do Inglês). Como se sabe, os cruzamentos são conhecidos pelas “brincadeiras” com aproximações sonoras, mas outros jogos podem ser feitos, a fim de que efeitos expressivos sejam obtidos.

Os substantivos *Aquaman* e *He-Man* não apresentam um segmento fonético comum com *manga*, mas um segmento gráfico idêntico, portanto, em *Aquamanga* e *He-Manga*, ocorre um aproveitamento da semelhança gráfica das palavras envolvidas. Não se pode dizer que se perde totalmente uma espécie de “eco” entre as bases, tendo em vista que a nasalização é mantida. Num primeiro momento, poder-se-ia interpretar que, nos dois exemplos, o substantivo *manga* substituiu o substantivo *man*. Seria a troca de um vocábulo por outro, mas a hipótese de cruzamento é bastante razoável, pois considera que se perde um elemento do composto – tomado como unidade lexical autônoma – a partir

da fusão com *manga*. A criação, seus aspectos semânticos e sua relação com a imagem da propaganda mostram que o elemento *man* (homem) não é apagado da mente do público. Isso se dá tanto pelo recurso de personificação utilizado na propaganda quanto pela visualização gráfica desse elemento nas criações. Melhor seria dizer que não se apagam os compostos *Aquaman* e *He-Man* como um todo; não se trata, por exemplo, de uma manga “aquática”, mas de uma manga com propriedades do *Aquaman*; essa referência base é necessária para a produção do humor e reforça a ideia de que é possível considerar essas formações cruzamentos vocabulares.

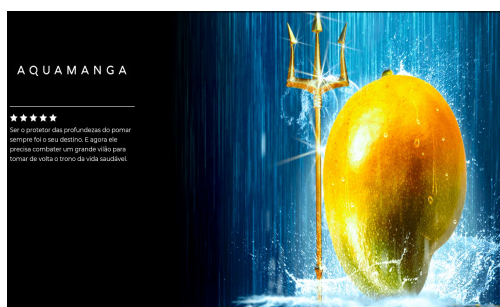


Figura 15 (15)



Figura 16 (16)

Em *Fast good*, a possibilidade de se encaixar a formação no grupo de cruzamentos, em vez de inseri-la no de trocas vocabulares, é muito maior.



Figura 17 (17)

A criação lexical *fast good* não parece simplesmente trocar *good* por *food*. Caso se considerasse o exemplo uma troca vocabular, seria necessário observar que uma base substantiva teria sido substituída por uma adjetiva “comprometendo” o sentido da expressão (estrela do “rápido bom”). Fica claro, nesse caso, que se trata de uma comida rápida boa, portanto pensar em cruzamento é possível; *good* se imbrica em *fast food*, seja agregando ao composto sentido, seja dando-lhe uma nova forma. A base adjetiva (*good*) está necessariamente ligada a *fast food*, recuperando a ideia do substantivo e determinando-o. Existe aí uma sobreposição de formas e ideias. Na propaganda, a alface americana é a “protagonista”, pois pode ser encontrada em vários tipos de refeições rápidas. O uso de estrangeirismos entra com tonalidade evocativa, resgatando a ideia da origem do alimento. Vale lembrar que *good* e *food* também deixam ecoar Hollywood, sugerindo que a alface, de fato, é uma estrela.

Esses casos são complexos, pois não trazem somente a fusão de duas bases simples, mas envolvem no processo um composto mais outra base. No caso, uma das bases do composto sofre fusão com uma outra, mas a fusão, para ter sentido, precisa considerar o composto como um todo. Considerá-los cruzamentos significa entender que o composto – como uma unidade autônoma de sentido – foi fundido com outra base. Nesses casos, a base simples mantém, na fusão, sua integridade formal e a que envolve o

composto tem sua forma alterada. Esses exemplos revelam-se expressivos casos de cruzamentos vocabulares.

Um outro caso de cruzamento original é *Raladdin*, que faz referência ao filme *Aladdin*.

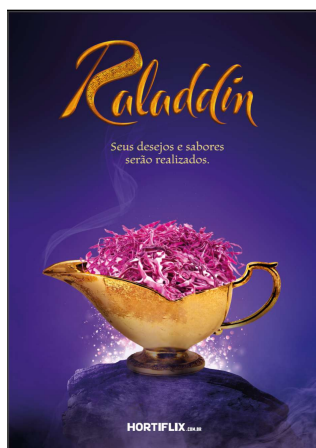


Figura 18 (18)

O cruzamento faz alusão ao protagonista do filme, que vivia à margem da sociedade. Certo dia, ele encontrou uma lâmpada mágica e um gênio lhe concedeu três pedidos. Um deles foi se tornar um príncipe para se casar com sua amada. A “sinopse” da propaganda da Hortifruti diz “Mesmo tendo direito a três desejos mágicos, ele teve que ralar para conquistar sua amada. Saboreie essa aventura.”. No caso, há uma retomada do enredo do filme, o qual apresenta os obstáculos do jovem rapaz para conquistar seu amor. De *Aladdin*, marginalizado e desprezado, passa-se, no anúncio, para o repolho roxo *raladdin*. Este também ralou e *foi ralado* para conquistar o amor dos consumidores. O cruzamento põe em foco o desprezo das pessoas pelo jovem e pelo repolho não ralado. Trabalha-se, então, com a memória discursiva do leitor e com as redes de sentido interligadas para a produção de expressividade.

A Hortifruti passa a ser uma espécie de gênio da lâmpada (*Seus desejos e sabores serão realizados*), trazendo o repolho ralado para facilitar o consumo, atendendo, pois, um anseio daqueles que pretendem consumi-lo. A lâmpada é recuperada, na propaganda, por um recipiente próprio para molhos que regam saladas. Nele, é apresentado o repolho, o que sugere que se tornou um objeto de desejo. Além disso, o cruzamento evoca a apócope do adjetivo *ralado* em sua forma diminutiva, soando como um uso oral típico de Minas Gerais: *raladim*, o que joga com aspectos afetivos da palavra.

As formações por meio de cruzamentos servem como elementos expressivos do discurso, dialogando com outros discursos e exercendo uma função parodística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas campanhas, o alimento é a estrela, mas é importante sublinhar que as luzes sobre ele são lançadas pelos jogos e pelas criações de palavras, os quais garantem o brilho do seu “protagonismo”. O poder evocativo de estratégias linguísticas escolhidas faz com que as palavras exerçam um papel interdiscursivo, promovendo efeitos de sentido e de humor a partir de uma dada referência. As trocas e os cruzamentos vocabulares evidenciam esses casos expressivos de paródia. Já os usos conotativos revelam uma estratégia que apela para a plurissignificação como forma de provocar humor.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos dos neologismos*. São Paulo: Global, 1981.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- FERRAZ, A. P. Publicidade: a linguagem da inovação lexical. In: ALVES, I. M. (Org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 251-276.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- IGNEZ, A. F; FERREIRA, E. M. A. R. P. Troca vocabular: humor e expressividade nas propagandas da Hortifruti. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 99-115, 2019.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LAPA, R. *Estilística da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: T.ª Queiroz, 2000.

NOTAS

- (1) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (2) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (3) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (4) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (5) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.

- (6) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (7) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (8) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (9) Disponível em: <https://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/hortiflix/>. Acesso em ago. 2020.
- (10) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (11) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (12) Disponível em: <https://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/hortiflix/>. Acesso em ago. 2020.
- (13) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (14) Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em ago. 2020.
- (15) Disponível em: <https://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/hortiflix/>. Acesso em ago. 2020.
- (16) Disponível em: <https://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/hortiflix/>. Acesso em ago. 2020.
- (17) Disponível em: <https://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/hortiflix/>. Acesso em ago. 2020.
- (18) Disponível em: <https://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/hortiflix/>. Acesso em ago. 2020.

BRINCANDO COM AS PALAVRAS: A EXPRESSIVIDADE DO TROCADILHO NO DISCURSO LITERÁRIO

Pedro MELO
Elis de Almeida CARDOSO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na feliz expressão do historiador holandês Johan Huizinga, o homem não é apenas o *homo sapiens*, mas é *homo ludens*, o ser brincante que sente necessidade inata da diversão, dos jogos, da ludicidade.

Ao lado de inquietações metafísicas, do sentimento amoroso e de outras sendas percorridas pela sensibilidade humana, a comicidade e o riso também têm sido aspectos importantes da vida do homem, envolvendo não apenas as coisas e o corpo, mas também as palavras, isto é, as práticas de linguagem. De acordo com Huizinga:

a poiesis é uma função lúdica. Ela se exerce no interior da região lúdica do espírito, num mundo próprio para ela criada pelo espírito, no qual as coisas possuem uma fisionomia inteiramente diferente da que apresentam na "vida comum", e estão ligadas por relações diferentes das da lógica e da causalidade. Se a seriedade só pudesse ser concebida nos termos da vida real, a poesia jamais poderia elevar-se ao nível da seriedade. Ela está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem a criança, o animal, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso. Para compreender a poesia precisamos ser capazes de envergar a alma da criança como se fosse uma capa mágica, e admitir a superioridade da sabedoria infantil sobre a do adulto (Huizinga, 2000, p. 88).

O homem é um criador de significados (*poiesis*, palavra grega raiz de “poesia” e “poeta”, também significa “criação”) e esses significados não se constroem somente em contextos “sérios”, “grandiloquentes”, mas também naqueles que visam ao riso – os planos em que o homem se aproxima da leveza da criança, como Huizinga acertadamente pontuou, de modo que o ato criativo (*poiesis*) é um jogo, uma brincadeira (*ludens*) com as palavras e com as ideias.

Essa brincadeira com as palavras e as ideias está presente na literatura desde eras remotas. A comédia, ao abordar temas relacionados ao cotidiano, foi um gênero bastante popular na Grécia Antiga, alcançado notável desenvolvimento com os comediógrafos Aristófanes (447 - 385 a.C.), Antífanos (408 - 334 a.C.) e Menandro (342 - 291 a.C.). Em Roma, os maiores comediógrafos foram Plauto (254 - 184 a.C.) e Terêncio (185 - 159 a.C.).

Ao lado do teatro, a poesia também teve um grande destaque para a expressão do humor na literatura da Antiguidade. Na Grécia, entre os grandes poetas satíricos, se destacou Epicarmo (540 - 450 a.C.) com versos que ironizavam seus contemporâneos. Em Roma, um dos primeiros grandes poetas satíricos foi Caio Lucílio (180 - 102 a.C.). A sátira ainda teve representatividade na obra de Horácio (65 - 8 a.C.), Pérsio Flaco (34 - 62 d.C.) e Juvenal (ca. 60 d.C. - ca. 128 d.C.).

Os poetas satíricos da Antiguidade cantavam sobre vários assuntos e a esse respeito o latinista Salvatore D’Onofrio afirma que “os motivos satíricos são tirados mais

da vida do que da filosofia. Ao satírico interessa só o que é vivo e palpitante” (D’Onofrio, 1968, p. 14). De forma similar, é o que teremos a oportunidade de observar: as antenas do poeta captam tudo a seu redor, independentemente de o tema ser “sério” ou “cômico”, embora o risível seja particularmente “palpitante”.

1. O HUMOR NO DISCURSO LITERÁRIO: UMA PRESENÇA SIGNIFICATIVA

A literatura é uma das mais importantes atividades humanas e constitui não apenas um objeto estético, mas também um *modo de apreensão da linguagem*, isto é, um *discurso*, conforme a conceituação de Maingueneau:

Tomado em sua acepção mais ampla, aquela que ele tem precisamente na *análise do discurso*, esse termo designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados. Nesse emprego, *discurso* não é susceptível de plural: dizemos “o discurso”, “o domínio do discurso” etc. Por supor a articulação da linguagem sobre parâmetros de ordem não linguística, o *discurso* não pode ser o objeto de uma abordagem puramente linguística (Maingueneau, 2008, p. 43, grifos do autor).

O discurso é um ato de linguagem, consciente e dependente de um *contexto de produção*. Sob este prisma, entre os vários discursos que circulam na sociedade (político, jornalístico, publicitário etc.), a literatura emerge como um discurso de prestígio, o discurso da ficção, do mundo da imaginação, da fabulação, da poeticidade.

Mesmo que haja diversos meios de apreensão do saber e da cultura, a literatura possui um papel central na formação de todas as sociedades, tanto nas centradas na escrita quanto nas essencialmente orais: a materialidade literária está intimamente relacionada ao código escrito, mas a fabulação, a ficção e o poético também são manifestos pela oralidade.

Segundo pontua Cardoso (2018, p. 15), o discurso literário “é uma forma de expressão artística e apresenta em relação a outras esferas discursivas, traços singulares que precisam ser levados em consideração quando se toma esse discurso como objeto de análise linguística”. O que faremos é analisar um desses “traços singulares” a que alude a autora.

Na escrita, o humor se corporifica mais comumente por meio das piadas, que podem ser lidas em revistas, livros ou em *sites*. Mas esses textos não são literários, ou seja, não possuem “traços singulares” que os caracterizem como formas de expressão artística.

Embora poemas humorísticos tragam em si vestígios da língua comum por desenvolver temas anedóticos, adquirem um estatuto de singularidade porque esses mesmos temas revestem-se de uma organização discursiva especial, elementos daquilo que se convencionou chamar de “poética”.

Mas a proximidade temática com a piada não torna um texto literário humorístico um texto “menor”? É possível colocar no mesmo patamar um poema lírico e um poema humorístico? O que precisamos levar em consideração é que os discursos não são blocos homogêneos, mas sistemas heterogêneos, que comportam uma ampla variedade de manifestações.

Essa heterogeneidade da literatura foi denominada por Even-Zohar de “polissistema”, ou seja, um conjunto de fenômenos dinâmicos, complexos e múltiplos. Como conceitua o autor:

um sistema semiótico pode ser concebido como uma estrutura heterogênea e aberta... é, necessariamente, um polissistema – um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com intersecções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes (Even-Zohar, 1990, p.11)(1).

De acordo com a perspectiva do polissistema, o sistema literário é complexo porque admite um sem-número de intersecções e sobreposições: não é literatura apenas a grande literatura, o cânon valorizado pela crítica e pela tradição, mas o conjunto de todas as produções, com todas as nuances de “qualidade” que queiramos observar. O discurso literário não é tecido apenas por obras-primas, mas também por obras “menores”, escritas por milhares de falantes anônimos, uma prova de que a literatura é, de fato, um patrimônio da coletividade.

A literatura não é “propriedade” dos clássicos, mas um patrimônio imaterial acessível a todas as pessoas. Em seu célebre ensaio *O direito à Literatura*, Antonio Candido sustenta:

a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (Candido, 2011, p. 176)

Assim, qualquer cidadão anônimo, letrado ou não, pode manifestar inclinações literárias para a prosa, a poesia ou o teatro, conforme o crítico acrescenta logo em seguida:

a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (Candido, 2011, p. 177).

De um ponto de vista crítico (e rigorosamente qualitativo), talvez possamos corroborar a tese um tanto mal-humorada de Compagnon de que “na sua maioria os poemas são ruins, mas são poemas” e que “a grande maioria dos poemas é medíocre, quase todos os romances são bons para serem esquecidos, mas nem por isso deixam de ser poemas, deixam de ser romances” (Compagnon, 1999, p. 227).

De certo modo, isso se articula à teoria de Even-Zohar: conquanto estejamos acostumados à crítica, ou seja, a julgar pautados em juízos de valor, uma pesquisa pode mudar nosso ponto de vista. O crítico israelense acertadamente pondera que “a hipótese do polissistema envolve a rejeição de juízos de valor como critérios *a priori* para uma seleção dos objetos de estudo... o estudo histórico de polissistema literários não pode se restringir às chamadas obras-primas” (Even-Zohar, 1990, p. 13) (2).

Este é o nosso prisma: embora poemas humorísticos podem não ser considerados “obras-primas” no sentido canônico do termo, isto não quer dizer que tais manifestações literárias não sejam dotadas de interesse ou não possuam traços estilísticos dignos de nota.

Essa ambivalência estilística – um texto poético que faz uso de temas cômicos – produz efeitos que merecem ser analisados: trata-se das virtualidades e potencialidades criativas de nosso sistema linguístico, materializadas num gênero em que o literário e o não literário se imbricam, criando relações no eixo paradigmático da linguagem, de forma que os recursos estilísticos presentes na poesia humorística também aparecem em maior ou menor grau em textos da linguagem comum.

Na poesia de língua portuguesa, o risível tem seu espaço praticamente desde o nascedouro, através das cantigas satíricas medievais. Da Idade Média para cá, passando por todos os estilos de época – do Barroco à literatura contemporânea – o riso está presente em todos os gêneros literários, isto é, na prosa, no teatro e na poesia, do mesmo modo como na Antiguidade.

Na poesia humorística de língua portuguesa, foco de nossa análise, a trova (3), um gênero popular de origem medieval, atravessou os séculos e chega aos nossos dias, demonstrando que a função poética da linguagem também abarca o humor em várias facetas, como, por exemplo, a sátira e o chiste (4).

2. O TROCADILHO: BRINCANDO COM AS PALAVRAS

Na esfera do humor, as escolhas lexicais são operadas para provocar emoções, assim como na lírica. O que difere é qual emoção está em jogo (o riso), de modo que o poder evocador das palavras é tão determinante quanto em outros contextos de produção: determinadas palavras são preferidas em detrimento de outras, pois nenhum emprego é meramente casual. As escolhas analisadas mais à frente são estilisticamente expressivas enquanto “desvios” em relação a um conjunto de empregos e temáticas cultural e artisticamente consagradas, de modo a intensificar e produzir efeitos de sentido humorístico.

Nos processos de interação com outros falantes, fazemos uso do repertório léxico para construir sentidos de acordo com nossa intencionalidade e com o contexto em que estamos inseridos.

Como acentuou Jakobson (2007, p. 122), a linguagem possui uma “variedade de funções” e a função de transmitir informações objetivas (referencial) é apenas uma entre seis possíveis. Segundo o autor:

o REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (...), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTATO, um canal físico e uma conexão psicológica (...). Cada um desses seis fatores determina uma diferente função da linguagem. Embora distingamos seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função (...) A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante (Jakobson, 2007, p. 123, grifos do autor).

Embora a Linguística atual utilize uma terminologia diversa, preferindo termos como *enunciador* ou *locutor*, *enunciatário* ou *locutário*, *enunciação* e *enunciado*, por

exemplo, a concepção jakobsoniana – em que pese seu tom esquemático – ainda permanece válida. É mais do óbvio que um texto acadêmico não tem a mesma “função” de um poema ou um texto publicitário não tem a mesma “função” de um verbete de obra lexicográfica.

Entre as seis funções propostas pelo mestre russo, destacamos a *função conativa*, centrada no enunciatário (o “destinatário”), e a *função poética*, centrada no próprio enunciado (a “mensagem”).

Apesar das limitações de natureza estruturalista, que restringiram sua observação aos traços gramaticais mais óbvios (5), a função conativa ou apelativa supera a própria descrição jakobsoniana, pois vai além do mero emprego de verbos no imperativo ou da figura sintático-estilística da apóstrofe. Se, pois, o inequívoco objetivo do enunciador (e do enunciado) é chamar a atenção do enunciatário, provocando-o e influenciando-o, os recursos de ordem gramatical são insuficientes para dar conta da retoricidade inerente a essa função. Outros recursos linguísticos (nem sempre tão salientes quanto os apontados por Jakobson) entram em cena, de modo que, mais do que uma reação, a real característica da função apelativa é o que a Retórica e a Estilística chamam de “adesão”, termo que encontraremos em autores como Marcel Cressot e Chaïm Perelman, por exemplo.

Há de se levar em conta que a função conativa de Jakobson é a própria essência do humor, visto que provocar o riso do enunciatário é a razão de existir de um texto que se pretenda humorístico.

Para que o enunciatário seja “provocado” pelo enunciador, é necessário que a própria mensagem chame a atenção para si mesma, como se fosse um traje provocante, capaz de atrair os olhares buliçosos do seu alvo... entra aqui em cena outra função da linguagem magistralmente assinalada por Jakobson, a *função poética*:

O pendor para a MENSAGEM como tal, o enfoque da mensagem por ela própria, eis a função *poética* da linguagem. (...) A função poética não é a única função da arte verbal, mas tão-somente a função dominante, determinante, ao passo que, em todas as outras atividades verbais ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário. (...) Daí que, ao tratar da função poética, a Linguística não possa limitar-se ao campo da poesia (Jakobson, 2007, p. 128).

De acordo com o autor, portanto, na função poética a mensagem chama a atenção por e para si mesma, de forma que, segundo seu arrazoado, está presente até onde não se mostra de forma tão vigorosa, ou seja, mesmo que apareça de forma “acessória” ou “subsidiária” (como nas outras funções não examinadas aqui: emotiva, fática, metalinguística e referencial).

No domínio do humor, o enunciado é organizado para chamar a atenção sobre si, de forma que podemos pensar que o humor, além de conativo, é intrinsecamente poético, ao menos no sentido jakobsoniano do termo.

Ainda que Cressot não estivesse se referindo a Jakobson, suas reflexões parecem ecoar a função poética, ao afirmar:

a adesão não é provocada apenas pela *solidez*, pelo *vigor* ou pelo *dinamismo* do enunciado. O *calor* da comunicação, o *prazer* dado ao destinatário, é também um fator de adesão, a ponto de a estilística, a par do fato expressivo, dever ocupar-se, em larga medida, do fato estético (Cressot, 1980, p. 14, grifos nossos)

Chamam-nos a atenção as palavras *solidez*, *vigor*, *dinamismo*, *calor* e *prazer*. A linguagem expressa não apenas nossas ideias, como também os nossos “sentimentos”

(Bally, 1921, p. 5-6), servindo de veículo da emoção e da sensibilidade. Como mencionamos anteriormente, o discurso literário desde a Antiguidade também se valeu do humor como recurso estético: o riso também é uma manifestação de prazer.

O prazer das palavras é desfrutado pelos poetas, crianças que se recusam a crescer: o que mais fazem é brincar com as palavras, em piruetas linguísticas que são “jogos lexicais extremamente criativos” (Cardoso, 2018, p. 150), como se o sistema linguístico fosse um *Lego* abstrato, composto de peças desmontáveis e encaixáveis em infinitas possibilidades.

Além do efeito evocativo que algumas unidades lexicais podem produzir no tocante ao seu significado humorístico ou pejorativo, cabe lembrar que se podem explorar nuances de sentido. Um modo de se explorar tais nuances é por meio do trocadilho, um jogo lexical que apresenta lexias com sons semelhantes, mas de significados diferentes. Caracteriza-se, segundo Tavares, por ser um “arranjo hábil de palavras semelhantes no som e cuja sequência propicia a equívocos de sentidos dúbios, principalmente visando fazer humor ou graça” (Tavares, 1978, p. 366).

Nas primeiras oito trovas que vamos analisar, os autores fazem trocadilhos por explorar a *paronomásia*, ou seja, a semelhança de sons entre unidades lexicais. De acordo com Pignatari, nesses casos “o paradigma se projeta sobre o sintagma” (Pignatari, 2005, p. 17).

O trocadilho produz notáveis efeitos de sentido nas trovas abaixo, nas quais essa relação entre o humor e o realce do pensamento se expressa por meio de uma seleção vocabular proposital.

O trocadilho é um recurso hábil na seguinte trova de Elton Carvalho:

– Quero um facão amolado,
bem afiado. – Não insista.
Jacob não venderr a fiado!
Jacob só venderr à vista!
(Carvalho, 1993, p. 20)

Quanto ao tema, a trova é um típico exemplo de “humor étnico” (Possenti, 1998), chiste que explora o estereótipo do judeu avarento (“Jacob” é um nome típico judeu).

Nesse caso, o humor é centrado na leitura equivocada do adjetivo “afiado”. Em sua avareza, Jacob entende “afiado” como “a fiado”, isto é, o freguês pede um facão amolado, mas que seja vendido “a fiado”, isto é, para pagamento posterior. Assim, “afiado” (particípio de *afiar*, “amolar”) se transforma em “a + fiado”, isto é, “a” + o particípio do verbo “fiar” (“vender a crédito”). Para que o chiste faça sentido, o vendedor tem que ter como característica a avareza. Jacob jamais venderia a crédito.

No plano da forma, é interessante apontar que a grafia “venderr” nas duas ocorrências do verbo “vender” (terceiro e quarto versos) tem a clara intenção de tentar reproduzir na escrita um traço da oralidade, ao marcar uma suposta pronúncia do personagem que não fala bem português. Essa pronúncia marcada com traços da língua hebraica reforça o estereótipo da condição estrangeira do personagem, o que contribui para a verossimilhança do enunciado: afinal um estrangeiro teria mais possibilidades de entender mal a fala de um cliente (“afiado” *versus* “a fiado”) do que um falante nativo do português.

Na trova abaixo, percebe-se um trocadilho entre “esgotado” e “esgoto”:

A um escritor mal letrado,
informa o editor maroto:
- Seu livro está esgotado:

joguei na rede de esgoto!
(Maia, 2007, p. 87)

O trocadilho explora a semelhança fonológica entre duas unidades lexicais que, embora sejam cognatas, seus significados se distanciaram do ponto de origem, o substantivo *gota*. Ainda que a unidade lexical *esgoto* (“sistema de canalização que recebe detritos”) seja formada por derivação regressiva de “esgotar” (“esvaziar até a última gota”), seu sentido é de lugar onde se acumulam restos ou detritos. Já o adjetivo *esgotado*, proveniente do particípio de “esgotar”, quando utilizado no universo editorial, relaciona-se a uma obra impressa cujos volumes não mais estão disponíveis para venda.

O chiste se baseia na semelhança entre *esgotado* e *esgoto*, de modo a caracterizar um livro ruim (“escritor mal letrado”) como se fosse um detrito.

Do mesmo autor, segue mais um chiste constituído de um trocadilho:

É uma “arapuca” perfeita...
E o guru, além do dote,
aceita tudo na Seita,
só não aceita calote!
(Maia, 2007, p. 63)

Aqui o autor explorou a paronímica entre *aceita* e *a seita*, de modo a valorizar um chiste recorrente: a ganância de líderes religiosos. Isso se traduz pelas relações de sentido tecidas pelas unidades lexicais *arapuca* (“armadilha”), *guru*, *seita* e *calote*. Embora a unidade lexical “guru” nos remeta às religiões do Oriente, seu uso pode se ampliar a qualquer líder religioso mal intencionado e ganancioso, que não aceita “calote”, ou seja, não aceita que um fiel fique sem dar uma contribuição em dinheiro.

O trocadilho entre *a seita* e *aceita* cria uma relação de sentido humorística e crítica entre duas unidades lexicais (*seita* / *aceita*) que nem são cognatas. A escolha reforça o sentido humorístico, que se valoriza pelo trato linguístico.

A mesma valorização do enunciado produzida pela paronomásia ocorre na trova a seguir, também do mesmo autor:

A velha soprava a vela,
quando o velho, de surpresa,
soprou no cangote dela...
e a velha ficou acesa!
(Maia, 2007, p. 68)

O humor do enunciado se vale de uma rede de conotações e denotações, que é tramada a partir do trocadilho entre duas unidades lexicais que não são de mesma base. O efeito de sentido humorístico decorre da semelhança fonológica entre os itens lexicais *vela* e *velha* e da ambiguidade do adjetivo “acesa”, que, em sentido denotativo se refere à *vela*, mas conotativamente, à *velha*.

Essa rede de significação pode ser visualizada no esquema a seguir:

VELA → ACESA¹
VELHA → ACESA²
VELHA → SOPRAR¹
VELHO → SOPRAR²

De modo que temos:

ACESA (ACENDER)¹ – sentido denotativo – *que tem chama* – VELA

SOPRAR¹ – sentido denotativo – *fazer o ar sair pela boca* [para apagar a vela] -VELHA

SOPRAR² – sentido denotativo – *fazer o ar sair pela boca* [para acender² a velha] – VELHO

ACESA (ACENDER)² – sentido conotativo – sexualmente estimulada – VELHA

Embora o chiste sobre a sexualidade de um casal de idosos não seja algo propriamente original, o enunciado é valorizado pelo trocadilho entre *vela* e *velha*.

Na trova a seguir, o poeta Maurício Cavaleiro opera recurso similar:

Tocou tuba a vida inteira
na banda; e era tão viciado,
que nos braços da enfermeira
morreu feliz... entubado.
(Cavaleiro, 2011)

O velho músico está à beira da morte, mas ao ver a bela enfermeira consegue encarar a morte com felicidade. O sentido humorístico é produzido pelo trato com as palavras: faz-se um trocadilho entre as unidades lexicais, de modo a se criar uma relação semântica imprevisível entre ambas: *tuba* (instrumento musical) e *entubado* (de *entubar* que por sua vez provém de *tubo*).

O que chama a atenção é o requinte do trocadilho, embora simples: ambas as unidades lexicais são de origem latina, mas *tuba* é substantivo feminino (*tuba, ae*: trombeta, primeira declinação) e *tubo*, masculino (*tubus, i*: tubo, segunda declinação). Apesar de não atribuir a ambas um sentido próximo, o autor as relaciona como se houvesse uma relação de sentido entre *tocar tuba* e ser *entubado*.

O humor de natureza sexual permeia muitas composições humorísticas, como a seguinte trova:

A madame tem motivo
de viver enciumada:
É mulher de executivo
sem ser muito executada!
(Hagen, 1984)

O chiste se baseia na semelhança entre duas unidades lexicais que, embora diacronicamente sejam cognatas, têm significados distintos. *Executivo* é aquele que ocupa cargo gerencial no mundo corporativo. *Executar*, embora lembre realizar uma ação, seu particípio (“executada”) possui sema de sexualidade, constituindo também um neologismo semântico.

O humor do chiste é resultante do jogo de palavras entre “executivo” e “executada”: o marido é um executivo que não tem tempo de “executar” suas funções conjugais, o que deixa a esposa enciumada, sugerindo-se que seu tempo pode ser gasto com outras mulheres (“tem motivo”).

A seguinte trova de Renata Paccola mostra por que certos temas do humor, embora estereotipados, são quase atemporais:

Segundo um amigo meu,
a balada fica boa,
sempre que um homem ateu
acha uma mulher à toa.
(Paccola, 2014)

O efeito de sentido é produzido pelo trocadilho que explora a semelhança

fonológica entre “ateu” e “à toa”. Embora não sejam unidades lexicais de mesma base, sua semelhança fonética, assim como os outros casos em análise, faz com que sejam colocadas dentro de um mesmo enunciado, criando uma relação de sentido.

É um chiste até certo ponto banal e previsível, mas os aspectos da versificação (rimas entre *meu / ateu* e *boa / à toa*) valorizam o enunciado apesar de se tratar de um tema recorrente. A autora cria uma relação flexiva entre o masculino *ateu* e o que seria a correspondente feminina: em vez de *ateia*, *à toa*. No contexto, o homem *ateu* é aquele que procura por uma prostituta (mulher *à toa*), ou por alguém sexualmente disponível (uma pessoa *à toa*, ou seja, sem compromisso).

A seguinte trova de Arlindo Tadeu Hagen também explora a semelhança fonológica entre unidades lexicais que não pertencem ao mesmo campo semântico nem são cognatas, mas no contexto formam uma teia de sentidos:

O casalzinho estrebucha
e a vizinhança debocha:
se ela tem fama de bruxa,
ele tem fama de brocha!
(Hagen, 2007)

O trocadilho é simples, assim como outros explora o tema do homem impotente. Reveste-se, porém, de expressividade pela arquitetura do enunciado, tanto pelas rimas aliteradas entre si (-ucha/-ocha/-uxa/-ocha) e que combinam unidades lexicais criativamente (*estrebucha/bruxa*; *debocha/brocha*), quanto pela similaridade fonológica entre “bruxa” (“mulher azeda e mal humorada”) e “brocha” (“homem impotente”) e pela aliteração resultante dessas escolhas. As unidades são muito semelhantes, tendo por traço distintivo o fonema vocálico da sílaba tônica /u/, /o/.

A vizinhança debocha do mau humor da mulher (“fama de bruxa”) e da impotência do marido (“fama de brocha”), como se ambas as situações fossem decorrência uma da outra: a mulher é mal humorada porque o marido é brocha ou ele brocha porque a mulher é mal humorada.

Como nos lembra Ullmann, a polissemia e a homonímia são fontes produtivas de trocadilhos, independentemente de serem fracos ou engenhosos (Ullmann, 1964, p. 390). Concordamos com o autor quando diz que a maioria “não são mais que súbitos e isolados clarões de engenho ou de humor” (Ullmann, 1964, p. 397), acrobacias linguísticas que visam a divertir o enunciatário.

Outro aspecto a se destacar no trocadilho é a questão da significação das unidades lexicais, de modo que a ambiguidade real ou sugerida pode servir de mote cômico. Encontramos, por exemplo, trocadilhos com antropônimos que se revestem de comicidade por sugerir ou negar características físicas ou de personalidade das pessoas nomeadas.

Visto que empregamos os substantivos para nomear o mundo e as coisas, esse ato de nomeação pode propositalmente criar estranhamento, revestindo-se de tonalidade cômica, quando utilizados como antropônimos, de modo que uma sogra poderia se chamar “Santa” ou um ladrão, “João Honesto” (nome de uma raposa das HQ do universo Disney).

No extinto programa radiofônico *A turma da Maré Mansa* havia um personagem chamado “Burroso”, que representava o estereótipo do aluno de poucos atributos intelectuais, sufixação formada por [burro] + [oso].

A trova humorística emprega uma variedade de nomes próprios (Zé, João, Raimunda, Jacó, Salim etc.) na maioria das vezes apenas para caracterizar tipos populares com o objetivo de contextualizar o enunciado ou meramente por injunção da rima.

Esse uso frequente e banal se contrapõe a usos bastante expressivos, em que o antropônimo empregado no texto produz efeitos de sentido humorístico, reforçando o chiste ou ele mesmo sendo o mote do enunciado. Há contextos em que o significado do nome próprio é a própria razão de ser do humor. É o caso, por exemplo, do nome próprio “Raimunda”, empregado em textos humorísticos por causa da rima que sugere.

A segunda parte do livro “A trova no Brasil: história e antologia”, de 1972, organizado pelo advogado e poeta Aparício Fernandes (1932-1996), é constituída por uma antologia com três mil trovas, das quais mil são humorísticas. Nesse conjunto bastante desigual, aparecem algumas trovas em que o antropônimo é expressivo pela sugestão humorística. Desse acervo, recolhemos quatro casos em que o nome próprio produz efeito de sentido humorístico.

No humor – e esse é um estereótipo inescapável – as sogras são sempre figuras más. Como tratar desse tema de modo criativo? Célio Grünewald tentou (e conseguiu):

Dona Benta, a minha sogra,
a mim nunca convenceu:
se foi benta, não me logra
- o diabo é quem benzeu!
(Grünewald, 1972, p. 210)

O nome próprio *Benta* é feminino do nome masculino *Bento*, do latim *Benedictus* (que também resultou em *Benedito/Benedita*), derivado do verbo *benedicare* (“abençoar”, “bendizer”). A ironia está em uma mulher má chamar-se “Benta”, como se o nome próprio tivesse alguma relação com a personalidade da pessoa nomeada em vez de ser algo arbitrário. O chiste contrapõe *Benta*, substantivo próprio, a *benta*, adjetivo derivado da forma participial do verbo “benzer”, de modo a sugerir o contraste entre o significado da unidade lexical e a pessoa nomeada.

Como a sogra é má (“não me convenceu”), ser “abençoada” é uma contradição que o enunciador resolve no brilhante paradoxo do último verso: “o diabo é quem benzeu”. Logo, se a mulher se chama “Benta”, só pode ter sido abençoada ou benzida pelo Diabo, logo está longe de ser uma pessoa afável como a personagem homônima de Monteiro Lobato...

Qual seria o nome perfeito para um homem boa-vida? De acordo com o chiste da trova seguinte, seria “Domingos”:

Vive o Domingos feliz,
sem o trabalho enfrentar,
que os “Domingos” – ele diz –
são feitos pra descansar.
(Guimarães, 1972, p. 217)

“Domingo” é palavra de origem latina, advinda da liturgia católica – *dominicus*, “dia do Senhor”. Para contrapor-se ao Judaísmo, a Igreja Católica instituiu o domingo (dia de missa) como dia de repouso semanal no lugar do sábado (*shabbat*, hebraico, o dia de descanso no calendário judaico).

O que se faz no chiste é uma leitura não *bona fide* de “domingo”, ao invés de “dia do Senhor”, “dia de descanso” (os dois sentidos se superpõem), justificando que um homem chamado “Domingos” possa viver sem trabalhar: os “Domingos” são feitos pra descansar, ou seja, tanto os dias da semana quanto os homens chamados “Domingos”.

No humor, homens não são responsabilizados por seus atos: são “tentados” ou “seduzidos” pelas mulheres, geralmente vizinhas, primas, cunhadas, empregadas ou jovens sedutoras. Esse estereótipo está presente na seguinte trova:

Vigário, a prima Inocência
está na vila outra vez:
me dê logo penitência
para os pecados de um mês!...
(Silva, 1972, p. 187)

O cenário é simples: um homem está se confessando (o vocativo “vigário”, no primeiro verso, sugere uma conversa de confessorário) e, ao contrário do esperado, inverte a lógica: está se confessando pelos pecados que ainda não cometeu (“pecados de um mês”), que é cobiçar a prima.

Essa prima tem um nome próprio que está na final do primeiro verso, rimando com o terceiro (*Inocência* / *penitência*). O nome escolhido é o mote do chiste: “Inocência”, substantivo próprio, sugere pecado e não “inocência”, substantivo comum. A prima Inocência deve ser uma mulher bonita e provocante, daí o homem querer penitência antecipada para os pecados cometidos ao longo de um mês, de modo que o nome próprio sugere exatamente o oposto de seu significado.

Trocadilhos feitos com nomes próprios podem ser expressivos, de modo a se explorar a contradição entre o significado básico da unidade lexical e o sentido que assume dentro de um contexto.

Por fim, de Arlindo Tadeu Hagen, a seguinte trova também explora o significado de um nome próprio:

No forró, lá no escurinho,
ante tanta iniquidade,
foi que meu primo Santinho
perdeu sua "santidade".
(Hagen, 1982)

O primo (possivelmente um homem jovem) foi a um forró, onde a conduta licenciosa resultou em que tivesse relações sexuais pela primeira vez. Sua condição é sugerida pelo nome “Santinho”, diminutivo de “Santo”, que tem sema de /virgindade/ ou /pureza/. Santinho não resistiu ao vigor festivo do forró (“tanta iniquidade”), onde deixou o significado do nome de lado e “perdeu a santidade”.

No tocante aos trocadilhos envolvendo nomes próprios, chama-nos a atenção que os nomes próprios, assim como muitos substantivos comuns, também tendem a se arcaizar em função do uso de uma comunidade linguística, de modo que diminuam de frequência. Nomes próprios como os que analisamos, *Benta*, *Domingos*, *Inocência* e *Santinho* (*Santo*), acabaram sendo usados com objetivo humorístico, uma vez que nas trovas se explora seu real significado, o que acaba se perdendo no caso dos antropônimos, já que o significado adquire opacidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O humor é uma característica intrínseca dos homens, indissociável, portanto, da humanidade. Isto por si só já é uma justificativa válida para todo estudo, independentemente do escopo, que contemple qualquer manifestação humorística.

Ora, sendo o humor indissociável de nossa essência, nada mais óbvio que esteja presente em maior ou menor grau em vários discursos que circulam na sociedade, inclusive o literário que, pelo seu *status* de discurso fundador ou constituinte, não apenas se sobrepõe aos demais como também interage com eles a fim de produzir sentidos.

E como o discurso literário, então, produz sentidos? Diversas são as formas encontradas, em particular na sua interface com o humor, para explorar as potencialidades do sistema linguístico.

Embora tenhamos, devido à natureza deste estudo, analisado poucos exemplos para fins de amostragem, o trocadilho é um recurso estilístico bastante produtivo em textos de humor, e pode resultar em notáveis efeitos expressivos.

Resta-nos observar, enfim, que as trovas analisadas são poemas produzidos por autores anônimos que mostraram predisposição e sensibilidade para escrevê-los. Percebe-se que os trocadilhos com seus efeitos de sentido são expressivos e criativos.

REFERÊNCIAS

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 2ª. ed. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1921. Vol. I.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARDOSO, Elis de Almeida. *O léxico no discurso literário: a criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea*. São Paulo: Edusp, 2018.

CARVALHO, Elton. *A sogra & outras piadas*. Niterói (RJ): Cromos, 1993.

CAVALHEIRO, Maurício. Tocou tuba a vida inteira. In: *LII Jogos Florais de Nova Friburgo*. Nova Friburgo, 2011. Disp. em: <http://falandodetrova.com.br/friburgo2011T>

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

CRESSOT, Marcel. *O Estilo e suas técnicas*. Trad. Madalena Cruz Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Os motivos da sátira romana*. Marília: FFCL, 1968.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. *Poetics Today*. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication. Vol. 11, number 1: 1990.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GRÜNEWALD, Célio. Dona Benta, a minha sogra. In: FERNANDES, Aparício (Org). *A trova no Brasil: história e antologia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

GUIMARÃES, Carlos. Vive o Domingos feliz. In: In: FERNANDES, Aparício (Org). *A trova no Brasil: história e antologia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

HAGEN, Arlindo Tadeu. O casazinho estrebuchá. In: *Jogos Florais de Pouso Alegre*. Pouso Alegre (MG), 2007. Disp. em: <http://falandodetrova.com.br/pousoalegre2007>

HAGEN, Arlindo Tadeu. A madame tem motivo. In: *XXV Jogos Florais de Nova Friburgo*. Nova Friburgo (RJ): 1984. Disp. em: <http://falandodetrova.com.br/friburgo1984>

HAGEN, Arlindo Tadeu. No forró, lá no escurinho. In: *Jogos Florais de Sete Lagoas*. Sete Lagoas (MG), 1982. Disp. em: <http://falandodetrova.com.br/setelagoas1982>

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24^a. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro: Perspectiva, 2000.

MAIA, Edmar Japiassu. *Prismas*. Rio de Janeiro: Ed. do Poeta, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa e Maria Emília A. T. Lima. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

PACCOLA, Renata. Segundo um amigo meu. In: *LV Jogos Florais de Nova Friburgo*. Nova Friburgo, 2014. Disp. em: <http://falandodetrova.com.br/friburgo2014>

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Joubert de Araújo. Vigário, a prima Inocência. In: FERNANDES, Aparício (Org). *A trova no Brasil: história e antologia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 6^a. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1978.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à Ciência do Significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1964.

NOTAS

(1) “...a semiotic system can be conceived of as a heterogeneous, open structure... is, necessarily, a polysystem - a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent.”

(2) ...the polysystem hypothesis involves a rejection of value judgments as criteria for an *a priori* selection of the objects of study... the historical study of literary polysystems cannot confine itself to the so-called ‘masterpieces’...”

(3) Nem trovas analisadas neste trabalho estão disponíveis em livros e foram recolhidas do site www.falandodetrova.com.br, página pessoal do poeta José Ouverney, de Pindamonhangaba, ele mesmo um prolífico autor de trovas. Tais trovas foram premiadas

em concursos literários dedicados ao gênero. Assim, para fins bibliográficos, registramos o nome do autor, o primeiro verso, seguido do nome do concurso, o ano e o link em que se encontra disponível.

(4) “Chiste” é a tradução da palavra alemã *witz*, sem equivalente exato para o português, sendo vertida mais comumente como “gracejo”. Trata-se de uma noção amplamente discutida por Sigmund Freud em seu clássico *O chiste e sua relação com o inconsciente*, de 1905, obra pioneira na qual procura descrever e classificar o chiste. Freud postula que o *witz* é um gracejo que produz efeito de humor, mesmo que não seja essencialmente comédia. Entende que a principal característica do chiste é a brevidade, o que chama de *abreviação* ou *condensação*. Para nós, o chiste está mais próximo do que os franceses chamam de *mot d’esprit*, um dito espirituoso.

(5) “A orientação para o DESTINATÁRIO, a função CONATIVA, encontra sua expressão gramatical mais pura no vocativo e no imperativo, que sintática, morfológica e amiúde até fonologicamente, se afastam das outras categorias nominais e verbais” (Jakobson, 2007, p. 123).

DRUMMOND E AS FLORES DA RESISTÊNCIA: ESTUDO DOS CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS NA CRIAÇÃO POÉTICA EM SALA DE AULA

Katia MELO

INTRODUÇÃO

As reflexões sobre o ensino da língua portuguesa indicam a necessidade muito mais de letramento do que apenas de alfabetização para leitura e escrita. Ao nos referirmos ao letramento, é necessário lembrar que se trata da apropriação da língua materna, do seu contexto de uso e de interação.

O trabalho com a língua e, sobretudo, com o léxico em sala de aula precisa considerar o contexto e os elementos da vida cotidiana, a fim de transformar os alunos em cidadãos críticos e reflexivos.

No entanto, ainda há uma cobrança com referência ao trabalho docente, considerando o ensino da norma-padrão da língua portuguesa apenas. Desconsidera-se muitas vezes que é através das diferentes formas e usos da linguagem que haverá formação contextualizada do estudante.

Em contrapartida, o desempenho dos estudantes da rede pública estadual de São Paulo tem sido insatisfatório e decrescente, conforme o nível de escolarização. Entendemos que quanto mais anos de estudo na educação básica, menor é o rendimento em língua portuguesa.

A justificativa para tais resultados encontra-se não somente em relação ao conteúdo da área de língua portuguesa, que limita as possibilidades criativas e autorais dos alunos, mas também quanto à formação e valorização dos professores.

Tendo em vista o atual contexto do processo de ensino e aprendizagem, aplicamos uma proposta de intervenção com o objetivo de incentivar a leitura, reflexão e aprimoramento da escrita dos estudantes do oitavo ano do ensino fundamental – anos finais.

Foram selecionados seis poemas da obra *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade (2008) - “O Mito”, “Caso do vestido”, “Morte do Leiteiro”, “Morte no avião”, “O medo”, “A flor e a náusea” -, a partir dos eixos temáticos do amor, morte, medo e sociedade.

O trabalho em sala de aula considerou a análise das escolhas lexicais do poeta e a formação dos campos léxico-semânticos mencionados para que, a seguir, os estudantes pudessem produzir seus próprios poemas. O estudo analisou as produções estudantis, com enfoque em sua visão de mundo, pressupostos e sentimentos. Por isso, a pesquisa se baseou na análise das produções dos alunos em seus aspectos lexicais e estilísticos, a partir do processo de leitura coletiva, discussão, análise, escrita e reescrita.

As atividades em sala de aula foram realizadas em rodas de conversa com a intenção de desenvolver a leitura para fruição, o gosto pelo livro e pelo texto literário, sobretudo, pela poesia, reconhecendo a estrutura do gênero poema e proporcionando a interação, a leitura, e a produção escrita artística coletiva.

A pesquisa considerou a lexicologia, a análise literária e o ensino de poesia em sala de aula com vistas ao desenvolvimento da competência leitora e escritora dos estudantes.

As escolhas léxico-semânticas e a expressividade dos alunos os fazem se apropriar da língua portuguesa, refletirem sobre sua escrita e o que pretendem expressar aos leitores, pois não se trata apenas de uma atividade para a professora, mas uma produção a ser compartilhada com a comunidade escolar, pais, professores, alunos e funcionários. É importante que os alunos se percebam autores de seu próprio texto.

1. AS ESCOLHAS LÉXICO-SEMÂNTICAS COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Biderman (1978, p.139) afirma que o léxico se refere a toda experiência e cultura da sociedade, compondo o conhecimento linguístico ilimitado e indefinido. Entende que a língua é viva e está em constante evolução, sendo os falantes os grandes responsáveis pela transmissão, alteração, variação e reelaboração do léxico.

A língua varia, se modifica e evolui de acordo com o local, tempo, situação de comunicação, grupo social ou estilo. Assim, o sistema linguístico é dinâmico, flexível e mutável, conforme as influências internas e externas. Antunes (2012, p.31-33) corrobora, afirmando que o léxico sofre processos de lexicalização (uso) ou deslexicalização (desuso), mediante a atribuição de novos sentidos às palavras, criação ou incorporação de palavras estrangeiras. A autora também distingue as unidades lexicais (substantivos, adjetivos e verbos), referentes aos sentidos e experiências de mundo, das unidades gramaticais (artigos, pronomes, preposições, conjunções e advérbios) que são as palavras funcionais dentro do texto.

Polguère (2018, p.103) faz a distinção entre léxico e vocabulário. O primeiro é o conjunto de unidades lexicais ou lexias de uma língua, um campo aberto, variável. O segundo refere-se ao conjunto de unidades lexicais ou lexias utilizadas em um texto ou conjunto de texto específico.

Para Vilela (1994, p.14), léxico é o subsistema mais dinâmico da língua, configurando mudanças, variações ou inovações da sociedade. O autor apresenta o caráter cognitivo-representativo do léxico, tratando-o como um saber partilhado pela comunidade linguística.

Considerando as definições apresentadas, pontuamos que o presente capítulo se volta para as unidades lexicais, o texto, o discurso, bem como para as relações socio-cognitivas interacionais e intencionais dos interlocutores.

Ressaltamos as relações e escolhas lexicais a partir da composição de campos léxico-semânticos, tal como a classificação de Vanoye (2002):

Campo semântico é o conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado. [...] Trata-se aqui de determinar a significação particular da palavra, levando-se em conta seus empregos, seu sentido denotativo e suas conotações no enunciado.

Campo lexical é conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa (Vanoye, 2002, p.28).

Observamos que o campo semântico trata do agrupamento ideológico, interligando o sentido das unidades lexicais ou sintagmas, enquanto o campo lexical se refere ao agrupamento linguístico. Por isso, para análise do *corpus*, adotamos as definições apresentadas por Vanoye (2002).

Consideramos também Gil (2009):

Essas unidades (lexicais) podem também ser organizadas em campos semânticos (seções do vocabulário do *corpus* que correspondem a um

aspecto da realidade), não para obrigatoriamente sistematizar e revelar uma possível estruturação do léxico, mas para obter um quadro geral da ideologia construída naquele discurso (Gil, 2009, p.80).

Diante dos pressupostos teóricos apresentados, analisamos os campos léxico-semânticos do mor, morte, medo e sociedade em poemas selecionados de Carlos Drummond de Andrade e na produção poética de alunos do oitavo ano do ensino fundamental, com o objetivo de verificar a influência do cânone, refletir sobre a visão de mundo dos estudantes, suas experiências, valores, pressupostos e intencionalidade.

Entendemos que as escolhas lexicais não são arbitrárias, mas profundamente ideológicas, apresentando uma visão da sociedade, do mundo e dos seres, assim como os valores e cultura de um povo.

Há uma estreita relação entre escolhas lexicais e ideologia, pois todo o conhecimento de um povo, valores, cultura e crenças são verbalizados através do léxico. Conforme aponta Gil (2009):

A escolha lexical é uma das propriedades ou estruturas do discurso mais fortemente orientadas para a estrutura social e mais relevante para o estudo dos aspectos sociais da linguagem, pois está diretamente associada a crenças, atitudes e ideologias dos interlocutores. Isso significa que aponta diretamente para a realidade para o entendimento de mundo dos enunciantes (Gil, 2009, p.83).

Cardoso (2009) afirma que as lexias são motivadas e possuem uma intenção quando postas em determinadas situações de comunicação e é a partir das escolhas lexicais, da interação e da formação dos campos semânticos que obtemos os efeitos de sentido e a expressividade. A autora ressalta ainda que as palavras que se referem a sentimentos carregam qualidades que se opõem:

Palavras como amor, ódio, medo e suas derivadas exprimem, pelo significado do morfema lexical, emoção e sentimento. Segundo Martins, “são também carregadas de afetividade as palavras que exprimem um julgamento pessoal (1997, p.79) Trata-se principalmente de adjetivos que atribuem qualidades (positivas/negativas, valorizadoras/depreciativas) e de substantivos abstratos. (Cardoso, 2009, p.70)

Assim, o estudo do léxico em sala de aula, através de palavras que expressam emoções, sentimentos e juízos de valor, estimula a reflexão crítica sobre as questões da existência humana. Os alunos passam a fazer escolhas que retratam sua visão positiva ou negativa sobre o tema, revelando no texto sua ideologia e intencionalidade.

Neste aspecto, as escolhas lexicais são fundamentais na composição textual, pois, conforme Antunes (2012, p.53-59), partem de pressupostos como o conteúdo da mensagem, a função e objetivos pretendidos com o texto, o gênero do texto a ser produzido, o suporte, o público-alvo, a linguagem a ser utilizada, a modalidade do uso linguístico e a interação verbal contextualizada.

As escolhas lexicais são responsáveis por indicar autoria, cosmovisão, ideologia, valores, sentimentos e críticas em um processo dialógico que ultrapassa as fronteiras do tempo, da afirmação e da negação, daquilo que está explícito ou implícito no texto.

É fundamental que para o ensino do léxico sejam considerados o trabalho com o texto em seus aspectos temáticos e contextuais, o estilo e a linguagem, além dos interlocutores. Além disso, é necessário compreender que os estudantes já possuem um

repertório, cabendo ao professor promover sua ampliação através dos diferentes gêneros, autores e estilos.

Ferraz (2016, p.6) afirma ser necessário que o ensino do léxico faça parte do processo de aprendizagem em sala de aula a partir do trabalho com a leitura e produção escrita, tendo em vista o desenvolvimento das competências comunicativas. O autor cita os três tipos de vocabulário existentes - ativo, de reserva e passivo -, esclarecendo que a transposição do léxico do vocabulário passivo do aluno para o ativo se dá com o estímulo ao desenvolvimento da competência lexical e comunicativa em sala de aula. O professor de língua portuguesa atua para expandir esse conhecimento lexical, oferecendo segurança e oportunidade aos alunos para uso dos recursos linguísticos em todas as suas possibilidades.

Consideramos também os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998, p.32-33), segundo os quais os alunos precisam não apenas acessar e compreender as informações, mas sobretudo que possam aprofundar seu conhecimento de mundo, fazendo escolhas léxico-semânticas de acordo com o contexto, articulando conteúdo, registrando e esquematizando os aspectos relevantes, usando a linguagem para estruturar e explicar a realidade.

Aos professores de língua portuguesa, cabe a função de proporcionar um ensino em que o aluno articule a construção dos diferentes sentidos lexicais através do texto, jamais restringindo o processo de ensino-aprendizagem a palavras descontextualizadas.

2. AS QUESTÕES UNIVERSAIS DA HUMANIDADE NA CRIAÇÃO POÉTICA DOS ADOLESCENTES

Neste capítulo, apresentamos quatro das criações poéticas dos estudantes, sendo um poema correspondente a cada eixo temático. Pretendemos verificar a composição dos campos semânticos do amor, da morte, do medo e da sociedade, analisando como foram produzidos os poemas em relação aos temas propostos, mediante a leitura inspiradora da poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Consideramos a estrutura dos poemas, sua divisão em estrofes, esquema de rimas e ritmo, mas, principalmente, seus efeitos de sentido a partir das escolhas lexicais e formação dos campos léxico-semânticos.

2.1 AMOR: DA IDEALIZAÇÃO À DESILUSÃO

Ao refletirmos sobre os poemas drummondianos, observamos que há uma visão do amor como um sentimento ambíguo através de uma busca masoquista do ser humano por um ideal diante dos conflitos e decepções provocados.

O poema selecionado para análise, “Utopia”, foi elaborado por uma aluna de treze anos, contendo vinte e dois versos livres e apresentando o arrependimento frente a uma desilusão amorosa. Os versos iniciais apresentam uma proposição negativa quando o eu lírico feminino admite ter criado uma ilusão.

Utopia

Eu não deveria ter te olhado
Da maneira que inventei de te olhar
Eu fiz uma imagem sua
Criei uma personalidade que não existia
Sem perspectiva para a vida

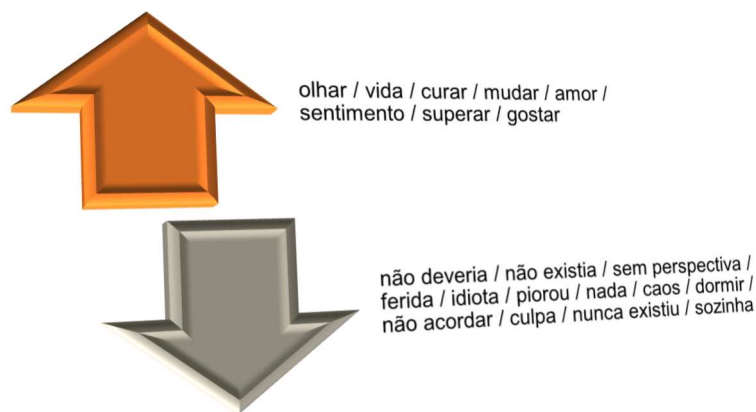
Depois de tantas vezes que fui ferida
 Eu acreditei que você poderia me curar
 Idiota fui eu, de achar que um garoto qualquer
 Alguma coisa iria mudar
 Você só piorou tudo
 Entrou do nada, saiu do nada
 Minha vida está um caos
 Eu queria dormir e não acordar mais
 A culpa não é sua
 A culpa é minha
 Por acreditar no amor
 Mesmo sabendo que esse sentimento
 Nunca foi para mim
 Nunca existiu a palavra “a gente”
 Eu inventei isso
 Mas eu vou superar, desde sempre faço tudo sozinha
 Gostar de você não foi diferente.

O amor no poema é considerado fantasioso e inalcançável, devido ao sentimento de culpa, contrastando com a temática clássica do amor. A voz feminina sente culpa por ter se iludido e acreditado num falso amor. O conflito surge ao sentir-se ferida e decepcionada, acreditando que o amado seria sua cura.

A expectativa frustrada nos revela as contrariedades do amor: sofrimento *versus* alegria. As escolhas lexicais sinalizam tais características a partir das unidades gramaticais *não*, *nunca*, *sem*, as quais indicam negação, falta e carência. Por sua vez, as unidades lexicais *piorou*, *dormiu*, *culpa*, *caos*, *ferida*, *idiota*, *sozinha* dão dramaticidade ao poema e expressam o conflito, a tristeza e o sofrimento.

No entanto, as unidades lexicais *olhar*, *gostar*, *curar*, *mudar*, *superar*, *vida*, *amor*, *sentimento* reforçam o caráter positivo do amor através das lembranças do primeiro encontro e de todas as expectativas lançadas sobre o amador. Há uma relação de dependência emocional no poema.

Podemos destacar as seguintes escolhas lexicais que se opõem no poema:



Observamos que o ciclo do relacionamento amoroso está presente: sentimento – ilusão – decepção – sofrimento – culpa – fuga da realidade – solidão – morte.

O elemento negativo é demonstrado a partir do desejo de não acordar frente à dor da frustração amorosa, mas nos últimos versos percebemos a tentativa de superação e enfrentamento.

2.2 A MORTE COMO FUGA DA REALIDADE

O tema da morte em Drummond parte de uma perspectiva reflexiva, contrapondo-a à vida. O poeta ainda aborda questões como o suicídio ou a opressão e violência que matam.

“Eu preciso de tempo” é um poema escrito em versos livres, composto por um quarteto, uma quintilha, um quarteto e uma sextilha. O texto escrito por uma aluna apresenta-se dinâmico com algumas repetições fonéticas e lexicais que se decompõem no último verso, indicando a morte lenta, a palavra que se divide em sílabas poéticas e dá seu último suspiro.

O poema apresenta anáforas, aliterações, metáforas, além de rimas.

Eu preciso de tempo

Tempo para esquecer de todo o tempo
Perdido e desperdiçado
Toda a pressão que sufoca e prende desejos
No caminho entre sonhar e dizer

Eu já cansei de engolir
Relógios de horas e grades
que me prendem e me calam
então me engasgo
e sinto arder em minha garganta

E eu queimo
Eu fujo das horas
Eu corro dos dias
E eu preciso tossir

O que era flor,
hoje é folha seca
Que guardo em um poema
para superar dilemas
Eu estou morrendo por dentro

Ins
tan
ta
nea
men
te.

Notamos também que o poema retoma alguns aspectos da poesia de Drummond a partir da temática da morte como condição da existência humana, o aprisionamento do eu no mundo desajustado, o tempo que se esvai na sociedade caótica, o sofrimento e a sensação de morte através das unidades lexicais: *secar*, *desfalecer*, *folhas secas*, *estou morrendo por dentro instantaneamente*.

O advérbio *instantaneamente* é decomposto, formando uma escada decrescente, dialogado com a temática em seu aspecto visual.

A paralisação e o fim se opõem ao tempo e à continuidade: vida e morte estão presentes no título *Eu preciso de tempo*. As unidades lexicais que enfatizam essa oposição são *tempo, desejos, sonhar, flor, dizer, dias, poema, superar*, que se contrapõem à representação da morte em *perdido, desperdiçado, pressão, sufocar, prender, calar, engasgo, arder, tossir, fugir, folha seca*.

Observamos a sensação de morrer, o sufocamento diante de um tempo que não volta mais, assim como o lamentar pelos desejos não realizados. Há uma morte simbólica no poema, uma flor que se transformou em folha seca, o que revela uma perspectiva negativa da vida e a necessidade de fuga.

Podemos notar os campos semânticos constituídos no poema mediante a oposição vida e morte:



2.3 O MEDO COMO APRISIONAMENTO

Ao refletirmos sobre o eu aprisionado e retorcido em conflito com a sociedade de Drummond, retomamos a temática do medo. E é justamente neste ponto que os alunos demonstraram a necessidade de versar sobre o tema, a partir do constante medo de viver e conviver no atual contexto social.

O poema “Tormentos” foi escrito por uma aluna e está em versos livres, apresentando uma oitava e um terceto.

Em sua estrutura, observamos aliterações, anáforas e a tentativa de formar algumas rimas em: *cerca, afeta; surtando, matando; libertar, voar, acabar*.

Tormentos

Todos os dias o medo me cerca
 Isso muito me afeta
 Estou quase surtando
 Esse medo está me matando
 Mas afinal do que sinto medo?

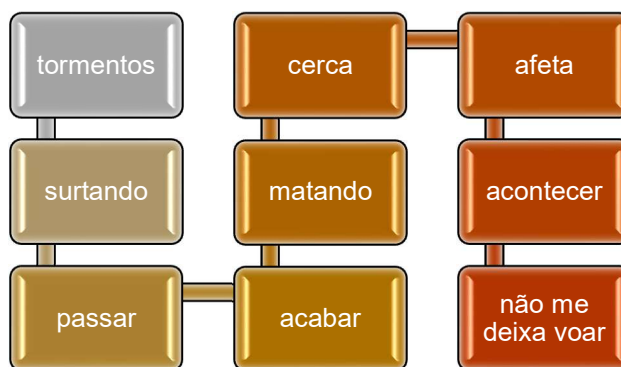
Será dos meus sonhos ou dos meus desejos?
O que irá acontecer?
O que mais terei que passar?

Quero muito me libertar
Mas o medo não me deixa voar
Como farei para isso acabar?

As unidades lexicais que compõem o campo léxico-semântico do medo no poema são: os substantivos *tormentos*, *sonhos*; e os verbos *cercar*, *afetar*, *surtar*, *matar*, *acontecer*, *passar*, *acabar*, *libertar*, *voar*.

O poema apresenta o conflito do eu atormentado pelo medo, um ser aprisionado, temeroso quanto ao futuro e paralisado, características que dialogam com a poesia de Carlos Drummond de Andrade.

As escolhas lexicais que compõem o campo léxico-semântico do medo no poema são:



O medo que enlouquece e aprisiona o ser em seus questionamentos e desejos, contudo não consegue se libertar e, nem sequer, reconhecer as razões de seus temores.

2.4 SOCIEDADE E DIVERSIDADE

A temática da sociedade buscou ampliar a visão dos alunos, propondo uma reflexão crítica, a fim de analisar o contexto social brasileiro do século XXI. O poema “Sociedade” foi escrito por quatro alunos, apresentando quatro quartetos em versos livres e rimas *jeito, perfeito; igual, afinal; odiar, igualar, ganhar; personalidade, sociedade*.

As questões mencionadas no texto referem-se ao universo escolar, como o bullying: *gordo, magro; liso, cacheado*.

Sociedade

Gordo, magro, liso, cacheado.
Todos têm o seu jeito.
Então por que apenas um padrão
É o perfeito?

Te julgam se é diferente,
Critacam se é igual.
Como devemos ser
afinal?

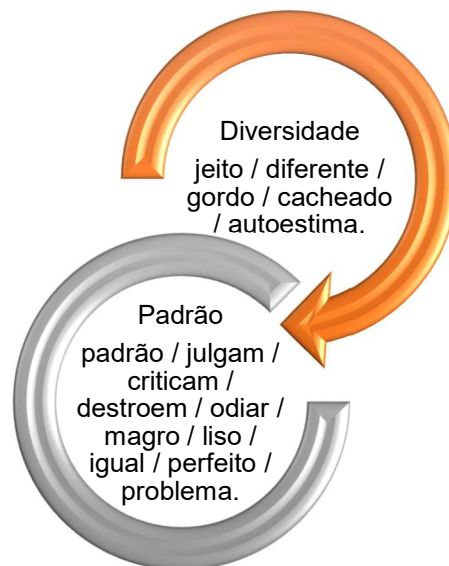
Destroem sua autoestima
E fazem você se odiar.
Então você muda para se igualar,
Mas o que é que vai ganhar?

Corpo, cabelo,
Sorriso, personalidade.
Querem mudar tudo,
esse é o problema da nossa sociedade.

As unidades lexicais que compõem o campo semântico da sociedade são os verbos *julgar*, *criticar*, *destruir*, *odiar*; os substantivos *padrão*, *problema*, *jeito*, *autoestima*; e os adjetivos *perfeito*, *diferente*, *igual*.

Percebemos uma visão da sociedade que padroniza a beleza e o comportamento, julgando àqueles que não se encaixam. Assim, Drummond retratou o ser humano em conflito com a sociedade burguesa do século XX.

As escolhas lexicais indicadas compõem o campo léxico-semântico da sociedade no poema:



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Cardoso (2009, p.75), as lexias postas em determinadas situações de comunicação, dentro de um contexto, são motivadas, ou seja, possuem uma intenção. E é a partir das escolhas lexicais, da formação dos campos semânticos e da interação entre significante e significado que se obtêm os efeitos de sentido e a expressividade que o autor pretende transmitir.

Assim, compreendemos que a expressividade e a intencionalidade dos alunos são reveladas através das escolhas lexicais dentro dos campos léxico-semânticos determinados pela proposta.

A criação poética se deu a partir da identificação com a obra, com a leitura e com a temática, sendo, portanto, uma projeção da visão de mundo e experiências dos leitores-autores. A subjetividade dos estudantes está presente em cada verso, em cada palavra, em cada estrofe como forma de reconstrução do seu eu interior.

Consideramos que este trabalho buscou traçar um panorama geral dos campos léxico-semânticos construídos pelos alunos-autores, a partir de sua aprendizagem, referências, pressupostos, bem como sua criatividade, reflexão e crítica.

Toda a construção poética, expressividade, estilo e temática fizeram com que os alunos se apropriassem da língua portuguesa, refletindo sobre seu uso, situação de comunicação e, também, sobre a escrita.

O trabalho escolar não se restringiu apenas à apreciação da docente, mas pode ser divulgado e exposto à comunidade no mural da escola. As aulas de língua portuguesa extrapolaram o ambiente físico e os materiais didáticos disponíveis, concedendo liberdade de criação, pensamento, imaginação e escrita aos alunos. Coube ao professor ampliar as possibilidades de leitura e criação, a fim de que o aluno tivesse segurança para ler e criticar um texto, uma obra e a própria sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC: ensino fundamental anos finais: língua portuguesa*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa-no-ensino-fundamental-anos-finais-praticas-de-linguagem-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>>. Acesso em 14 dez. 2019.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em 03 dez. 2019.

BRASIL. *Obras Didáticas. Guia Digital Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2020: Língua Portuguesa*. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: MEC/SEB/FNDE, 2019. Disponível em: <https://pnld.nees.com.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2020_pnld2020-lingua-portuguesa.pdf>. Acesso em 03 dez. 2019.

CARDOSO, E. A. A poesia: escolha lexical e expressividade. In: GIL, B. D.; CARDOSO, E. A.; CONDÉ, V. G. (Org.) *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

FERRAZ, A. P. (Org.). *O léxico do português em estudo na sala de aula*. Araraquara: Letraria, 2016.

GIL, B. D. A canção de consumo: léxico e ideologia. In: GIL, B. D.; CARDOSO, E. A.; CONDÉ, V. G. (Org.) *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

POLGUÈRE, A. *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. Trad. de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

VANOYE, F. *Usos da Linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VILELA, M. *Estudos de Lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

O LÉXICO TOPONÍMICO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE SALVADOR

Letícia Santos RODRIGUES

*Nas sacadas dos sobrados
Da velha São Salvador
Há lembranças de donzelas,
Do tempo do Imperador.
Tudo, tudo na Bahia
Faz a gente querer bem
A Bahia tem um jeito,
Que nenhuma terra tem!
(Dorival Caymmi – Você já foi à Bahia?)*

INTRODUÇÃO

Nos termos do que se conhece por Onomástica, ciência linguística “que se dedica ao estudo dos nomes próprios, quer se direcionem para as suas origens, quer para os seus processos de formação, quer para a sua organização no léxico das línguas e também no meio social” (Rodrigues, 2016, p. 13), destacamos duas subáreas principais, a saber: Antroponímia e Toponímia. A Antroponímia se refere ao estudo dos nomes de pessoas, enquanto a Toponímia, foco deste artigo, volta-se para os nomes de lugares, ou “topônimos”. Para Carvalhinhos (2004):

o topônimo não pode ser considerado uma palavra comum – e, portanto, não se circunscreve unicamente numa análise lexicológica – mas sim um nome comum que se tornou próprio, devemos ter como parâmetro que um topônimo designa, dentro de certo grupo humano, determinado acidente (físico ou antrópico) *e não outro qualquer* (Carvalhinhos, 2004, p. 274, grifo da autora).

Este estudo pretende analisar topônimos pertinentes aos espaços públicos da cidade de Salvador. A opção por estudar esses topônimos se deve principalmente ao fato de acreditarmos que estes, por fazerem parte do repertório toponímico da primeira cidade e capital do país, guardem informações valiosas sobre aspectos não somente linguísticos, mas também culturais, sociais e históricos, como com frequência se percebe em estudos de natureza onomástica. Portanto, nosso objetivo é descrever e analisar, sempre nos apoiando nos fatos históricos, como se deu a definição de alguns topônimos da cidade.

Para melhor embasar esta pesquisa, organizamos quatro seções que se referem, respectivamente: a) a considerações sobre Toponímia, enquanto vertente temática; b) ao nascimento da cidade de Salvador e a determinados fatos sócio-históricos e culturais que contribuíram de modo indissociável com a instituição de seus topônimos; c) ao estudo, propriamente dito, de tais topônimos do ponto de vista etimológico; e d) por fim, às nossas considerações finais.

1. TOPONÍMIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apesar das antiquíssimas elucubrações que perpassam o conceito de nome próprio e nome comum, encontradas já desde o século II a.C. com o gramático Dionísio da Trácia – ainda que sem os termos ou os aspectos utilizados e definidos hodiernamente –, é só no século XIX, com Auguste Longnon, que a Toponímia ganha ares de disciplina científica, com a sistematização de seus estudos (Carvalhinhos, 2008). No Brasil, os estudos em Toponímia começam voltados principalmente para a etimologia dos topônimos tupis, portanto, de natureza ameríndia, seguindo os modelos propostos pelo que se conhecia por Onomástica na Europa (Dick, 1994).

Nos termos deste trabalho, nos deteremos à toponímia referente à cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, fundada em 29 de março de 1549 (com a chegada de Tomé de Sousa) e primeira sede da administração colonial portuguesa do Brasil, tendo sido capital do país no período compreendido entre 1549 e 1763. Estudar o aspecto toponímico dessa cidade é ainda mais interessante ao se considerar a perspectiva histórica devido à espontaneidade nas nomeações de seus espaços públicos, que costumam retratar situações ou elementos próprios do *modus vivendi* de seu povo.

Por ter nascido e se expandido, a princípio, sem tanta preocupação quanto à sua organização “urbana”, Salvador apresentou (e apresenta, ainda que às vezes não oficialmente) em sua toponímia uma forte influência popular, como veremos na análise do *corpus*. E por muitos desses primeiros topônimos ainda resistirem, após mais de 500 anos, é que Salvador guarda, aos olhos dos seus moradores e frequentadores (mesmo que nem sempre de modo transparente, devido aos apagamentos ocorridos pelo passar do tempo), histórias que a deixam ligada, de maneira indissociável, ao seu passado e ao seu presente, numa via de mão dupla. Nesse sentido, Gonçalves (2018) explica:

E se somos leitores a-históricos, precisamos inserir o texto em outro tempo, promovendo, portanto, em outro tempo, uma leitura democrática e acessível dos nomes de lugares do passado, que por vezes, se perpetuam no presente. E se as vivências do sujeito são perpassadas pela linguagem, é preciso recontar de outras formas para construir outros sentidos (Gonçalves, 2018, p. 399).

Logo, investigar as motivações que envolvem a escolha de um topônimo é empreender um resgate histórico, situado em um local e um tempo específicos. Tendo tais considerações bem definidas, passaremos ao conhecimento dos fatos históricos, a fim de entendermos como se deu o surgimento da cidade, bem como a sua organização enquanto centro urbano – o primeiro do país – para, enfim, analisarmos os topônimos selecionados neste estudo.

2. “SALVADOR JÁ NASCEU CIDADE”: UMA ANÁLISE TOPONÍMICA

D. João III, rei de Portugal, em regimento de 17 de dezembro 1548, determina a criação de uma cidade fortificada, destinada a ser a primeira capital do Brasil, sob a responsabilidade do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, e planejada pelo arquiteto Luís Dias. A escolha do local se deveu à sua posição geográfica estratégica, inclusive do ponto de vista econômico, tendo sido um importante porto de carga e descarga de mercadorias. Assim confirma Dorea (2006, p. 323), ao dizer que “Salvador nasceu fortificada”, como observamos a partir da Figura 1. O motivo era defender os recém-chegados portugueses dos seus inimigos: piratas, por mar, e indígenas, por terra.

Logo, dentre as funções primordiais da nova cidade estavam a militar, a política e a administrativa. O habitar veio depois.

Figura 1 – Mapa da cidade de Salvador, na primeira metade do século XVII



Fonte: Simas Filho (1998).

Em razão de sua falha morfológica, Salvador é naturalmente dividida em dois planos, conhecidos como “Cidade Alta” e “Cidade Baixa”, que correspondiam, respectivamente, à sede administrativa e à zona portuária da cidade. Com frequência era necessário estabelecer relações entre tais planos, mas tal imposição topográfica impedia a mobilidade da população e a circulação de mercadorias e de serviços. Por esse motivo, a fim de resolver o problema, foram abertos acessos, engendrando as primeiras e tortuosas ladeiras que figuram ainda hoje na cidade. Posteriormente, como citam Gomes e Abbade (2016, p. 287), “foram construídos pelos jesuítas os primeiros guindastes (que se tornariam os planos inclinados) movidos, então, pelo esforço da mão de obra escrava” e que também cumpriam a função de interligar esses dois planos.

Devido à preocupação primária de serem construídas enquanto fortalezas, as primeiras grandes cidades, a exemplo de Salvador, pouco se desenvolveram da perspectiva urbanística durante, ao menos, seus primeiros duzentos anos (Smith, 2012). Nesse ínterim, ao se desenvolver enquanto cidade, até início do século XVII, a “arquitetura era mais uma questão de proporcionar abrigo do que escolha de estilo” (Smith, 2012, p. 218) e não houve, por conseguinte, preocupação quanto à formalização dos nomes dos espaços públicos. Dessa maneira, segundo Dorea (2006):

Naquele tempo, as ruas não tinham nome, nem as casas número e é claro não existiam placas. Era o povo que estabelecia e memorizava os códigos, estes assimilados ao longo dos anos, passando de geração para geração, a partir de referências de costumes, a flora nativa, capelas e igrejas, palácios e símbolos de poder. Até que um dia as casas foram numeradas e as ruas ganharam placas de pedra, mais tarde de azulejo e

metal para que o Governo pudesse cobrar os impostos e os cartórios melhor registrar a construção, compra e venda de imóveis (Dorea, 2006, p. 21-22).

Portanto, só bem mais tarde, já no século XIX, é que se consolidou a necessidade de se estabelecer os nomes das ruas de modo oficial, principalmente para começar a receber correspondências em seus domicílios, de maneira que os estabelecimentos, comerciais ou residenciais, passaram a exibir números (Dorea, 2006).

Ao analisar os topônimos de um dado sistema cultural, investimos numa tentativa de compreender os motivos que envolvem tal nomeação, atentando para a inserção destes em dada época, local, contexto histórico e cultural, de forma que:

o interesse em se descobrir o significado de determinado nome de lugar pode ser a pedra de toque para que se inicie uma pesquisa, mas acreditar que toponímia é apenas e tão somente resgatar a etimologia de uma lista de nomes é amesquinhar e diminuir a importância cultural que ela encerra (Carvalhinhos, 2008, p. 1).

Reiteramos que, ao considerar toda uma gama de elementos culturais, sociais, históricos, políticos etc.:

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Ao contrário, reflete, de perto, a própria substância ontológica do social, onerado que está de uma profunda carga significativa. Um solo agreste, um clima árido, uma vegetação pobre ou abundante, uma escassez hidrográfica, a peculiar atividade regional ou, por outro lado, a relativa segurança econômica e as tendências artístico-religiosas predominantes na localidade, tendem a configurar, com precisão, o sistema toponímico em espécie, aberto a todas as feições culturais (Dick, 1994, p. 48).

Contudo, discordamos de Dick (1994) quando alega que topônimos são itens onerados de carga significativa ao propormos que estes são, na verdade, semanticamente opacos, pois muitas vezes o seu valor semântico está associado a sincronias pretéritas, nem sempre passíveis de serem entendidas pelos indivíduos quanto ao seu significado, por assim dizer, primeiro. Assim, ao conhecermos dado topônimo, a exemplo de Ladeira da Preguiça, conseguiremos entender que se trata de uma ladeira, ou seja, um elemento geográfico que designa uma via inclinada, e que esta possui alguma referência ao substantivo comum “preguiça”, indicando “moleza”, “ócio”, mas não conseguiremos entender exatamente o contexto que abrange a escolha desse topônimo se não recorrermos à pesquisa histórica e documental. O mesmo com o exemplo Ladeira da Misericórdia, pois apesar de também figurar como um elemento do léxico comum, a palavra “misericórdia”, nesse caso, refere-se a um nome próprio, ao nome de uma instituição local. Logo, ainda que muitos topônimos aludem a nomes comuns na língua, presentes no cotidiano dos falantes, somente essa informação não é suficiente para remontar ao porquê dessa escolha.

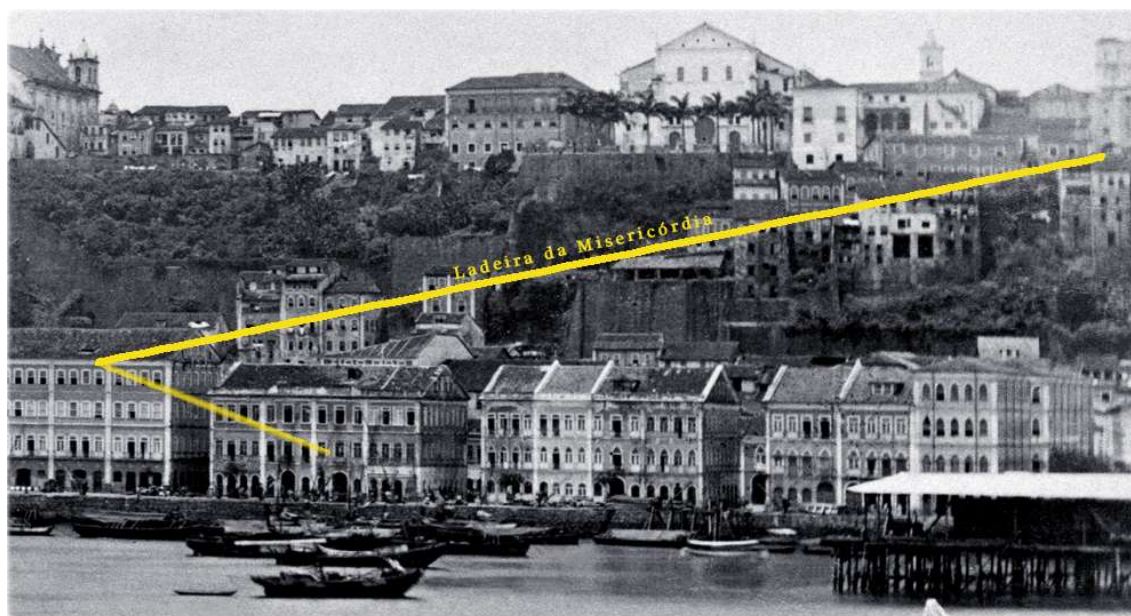
Relembramos, também, a dificuldade em fazer um resgate etimológico e histórico relativo à origem dos topônimos, com muitos casos de etimologias controversas, histórias fantasiosas e de incertezas e contradições entre os autores e as obras consultadas. Para as análises empregadas, tomamos como base estudos de diversas áreas, tais como Arquitetura, Urbanismo, História, Geografia, Linguística, Jornalismo, Antropologia etc. Um desses estudiosos é o jornalista Luiz Eduardo Dorea, autor do livro *Histórias de*

Salvador nos nomes das suas ruas (2006). Também recorremos a vários meios de pesquisa, a exemplo de dicionários, livros, artigos, revistas, entrevistas e documentários, destacando o documentário *Toponímia da cidade do Salvador* (1975), narrado pelo historiador Cid Teixeira. Passemos, então, à análise de cinco topônimos, todos localizados nas imediações do Centro Histórico de Salvador – primeira região a ser desenvolvida na cidade –, a saber: Ladeira da Misericórdia, Ladeira da Preguiça, Ladeira da Montanha, Rua do Pau da Bandeira e Largo/Rua do Guindaste dos Padres.

3. LADEIRA DA MISERICÓRDIA

A Ladeira da Misericórdia é uma das primeiras ladeiras da cidade e está localizada atrás do atual Museu da Misericórdia, situado no antigo prédio da Santa Casa de Misericórdia e ao norte da Praça do Palácio, seguindo até se encontrar com a Ladeira da Montanha (inaugurada apenas na segunda metade do século XIX, como veremos). Segundo Dorea (2006, p. 88): “É dos mais antigos topônimos ainda em uso na cidade, embora seja desconhecido o seu primeiro batismo”. Aqueles que por mar chegassem, ainda na época da concepção da velha cidade de Salvador, logo veriam essa ladeira, demarcando a integração entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Nesse fato reside, então, a importância desse acesso, por onde, desde muito cedo e quando ainda não havia tantas opções, circulavam pessoas, animais e mercadorias. Para Moraes (1959), a Ladeira da Misericórdia “Era composta toda ella por formosas casas de sobrado; porém em consequencia de grandes chuvas parte delles cahirão. Era muito ingrime, porém hoje e suave na subida e descida” (Moraes, 1959, p. 19).

Figura 2 – Indicação do caminho percorrido pela Ladeira da Misericórdia, que liga a Cidade Alta à Cidade Baixa, no Centro de Salvador



Fonte: Guia ([201-]).

Quanto à origem do topônimo, Dorea (2006) explica:

Fato historicamente comprovado é que a Irmandade e Casa da Misericórdia não existiam na Bahia nos primeiros anos que se seguiram à chegada do primeiro governador geral, Tomé de Souza, e já estava construída em 1572, ano do falecimento do terceiro governador geral, Mem de Sá. [...] É evidente que o batismo dessa rua – e da ladeira que partindo dela segue até a parte baixa da cidade – se deve à presença ali, desde os primeiros tempos da fundação de Salvador, da Igreja e Hospital da Santa Casa de Misericórdia (Dorea, 2006, p. 89).

Segundo informações do *site* oficial da Santa Casa de Misericórdia da Bahia (1), a data de sua fundação remonta ao ano de 1549. Em seu *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa já alerta para a existência tanto da Casa da Misericórdia quanto do Hospital, quando menciona: “E tornando à praça, correndo dela para o norte, vai uma formosa rua de mercadores até a Sé, no cabo da qual, da banda do mar, está situada a casa da Misericórdia e hospital, cuja igreja não é grande, mas mui bem acabada e ornamentada” (Sousa, 1851, p. 134).

4. LADEIRA DA PREGUIÇA

Considerada uma das três primeiras ladeiras da cidade, por onde eram desembarcados grandes volumes da Alfândega, a denominação “Ladeira da Preguiça” é, portanto, uma das mais antigas. No cenário atual, está localizada na região do Centro da cidade, próxima à Ladeira da Montanha – que será analisada adiante –, à Capitania dos Portos e à Bahia Marina. Em razão dessa proximidade com o mar, sua função primordial era a de interligar o porto à Cidade Alta, com escravizados conduzindo as mercadorias que vinham de saveiros e navios que por ali descarregavam. Hoje é um espaço destinado à arte urbana (2), com muros cobertos por trabalhos de artistas locais e, não raro, apresentações de diversos grupos artísticos em meio às ruínas dos antigos casarões coloniais.

Figura 3 – Grafites encontrados na Ladeira da Preguiça, em Salvador



Fonte: Arte... (2018).

A origem do topônimo é das mais curiosas. Sobre o assunto, Dorea (2006) relata:

Origina-se o seu batismo do tempo em que as poucas ladeiras, em boas condições de uso, existentes entre as partes baixa e alta da cidade, eram os caminhos usados para transportar as mercadorias do porto para o abastecimento da população. Esta não podia usar aqueles meios de acesso, devido ao volume de carga e ao péssimo estado de conservação. Abriu-se assim uma via menos íngreme, que terminava na atual Praça Castro Alves, e era através dessa ladeira que as mercadorias seriam exclusivamente transportada [sic]. Apesar disso não era trabalho fácil fazer subir os carretões puxados a bois e empurrados por escravos, que alegavam ser este um trabalho que ‘dava preguiça’. De maneira irônica foi então batizada pela população e os feitores como Ladeira do Tira Preguiça (Dorea, 2006, p. 94).

Ainda, para Gomes e Abbade (2016, p. 292): “A elite da época, a qual residia em casarões ao longo da via, costumava divertir-se com gritos de ‘sobe preguiça!’ ao presenciar os escravos subindo penosamente a ladeira”. Atualmente, é conhecida apenas como “Ladeira da Preguiça”, mas vimos que, por trás de uma simples denominação existe um (triste) passado a ser contado e que já virou até tema de música na voz de Gilberto Gil, que diz em seus versos: “Essa ladeira, que ladeira é essa? Essa é a Ladeira da Preguiça”.

5. LADEIRA DA MONTANHA

A Ladeira Barão Homem de Melo, nome oficial da Ladeira da Montanha, como é popularmente conhecida, foi concluída na segunda metade do século XIX e incorporou a parte final da Ladeira da Misericórdia. É famosa por sua estrutura em arcos, que ajuda a sustentá-la e pode ser vista da Ladeira da Conceição. Segundo Dorea (2006):

Seu projeto de implantação – com o nome de ‘Rua da Montanha’ foi elaborado, em 1873, pelo engenheiro Francisco Pereira Aguiar, mas só seria aprovado cinco anos mais tarde [junho 1878], quando a Assembleia Legislativa concedeu, através da Lei nº 1809, autorização para a construção [...]. Em 1º de março de 1879 estavam prontos os 23 arcos que deveriam sustentar a nova ‘Rua da Montanha’ (Dorea, 2006, p. 90-91).

A Ladeira da Montanha já foi considerada a principal ligação entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, sobretudo por ser menos íngreme do que as ladeiras já existentes, facilitando o acesso dos bondes movidos a burro, mas hoje perdeu essa preponderância devido ao avanço urbanístico da cidade e à expansão e abertura de outras vias, sendo atualmente mais conhecida como uma zona de prostituição.

Quanto à escolha do topônimo, Dorea (2006, p. 91) alega que “A nova via seria batizada como Rua Barão Homem de Mello [então presidente da província], mas o povo, como antes de construí-la, depois, continuou a chamá-la de ‘Rua da Montanha’ e, posteriormente, ‘Ladeira da Montanha’”. Essa resistência engendra, por vezes, o convívio paralelo entre a toponímia oficial e a toponímia popular quando, não raro, os nomes populares são mais fortes e se sobrepõem aos nomes oficiais. Esse rechaço em se adotar os nomes oficiais em detrimento dos nomes populares é assentado nas palavras de Jorge Amado, em seu livro *Bahia de Todos os Santos*, quando diz que “São muitas as ruas, são muitos os nomes assim tão saborosos. Os prefeitos vêm e mudam as placas a conselho

dos graves senhores acadêmicos. Ninguém liga. Os nomes antigos continuam, contam coisas da cidade, fazem parte não apenas da sua história como também da sua beleza” (Amado, 1970, p. 47).

6. RUA DO PAU DA BANDEIRA

É uma pequena rua do Centro da cidade, situada entre a Rua Chile e a Ladeira da Montanha. Segundo Dorea (2006, p. 94-95), de modo literal, “[...] esta via é assim conhecida desde os primeiros tempos da colonização portuguesa, pois ali se localizava o mastro no qual se hasteavam bandeiras para orientar a entrada e saída de navios no Porto da Cidade do Salvador”. Esse topônimo é mais um exemplo da literalidade presente na escolha dos nomes de alguns espaços públicos da cidade. Contudo, entendemos que esse sentido primeiro, considerado tão óbvio para a população da época, hoje se encontra semanticamente opaco, em razão do passar do tempo que muitas vezes encobre informações dessa natureza, que só podem ser novamente conhecidas por meio do resgate histórico e documental.

7. LARGO/RUA DO GUINDASTE DOS PADRES

Esse topônimo, referente a um largo e a uma rua na cidade de Salvador, também foi atribuído de forma literal, pois se deve aos guindastes que lá existiam e que eram utilizados para ajudar no transporte de materiais da Cidade Baixa para a Cidade Alta. Contudo, a ideia de guindaste adotada para os equipamentos que ali estavam era um pouco diferente da noção de guindaste como grua, ou seja, um equipamento utilizado para elevação e movimentação de cargas. Os guindastes baianos, nesse caso, funcionavam mais como um plano inclinado, como os que ainda hoje podem ser vistos na cidade, mas à época movidos pelo esforço da mão de obra escravizada. Em consonância com esse argumento, Dorea (2006) diz:

Como eram então os tais ‘guindastes’, indiscutivelmente os nossos primeiros planos-inclinados? Pirard de Laval que esteve por aqui em 1610 falando ‘de certa máquina destinada ao transporte de cargas’ dá a entender que ‘se tratava de um plano inclinado ou ascensor com dois carrinhos a trafegar simultânea e desencontradamente’ (Dorea, 2006, p. 279).

Tais guindastes, cuja primeira notícia remonta, portanto, ao início do século XVII, estavam em posse da Companhia de Jesus e transportavam mercadorias para o Colégio dos Jesuítas, situado na região da Praça da Sé (na Cidade Alta). Para Dorea (2006):

Não há dúvida que o primeiro ‘guindaste’ baiano, tal a sua necessidade, já funcionava na primeira metade do Século XVII. E uma gravura holandesa desta Cidade, feita em Amsterdã, ali por 1624, por Claes Jansz e Fisher, apresenta ‘dois grandes guindastes, que por meio de duas espécies de trenós de madeira, transportavam todas as coisas pesadas para a Cidade Alta’ (Dorea, 2006, p. 278).

Quanto à origem do topônimo, confirma Morais (1959):

Assim chamado pelo guindaste que os jesuitas alli tinham, para o desembarque o transporte até o alto do collegio, daquillo que elles recebem por mar. [...] Nos primeiros tempos da fundação da cidade

chamou-se – rua Direita da Praia – e depois que jesuitas construirão o seu magnífico caes, tomou a denominação que ainda hoje conserva (Morais, 1959, p. 17-18).

Andrade Junior (2012, p. 1, grifo do autor) informa ainda que: “foram instalados os primeiros destes ascensores, conhecidos como *guindastes* e que eram, na verdade, planos inclinados construídos e administrados pelos religiosos de diversas ordens, mas utilizados por todos aqueles que se dispusessem a pagar pelo seu uso”. Posteriormente, esses equipamentos foram substituídos pelo atual Plano Inclinado Gonçalves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao empreendermos uma investigação referente aos aspectos toponímicos de uma cidade, com frequência nos deparamos com informações que vão além do conhecimento sincrônico. Isso porque os topônimos muitas vezes escondem, devido à passagem do tempo, acontecimentos recuperados por meio da investigação histórica, amiudadamente associada a estudos geográficos, sociológicos, antropológicos, etimológicos etc. Outrossim, topônimos guardam intrínseca relação com a história do seu lugar, do seu povo, de sua época e de sua cultura. Em referência à cidade de Salvador, isso não seria diferente, tendo em vista que ela é considerada a primeira cidade brasileira, construída ainda em 1549, sob a observação do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa.

A escolha de um topônimo pode envolver diversas motivações extralinguísticas, revelando traços socioculturais do povo baiano à época de tais nomeações, como: a) um acontecimento histórico importante (ou ainda, não exatamente importante, mas tão apropriado ao cotidiano da população que se fez relevante); b) a homenagem a santos, políticos, pessoas ilustres ou personagens históricos (que podem ou não estar diretamente envolvidos com o local ao qual emprestam seus nomes, a depender dos interesses do nomeador); c) a existência, naquele espaço, de algum ponto de referência muito conhecido, como um colégio, um hospital, um órgão público etc., que passe a identificar dada região; d) o agrupamento, mais comum nos primeiros tempos, de determinados profissionais ou estabelecimentos em um mesmo lugar, passando a caracterizar e até a dar nome a uma região (como ocorreu com o topônimo “Baixa dos Sapateiros”).

Nas nossas análises, encontramos quatro topônimos associados a aspectos locais/geográficos: Ladeira da Misericórdia, Ladeira da Montanha, Rua do Pau da Bandeira e Largo/Rua do Guindaste dos Padres, que fazem referência a elementos particulares a cada lugar – respectivamente, ao hospital e igreja de mesmo nome, à sua localização, ao mastro da bandeira do Brasil e aos antigos guindastes pertencentes aos jesuítas. Por serem referências muito marcantes de indicação local, esses elementos passaram a integrar o quadro toponímico da cidade e se mantiveram mesmo após o desaparecimento das referências primárias, como o mastro da bandeira.

Já a motivação cultural e também histórica pode ser vista no topônimo Ladeira da Preguiça. Ele remonta a uma situação que, ao se estabelecer como parte da rotina daqueles que ali viviam, consolidou-se na toponímia local, representando as inúmeras vezes que os passantes reclamaram do fastidioso trabalho que era subir uma ladeira tão íngreme; ainda mais no caso dos escravizados, carregados de mercadorias e ouviam em resposta, como zombaria, que aquele serviço era bom para “tirar a preguiça”. No tocante ao topônimo Ladeira da Montanha, também é culturalmente interessante observar a resistência dos moradores da cidade em adotar o registro oficial, prevalecendo a vontade em designá-la a partir do seu nome popular.

Ademais, apesar de não terem aparecido exemplos neste trabalho, não podemos esquecer que desde a época dos “Descobrimentos” a Igreja Católica possuía forte

influência no reino português, com reforço dos padres jesuítas, e isso também se reflete no quadro toponímico de Salvador, com diversos nomes de lugares batizados em homenagem a santos e santas, como a Ladeira da Conceição da Praia, o Largo da Graça, o bairro do Santo Antônio Além do Carmo etc. Salientamos também a atribuição de nomes de personalidades ilustres ou poderosas a lugares como forma de demarcar influência política, social e/ou cultural (3).

Para finalizar, reconhecemos que Salvador é, atualmente, conhecida como a terra da alegria, inúmeras vezes retratada nas canções e escritos de seus artistas, famosos mundialmente. Mas é no intenso aspecto cultural que atrai olhares não só de turistas, mas também de pesquisadores e estudiosos de diversas áreas, que se encantam pelos tesouros escondidos em sua história. Na Toponímia, isso se confirma na investigação da origem do nome de suas ruas, ladeiras, becos, bairros, praças e demais espaços públicos que unem, a um só tempo, passado e presente.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*. 17. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Viera de. A rede de ascensores urbanos de Salvador: do Guindaste dos Padres aos dias de hoje. In: VI Colóquio Latino-Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial, 6., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: TICCIIH Brasil, Centro Universitário Belas Artes, SESC-SP, Cinemateca Brasileira, 2012.

BAHIA, POR EXEMPLO. Produção: Companhia(s) produtora(s): Polígono Filmes. Direção: Rex Schindler. 1969. (1h12m59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=53Q9REA0b-E>. Acesso em: 19 maio 2024.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. A Onomástica e o resgate semântico: as antas. *Estudos lingüísticos XXXIII*, São Paulo, v. 33, p. 274-279, 2004. Disponível em: http://www.academia.edu/500706/A_ONOM%C3%81STICA_E_O_RESGATE_SEM%C3%82NTICO_AS_ANTAS_ONOMASTICS_AND_SEMANTIC_INVESTMENT_ANTAS_. Acesso em: 19 maio 2024.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FFLCH/USP, 2008. p. 1-20. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/01_10.pdf. Acesso em: 18 maio 2024.

CAYMMI, Dorival. *Você já foi à Bahia?* Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dori-caymmi/voce-ja-foi-a-bahia/>. Acesso em: 20 maio 2024.

DICK, Maria Vicentina. Toponímia e línguas indígenas do Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 435-436, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n22/59.pdf>. Acesso em: 18 maio 2024. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxii_cnlf/cnlf/tomo02/030.pdf. Acesso em: 19 maio 2024.

DOREA, Luiz Eduardo. *História de Salvador nos nomes das suas ruas*. Salvador: EDUFBA, 2006.

GOMES, Marta Maria; ABBADE, Celina Márcia de Souza. Os nomes das ladeiras do centro de Salvador: do símbolo da justiça aos órgãos administrativos. In: Congresso Internacional de Linguística e Filologia, 2.; Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 20., 2016, Rio de Janeiro. *Cadernos...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016. https://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_02/_CNLF_XX_02.pdf#page=280. Acesso em 20 maio 2024.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Edição de texto e aspectos da toponímia baiana em documentos históricos. In: XXII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2018, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018. p. 397-405.

GUIA GEOGRÁFICO: Ladeira da Misericórdia. Salvador. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/salvador/centro-historico/misericordia-ladeira.htm>. Acesso em: 20 maio 2024.

GILBERTO GIL. *Ladeira da Preguiça*. In: REGINA, Elis. *Elis*. São Paulo: Philips, 1973.

GILBERTO GIL. *Anos 70, ao vivo*. São Paulo: Discobertas, 2017. (Caixa com 6 CDs).

MORAIS, Mello. *Praças, ruas e ladeiras da cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1959.

RODRIGUES, Letícia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMAS FILHO, Américo. *Evolução física de Salvador, 1549 a 1800*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos; Universidade Federal da Bahia Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia, 1998.

SMITH, Robert Chester. *Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo*. In: FILHO, Nestor Goulart Reis (org.). Brasília: IPHAN, 2012.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. [1851]. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4795>. Acesso em: 20 maio 2024.

TOPONÍMIA DA CIDADE DO SALVADOR. [S.l.: s.n.], 6 dez.2018. 1 video (33min 39s). Publicado pelo canal TVE Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A3uSVKEKAQY>. Acesso em: 19 maio 2024.

NOTAS

(1) Disponível em: <https://www.santacasaba.org.br/>

(2) Arte urbana no Centro de Salvador? É na Ladeira da Preguiça. *Na Bahia*, Salvador, 9 jun. 2018. Disponível em: <http://nabahia.com.br/noticias/1248/arte-urbana-no-centro-de-salvador-ce-na-ladeira-da-preguicca>. Acesso em 19 maio 2024.

(3) Um caso famoso e polêmico é o da alteração, em 1998, do nome do aeroporto da cidade, antigamente conhecido como Aeroporto 2 de Julho, em referência à data de independência do estado da Bahia, para Aeroporto Deputado Luís Eduardo Magalhães, nome do filho do ex-senador e ex-governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, poderoso político baiano – apesar de muitos ainda usarem o primeiro nome.

BREVE ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DA CONCORRÊNCIA DAS PALAVRAS *ALEIJADO* E *DEFICIENTE FÍSICO*

Luanna de Sousa do Nascimento Oliveira

INTRODUÇÃO

Em meados do século XX, pessoas com deficiência enfrentavam um cenário de exclusão e marginalização social em muitos países. O contexto histórico era marcado por uma visão predominantemente assistencialista, em que as deficiências eram tratadas como um problema individual a ser resolvido por meio de caridade ou institucionalização, em vez de um tema de direitos humanos e inclusão social.

As políticas públicas e serviços especializados para essa população eram limitados, e o acesso à educação, ao trabalho e à saúde era extremamente restrito. Muitas pessoas com deficiência eram mantidas em instituições ou isoladas em casa, sem participação ativa na sociedade. Havia uma falta de infraestrutura acessível, como transporte público e edificações adaptadas, e as barreiras físicas e atitudinais impediam que essas pessoas tivessem uma vida autônoma e integrada.

Foi somente a partir das décadas de 70 e 80 que movimentos de defesa dos direitos das pessoas com deficiência começaram a ganhar força, culminando em avanços como a declaração do Ano Internacional das Pessoas Deficientes em 1981 pela ONU. Esse período deu início a uma conscientização mais ampla sobre a importância da inclusão, igualdade de oportunidades e acessibilidade para todos.

No Brasil, posteriormente, com o Relatório Geral das atividades da Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes (1981), cujo objetivo foi documentar as ações e iniciativas realizadas durante o Ano Internacional das Pessoas Deficientes, é possível perceber que há um consenso quanto à postura a ser adotada pela sociedade em relação às pessoas com deficiência, “assumindo suas necessidades e compreendendo não só os seus problemas e limitações, mas, sobretudo, suas possibilidades de realização” (CNAIPD, 1981, p.4). Essa nova visão, consequentemente, acabou por influenciar também a terminologia sobre a deficiência na era da inclusão.

Não há dúvida de que a linguagem pode influenciar relações sociais, visto que tem um papel importante na sociedade. Logo, o uso correto de termos (1) técnicos é fundamental e vai além de uma simples questão semântica ou de pouca relevância, especialmente quando se trata de abordar construtivamente temas sociais em uma perspectiva inclusiva. A adequação terminológica é especialmente importante quando são abordados assuntos tradicionalmente corrompidos de preconceitos, estigmas e estereótipos, como é o caso das deficiências que aproximadamente 14,5% da população brasileira possuem (Sassaki, 2010).

É importante compreender que os termos considerados corretos refletem os valores e conceitos predominantes em cada sociedade e período histórico. Dessa forma, é fundamental reconhecer também que nenhuma estrutura linguística deve ser observada ignorando o seu aspecto social, visto que só podem ser consideradas vivas enquanto compartilhadas e usadas em sociedade. Partindo, portanto, desse pressuposto, muitas correntes linguísticas de ordem histórico-social estudam as línguas não somente pela sua estrutura, mas também pelo seu papel e pelo seu uso em sociedade. Dessa forma, pode-

se afirmar que estudar uma língua é considerar todo o seu aspecto heterogêneo, isto é, os diversos usos que os falantes fazem dela.

Para um estudo completo do léxico, é necessário observar tanto os seus aspectos intra- quanto extralinguísticos. Em vista disso, é proposta pela pesquisa, com base nas considerações sobre o papel social da linguagem e sobre a deficiência física, uma breve análise da concorrência das formas *aleijado* e *deficiente físico* usadas para nomear as pessoas que, de forma ampla, possuem alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo, acarretando o comprometimento da função física. Este trabalho pretende verificar as ocorrências dessas formas e as concepções que adquiriram, tendo-se em conta a evolução cronológica dos termos e de seus campos semânticos (2), bem como analisar os fatores sócio-históricos que eventualmente influenciaram a transição de *aleijado* > *deficiente físico*. Tal estudo parte do pressuposto de que, conforme observa Georges Matoré (1953), se há uma mudança na forma como algo é denominado, há também uma mudança, nem que seja mínima, na forma como a sociedade vê essa entidade ou objeto.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 LEXICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

Em meados do século XX, o pesquisador francês Georges Matoré (1953) publica sua inovadora obra *La méthode en lexicologie: domaine français*, que explora os fundamentos da lexicologia no contexto da língua francesa. Nesse trabalho, o autor afirma que não há como entender as palavras como unidades isoladas de significado, mas sim como parte de um sistema maior que reflete o mundo social e cultural.

A metodologia de Matoré (1953) combina uma análise semântica com uma abordagem histórica e social, mostrando como as palavras evoluem e se transformam ao longo do tempo com base em mudanças culturais, políticas e econômicas.

Ademais, a obra introduz uma nova maneira de estudar o vocabulário, indo além de definições simples e enfocando os fatores externos que moldam e influenciam o desenvolvimento das palavras e dos conceitos. O pesquisador também enfatiza o estudo das *palavras-chave* de uma época, ou seja, termos que desempenham um papel central no pensamento e no discurso de uma determinada sociedade.

Para o autor, a organização do vocabulário, por sua vez, se dá em relações sintagmáticas e paradigmáticas na mente dos indivíduos, seguindo a concepção estruturalista, e o fator social é representado como a principal condição da organização desse vocabulário. Por fim, a sincronia e a diacronia são apresentadas de forma complementares e não são rigidamente opostas, como na concepção estruturalista de Saussure.

Matoré (1953), a partir desses postulados, constitui uma metodologia de pesquisa. Cambraia (2013, p.162-163) descreve brevemente esse método:

Matoré inclui inicialmente o estabelecimento de recortes temporais, que devem considerar a noção de geração, que compreende faixas de tempo de 30 a 36 anos (p. 56-59). Esses “recortes racionais” devem ser fixados com base em datas importantes na história do léxico e da sociedade (e não simplesmente em datas da história política). Em seguida, são identificados em cada faixa de tempo campos nocionais (conjunto de palavras), baseados no “parentesco sociológico dos elementos” (p. 64-65). Os elementos que formam esses campos são as

palavras-testemunho (elementos particularmente importantes em função dos quais a estrutura lexicológica se hierarquiza e se coordena): a palavra-testemunho é “um símbolo material de um fato espiritual importante, é a concretização de um fato de civilização” (p. 65-66). Ela não é caracterizada apenas por seu valor estático no interior do campo, pois manifesta também um dinamismo: “a palavra-testemunho é o símbolo de uma mudança, [...] é um neologismo; a mutação brusca que lhe dá nascimento é o sinal de uma nova situação social econômica, estética, etc.: ela marca uma virada” (p. 66). Como são muitas as palavras-testemunho, devem-se classificar os campos nocionais com base em palavras-chave (uma noção de caráter social que expressa de maneira sintética a época estudada): essas palavras são “unidades lexicológicas que exprimem uma sociedade, consistem em um ser, um sentimento, uma ideia que a sociedade reconhece como um ideal” (p. 67). As palavras-chave são divididas em principal e secundárias (p. 69), existindo entre elas uma hierarquia. Com base nesse método, é possível descrever campos nocionais de cada época, cujos elementos estão ordenados segundo fatores de ordem sociológica (Cabraia, 2013, p.162-163).

No entanto, o pesquisador francês recebeu substanciais críticas ao seu trabalho. Estudiosos contemporâneos de Matoré (1953) consideravam que seu método não dava importância à análise semântica que poderia ser estabelecida entre os lexemas. Entendiam que sua metodologia se baseava em uma abordagem sociológica, não linguística, e instituiu relações considerando a *norma* da língua, e não seu *sistema*. Além disso, a arbitrariedade na escolha e na organização dos campos nocionais, a adesão de recortes temporais baseados na teoria das gerações e várias outras questões ideológicas que atravessam o método foram pontos bastante criticados (Cabraia, 2013).

Cabraia (2013) afirma que um dos questionamentos feitos ao pesquisador supracitado é a procedência do *corpus* utilizado para compor os campos nocionais. A crítica refere-se ao fato de ele não contemplar uma parte considerável do léxico francês, justamente pelo fato de o léxico de uma língua ser imenso, impossibilitando sua total apreensão. No que diz respeito à heterogeneidade social, Cabraia (2013) afirma haver certa negligência no *corpus* do trabalho de Matoré, composto, basicamente, de textos de escritores e filósofos, membros das classes mais ricas, deixando de contemplar outras camadas sociais. O pesquisador brasileiro, devido a isso, infere que a lexicologia de Matoré (1953) é social, mas não sociolinguística, uma vez que não contempla essas diferentes características da estrutura social.

Com a finalidade de fornecer suas contribuições ao método, a fim de aprimorar o trabalho de seu precursor, Cabraia (2013), além da associação entre lexicologia social e sociolinguística, sugere mudanças para a estruturação da abordagem sócio-histórica, considerando as inadequações apresentadas pela lexicologia social de Matoré (1953). Assim, as questões puramente linguísticas, as quais Matoré (1953) colocou em segundo plano em seu modelo, são repensadas, pois a análise dos componentes semânticos das palavras, segundo Cabraia (2013), auxilia na consolidação de critérios mais adequados para o estabelecimento dos denominados campos nocionais. Ademais, os recortes temporais e os limites definidos que foram estabelecidos por Matoré (1953), para o pesquisador, foram substituídos por uma visão mais dinâmica da evolução da língua e da sociedade segundo a qual a criação de uma palavra e a sua propagação podem ser invocados para representar mudanças na história social.

Portanto, para o presente trabalho, toma-se como referência o trabalho de Cabraia (2013), com o intuito de obtenção de resultados com um maior rigor científico,

já que, fundamentando-se na lexicologia social de Georges Matoré (1953) e na sociolinguística de William Labov (Labov, (2008 [1972])), o autor propõe que os estudos sobre o léxico devem ser realizados a partir de observações do contexto sociocultural da ocorrência e essas devem ser embutidas nos eixos *espacial, temporal e social*. Ademais, as modificações propostas por Cambraia (2013) ocorrem na adoção de recortes temporais não baseados na teoria das gerações; a análise semântica em uma perspectiva relacional das palavras selecionadas para o estudo; e a admissão de uma abordagem sociolinguística para analisar como o social e suas diferenças atuam sobre os itens lexicais.

1.2 SOCIOLINGUÍSTICA

Na década de 1960, a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos contando como o seu principal propagador o linguista William Labov. Para o autor (2008 [1972], p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social” e alguns postulados e métodos de pesquisa na ciência linguística surgiram da união entre língua e contexto social.

A denominada Sociolinguística Laboviana apresenta como principal postulado a análise linguística com base tanto em fatores internos e externos à língua, sendo inserido também o fator social. Sendo assim, informações como o gênero, a faixa etária, a região geográfica de nascimento e/ou de moradia e a escolaridade do falante, por exemplo, receberam papéis importantes na análise de fenômenos de variação e mudança de uma língua.

1.3 SEMÂNTICA LEXICAL

Diversas correntes teóricas se ocupam com a composição e a organização do recurso lexical das línguas naturais. Nos estudos de Semântica lexical, Geeraerts (2010) descreve os percursos traçados pela área desde o seu surgimento, percorrendo sobre a abordagem histórico-filológica até a investigação dos processos de mudança que guiavam o sentido denotativo e conotativo das palavras. Assim, inicia-se na primeira metade do século XX, influenciada pelo trabalho de Saussure, uma teoria semântico-lexical de base estruturalista. Surge, então, a noção de *campo semântico*, ou seja, as diversas definições assumidas por uma palavra, assim como as relações por ela estabelecida com outros itens lexicais.

Logo, em conjunto com essa noção, emergem modelos que tentam relacionar de forma produtiva a descrição e a análise do léxico das línguas, sendo o *componencial* e o *relacional* os mais explorados.

O modelo *componencial* faz uma descrição semântica do léxico por meio da decomposição do vocábulo em traços, que têm por função caracterizar um referente A, representado por uma estrutura linguística, de modo a cerceá-lo, para que não haja sobreposição com outro, B, por mais aspectos semelhantes que possuam.

Ancorado no estruturalismo, o modelo *relacional* refere-se a uma análise feita a partir das relações estabelecidas entre as palavras, sendo alguns exemplos dessas relações a sinonímia, a antonímia, a hiponímia e a hiperonímia. As pesquisas que envolvem a construção de rede de palavras incluem-se nessa abordagem.

Baseando-se no modelo de análise relacional, o presente trabalho foca as relações semânticas supracitadas, tendo como ponto de partida as palavras adotadas como objeto de estudo. Intenciona-se analisar os campos semânticos de *aleijado* e de *deficiente físico*, dado que, apesar de serem comumente considerados sinônimos pelo senso comum, tais termos receberam concepções distintas no decorrer do período estudado, o que pode configurar-se na razão da sobreposição de uso de *deficiente físico* em relação a *aleijado*. O estudo se fundamentará nas palavras mais frequentes que coocorrem com as palavras-

alvo (3), para inferir-se as possíveis relações existentes entre tais itens lexicais e seus contextos de uso.

1.4 BREVE HISTÓRICO DA DEFICIÊNCIA FÍSICA NO MUNDO E NO BRASIL

O Relatório Mundial Sobre a Deficiência (2012) chegou à conclusão de que a maioria das pessoas com deficiência no mundo não têm acesso igualitário à assistência médica, à educação e a oportunidades de emprego. Não recebem os serviços necessários à deficiência de que precisam e sofrem exclusão das atividades da vida cotidiana.

Assim, a trajetória do indivíduo com deficiência segue marcada por preconceitos e lutas em favor do direito à cidadania no âmbito das sociedades. Na história, a imagem que os deficientes carregavam era de deformação do corpo e da mente, que denunciavam a imperfeição humana (Fernandes, 2011, p.134). Muitas vezes, o destino destes era o abandono dos pais, que deixavam as crianças dentro de cestos ou outros lugares considerados sagrados e os que sobreviviam eram explorados nas cidades ou tornavam-se atrações de circos.

Para as sociedades mais antigas, além disso, o nascimento de indivíduos com deficiência era encarado como castigo divino. Os deficientes eram vistos como seres diabólicos que deveriam ser castigados para poderem se purificar. Conforme Santos (2008, p.504), “durante um longo período do pensamento ocidental, o corpo com diferenças e marcas foi compreendido como a evidência mística, fosse pela ira ou pelo milagre divino”.

Essa relação com o diferente é vista em estruturas sociais de todos os tipos e em todos os tempos. Ela encontra-se presente na história do Brasil desde as nossas sociedades tribais que habitavam o país por ocasião do descobrimento. Há relatos, nas grandes cidades, de crianças com deficiência que, muitas vezes, tinham como destino a morte. Tendo em vista esse abandono, foram criadas, em 1726, as chamadas rodas de expostos, onde as crianças eram colocadas e as religiosas as recolhiam e lhes proporcionavam alimentação, educação e todos os cuidados de que necessitassem (Fernandes, 2011, p.135).

Nesse período, a Igreja se consolidou como um grande aliado dos deficientes, pois os acolhiam. Entretanto, a própria religião, ao colocar o homem como “imagem e semelhança de Deus”, ser perfeito, acrescia a ideia da condição humana, incluindo-se a perfeição física e mental. E, não sendo “parecidos com Deus”, os portadores de “imperfeições” eram postos à margem da condição humana e tidos como culpados de sua própria deficiência. Tal circunstância foi uma constante cultural no decorrer da história. Os hospitais e os asilos de caridade, com objetivos de abrigar, proteger e educar, acabavam excluindo essa parcela da convivência social, uma vez que não buscavam sua inclusão (Mazzota, 2005, p.16).

Foi na Idade Moderna que surgiram novas ideias e transformações marcadas pelo humanismo. Iniciou-se um aprofundamento de conhecimentos no campo biológico, a fim de se buscarem explicações fisiológicas e anatômicas das deficiências. Tal aprofundamento foi marcado pela participação médica na reabilitação dos deficientes e houve a preocupação com sua educação. Mazzotta (2005, p.17) descreve que “foi, principalmente, na Europa que os primeiros movimentos pelo atendimento aos deficientes, refletindo mudanças na atitude dos grupos sociais, se concretizaram em medidas educacionais”.

Essa mudança do olhar que as instituições direcionavam aos deficientes há muito se fazia necessária. Além disso, houve outra contribuição muito importante: o modelo social da deficiência, cuja premissa centrava-se no deslocamento do debate sobre a saúde

e tratamento médico do doente passando para uma discussão em termos sociais e políticos (Diniz, 2007). A deficiência deixa de ser a dificuldade de se locomover e migra para a não acessibilidade nos meios de transportes, por exemplo. Ou seja, há uma redefinição da deficiência, delineada agora por um viés sociológico, e não mais exclusivamente biomédico.

Essa alteração dialoga harmonicamente com este trabalho, já que o processo de mudança propiciou uma nova linguagem para descrever a experiência de discriminação sofrida pelos deficientes. No que se refere à terminologia, grande parte da sociedade, que não possui familiaridade ou não atua na área da deficiência, promovendo a cidadania e inclusão social, utiliza o termo *portadores de deficiência* ou *portadores de necessidades especiais*, entre outros termos, para designar alguém com deficiência. Frequentemente, não se percebe que o uso de certos termos pode reforçar a segregação e a exclusão. Cabe esclarecer que o termo *portadores* implica algo que se *porta*, do qual é possível se desvencilhar ou algo temporário. Na maioria das vezes, a deficiência é algo permanente, tornando o termo *portadores* inadequado.

Além disso, quando se rotula alguém como *portador de deficiência*, nota-se que a deficiência passa a ser característica principal da pessoa, em detrimento de sua condição humana. Segundo Sassaki (2010), até a década de 1980, a sociedade utilizava termos como *aleijado*, *defeituoso*, *incapacitado*, *inválido*, passando a utilizar o termo *deficiente*, por influência do Ano Internacional e da Década das Pessoas Deficientes, estabelecido pela ONU, em 1981.

Em determinado período, o termo *especiais* e sua derivação *pessoas com necessidades especiais* foi difundido. Porém, foi tido como inadequado, uma vez que *necessidades especiais* todos têm, com ou sem deficiência. Essa terminologia havia surgido em resposta às necessidades educacionais especiais de algumas crianças com deficiência e passou a ser empregada em todas as situações, além do ambiente escolar.

Atualmente, o termo correto e mais amplamente utilizado é *pessoa com deficiência*. Ele é recomendado por organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), além de estar em consonância com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela ONU em 2006. Portanto, as formas analisadas no trabalho já estão desatualizadas.

Verifica-se, assim, uma nova percepção social do conceito de deficiência. Em conformidade com Diniz (2007, p. 9), a “deficiência passou a ser um conceito político: a expressão da desvantagem social sofrida pelas pessoas com diferentes lesões”. Atualmente, no Brasil, a deficiência é concebida como um conceito amplo, que diz respeito às restrições sociais a que são expostas as pessoas que têm variedade nas habilidades corporais, de acordo com a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (2003).

Sublinha-se que a importante exposição e a visibilidade proporcionada pela ONU contribuíram para que as ações relativas aos deficientes saíssem do âmbito da caridade e dos cuidados familiares, e adquirissem um viés amparado por lei. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 tem em sua estrutura normas que garantem a proteção social dos deficientes “em áreas como educação, trabalho, assistência social e acessibilidade física” (Santos, 2008, p.503).

Não se rotula, dessa forma, a pessoa pela sua característica física, mas reforça-se o indivíduo acima de suas restrições. A construção de uma verdadeira sociedade inclusiva também depende do cuidado com a linguagem.

2. METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Os itens lexicais selecionados para comporem este estudo são *aleijado* e *deficiente físico* (4), dois substantivos/adjetivos habitualmente usados, no período de 1950 a 2009, para nomear uma pessoa com alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física.

Os textos utilizados para consultas das formas supracitadas foram extraídos da Hemeroteca Digital Brasileira, base eletrônica da Fundação Biblioteca Nacional que contém arquivos da imprensa periódica do país e o jornal escolhido foi o Jornal do Brasil (5), veiculado no Rio de Janeiro.

Para a verificação do padrão inverso de frequência das formas analisadas, usou-se a ferramenta de contagem de ocorrências disponibilizada pelo acervo digital do periódico e, por meio do Excel, foram criados gráficos. A seguir, encontram-se os resultados que confirmam o padrão inverso:

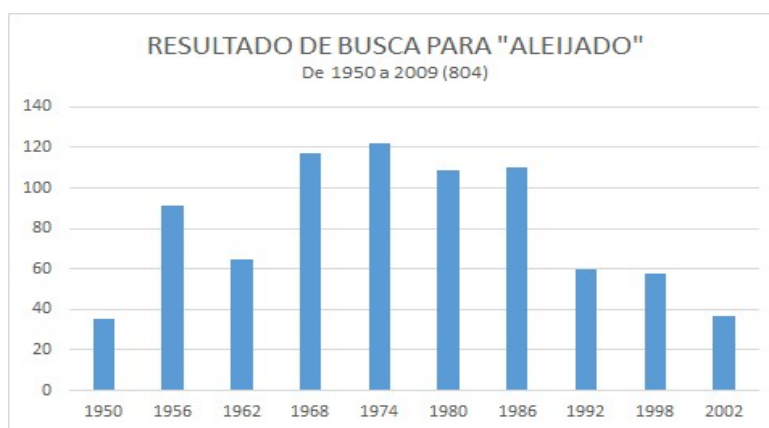


GRÁFICO 1: Resultado busca para “aleijado”

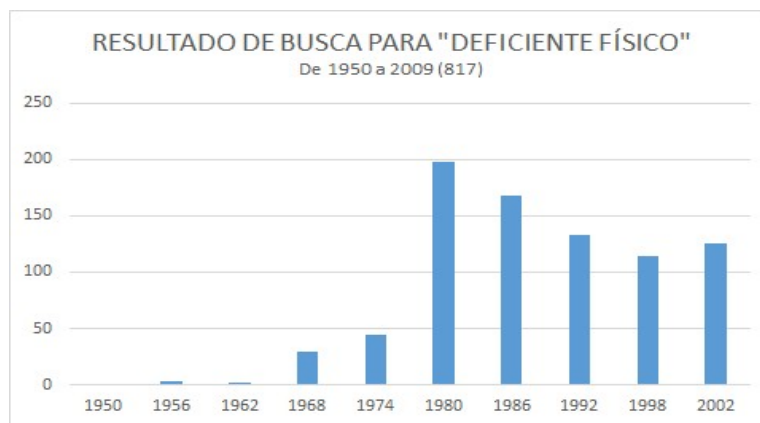


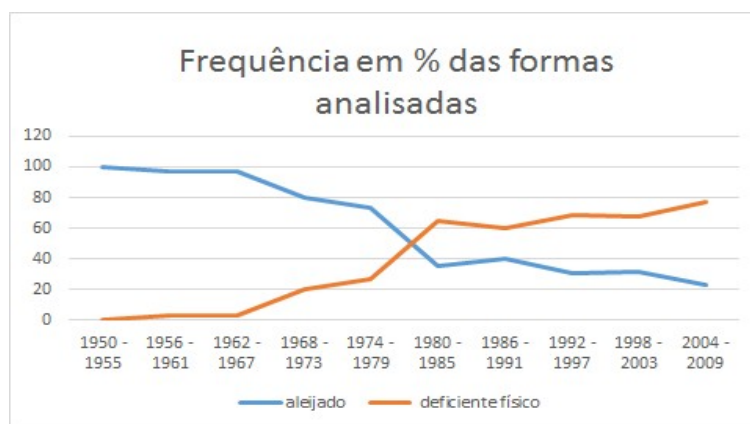
GRÁFICO 2: Resultado busca para “deficiente físico”

A busca mostrou 804 ocorrências de *aleijado* e 817 de *deficiente físico*. Verifica-se que a forma mais antiga é *aleijado*, frequente já em textos do início do século XX (6); *deficiente físico*, forma mais recente, ocorre esporadicamente a partir da década de 50, tendo seu ápice na década de 80.

Após a contagem das ocorrências de *aleijado* e de *deficiente físico*, foi feito um recorte temporal para a análise da frequência de cada uma dessas palavras por faixa de tempo. Isto posto, foram estabelecidos 10 (dez) recortes que vão desde 1950 (7) a 2009. Os índices percentuais por faixa temporal e a frequência de cada item lexical encontram-se no gráfico 3 na tabela 1, respectivamente:

TABELA 1: Números percentuais de ocorrência das formas aleijado e deficiente físico no *corpus*

SINCRONIA	Aleijado		Deficiente físico	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
1950 - 1955	35	100	0	0
1956 - 1961	91	97	3	3
1962 - 1967	65	97	2	3
1968 - 1973	117	80	29	20
1974 - 1979	122	73	45	27
1980 - 1985	109	35	198	65
1986 - 1991	110	40	168	60
1992 - 1997	60	31	133	69
1998 - 2003	58	32	114	68
2004 - 2009	37	23	125	77

**GRÁFICO 3:** Frequência em % das formas analisadas

Esses índices percentuais obtidos em cada faixa temporal foram transformados, por meio da técnica de arredondamento decimal, em números de 1 a 10, no intuito de se verificar quantos textos deveriam ser recolhidos para compor o *corpus* da pesquisa. A tabela 2 apresenta, portanto, a distribuição de textos coletados para cada ocorrência de *aleijado* e de *deficiente físico* nos recortes temporais estabelecidos:

TABELA 2: Índices percentuais de ocorrência das formas aleijado e deficiente físico no *corpus* e conversão na base de 10

SINCRONIA	Aleijado		Deficiente físico	
	%	n10	%	n10
1950 - 1955	100	10	0	0
1956 - 1961	97	9	3	1
1962 - 1967	97	9	3	1
1968 - 1973	80	8	20	2
1974 - 1979	73	7	27	3
1980 - 1985	35	3	65	7
1986 - 1991	40	4	60	6
1992 - 1997	31	3	69	7
1998 - 2003	32	3	68	7
2004 - 2009	23	2	77	8

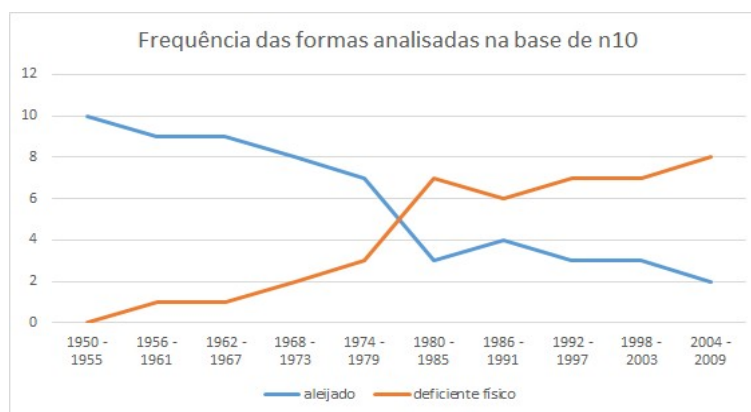


GRÁFICO 4: Frequência das formas analisadas na base de n10

Assim, fazem parte do *corpus* desta pesquisa, ao todo, 100 textos jornalísticos do Jornal do Brasil (RJ), veiculados entre 1950 e 2009. O formato em que os textos foram coletados correspondia a um arquivo de imagem. Portanto, a digitação de todos os textos foi necessária. Após esse processo, os dados foram convertidos em arquivos de extensão *.txt* e processados no *software* AntConc, ferramenta de computador que fornece informações como a frequência de palavras e as palavras coocorrentes com as palavras-alvo. Esse procedimento foi feito para que as formas lexicais *aleijado* e *deficiente físico* pudessem ser analisadas em seus contextos, no intuito de aferir como ocorreu o padrão inverso de uso dessas formas a partir da análise dos seus campos nocionais. Não foi possível realizar a seleção apenas de textos com a autoria evidenciada, visto que, em alguns casos, não há tal informação. Logo, não foi possível realizar uma análise utilizando-se variáveis sociais. Textos e reportagens que não se mostraram relevantes (8) ao tema foram excluídos, uma vez que poderiam viciar os dados.

Foram adotados conceitos relacionados à abordagem lexical *relacional* para proceder à análise essencialmente linguística, dado que, tal como informado na seção anterior, pretende-se analisar como *aleijado* e *deficiente físico* receberam significações por meio de palavras coocorrentes. Em vista disso, são observadas as possíveis relações existentes entre as palavras-alvo e as palavras que se fazem presentes nos contextos em que elas ocorrem.

3. ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS DADOS

A partir da abordagem relacional de estudos de semântica lexical, são esquematizados, nesta primeira parte das análises, os conceitos que perpassam *aleijado* e *deficiente físico*. A tabela 3 mostra, na ordem de frequência, as palavras que ocorreram nos contextos em que *aleijado* e *deficiente físico* foram utilizados. Após uma seleção, restam as palavras lexicais, compostas, essencialmente, de substantivos e adjetivos (9). Observa-se que, para a hegemonia de *aleijado* (1950 – 1979) e de *deficiente físico* (1980 – 2009), a palavra mais frequente é *vida*. Para entender tal presença, é necessário o exame dos contextos da ocorrência da forma.

Verifica-se que *vida* se insere em narrativas que abordam o *cotidiano* da população, a busca de uma existência social mais digna para as pessoas residentes, no caso, na cidade do Rio de Janeiro. Isso vai ao encontro do gênero do texto jornalístico, que se volta à exposição de fatos cotidianos da cidade.

Enquadradas nesse mesmo campo semântico estão as palavras *dia*, *mundo*, *cidade*, *sociedade* e *povo*. Os textos em que estas palavras ocorrem, em sua grande parte, voltam-

se para denúncias de fatos diários, globais, urbanos e populares relacionados a diversas camadas sociais. Sublinha-se que esse campo é válido também para a hegemonia de *deficiente físico*, com a exceção de *mundo*, o qual pode ter influência do gênero textual.

TABELA 3: Lista de palavras coocorrentes com as formas *aleijado* e *deficiente físico* no *corpus* (10)

Aleijado hegemônico (1950 – 1979)	Deficiente físico hegemônico (1980 – 2009)
1. Vida	Vida
2. Grande	Dia
3. Mundo	Grande
4. Rua	Tempo
5. Dia	Trabalho
6. Maior	Maior
7. Homem	Livro
8. Cidade	Programa
9. Casa	Social
10. Sociedade	Pai
11. Vezes	Interior
12. Criança	Pessoa
13. Povo	Cidade
14. Tempo	Gente
15. Deus	Rua
16. Parte	Campanha
17. Trabalho	Dinheiro
18. Mãe	Política
19. Médico	Cadeira
20. Porto	Família
21. Coisa	Governo
22. Senhor	História
23. Jovem	Lei
24. Problema	Polícia
25. Caso	Casa

A palavra-alvo da primeira hegemonia, *aleijado*, nesse contexto, nomeia aquelas pessoas, historicamente, colocadas à margem da sociedade. Dentro desse grupo de excluídos podem ser agrupados os itens *criança*, *jovens* e *homem*, que, conforme os contextos de aparição, são os mais citados como acometidos por uma deficiência em alguma parte do corpo, seja ela congênita ou adquirida. Os dois primeiros, de acordo com relatos dos textos selecionados, estariam incluídos na maior parcela da população. *Homem* pertence ao gênero mais citado nas reportagens, o que pode estar relacionado às questões conservadoras da sociedade da época, dando ao gênero feminino atenção reduzida.

Na hegemonia de *deficiente físico* não coocorrem com tanta frequência tais formas, sendo substituídas por um nome mais geral, *gente*. Essa retirada de traços de gênero e faixa etária, para além de sugerir uma visão, já na década de 80, de inclusão social (permitindo uma indistinção) e de gênero, indica um tratamento menos biológico e mais humano dos afetados.

Pode-se problematizar que, socialmente, a integração do homem com a sua comunidade se produz por meio do trabalho e está intimamente relacionada à sua condição de sobrevivência. Até o final da década de 1970, eram utilizados, além de *aleijado*, termos depreciativos como *defeituoso*, *incapacitado* e *inválido* para denominar

peessoas deficientes, reforçando sua segregação e exclusão. Nesse contexto, indivíduos com deficiência não possuíam as mesmas oportunidades de pessoas não deficientes no mercado de trabalho. Por conseguinte, é possível o agrupamento de outro campo nocional relacionado aos meios de sobrevivência dessas pessoas, o *trabalho*. Em razão de a sociedade ainda não acolher, tampouco oferecer condições dignas de emprego para os deficientes, o meio alternativo para adquirirem renda e sustento próprio era o comércio informal. Assim, as formas *rua*, *trabalho* e *porto* compõem, na primeira hegemonia (*aleijado*), dentro dos textos selecionados, a rede correlata desse meio alternativo de ofício. *Rua* (hipônimo) e *trabalho* (hiperônimo) estão relacionados de modo mais imediato, uma vez que, em sua maioria, as pessoas com deficiência não tinham outra forma senão o comércio de diversos produtos nas ruas e avenidas da cidade do RJ. O *porto* (hipônimo), por sua vez, relaciona-se a um exemplo de local específico de trabalho onde são citados acidentes que causaram restrição corporal, ou seja, deficiência física causada por acidente de trabalho.

A partir da Constituição de 1988, graças à pressão social, foram criados dispositivos legais em áreas como a educação, o trabalho, a assistência social e a acessibilidade física, de forma a garantir a inclusão social das pessoas com deficiência. Aparecem, na segunda hegemonia, os termos *lei*, *política*, *dinheiro* e *governo* coocorrendo com a palavra-alvo. Nesse panorama, há uma mudança quanto ao campo nocional de *trabalho*, visto que os textos passam a vincular assuntos relacionados às leis que garantem uma parcela obrigatória das vagas das empresas às pessoas com alguma deficiência, entre elas, a física, permitindo maior autonomia para os indivíduos. Tal regulamentação foi crucial para essa parcela da população, pois possibilitou a transição da vida na esfera familiar e informal – ou até mesmo do total abandono – para a devida institucionalização da pessoa com deficiência.

Durante a hegemonia da forma *aleijado*, um setor social voltava a sua atenção ao acolhimento desses indivíduos na comunidade religiosa, a *igreja*. As formas *Senhor* e *Deus* coocorrem com o termo em questão em textos que incentivam seu acolhimento e respeito como modo de demonstração da bondade do ser humano. Em uma busca histórica, essa acolhida não necessariamente indicava uma inserção dos indivíduos portadores de “imperfeições” no seio da comunidade. Tradicionalmente, a igreja se empenhou na criação de hospitais e asilos de caridade, com o objetivo de abrigar, proteger e educar, que, no entanto, acabavam excluindo-os da convivência social.

Na hegemonia de *deficiente físico*, a igreja católica também figura como acolhedora das pessoas com deficiência na sociedade, mas, neste contexto, o item *campanha* coocorre com o termo acima explicitado. A diferença da primeira para a segunda hegemonia é que nesta, influenciado pela Campanha da Fraternidade *Saúde para todos* e pelo Ano Internacional do Deficiente, ambos do ano de 1981, estabeleceu-se uma maior compreensão sobre a temática da deficiência, reivindicando, inclusive, adaptações da e na própria cidade, revisão de critérios e leis. Ou seja, o papel da igreja passa a integrar, não somente a ideia de caridade e acolhimento, mas, apoiada pelo Estado, auxilia a promover uma percepção jurídica da deficiência por meio de uma ampla campanha de conscientização.

No que se refere à responsabilidade e aos cuidados sobre as pessoas deficientes físicas, é perceptível uma diferença social em ambas as hegemonias. A assistência, no início da primeira (*aleijado*), ainda era escassa, deixando os indivíduos, na maioria das vezes, restritos ao ambiente familiar e, nesse contexto, os cuidados eram majoritariamente delegados às mães. Entretanto, já a partir da década de 1970, a Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu responsabilidades aos países para a inclusão social dos

indivíduos com deficiências, o que proporcionou um caráter científico e pedagógico no seu ajustamento físico e psicossocial na sociedade.

No período da hegemonia do termo *aleijado*, começam a ser noticiados artigos relacionados a palestras de médicos estrangeiros especialistas em reabilitação; e APAEs, que são sociedades de assistência filantrópica. Tal mobilização indica uma mudança influenciada pelo contexto internacional, com o estabelecimento, pela ONU, do Ano Internacional do Deficiente Físico e da determinação de metas para sua inclusão social, e pela consciência da nova geração que está sendo formada, com as iniciativas de assistências que partem da própria comunidade.

Vale ressaltar que tal mudança ocorre de forma tímida e gradual. É possível perceber que, na hegemonia de *deficiente*, ainda se incluem as unidades lexicais *família* e *interior*, que sugerem a permanência dos indivíduos no seio familiar e, concomitantemente, o item *cadeira*. Este representa um dos instrumentos que possibilita o deslocamento do indivíduo do interior da família para os outros ambientes sociais, sendo um exemplo de avanço tecnológico para a inserção dessas pessoas no seio social. O termo *pai*, por sua vez, aparece para ampliar a identidade social da pessoa portadora de deficiência, mostrando que a deficiência não impede a possibilidade de se ter uma vida entendida como “normal”, ou seja, esse indivíduo é um ser capaz, pai e provedor de sua família. Com essa tendência mais humanista, cada vez mais, a pessoa deficiente é incluída socialmente.

A participação social das pessoas deficientes também pode ser observada ao se analisar de que forma elas são representadas. Como observado na tabela 1, nos anos 1950, não há tantas ocorrências das palavras-alvo. Aos poucos o número geral de ocorrências aumenta, demonstrando uma maior visibilidade dessa parcela da população. Entretanto, nos textos selecionados da segunda hegemonia, quando o termo *aleijado* aparece, este contém caráter pejorativo, tendo como coexistentes as formas *livro*, *programa* e *história*. O termo *programa*, por exemplo, surge em textos, normalmente, de programas de televisão, nos quais participam pessoas com deficiência. Essa participação vai contra a ideia do politicamente correto, posto que o objetivo principal da atração é ridicularizar o participante. Não é possível, entretanto, uma generalização devido ao número restrito de dados do *corpus*.

Portanto, conforme demonstrado na amostra, o termo *deficiente físico* assume maior frequência de uso dentro de padrões politicamente corretos e inclusivos das pessoas com deficiência física e o termo *aleijado*, que é ainda usado, em contexto de humor ácido adquiriu caráter pejorativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A deficiência física, entendida como a limitação total ou parcial de funções motoras ou corporais, tem sido uma realidade presente na História. Desde as primeiras civilizações, a forma segundo a qual as pessoas com deficiência física foram tratadas, compreendidas e integradas na sociedade passou por transformações significativas, refletindo as condições sociais, culturais, políticas e científicas de cada época.

Este trabalho pretendeu averiguar as ocorrências dos termos *aleijado* e *deficiente físico* e as concepções que adquiriram em textos jornalísticos do século XX, levando-se em conta a evolução cronológica dos termos. Visou também analisar os fatores sócio-históricos que eventualmente influenciaram a transição de *aleijado* > *deficiente físico*, partindo do pressuposto de que, conforme observa Georges Matoré (1953), se há uma mudança na forma como algo é denominado, há também uma mudança, nem que seja mínima, na forma como a sociedade vê essa entidade ou objeto.

Verificou-se que a forma mais antiga é *aleijado*, frequente já em textos do início do século XX. *Deficiente físico*, por sua vez, ocorre esporadicamente a partir da década de 50, tendo seu ápice na década de 80. Observou-se que a hegemonia do termo *aleijado* ocorre entre 1950 e 1979, enquanto a de *deficiente físico* entre 1980 e 2009.

A palavra que mais coocorreu nos contextos em que *aleijado* e *deficiente físico* foram utilizados é *vida* e está relacionada a narrativas que abordam o cotidiano da população. No mesmo campo semântico, estão as palavras *dia*, *mundo*, *cidade*, *sociedade* e *povo*. Esse campo é válido também para a hegemonia de *deficiente físico*, à exceção de *mundo*. A palavra-alvo da primeira hegemonia, *aleijado*, nesse contexto, nomeou aquelas pessoas historicamente colocadas à margem da sociedade. Dentro desse grupo de excluídos, puderam ser agrupadas as unidades lexicais *criança*, *jovens* e *homem*. Na hegemonia de *deficiente físico*, não coocorreram com tanta frequência tais formas, sendo substituídas por *gente*, o que indica um tratamento mais genérico.

Observou-se também que, até o final da década de 1970, além de *aleijado*, eram utilizados termos como *defeituoso*, *incapacitado* e *inválido* para denominar pessoas deficientes, reforçando sua segregação e exclusão. Dessa forma, foi possível o agrupamento de outro campo nocional relacionado aos meios de sobrevivência dessas pessoas, o *trabalho*, sempre associado ao comércio informal. A partir da Constituição de 1988, no entanto, dispositivos legais em áreas como educação, trabalho, assistência social e acessibilidade física garantiram a inclusão social das pessoas com deficiência, fazendo surgir, na segunda hegemonia, os termos *lei*, *política*, *dinheiro* e *governo*.

Durante o predomínio da forma *aleijado*, um setor social associado aos indivíduos na comunidade religiosa foi a *igreja*. As formas *Senhor* e *Deus* coocorreram com o termo em questão em textos que incentivaram acolhimento e respeito. Na hegemonia de *deficiente físico*, a igreja católica também figurou como acolhedora, com a aparição da forma *campanha*. Nesse período, entretanto, o papel da igreja passou a integrar, apoiada pelo Estado, a promoção de uma percepção jurídica da deficiência.

No que se refere à responsabilidade e aos cuidados das pessoas deficientes físicas, a assistência, no início da primeira hegemonia, era restrita ao ambiente familiar e os cuidados eram majoritariamente delegados às mães. Na segunda, passaram a ser também responsabilidade do Estado. Portanto, no campo de significações de *assistência* à pessoa com necessidades especiais foram encontradas as formas *mãe*, *médico* e *sociedade*, para a primeira, e *família*, *interior*, *pai*, *cadeira* e *social*, para a segunda.

Sobre a participação social das pessoas deficientes, averiguou-se que a temática dos textos se limitava a notícias sobre acidentes, mortes, abandono, entre outras tragédias, em ambas as hegemonias. No entanto, constatou-se que, na segunda hegemonia, a ocorrência do termo *aleijado* passa a ter uma carga pejorativa, o que é confirmado com a coocorrência do termo *programa*, que se refere aos programas televisivos que ridicularizavam os participantes deficientes.

Portanto, conforme demonstrado na amostra, o termo *deficiente físico* assume maior frequência de uso dentro de padrões politicamente corretos e inclusivos das pessoas com deficiência física e o termo *aleijado*, ainda existente, aparece em contextos pejorativos. Assim, de forma lenta, mas gradual, notou-se uma tendência mais humanista do uso da língua pela sociedade para com a pessoa com deficiência.

De forma geral, os resultados aqui alcançados dialogam positivamente com as teorias que fundamentam os estudos sócio-históricos. Contudo, não foi analisada a variável gênero dos redatores dos textos selecionados, visto que não foi possível somente o uso de textos com autoria. Dessa maneira, para que este estudo apresente resultados mais conclusivos, faz-se necessário comparar e completar as análises aqui realizadas com outras do mesmo tipo.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 266 p.
- CAMBRAIA, C. N. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 21, n. 1, p. 157-188, 2013.
- CNAIPD. *Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes*, 1981. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002911.pdf>. Acesso em 16 dez. 2015.
- DINIZ, D. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FERNANDES, L. B.; MOSQUERA, C.; SCHLESENER, L. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, v. 2, p. 132-144, 2011.
- FIGUEIRA, E. *Caminhando em silêncio: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil*. São Paulo: Giz Editorial, 2008.
- GEERAERTS, D. *Theories of lexical semantics*. New York: Oxford University Press, 2010.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie: domaine français*. Paris: Didier, 1953. [2. ed. ampl., 1973].
- MAZZOTTA, M. J. S. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- RELATÓRIO MUNDIAL DA DEFICIÊNCIA/ WORLD HEALTH ORGANIZATION. *The World Bank*. Trad. Lexicus Serviços Linguísticos. São Paulo: SEDPcD, 2012. 334 p.
- SANTOS, W. Pessoas com deficiência: nossa maior minoria. *Physis* (UERJ. Impresso), v. 18, p. 501-520, 2008.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão. Construindo uma sociedade para todos*. 4. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

NOTAS

- (1) Câmara Jr. (2009) concebe *termo* como vocábulo ou grupo de vocábulos que corresponde a uma unidade de significação ou de função, como elemento constitutivo para a inteligibilidade do que se enuncia.
- (2) Também chamados ao longo do trabalho de *campos nocionais*.
- (3) Como serão denominados os itens lexicais que são objeto de estudo.
- (4) Foram selecionadas somente as formas no singular e no gênero não-marcado (masculino).
- (5) O *Jornal do Brasil* foi fundado em 1891 e atualmente possui somente versão online. A versão impressa foi descontinuada no ano de 2019.
- (6) Embora não tenha sido contemplado nesta análise, previamente verificou-se tais ocorrências já no ano de 1890, primeiro ano disponibilizado do jornal.
- (7) Estabeleceu-se a análise a partir desta data, visto que não há ocorrências significativas anteriores no periódico selecionado da forma concorrente *deficiente físico*.
- (8) Propagandas e anúncios foram desconsiderados.
- (9) Foram excluídos verbos (*pode, fazer, diz, disse, vai, dar, conta*), itens viciados de textos específicos (*escola, circo, samba, avenida, rio, mestre, porta, bandeira, sala, carro, filme, Kramer*), pronomes e nomes próprios (*sr. Brasil, José, Maria, Paulo, deles*), termos jornalísticos usais de entrevistas (*anos, horas, dias, h. r.*), bem como as palavras-alvo (*aleijado, deficiente, deficientes, físico*).
- (10) Apresentadas as 25 (vinte e cinco) primeiras frequências após a seleção.

ORGANIZADORAS, AUTORAS E AUTORES

Alessandra Ferreira Ignez é professora do Instituto Federal de São Paulo (Campus São Paulo). Possui graduação em Letras pelo Centro Universitário Ibero-americano e Mestrado e Doutorado em Letras pela USP. Realizou pós-doutorado em Linguística na Universidade Cruzeiro do Sul e em Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. É membro do grupo de pesquisa “Grupo de Estudos da Linguagem do Instituto Federal de São Paulo (GELIFSP)” e do Projeto de pesquisa “O léxico no discurso literário” (USP). Suas pesquisas são voltadas ao estudo das criações lexicais em textos literários contemporâneos.

alessandrainez@ifsp.edu.br

Ana Carolina Rodrigues do Prado é graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (FCL) e em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e doutoranda em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Explora temáticas como Sistemas de Organização do Conhecimento, ontologias e tesouros.

ana.carolina.prado@usp.br

Ana Maria Ribeiro de Jesus é professora adjunta do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, na área de Linguística, e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística. É doutora em Letras (Lexicologia e Terminologia do Português) pela USP, mestre em Estudos Linguísticos (Terminologia) pela UNESP, graduada em Letras/Tradução pela UNESP. Coordena os projetos “Neologia: aspectos lexicais, culturais e extração automática” e “Neoscópio: Laboratório de neologismos”.

anaself@gmail.com

Anna Anastassiadis-Syméonidis é professora emérita de Linguística da Universidade Aristóteles de Tessalônica, Grécia. Publicou 10 livros e mais de 200 artigos em periódicos e coletâneas. De 1991 a 2012, coordenou um programa de intercâmbio Erasmus com oito universidades europeias. Lecionou como professora visitante em diversas universidades (Sorbonne-Paris IV, INALCO (Paris), Paris XIII, Montpellier III, Universidade de Chipre). É especialista nos estudos do léxico (neologia, empréstimos linguísticos, formação de palavras, fraseologia, terminologia e ensino de vocabulário), bem como na compilação de dicionários impressos e eletrônicos de grego moderno.

ansym@lit.auth.gr

Beatriz Curti-Contessoto é pesquisadora associada ao Centre de recherche en linguistique appliquée da Université Lumière Lyon 2, na França, onde realizou um pós-doutorado. É pós-doutora em Terminologia pela USP (2024) e doutora em Estudos Linguísticos pela UNESP (2019). É especialista em Terminologia pela Universitat Pompeu Fabra, na Espanha (2021), e bacharela em Letras pela UNESP (2014). Sua atuação concentra-se na área de Linguística, com ênfase em Terminologia Diacrônica, Tradução Especializada e Acessibilidade Terminológica.

bfcurti@gmail.com

Edyta Jablonka é professora associada junto à Cátedra de Estudos Portugueses Luís Lindley Cintra na Faculdade de Línguas Modernas da Universidade Marie Curie - Skłodowska em Lublin, Polônia. É autora de duas monografias e de vários artigos científicos no campo da Linguística Portuguesa (Lexicologia, Neologia e Linguística Contrastiva entre português e polaco), publicados na Polônia e em outros países. Participou de vários congressos nacionais e internacionais, onde proferiu também palestras plenárias.

edyta.jablonka@mail.umcs.pl

Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa Ferreira é professora titular do Instituto Federal de São Paulo (Campus São Paulo). Possui graduação em Linguística, Mestrado e Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo. No Instituto Federal, faz parte do grupo de pesquisa “Grupo de Estudos da Linguagem do Instituto Federal de São Paulo (GELIFSP)”. Dedica-se aos estudos lexicais.

eliana.r@ifsp.edu.br

Elis de Almeida Cardoso é professora associada da Universidade de São Paulo. É mestra (1994) e doutora (2001) em Filologia e Língua Portuguesa. Fez pós-doutorado na Universidade de Lisboa (2008-2009) e na Universidade Nova de Lisboa (2018). Fez livre-docência na Universidade de São Paulo (2016). Orienta em nível de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa e em nível de mestrado no Profletras/USP. É autora dos livros *Drummond: um criador de palavras* (São Paulo, Annablume, 2013) e *O léxico no discurso literário: a criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea* (São Paulo, EDUSP, 2018).

elisdacar@usp.br

Ieda Maria Alves é professora titular senior da Universidade de São Paulo. É mestra em Lettres Modernes (Académie de Lettres de Besançon, França), doutora em Linguística (Université Paris 3 - Sorbonne-Nouvelle, Paris, França), livre-docente e titular (Universidade de São Paulo). Realizou estágios de Pós-doutorado nas universidades francesas Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle, Université Paris 7 - Denis Diderot, Université Paris 13 - Villetaneuse, no Institut de la Langue Française (Nancy), no Centre de Terminologie et de Néologie (Paris) e na Université Laval (Québec). Seus estudos concernem à Neologia, Morfologia, Terminologia e Lexicografia do português brasileiro.

iemalves@usp.br

Iva Svobodová é professora associada na Universidade Masaryk, República Checa, onde desenvolve investigação no domínio da linguística portuguesa, com particular incidência na lexicologia, semântica e sintaxe, entre outras áreas afins. Atualmente, coordena o programa de mestrado em Língua e Literatura Portuguesas e dirige a Cátedra Aquilino Ribeiro.

9255@mail.muni.cz

John Humbley é professor emérito da Universidade Paris Cité, França. Desenvolve suas pesquisas no laboratório Approches Linguistiques Théoriques, Appliquées et Expérimentales: Langues et cultures connectées (ALTAE, URP 3967). Seus interesses de pesquisa incluem terminologia, particularmente suas formas diacrônicas, línguas de especialidade e neologismos. É corresponsável pela criação de um glossário de neologismos, projeto realizado no âmbito da Ação COST ENEOLI.

humbley@eila.univ-paris-diderot.fr

José Kambuta é doutor em Linguística Portuguesa pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É professor auxiliar e diretor geral do Instituto Superior Politécnico Católico do Huambo – Angola. Docente no Curso de Licenciatura em Didática de Ensino da Língua Portuguesa das disciplinas de Retórica e Oratória, Estilística da Língua Portuguesa, Introdução aos Estudos Literários, Seminário de Especialização e Introdução aos Estudos Linguísticos e Seminário de Fim de Curso.

pejose2010@gmail.com

Katia Melo é doutora em Letras pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo - USP (2025), mestra em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS da Universidade de São Paulo - USP (2020), bacharela e licenciada em Letras com habilitação em Português e Alemão pela Universidade de São Paulo - USP (2010). É professora de Ensino Fundamental II e Médio da área de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de São Paulo. Integra os grupos de pesquisa "Linguagens Artísticas e Estilos Poéticos" (LAESP/CNPQ) e "Estudos do Léxico no Discurso Literário".

katiameelo@alumni.usp.br

Letícia Santos Rodrigues é mestra e doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. Foi pesquisadora visitante (2022-2023) na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Observatório Onomástico (Universidade Federal de Minas Gerais). É autora do livro "Antropônimos inovadores: de germânicos a baianos" (Editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA)). Seus estudos são voltados à Onomástica, à Etimologia, ao Léxico, à Linguística Cognitiva, à Morfologia e à Linguística Histórica.

letisr@usp.br

Luanna de Sousa do Nascimento Oliveira é doutora em Linguística (2022), mestra em Estudos Linguísticos (2017), graduada em Letras pela UFMG (2014), licenciada em português-inglês pela IPEMIG (2024). Atua em linguística teórica e descritiva, pesquisando fraseologismos, campos lexicais e variação linguística. No Ensino Fundamental, possui experiência no ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, desenvolvendo práticas pedagógicas centradas no pensamento crítico e na autonomia discente.

soluoli@gmail.com

Malila Prado é professora adjunta de Estudos de Língua e Literatura Inglesa na Beijing Normal–Hong Kong Baptist University (BNBU), na China. Atua há quase 30 anos no ensino de língua inglesa, com especialização em inglês aeronáutico desde 2008. Mestre e doutora pela USP, pesquisou a comunicação entre pilotos e controladores em situações anormais por meio da linguística de corpus. Integra a diretoria da International Civil Aviation English Association (ICAEA) e da Assoc. Brasileira de Linguística de Corpus (AbraLC), coordena a AILA Research Network em Applied Linguistics and Aviation English(es), e é membro do conselho editorial da revista *Applied Corpus Linguistics*.

malilaprado@alumni.usp.br

Maria Helena de Araújo Carreira é Docteur d'État (1995, Université Sorbonne - Paris IV) e Docteur de 3e cycle (1977, Université Sorbonne Nouvelle - Paris III), em Linguística, e Professora catedrática da Universidade Paris 8 desde 1997, emérita desde 2016. Dirigiu, dentre várias outras atividades, o Dép. d'Etudes des Pays de Langue Portugaise de 1997 a 2016. Publicou trabalhos em linguística geral e comparativa (português, francês), assim como em didática das línguas (português), tendo orientado, ou co-orientado, 18 teses de doutoramento.

helenacarreira@free.fr

Pedro Melo é licenciado em Letras (Português e Inglês) pela Fundação Santo André (2000). Tem mestrado (2014) e doutorado (2019) em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela FFLCH-USP. Foi professor de língua portuguesa da Educação Básica nos estados de São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, em escolas públicas e privadas. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Acre (UFAC), *campus* Floresta, na cidade de Cruzeiro do Sul. Estuda léxico, humor e estilística. Tem interesse em gêneros do discurso que exploram a sátira e a paródia.

profpedromelo@gmail.com

Rubens Pereira da Silva Alves tem licenciatura e bacharelado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de São Paulo (2017) e mestrado em Letras pelo Profletras/USP (2022). Atua como Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Prefeitura Municipal de São Paulo. Tem interesse nas áreas de ensino do léxico e argumentação.

rubens.pereiraa@gmail.com

Sandra Navarro Fuchs é doutora (2018) em Letras pelo programa de Estudos da Tradução da Universidade de São Paulo e mestre (2012) em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela mesma instituição. Possui graduação em Letras, com habilitação em Tradução e Interpretação e licenciatura plena pelo Centro Universitário Ibero-Americano (2005). Seus interesses de pesquisa concentram-se nas áreas de Linguística de Corpus, Tradução Técnica, Estudos Interculturais, Terminologia e Turismo. Possui ainda experiência em tradução técnica e ensino de língua inglesa.

sandranavarro@alumni.usp.br

Stella E. O. Tagnin é professora sênior do Departamento de Línguas Modernas da FFLCH/USP, atuando em dois programas de pós-graduação, LETRA e PPGELLI. Lecionou no Curso de Especialização em Tradução por mais de 25 anos. Introduziu a Linguística de Corpus na USP em 1998, sendo coordenadora do Projeto COMET - Corpus Multilíngue de Ensino e Tradução. Autora de *O Jeito que a Gente Diz* (2013). Organizou, em co-autoria, três obras sobre a Linguística de Corpus no Ensino de Línguas Estrangeiras, na Tradução e na Terminologia.

seotagni@usp.br

Vânia Mara Alves Lima é professora doutora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da ECA/USP. Pesquisa na área da Organização do Conhecimento e Representação da Informação, abordando temas como: sistemas de organização do conhecimento, vocabulários controlados, terminologia, indexação, recuperação da informação. Pesquisadora colaboradora do projeto temático Fapesp *Arquiografia* 4.0, é responsável pelo desenvolvimento de um Sistema de Organização do Conhecimento para

representação e recuperação da informação em imagens de Arquitetura e Espaços Urbanos.

vamal@usp.br